CARL ROGERS

# SOBRE O SEU PARADIGMA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA

Afonso H Lisboa da Fonseca

-

**Coleção beija flor:**

Fonseca, A. H. L.

- Psicoterapia e Produção Cultural.
- Psicologia Humanista e Pedagogia do Oprimido. Um Diálogo Possível?
- Apontamentos para uma História da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial
- Carl Rogers. Sobre o seu paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia.

- Gestalt Terapia. Teoria Mínima.

© 2006. Afonso H Lisboa da Fonseca, 1954 -

Carl Rogers. Sobre o seu Paradigma
em Psicologia e Psicoterapia -- Maceió: Pedang, 2006

ISBN

**CARL ROGERS**

# SOBRE O SEU PARADIGMA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA

Afonso H Lisboa da Fonseca.

**Pedang**
**Programa de Publicação**
**do Laboratório Experimental**
**de Psicologia e Psicoterapia**
**Fenomenológico Existencial**
**Maceió – AL, Brasil.**
**2006.**

© 2006 Afonso H Lisboa da Fonseca

Carl Rogers. Sobre o seu paradigma em psicologia e psicoterapia.

**PEDANG.**

Programa de publicação
do Laboratório Experimental

de Psicologia e Psicoterapia
Fenomenológico Existencial.
Rua Visconde de Irajá, 60/105. Pajuçara.
57030-150 Maceió AL.
affons@uol.com.br
http://www.geocities.com/eksistencia/
ISBN
Brasil
2006.

---

A John Wood,
Amigo querido, bem humorado e lúcido,
despretensioso mestre.

---

CARL ROGERS

# SOBRE O SEU PARADIGMA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA

Afonso H Lisboa da Fonseca

-

**Coleção beija flor:**

Fonseca, A. H. L.

- Psicoterapia e Produção Cultural.
- Psicologia Humanista e Pedagogia do Oprimido. Um Diálogo Possível?
- Apontamentos para uma História da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial
- Carl Rogers. Sobre o seu paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia.

- Gestalt Terapia. Teoria Mínima.

© 2006. Afonso H Lisboa da Fonseca, 1954 -

Carl Rogers. Sobre o seu Paradigma
em Psicologia e Psicoterapia -- Maceió: Pedang, 2006

ISBN

**CARL ROGERS**

# SOBRE O SEU PARADIGMA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA

Afonso H Lisboa da Fonseca.

**Pedang**
**Programa de Publicação**
**do Laboratório Experimental**
**de Psicologia e Psicoterapia**
**Fenomenológico Existencial**
**Maceió – AL, Brasil.**
**2006.**

© 2006 Afonso H Lisboa da Fonseca

Carl Rogers. Sobre o seu paradigma em psicologia e psicoterapia.

**PEDANG.**

Programa de publicação
do Laboratório Experimental

de Psicologia e Psicoterapia
Fenomenológico Existencial.
Rua Visconde de Irajá, 60/105. Pajuçara.
57030-150 Maceió AL.
affons@uol.com.br
http://www.geocities.com/eksistencia/
ISBN
Brasil
2006.

---

A John Wood,
Amigo querido, bem humorado e lúcido,
despretensioso mestre.

---

## PREFÁCIO

O paradigma desenvolvido por Carl Rogers contribui de um modo rico e singular com a concepção e método do trabalho em psicologia e psicoterapia.

Carl Rogers desenvolveu, de um modo ousadamente experimental, um modelo finamente fenomenológico existencial para a vivência psicológica e psicoterápica. No burburinho de história social, científica, epistemológica, de Ontologias em que emerge a sua abordagem, uma série de fatores dificultam uma adequada compreensão de seu modelo. Levando a distorções, ou a vulgarizações empobrecedoras.

Dentre estes fatores, a própria precariedade, freqüentemente, da explicitação das bases fenomenológico existenciais do modelo, precariedade da explicitação do nexo fenomenológico existencial de suas concepções e metodologia, e mesmo os naturais equívocos, que a história vai revelando.

Junte-se a isto o pouco conhecimento da Fenomenologia e de sua história, o pouco conhecimento da *filosofia da vida* de Nietzsche e de Dilthey, o pouco conhecimento dos esclarecimentos de Buber, no meio da psicologia e da psicoterapia.

Estamos, agora, a superar essas limitações Conhecemos cada vez mais sobre cada uma dessas importantes contribuições que contextualizaram o desenvolvimento do paradigma rogeriano.

Nessas condições ressalta a importância, a singularidade, a lógica do paradigma rogeriano.

De modo que podemos apreciar a riqueza de sua aplicação como concepção e método de trabalho psicológico e psicoterápico, nas várias áreas de aplicação da psicologia e da psicoterapia. Ao tempo em que podemos apreciar como o paradigma rogeriano contribui, de um modo marcante, para a elucidação, e para a constituição, do sentido conceitual e metodológico específico deste trabalho.

O presente livro tematiza os fundamentos e nexos fenomenológico existenciais do paradigma rogeriano. Os dois primeiros capítulos discutem o paradigma rogeriano da perspectiva da Fenomenologia e do Existencialismo; o terceiro capítulo ressalta a característica de vivência fenomenal – pática – como modo privilegiado de ser no âmbito da vivência da metodologia de Carl Rogers; o quarto capítulo discute o caráter não teorético e igualmente não prático do modo de vivência do paradigma rogeriano; o capítulo cinco discute características fundamentais das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais; e o capítulo seis discute algumas questões da concepção rogeriana que podem ser melhor enfocadas de um ponto de vista fenomenológico existencial.

Enseada de Jatiúca, Maceió, Abril 2006.

**SUMÁRIO**

PREFÁCIO.....VIII

SUMÁRIO.....XII

INTRODUÇÃO..... XIV

1. Carl Rogers. Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I ..... 18

2. Carl Rogers. Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II..... 36

3. Carl Rogers, o patético. Empatético, peripatético. .... 46

4. Nem *Teorético*, nem *Prático*. Muito menos *Pragmático* O Paradigma Rogeriano. Fenomenológico Existencial: *Poiético.* ..... 60

A. O paradigma rogeriano, nem teorético, nem prático; nem pragmático. Fenomenológico existencial dialógico e poiético. 62

B. Do Pradigma Teorético .....72

C. O prático e o pragmático; .....77

D. O fenomenológico existencial poiético.....79

E. Conclusão. .....81

5. A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial..... 86

a. Ontologia.....90

b. Epistemologia.....92

c. Expressionismo.....95

d. Existencialismo ..... 99

e. Concepção da abordagem ..... 105

f. Metodologia ..... 106

6. Algumas questões ..... 122

7. Concluindo. ..... 128

---

---

## INTRODUÇÃO

Carl Rogers marcou um lugar fundamental na psicologia e na psicoterapia. A novidade de seu paradigma no âmbito de uma psicologia e de uma psicoterapia fortemente psicanalíticas ou comportamentais -- na América do Norte, e por todo o mundo -- fizeram com que o paradigma de Carl Rogers tivesse forte a marca de sua personalidade. Às vezes até de um modo exagerado e reificadamente personalista.

O que não se pode negar é a forte marca pessoal de Rogers, de sua inventividade, e em particular de sua ousadia, e incansável e obstinada disposição experimental na elaboração de seu paradigma.

À medida que o tempo passa, em particular, empobrece-se a sua concepção e método, se nos restringimos ao personalismo, e reificamos personalisticamente a sua abordagem, sua concepção e método. Isto porque, para além de sua pessoa, a sua contribuição teórica e experimental configura de um modo muito fundamental, e importante, todo o campo de concepção e método, da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Este campo -- que tem cada vez mais um irrecusável e importante lugar no âmbito da concepção e método da psicologia e da psicoterapia – tem os seus primórdios no

pioneirismo de um Ludwig Binswanger, e de um Medard Boss. Demasiadamente tímidos ainda, em termos de concepções e posturas radicalmente fenomenológicas, empiricamente fenomenológicas, e fenomenologicamente experimentais.

É, podemos dizer assim, depois que a Fenomenologia e o Existencialismo, como propostas de psicologia e de psicoterapia, migram para os Estados Unidos, com a decidida mediação de Abrahan Maslow e de Rollo May, que elas começam a se configurar na concepção e método de um paradigma radicalmente fenomenológico existencial, empírico e experimental de psicologia e de psicoterapia.

Com outra história, outros pré-textos, um outro dos passageiros fundamentais da constituição deste modelo é F. S. Perls, com sua ousada, fenomenológico existencial, empírica e experimental, Gestalt Terapia.

Desde cedo, a inspiração fenomenológico existencial calou fundo em Rogers.

Em particular no meio da cultura da psicologia e da psicoterapia norte americanas, não havia muita clareza quanto ao *caráter empírico* da Fenomenologia que Brentano recuperava de Aristóteles. Muito menos da radicalidade da *experimentação perspectivativa* de Nietzsche, que o *Expressionismo* europeu decididamente incorporara, marcando profundamente, dentre outros, a Gestalt Terapia.

Mas Rogers intuiu o sentido das fontes. Bafejado por Otto Rank nietzscheano, por Buber, e por toda a corrente fenomenológico existencial da época, Rogers lançou-se à experimentação de sua abordagem *não diretiva*, *centrada no cliente*, *na pessoa, experiencial*; desaguando num modelo de concepção e método de trabalho de grupo, e no modelo de psicoterapia individual, radicalmente empíricos fenomenológico existencialmente, e, especificamente, experimentais, no sentido fenomenológico existencial.

Rogers tinha a obstinação de quem sabia por onde, e para onde, andava, na direção de um paradigma desprovido, em sua vivência, de fundamentos científicos, de atividade ou interesse teorética, de metodologias tecnológicas, das forças do moralismo, e das demandas utilitárias e pragmatistas da prática. Um paradigma que se dispunha a propiciar as condições para a fluência dimensão poiética da condição humana, no grupo e na relação inter individual, visceralmente aderido à vivência da

atualização inter ativa, empatética, peripatética, da potência do possível. Obstinadamente empírico num sentido fenomenológico existencial, e, igualmente, experimental.

Rogers não chega a teorizar cabalmente este caráter fenomenológico existencial de seu modelo. Na verdade lançou mão de concepções que nem sempre podem ser entendidas como fenomenológico existenciais. Mas experimentou profusamente a perspectiva de um paradigma fenomenológico existencial empírico e experimental. Como ninguém o fez. Com a exceção de Fritz Perls. Um destacado companheiro na empreitada, cheia de alegria, intensidades, pessoas e realizações.

**SUMÁRIO**

PREFÁCIO..... VIII

SUMÁRIO..... XII

INTRODUÇÃO..... XIV

1. Carl Rogers. Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I ..... 18

2. Carl Rogers. Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II ..... 36

3. Carl Rogers, o patético. Empatético, peripatético. .... 46

4. Nem *Teorético*, nem *Prático*. Muito menos *Pragmático* O Paradigma Rogeriano. Fenomenológico Existencial: *Poiético*. ..... 60

A. O paradigma rogeriano, nem teorético, nem prático; nem pragmático. Fenomenológico existencial dialógico e poiético. 62

B. Do Pradigma Teorético .....72

C. O prático e o pragmático; .....77

D. O fenomenológico existencial poiético.....79

E. Conclusão. .....81

5. A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial..... 86

a. Ontologia.....90

b. Epistemologia.....92

c. Expressionismo.....95

d. Existencialismo .....99

e. Concepção da abordagem .....105

f. Metodologia.....106

6. Algumas questões .....122

7. Concluindo. .....128

## INTRODUÇÃO

Carl Rogers marcou um lugar fundamental na psicologia e na psicoterapia. A novidade de seu paradigma no âmbito de uma psicologia e de uma psicoterapia fortemente psicanalíticas ou comportamentais -- na América do Norte, e por todo o mundo -- fizeram com que o paradigma de Carl Rogers tivesse forte a marca de sua personalidade. Às vezes até de um modo exagerado e reificadamente personalista.

O que não se pode negar é a forte marca pessoal de Rogers, de sua inventividade, e em particular de sua ousadia, e incansável e obstinada disposição experimental na elaboração de seu paradigma.

À medida que o tempo passa, em particular, empobrece-se a sua concepção e método, se nos restringimos ao personalismo, e reificamos personalisticamente a sua abordagem, sua concepção e método. Isto porque, para além de sua pessoa, a sua contribuição teórica e experimental configura de um modo muito fundamental, e importante, todo o campo de concepção e método, da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Este campo -- que tem cada vez mais um irrecusável e importante lugar no âmbito da concepção e método da psicologia e da psicoterapia – tem os seus primórdios no pioneirismo de um Ludwig Binswanger, e de um Medard Boss. Demasiadamente tímidos ainda, em termos de concepções e posturas radicalmente fenomenológicas, empiricamente fenomenológicas, e fenomenologicamente experimentais.

É, podemos dizer assim, depois que a Fenomenologia e o

Existencialismo, como propostas de psicologia e de psicoterapia, migram para os Estados Unidos, com a decidida mediação de Abrahan Maslow e de Rollo May, que elas começam a se configurar na concepção e método de um paradigma radicalmente fenomenológico existencial, empírico e experimental de psicologia e de psicoterapia.

Com outra história, outros pré-textos, um outro dos passageiros fundamentais da constituição deste modelo é F. S. Perls, com sua ousada, fenomenológico existencial, empírica e experimental, Gestalt Terapia.

Desde cedo, a inspiração fenomenológico existencial calou fundo em Rogers.

Em particular no meio da cultura da psicologia e da psicoterapia norte americanas, não havia muita clareza quanto ao *caráter empírico* da Fenomenologia que Brentano recuperava de Aristóteles. Muito menos da radicalidade da *experimentação perspectivativa* de Nietzsche, que o *Expressionismo* europeu decididamente incorporara, marcando profundamente, dentre outros, a Gestalt Terapia.

Mas Rogers intuiu o sentido das fontes. Bafejado por Otto Rank nietzscheano, por Buber, e por toda a corrente fenomenológico existencial da época, Rogers lançou-se à experimentação de sua abordagem *não diretiva*, *centrada no cliente*, *na pessoa, experiencial*; desaguando num modelo de concepção e método de trabalho de grupo, e no modelo de psicoterapia individual, radicalmente empíricos fenomenológico existencialmente, e, especificamente, experimentais, no sentido fenomenológico existencial.

Rogers tinha a obstinação de quem sabia por onde, e para onde, andava, na direção de um paradigma desprovido, em sua vivência, de fundamentos científicos, de atividade ou interesse teorética, de metodologias tecnológicas, das forças do moralismo, e das demandas utilitárias e pragmatistas da prática. Um paradigma que se dispunha a propiciar as condições para a fluência dimensão poiética da condição humana, no grupo e na relação inter individual, visceralmente aderido à vivência da atualização inter ativa, empatética, peripatética, da potência do possível. Obstinadamente empírico num sentido fenomenológico existencial, e, igualmente, experimental.

Rogers não chega a teorizar cabalmente este caráter fenomenológico existencial de seu modelo. Na verdade lançou

mão de concepções que nem sempre podem ser entendidas como fenomenológico existenciais. Mas experimentou profusamente a perspectiva de um paradigma fenomenológico existencial empírico e experimental. Como ninguém o fez. Com a exceção de Fritz Perls. Um destacado companheiro na empreitada, cheia de alegria, intensidades, pessoas e realizações.

---

## 1.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretensioso.

De várias formas. E aqui nos interessa sobretudo no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita.

Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico (Buber), na tradição de Brentano. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da *tendência atualizante*, Carl Rogers já tinha ido, experimentalmente, além; no sentido do logos metódico de um empirismo humanista*, fenemenológico existencial, dialógico, em psicologia e psicoterapia, no âmbito das relações humanas.

Desinvestido de qualquer pressuposto de *condição e*

---

* Na tradição do *Humanismo* de filósofos do Século XIX, como Brentano e Nietzsche, que voltavam à Filosofia do Renascimento, e aos gregos pré-socráticos, na recuperação da vivência humana como critério.

*desempenho técnicos*, na sua atuação. Destituído de aspirações *científicas* tradicionais. Ou de veleidades *práticas*, e *pragmáticas*. Destituído da crença na efetividade do *teórico* e da teorização, e do *moralismo*, em particular, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas. E, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando naturalmente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

Como meio e como via, como *jeito de ser*, do psicólogo e do psicoterapeuta, do educador, da pessoa -- em processos de *co-laboração* na potencialização de metamorfoses, e de estilos existenciais de vida1[1] --, o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, de privilegiamento, e de afirmação experimental, dos momentos de ***dialógica interhumana*** (Buber)**.**

O sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se numa postura de afirmação experimental da *concrescência fenomenológico existencial da existência*, na pontualidade de seus desdobramentos. Consistentemente arraigado em pré condições de respeito radical -- pessoal e metodológico -- pela alteridade, pela diferença, do cliente; e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal. Como imprescindíveis condições do privilegiamento do *encontro*, nesta *dialógica interhumana.* O *encontro c*omo vivência de *momentos de um modo de ser* generativamente existencial, *existenciativo, poiético*.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver -- na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo, à guisa de metodologia -- a obstinação mansa e rítmica de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento, radical, da mera, nua, crua, e simples, *dialógica interhumana*. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas paciente, pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, *o deserto começasse a florescer.* Ou, como dizia John Wood, *até que a orquestra se afinasse*, e estivesse em condições para uma

---

1[1] BUBER, Martin EU E TU. São Paulo, Cortês, 1983.

'performance poiética'.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Carl Rogers, muito freqüentemente, em suas concepções e posturas metodológicas. Mal entendido pelos 'de fora'. E, freqüentemente, mal entendido por muitos dos "de dentro", que assumiam a incorporação de seu modelo.

Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o *simples* pelo *simplório.* Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, *empirismo humanista* , fenomenológico existencial, dialógico, *na relação inter humana*.

Substituindo por atitudes retóricas, e estereotipadas, ou meramente manipulativas, a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência de confirmação da, e de interação com a, diferença do outro; negando-se à vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil, como tal, à germinação da ação, da criação, da *existenciação*.

Não muito longe, outros, por captarem o modelo rogeriano em fases primitivas, quando ainda havia uma referência importante, e mesmo a aspiração de um certo cientificismo. Com surpresa, os vemos hoje em dia tentando interpretar o modelo rogeriano pela via de um cientificismo pseudo científico. Inscientes, talvez, do finíssimo e precioso trabalho de Rogers na superação não só do cientificismo, mas do próprio paradigma científico em psicologia e psicoterapia, em privilégio do que permite, potencializa e engendra o existencial. Perderam o bonde?

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers. Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de *técnicas*, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, certamente, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela *questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas*, e, portanto, ao nível do método em psicologia e psicoterapia. E compreendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos,

essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A *existência*, como observou Heidegger2[2], *resolve-se apenas existencialmente*. E Rogers compreendia muito bem, e profundamente, isto. Da mesma forma que entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre latente, iminente e atual, do abuso da impropriedade de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação, e uma das primeiras condições de método, dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido, Rogers, pelos científicos. Que – pertinentemente -- não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados. Nunca entenderam estes, evidentemente, o sentido propriamente fenomenológico existencial de *experimentação.*

Bem antes dos cientificistas pseudo científicos em psicologia -- alguns mesmo dos que se dizendo *rogerianos*, de hoje (pasmem!) --, Rogers entendeu que -- da mesma forma que o paradigma técnico -- o paradigma científico não dava conta do vivido fenomenativo, no qual o possível é possível. Nem se aplicava à, *ato-ação* ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura como sendo da ordem do modo humano de ser da ação *poiética*, e não da ordem do *epistemológico*.

Não é porque é *menos*, que o fenomenológico existencial não é da ordem do científico. É, apenas, porque o científico não dá conta do existencial, que nem mesmo da ordem da realidade é. Quanto mais da ordem da objetividade. Diria pessoa pela boca de uma sua personagem,

---

2[2] HEIDEGGER, M. SER Y TIEMPO. México, Fondo de Cultura, 1985.

*Estávamos cheias de ser nós. E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade*.3[3]

Bem ao gosto de Nietzsche4[4], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao empistemológico, e epistemofílico, pressuposto científico da *busca de verdades.* Não se conforma às esferas do conhecer, e do conhecimento, e de suas vontades.

Não é por outro motivo que *o coração tem razões que a própria razão desconhece* (Pascal); e que *seria enloquecedooooooorrrrr se amor tivesse a ver com verdade...* (Maffesoli). Mas, mais propriamente, o existencial, experimental, a-ventura-se, de um modo essencial, na incerteza, e na improvisação, da potencia criativa, na possibilidade humanamente ontológica da criação da realidade e do verdadeiro.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados. Moralistas que, similar-mente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a *enorme* inutilidade e "desperdício" de tempo e de recursos da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, certamente, de que, em sua especificidade, a existência humana -- eminentemente da ordem

---

3[3] PESSOA, Fernando – O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS.

4[4] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE. F. GAYA CIENCIA,

do modo de ser do *poiético* -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível deste humano modo de ser que ***não é*** da ordem do modo de ser no qual se dão o *útil* e a *utilidade.* Humano modo de ser, que sem prejuízo do prático e da prática, não é da ordem do modo de ser no qual se dão a prática, o valor do prático e da pragmática.

Ainda que deste fenomenológico existencial *poiético* modo de ser tudo provenha; e, paradoxalmente, provenham, inclusive, em suas especificidades, todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber5[5], com essencial propriedade, o modo humano ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil e da utilidade, como não o é, igualmente, da ordem do modo de ser no qual vigoram os fins e os meios; não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, não é da ordem do modo de ser em que vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; a sua fatalidade; nem mesmo é, como observamos, da ordem do modo de ser que entendemos como *realidade*, no sentido *objetivo* do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teoréticos... Que *resolvem* o mundo em sua abstração... Para os teóricos, Rogers, a *santa incoerência*... Uma verdadeira *metamorfose ambulante*. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos, em uníssono, e estereotipadamente, balançam, desaprovadoramente, a cabeça, diante do paradigma rogeriano.

Sem se precatarem de que, fundamentalmente, Rogers compreendera, em sua efetividade, a distinção específica entre teoria e existência, a distinção entre ação e teoria. Rogers intuíra a distinção entre *explicação* e *compreensão*, e intuíra que *não existe explicação que possa levar à compreensão* (Takuan Soho). E estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana -- com suas questões, com suas crises, superações e crescimento; para lidar com a sua efetiva e específica possibilidade de ação --, é imperativo fazer-se ao largo do

---

5[5] BUBER, M. Op. cat.

teórico, da teoria e da teorização, e direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso (*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...*), e ontológico, modo existencial de sermos. Que é *perfeita* aderência à ação, à incerteza, e ao devir, fenomenais. E que, especificamente, e por definição, e radicalmente, não é da ordem do modo de sermos em que somos teóricos e conceituais, explicativos.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está aí a sua obra escrita. Mas, ainda que se interconectem, e interajam, cada coisa em seu lugar.

Aliás, é de capital importância entender que a *vivência empírica* é, por definição, não teorética; mas que existe uma diferença fundamental entre o empirismo *objetivista*, tradicional na cultura anglo-saxã, e o empirismo *fenomenológico* em termos do teórico, da teoria e da teorização: o empirismo objetivista é radicalmente contrário, e avesso, à teoria e à teorização. O empirismo fenomenológico não é avesso ao teórico, à teoria e à teorização. Ou seja, igualmente para o empirismo fenomenológico, a vivência empírica é caracteristicamente não teorizante, e não se assenta sobre teoria. Mas a teoria pode constituir-se como um outro e relevante momento, a partir da vivência não teórica. Da mesma forma que a teoria pode constituir-se como elemento das condições de sua hermenêutica.

De modo que, desde Brentano, não há, para o empirismo fenomenológico, um preconceito e uma aversão ao teórico, à teoria e a teorização. Eles são possíveis e necessários, desejáveis, ainda que sejam estranhos e heterogêneos com relação aos momentos particulares da vivência empírica. Que, fenomenológica, não comporta a dicotomia do eixo de referência das relações de sujeito-objeto. Da mesma forma que, evidentemente, não poderia privilegiar o pólo objeto desta relação, constituindo-se no campo da objetividade, como objetivista.

O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e com as dificuldades existenciais neste processo de superação; lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia.

Rogers entendeu que a atuação, a efetivação, desta potência humana de superação se dá, especificamente, no âmbito do modo de sermos que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Modo de sermos a que ele, seguindo a Goldstein, denominava de *experiência organísmica.* Modo de sermos a que Dilthey e Heidegger, guardando as devidas particularidades, chamavam, respectivamente, de *vivido* e de *ser-no-mundo.* E como atuação do que ele chamava, e entendia, como *tendência atualizante humana.*

No âmbito próprio da vivência momentânea deste modo fenomenológico de sermos, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, impróprios. Quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de sermos demanda outras habilidades, equivalentes às de um dançante, ou as de um nadador, ou de um artista, em suas atividades próprias.

A questão de Rogers, portanto, era a da experimentação, da definição, e desenvolvimento, de uma concepção e de uma metodologia não teorizantes em psicologia e psicoterapia, no trabalho com grupos, e nas áreas a que ele posteriormente se dedica. Uma metodologia não teorizante, fenomenológico existencial empírica, de vivência, para o cliente, a partir de condições e atuação colaborativa e sinérgica, igualmente fenomenológico existenciais empíricas, por parte do terapeuta, psicólogo, educador. Concepção e metodologia fenomenológico existenciais empíricas, poiéticas, mais aparentada do modo artístico de funcionamento, o que quer dizer, não teorizantes, não técnicas, não moralistas, não científicas, não práticas.

Quanto a sua própria teorização, Rogers, assim como Perls, viu-se preso, e desafiado, portanto, na experimentação e na elaboração experimental da teoria e da teorização, e na elaboração do logos metódico, de uma concepção e metodologia de psicologia e de psicoterapia no âmbito da atuação de um modo de ser,. radicalmente não teórico e não teorizante. Fenomenológico, existencial, empírico. Modo de ser próprio da existência e da existenciação, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; modo de ser próprio à dialógica inter humana, interpessoal, e coletiva.

E, coerente, e concernentemente, a sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos e explicativos, cada vez mais ensaística, à medida que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas, fenomenoativas, do próprio modo de ser da existência. Atitudes cada vez menos explicativas, e teóricas, cada vez mais implicativas e compreensivas.

Rogers sempre privilegiou, como atitude metódica, e como proposta de vivência para o cliente, a experimentação fenomenológico existencial. A dialógica inter humana entre terapeuta e cliente. A linguagem dialógica inter humana da existência. *Patética.* E, com isso, desdobrou e abriu possibilidades preciosas e muito fecundas para a psicologia, para a psicoterapia, para o trabalho ao nível do humano.

Possibilidades nem sempre compreensíveis, em sua essência e características próprias, a partir de um ponto de vista teórico. Ou de um ponto de vista pragmático.

É fundamental considerar deste ponto de vista a obra teórica de Rogers. A sua evolução à medida que se desenvolve a sua experimentação, a natureza especificamente não teorizante de seu método, e a própria perplexidade da experimentação profissional de uma metodologia, que por existencial, era especificamente empírica, não teórica, não conceitual. Daí o caráter essencial e grandemente aberto de sua obra teórica.

É muito importante considerar que a elaboração do paradigma rogeriano, um paradigma não teorético, e, por isso, *empirista* – neste sentido *fenomenológico existencial dialógico* --, se dá, exatamente, no âmbito cultural hegemônico e forte de um *empirismo.* Mas, especificamente, no âmbito do ***empirismo objetivista***, vigente na cultura norte americana e anglo saxã. Carl Rogers destaca-se, assim, com a contribuição de uma concepção e método de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existenciais empíricos, radicalmente heterogêneos com relação ao empirismo objetivista então predominante.

Tudo isto aponta para questões extremamente

importantes, que dizem respeito, por exemplo, ao fato de que, ainda que sua teorização seja importante, o fundamental, em termos da obra de Rogers, não é exatamente a sua teorização, mas a sua metodologia não teorizante. Ou seja, o melhor ponto de vista para a compreensão e a apreciação do paradigma rogeriano não é exatamente o ponto de vista de sua teoria. E, neste sentido, é importante considerar a insuficiência da teorização, mesmo a teorização de Rogers, para captar e expressar teoricamente a especificidade de seu logos metódico. Até porque, ao morrer ele apenas iniciara, experimentalmente, a definição de sua concepção e metodologia em termos fenomenológico existenciais empíricos.

O mesmo podemos dizer com relação ao ponto de vista científico, com relação ao ponto técnico, com relação ao ponto de vista prático, e com relação ao ponto de vista pragmático. Como pontos de vista inespecíficos e impróprios para a apreensão e compreensão do existencial, do fenomenológico existencial empírico, e, portanto, do paradigma rogeriano.

Como observamos, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que a teoria e a teorização não sejam importantes no seu âmbito, ou que não existe, na sua aprendizagem, na sua reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é o teórico um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas, quando efetiva, no caso do paradigma rogeriano, trata-se da teorização de um paradigma cuja vivência, especificamente não teorizante, é qualitativamente descontínua com o teórico. Da mesma forma que podemos contemplar e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimento e habilidades, que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais,

fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos, empíricos enfim.

É interessante observar que Rogers movimentou-se e evoluiu, em termos humanistas, dos contrafortes norte americanos da ciência positivista, e *objetivamente* empirista -- e do moralismo religioso puritano --, em direção ao existencial, ao empírico fenomenológico existencial, corpo-ativo. Em sua trajetória, guardava em si, desde o início, o germe do fenomenológico, e do *empatético.* Mas esta trajetória careceu de se configurar como uma imensa atividade de desconstrução. Imensa -- não tanto em quantidade como em qualidade -- atividade de desconstrução em psicologia e psicoterapia do paradigma objetivista, do paradigma técnico, do paradigma científico, do paradigma moralista, do paradigma pragmático, e do paradigma prático...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da nua dialógica interhumana – ou *interlógica diahumana* -- de sua empatética, um imenso trabalho de desconstrução, de cascavilhamento e de experimentação fenomenológico existencial já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um *ponto zero*. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empatética.

Podemos ver que, se, por um lado, a sua teoria vai ganhando um caráter despretensiosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia, e mesmo método fenomenológico existencial – ao qual ele vai aderindo de um modo cada vez mais radical; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers

experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma *tendência atualizante*, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitações.

---

## 2.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Na medida em que consideramos a dimensão existencial humana, as suas crises e questões, e as suas resoluções, necessariamente especificamente existenciais, compreendemos que a concepção e a metodologia de Rogers são muito sensíveis e refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou às vezes quase que epidêmica entre os "centrados".

Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método, e a própria concepção e método, de Rogers foram mal compreendidos, ou mesmo desconhecidos. E sua abordagem freqüentemente entendida, ironicamente, como o modelo pronto do objetivismo, ou da pragmática, de uma certa tecnologia da compreensão, adoçada de fragmentos açucarados da retórica de uma imprecisa ideologia dita "humanista".

---

Como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers atualiza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dimensão do

existencial, com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano; incompatíveis com a sua empatética. Foram-se, então, na vivência do logos metódico do paradigma rogeriano, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições definidoras específicas de uma *prática.*

Cascavilhando experimentalmente, Rogers buscou as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade, um dos pilares clássicos de seu paradigma, que marca o seu afastamento do paradigma moralista.

A não diretividade é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da "experienciação". A *empatética -- patética*, *peripatética* -- do privilegiamento dos momentos próprios de vivência (páthica) dos desdobramentos da dialógica do interhumano.

De fato, Carl Rogers efetivamente experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia, e de uma psicologia, fenomenológico existencial. Paradoxalmente, o seu despojamento representava, na verdade, uma apuração experimental, cada vez mais refinada, de condições fenomenológico existenciais de concepção e de método de psicologia e de psicoterapia.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial se afirma e se desdobra, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação; quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância. Como, por, exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um papel inegável, fundamental, e fundador.

Muito importante, pois, atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação das concepções e método de Carl Rogers com surgimento, desenvolvimento e consolidação de uma concepção e metodologia de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais. Coisa efetivamente rara.

Não podemos, naturalmente, deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de um L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da experimentação e caracterização da vivência de metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais. E, neste sentido, empíricas, experimentais, performáticas, e poiético-hermenêuticas.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de ser, atrelou-se aos vieses das psicologias científicas e das psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano e europeu. Desde muito cedo, não obstante, é nítido o movimento de diferenciação do modelo rogeriano com relação ao hegemônico paradigma do empirismo *objetivista* vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual. Crise esta que morre na formulação de condições hermenêuticas do *empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico.* Que se configurava como característica forte da vivência de seu método, em particular da sua última fase.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da Fenomenologia, do Existencialismo, da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com a constituição e desenvolvimento destes.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso *strip tease fenomenativo existencial* da teoria, da prática teorizante e

conceitual -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais ***empírico*** *e* ***experimental*** (num sentido fenomenológico e existencial) no que podemos entender como o provimento *empírico e experimental*, por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de *condições hermenêuticas experimentais*, *fenomenológico existenciais,* para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente *interpretar* – num sentido fenomenológico existencial, especificamente --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações, e resoluções.

Como observamos, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencial, experimentalmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico existencial, e experimentalmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua experimentação, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático e pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, fenomenológico existencial poiético, hermenêutico.

A importância das elaborações de Rogers se dão, principalmente e em especial, não ao nível de sua teorização, mas, como seria de se esperar em uma abordagem *empírica* (não teorética), fenomenológico existencial. Ao nível de sua resoluta experimentação fenomenológico existencial de concepções e condições de método.

Assim, não se pode apreender o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da *tradição de Brentano*, é no desenvolvimento de sua de sua metodologia que reside a sua especificidade, e a sua riqueza.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi, progressivamente, assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento formulação da psicologia e da

psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers, neste sentido.

Cremos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de *condições hermenêuticas* para o processo *hermenêutico* da *interpretação fenomenológico existencial*, *empírica* e *experimental*, por parte do cliente. *Interpretação* da força -- da *posse* -- do *possível*, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls – este com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos --, fortemente bafejados, neste sentido, por Buber, e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das concepções e métodos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais, que emergem e florescem em nossos dias, pejadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que, freqüentemente, ela não é notada, ou considerada, ou é meramente incompreendida. Há quem queira diminuí-los... Mas olhando bem, não é pouco, em especial em termos qualitativos, o que eles conseguiram...

Por outro lado, não é raro que se fale de um modo retórico em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, já que ela está em moda, e pode até ser chique, sem nenhuma referência a concepção ou método específicos, e sem referência , ou até negando-se, as importantes e qualitativas contribuições de Rogers e de Perls neste sentido específico. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com a perspectiva de um empirismo aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia.

## 3.
## Carl Rogers, o patético.
## Empatético, peripatético.

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético.* Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos.* Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência.*

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência.* Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação.* Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética. Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser.*

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia.* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na

expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética.* Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos.* Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos,* do *páthico.* Que

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos.* A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando.* Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática.* A mente reflexiva cede lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos, a vivência páhtica*, enquanto método de filosofação.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de filosofação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-**peri-**mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos.* E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a ***peri*** *path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um

modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-***peri***-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se

configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia – em-pathia.* E que *Empatia*, especificamente, significa "dentro do pathos".

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem prática, na verdade uma *poiética.*

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência.* De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética.*

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de

ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáhtica*. Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos*. Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético,* é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético, Empatético* e *peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante,

de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre "o que é que esta pessoa pode?" "O que é que pode este grupo?" "O que podem os seus participantes?" "O que posso eu..."

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que *o possível* -- que nossa atualidade existencial reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da "confraria" dos *patéticos*, *empatéticos, peripatéticos...*

---

## 4.
## Nem *Teorético*, nem *Prático*.
## Muito menos *Pragmático*
## O Paradigma Rogeriano.
## Fenomenológico Existencial: *Poiético*.

Uma das características mais marcantes e específicas do

paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, é a de que ele não é da esfera do *prático*, ele não é uma *prática*.

A característica do modo vivencial, fenomenológico existencial, que o paradigma rogeriano preconiza, como modo privilegiado de vivência -- para o cliente, e para o desempenho metodológico do terapeuta, ou psicólogo – se descompromete com, e não privilegia, as características fundamentais do *prático* e da *prática.*Tais como a *ação voluntária*, a *utilidade*, a *hegemonia do princípio de sobrevivência* como critério (mas a *superação)*. O vivencial, fenomenológico existencial, dialógico e poiético, é um modo de sermos no qual dão-se, como vivência, a força do possível, e da possibilitação, de sua atualização.

Diferentemente do prático e da prática, as características peculiares do modo fenomenológico existencial, poiético e dialógico, são a *ação espontânea* (em contraposição com a ação voluntária, própria à prática), a vivência fora do plano da dicotomização sujeito-objeto; e fora do modo de sermos em que vigora a causalidade, em que vigoram os fins e os meios. São características definidoras, ainda, do modo fenomenológico existencial de sermos a *vivência de superação*, característica e intrínseca à atualização de possibilidades (em contraposição ao predomínio do *princípio de sobrevivência*, à *adaptação* e à *conservação*, característicos do *prático* e da *prática*).

Esta característica não prática do paradigma fenomenológico existencial rogeriano talvez seja um pouco mais sutil, e até mais desconhecida. Uma vez que é mais disseminada a compreensão de que a vivência do paradigma rogeriano, não é da esfera do teórico e da teorização.

Automaticamente assume-se, então, freqüentemente, que o paradigma rogeriano seria da esfera da *prática.* Com o risco de confundi-lo, como freqüentemente ocorre, de um modo articulado teoricamente, ou não, como um modelo pragmático.

**A. O paradigma rogeriano,**
**nem teorético, nem prático; nem pragmático.**

**Fenomenológico existencial dialógico e poiético.**

Fenomenológico existencial dialógico, poiético, caracteristicamente, o paradigma rogeriano, assim, *não é teorético*, e *teorizante* em sua vivência. A Fenomenologia e o Existencialismo privilegiam um modo de vivência, um modo de "consciência", que não é teórico, que se caracteriza como "consciência" pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. É especificamente isto que define o *empirismo* da Fenomenologia, e do existencialismo, da filosofia da vida. O fato de se caracterizarem como abordagens da realidade na própria vivência fenomenal, pré-reflexiva, pré teórica. E não através da mediação do teórico, da teoria e do conceitual. Enquanto não teorizantes, não conceituais, as abordagens fenomenológico existenciais serão sempre, como tais, *empiristas.*

Vale observar, como observamos, que este *empirismo* é, especificamente, ***um empirismo fenomenológico existencial***, e não o empirismo objetivista, do objetivismo e do pragmatismo.

Vivencial, portanto, o paradigma rogeriano não é, na sua vivência, um paradigma de privilégio da experiência abstrativa, não é um paradigma de privilégio da abstração, de privilégio da reflexão, da teorização.

Não teorético, assim, o paradigma fenomenológico existencial rogeriano é facilmente concebido, de modo algo automático, como sendo então da ordem *da prática*, da ordem de um modo *prático* de sermos.

É fundamental para a compreensão do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, compreendermos que, da mesma forma que a sua vivência não é da ordem da teorização, ela não é, igualmente, da ordem da *prática.* Não é da ordem do *prático*, não é da ordem de uma prática.

O que pode parecer desconcertante, num primeiro momento. Mas, nada mais natural, e específico ao paradigma fenomenológico existencial, ao paradigma rogeriano.

Certamente que esta característica não estava muito clara

nas primeiras fases do modelo rogeriano, nem na sua teorização. Mas era muito clara nas fases finais, sendo uma característica fundamental do modelo de trabalho com grupos ou do modelo na relação diádica da última fase de Rogers e companheiros.

É fundamental assim observarmos que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, e de uma concepção e metodologia para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não era da *esfera do teórico* -- já que, como vimos, o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de sermos --, do ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão de sua concepção e método não era a questão de uma *prática. Ou seja, não era da esfera do modo prático de sermos.*

E isto era e é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do *teórico*, nem da ordem do *prático*, da ordem de uma *prática.*

São, mais especificamente, da ordem do *poiético.* Não *teorético*, não *prático*, em sua vivência, o paradigma rogeriano é eminente e especificamente *poiético.*

O modo de sermos alternativo a uma *teorética* não é, necessária e simplesmente, o modo prático de sermos, a *prática.* Podemos ser, também, e de um modo ontologicamente mais fundamental, de modo fenomenológico existencial *poiético. O* modo de fenomenológico existencial de sermos, no qual, em especial e especificamente, vivenciamos, agenciamos, potencializamos, e consumamos possibilidades.

Intuitivamente, isto estava muito claro para Rogers e seus colaboradores, ainda que não tivessem articulado isto teórica e filosoficamente.

Assim, se, por um lado, a vivência do paradigma rogeriano, seja em grupo ou na relação diádica, não era, e não é, uma vivência de teorização, uma experiência abstrativa (que abstrai o corpo, o vivido, os sentidos); se não era, e não é, assim, uma experiência teorizante, reflexiva, igualmente, não é uma

experiência orientada para a *prática*, uma experiência de natureza *prática.* Que, igualmente, se distingue essencial e radicalmente do paradigma *fenomenológico existencial poiético*.

O paradigma rogeriano não é prático, sua vivência não é da ordem da *prática*... Diferente do modo de sermos abstrativo, teorizante, reflexivo; e diferente do modo prático de sermos, a vivência do paradigma rogeriano é, assim, da ordem do fenomenológico existencial poiético: o modo de sermos vivencial (*estético)* no qual propriamente agenciamos, potencializamos, atualizamos e consumamos possibilidades.

Assim é que o modo de vivência, caracteristicamente privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da *prática.* Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Coube a Carl Rogers, em particular na última fase de sua obra, a partir de 1974, a radicalização de um paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia. Tendo, em particular, o campo experimental de vivência do modelo fenomenológico existencial de concepção e de facilitação de grupos.

Ainda que explícito (Rogers, Psicoterapia e Relações Humanas), Carl Rogers não fazia grandes definições teóricas, epistemológicas, ou ontológicas, com relação à natureza fenomenológico existencial de sua abordagem.

Isto decorria certamente da postura tradicionalmente *empirista* que ele compartilhava com o meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas. A questão qualitativamente crítica, não obstante, é a de que, com a Fenomenologia da tradição de Brentano, à qual ele aderiu, o próprio estatuto do *empirismo* se transforma. O *empirismo* que Rogers praticava, especificamente, o empirismo fenomenológico existencial. Enquanto que o *empirismo* que vigorava na cultura norte americana era um empirismo *objetivista.*

O empirismo é, em essência, uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação da teoria. Radicalmente empirista, nesse sentido, segundo a definição de Brentano, a Fenomenologia se distingue, radicalmente, do empirismo objetivista, comum ao meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas, de que Rogers compartilhava. O *empirismo* fenomenológico considera e privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos que se configura fora do modo de sermos no qual vigora a estrutura da relação sujeito-objeto. E que, evidentemente, não assume, nem poderia uma atitude de privilegiamento do objeto.

Rogers e colaboradores profundamente entenderam e praticaram os diferenciais do *empirismo* especificamente *fenomenológico*. Ainda que não o tenham especificamente tematizado teoricamente, era evidente a sua adesão a este. A falta de clareza com relação aos dois tipos de empirismo foi, e é, motivo de vários tipos de confusão.

Decididamente, não obstante, não era um empirismo de tipo objetivista o que praticavam Rogers e colaboradores.

Daí ser de grande interesse elucidarmos as características fundamentais do paradigma fenomenológico existencial, em sua vivência empírica, para compreendermos, vivenciarmos e desdobrarmos o paradigma rogeriano em psicologia e psicoterapia. Em, particular, no que concerne a sua característica fenomenológico existencial poiética. Característica que aparece plenamente no último período da obra de Rogers, em especial na concepção, vivência e metodologia do trabalho com grupos. Na verdade, aparece em toda a concepção e metodologia da abordagem rogeriana, na medida em que o modelo de trabalho com grupos exerce uma influência qualitativamente decisiva nas reformulações concepção e metodologia do trabalho ao nível das relações diádicas, a ponto de John Wood observar que só existia trabalho com grupos na abordagem rogeriana, sendo, especificamente,.o trabalho diádico um "grupo de duas pessoas".

Coerentemente, Carl Rogers adentrou, fenomenológico, existencial experimentalmente, a esfera do *poiético*, como modo privilegiado de vivência e como logos metódico de sua

abordagem.

A característica *poiética* do modo fenomenológico existencial de sermos caracteriza-o como um modo natural e particular de sermos no qual, como vivência fenomenal, se dá a *possibilidade*, e o seu desdobramento, a sua atualização.

Peculiarmente, dentre outras características, o modo fenomenológico existencial *poiético* de sermos, que permite a vivência do possível e de sua atualização, dá-se na esfera da *ação espontânea*; e não na esfera da ação voluntária, deliberada, intencional, que caracteriza o prático.

Ou seja, a ação, ao nível do poiético, da vivência da tensão projetativa do possível, e da sua possibilitação, de sua ato-ação, é, especificamente, espontânea, desproposital.

Por outro lado, apesar de ser, assim, o domínio por excelência da vivência do possível, e de sua atualização, a própria vivência *poiética* não é da ordem dos úteis e da utilidade. De modo que, ainda que todos os úteis e suas utilidades sejam produzidos poiéticamente, na vivência poiética, em si, não vigora a utilidade e a utilização, e o valor delas; que são, caracteristicamente da ordem da *prática.*

Esta distinção entre *teórico, prático e poiético* já está presente em Aristóteles, em sua distinção das três áreas de ciência.

O termo *poiese* consagrou-se na Fisiologia e na Medicina, e na Ontologia, quando falamos, por exemplo, em Fisiologia, da *hematopoiese*, designando o processo através do qual, nas células da medula dos ossos largos do corpo, as células do sangue são geradas, criadas, produzidas. *Poiese* tem, assim, este sentido, de geração, de engendramento, de produção.

Em Ontologia podemos falar de *ontopoiese*. Como o processo no qual, através do desdobramento vivencial do possível, engendramos o próprio ser-no-mundo. O *poiético* refere-se assim a este modo vivencial de sermos no qual o possível é possível, e se atualiza, no engendramento de nosso ser-no-mundo, que é criação e recriação, e resolução existenciais.

Carl Rogers concentrou-se, progressivamente, na

definição, e na criação, das condições para a vivência fenomenológico existencial poiética, no encontro diádico e no encontro grupal.

No desenvolvimento experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, estas características vão sendo progressivamente radicalizadas, até a constituição, em seu paradigma metodológico, de um privilégio soberano da vivência inter humana fenomenológico existencial espontânea e -- fenomenológico existencial -- experimental, poiética, como elemento central. Ao mesmo tempo em que ele experimenta e busca definir as condições metodológicas de propiciamento desta vivência no âmbito do processo grupal.

Como Vera Cury apontou, as aprendizagens com a experimentação no desenvolvimento do paradigma de trabalho grupal vai ter uma marcante influência na reelaboração do modelo de trabalho inter individual.

É importante observar que estas características do paradigma rogeriano não negam a existência e a importância da própria da esfera da prática e do prático, em sua dimensão própria. A importância do modo prático de ser. Apenas não generalizam nem supervalorizam o valor do prático na condição do humano. Não o elegem a condição de critério. Entendem o modo fenomenológico existencial humano como nosso modo especificamente ontológico de sermos, o modo especificamente existencial, no qual se dão a existência e o processo de sua resolução; o possível, a possibilidade, e a sua atualização.

Mais que isto, o paradigma fenomenológico existencial assume a perspectiva de que, ainda que não sendo da ordem da prática, é ao nível de sua vivência fenomenológico existencial poiética, dialógica, que constituímos a nós mesmos, e ao mundo que nos diz respeito, aos úteis e a suas utilidades, como atualização de possibilidades, como resolução existencial. Ou seja a esfera da prática, de sua vitalização e revitalização, de sua criação e recriação, depende fundamentalmente da criatividade vivencial do fenomenológico existencial poiético.

De modo que podemos pensar numa eficácia criativa,

numa *pragmática*, deste modo não pragmático e fenomenológico existencial poiético de sermos.

**B. Do Pradigma Teorético**

*Era eu o poeta estimulado pela filosofia,*
*não o filósofo interessado pela poesia.*
**F. Pessoa.**

É muito importante atentar para o fato de que não se trata, no paradigma dialógico, fenomenológico existencial poiético, empiricamente fenomenal, de um desapreço pela teoria, pela teorização, e pelo modo teorizante e teorético de ser.

Empirista, significa que o modo de ser privilegiado pelo paradigma fenomenológico existencial será sempre não teorizante em sua vivência.

Mas, ainda que o momento de sua vivência seja, especificamente, assim, não teorizante, e privilegiativo do modo de sermos da vivência pré reflexiva, pré-teorizante, pré-conceitual, a perspectiva fenomenológico existencial não desqualifica a importância do teórico e da teorização, em seu momento próprio.

Apenas busca colocar as coisas em seus devidos lugares: a vivência fenomenal é ontologicamente prioritária, na medida em que especificamente onto***lógica***. Ou seja, o nosso modo próprio de ser em que se constitui o *logos*, o sentido, a emergência fenomenal do sentido, que caracteriza o humano, como vivência do possível e vivência de sua atualização. Modo poiético sermos de geração de nosso ser-no-mundo.

O *teórico* tem a sua diferença e importância próprias, na perspectiva do paradigma fenomenológico -- ainda que este seja especificamente empirista, não teorizante, em sua vivência. Mas o momento da teoria e da teorização, anteriormente ou posteriormente ao momento da vivência fenomenal, tem uma importância própria, e valorizada em suas características e

poderes próprios. O fenomenologista valoriza a boa teoria e a boa teorização, e está motivado para estudar toda a teoria efetivamente interessante sobre seus objetos de interesse. Ciente sempre de que o momento hierarquicamente superior é o momento não teorizante, empírico, da vivência fenomenal, dialógica e poiética.

Assim é que o *empirismo* fenomenológico convive de um modo produtivo, sinérgico, com a teoria e com a teorização interessantes.

Isto é diferente da postura anti-teórica, e anti-teorizante, do empirismo *objetivista*, radicalmente avesso à teoria e a teorização.

Cabe, portanto, uma atenção cuidadosa na distinção, neste sentido, e no sentido de suas peculiaridades e diferenças, entre o ***empirismo fenomenológico*** (que se situa e privilegia um modo de vivência que está fora do modo de ser da relação sujeito objeto; e, muito mais, fora de um modo de ser que, no âmbito da relação sujeito objeto, privilegia o pólo objeto desta relação), e o ***empirismo objetivista.*** Empirismo objetivista que não só privilegia o modo de sermos da relação sujeito-objeto, como privilegia o pólo objeto desta relação, e a sua descrição, supostamente objetiva. Ao tempo em que rejeita e afasta-se. de qualquer forma de teoria ou de teorização.

O que não podemos prescindir, é de que, fenomenológico existencial empirista, ainda que conviva com o interesse da teoria e da teorização, fora de seus momentos específicos, o momento da vivência fenomenológico existencial não é teorizante. Sua característica é a de privilegiar no momento de sua vivência o modo de sermos da "consciência" não teorizante, não reflexiva, não conceitual, pré-conceitual, pré-reflexiva, pré-teorizante.

O modo *teorético* de sermos caracteriza-se pela representação, ou seja a *re-apresentação*, de algo que se *apresenta* enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e especificamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial

*teoria* significa *visão de um espetáculo6[1].*

Desta forma, a teoria e a teorização constituem-se, especificamente, como afastamento do modo de ser da vivência, e articula relações explicativas de natureza objetiva.

Alguns elementos, assim, caracterizam o modo teorético de sermos. Dentre eles:

1. O fato de que, especificamente, o modo teorizante de sermos se configura como um afastamento para com o modo de ser *encarnado* do vivido fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

   O modo teorético de sermos é um modo de ser abstrativo, contemplativo. No qual o vivido, o corpo e os sentidos, ou seja, o especificamente fenomenológico e existencial – e, vale dizer, o especificamente poiético --, estão especificamente abstraídos, em privilégio do *abstrato* do conceito, e do teórico.

   Desnecessário mencionar que o modo de ser fenomenológico existencial é especificamente *encarnado*, pontual e momentaneamente vivido, na vivência imediata de corpo e sentidos. Intuitivo, no sentido fenomenológico existencial, não comporta, na pontualidade de sua vivência, própria a abstração, a mediação conceitual.

2. Uma distinção essencial e definidora é a de que o modo teorético de sermos funda-se na ***explicação***.

   O vivido fenomenológico existencial configura-se como, e especificamente é, ***compreensão***.

   O vivido fenomenológico existencial constitui-se, em especial, como vivência compreensiva, e desdobramento de possibilidade. Desdobramento este que se constitui como a

---

6[1] LALANDE, André **Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

*interpretação*, *interpretação* num sentido especificamente fenomenológico existencial. O que o constitui como um modo *poiético* de sermos.

3. O modo teorético de sermos vigora como articulação de *relações explicativas de causa e efeito*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial, além de dar-se, primária e originariamente, como vivência *compreensiva*, dá-se como vivência pré-compreensiva de possibilidade, como desdobramento, compreensão e consumação de possibilidade. Processo do qual se exclui não só o modo de ser da explicação, como a articulação explicativa de causas e efeitos.

4. O modo de ser teorético se constitui na experienciação da dicotomização *sujeito-objeto*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial dialógico e poiético, ser-no-mundo, não comporta esta dicotomização sujeito-objeto, ainda que se constitua, na sua momentaneidade, na tensão do âmbito dialógico da relação eu-tu. (BUBER,)

## C. O prático e o pragmático;

A partir desta constatação de que o modelo fenomenológico existencial rogeriano não é da ordem da prática, da mesma forma que não é da ordem do teorético, é interessante observar e compreender algumas características que constituem o paradigma da prática, o prático. Compreender as características fundamentais do paradigma teorético. E as características, e diferenciais, com relação a estes dois, do paradigma fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

Algumas características sobressaem no paradigma prático:

1. O valor prioritário do útil e da utilidade;

2. O valor da utilidade, segundo o princípio de sobrevivência;

3. O *prático,* a prática, tem com referência o valor da utilidade em termos de adaptação e do princípio de sobrevivência;

4. A prática caracteriza-se pela ação voluntária deliberada.

5. A prática se dá no âmbito do modo de sermos da relação sujeito-objeto.

6. A prática se dá no âmbito do modo de sermos das relações de causa e efeito.

A *prática* exige o *caráter voluntário* e *deliberado* da "ação". E o critério de sua avaliação é o da utilidade. Em particular, da utilidade para a adaptação e para a sobrevivência. Uma característica fundamental do paradigma fenomenológico existencial rogeriano é a da entrega à espontaneidade, a entrega à *ação espontânea* do vivido; ou seja, a entrega à espontaneidade generativa (poiética) do vivido, com sua característica espontaneidade despropositada de vivência do desdobramento da força do possível, e da performação de sua atualização. De modo que no modo privilegiado por sua vivência, o que vigora é o modo de ser da ação espontânea, e não o modo de ser da ação voluntária e intencional.

Na vivência existencial, não vigoram a utilidade e a utilização, características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consuma-se na *superação*, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

As características do vivencial fenomenológico existencial, privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se enquadram portanto no âmbito do *prático,* e da *prática.* Mas, especificamente, no âmbito do *poiético.*

O *prático7[2]* tem sempre o sentido de *uma atividade voluntária que modifica o ambiente*, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo *prático* de ser vigoram os *úteis* e as *utilidades;* e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

## D. O fenomenológico existencial poiético.

Sumariando características do nosso modo fenomenológico existencial poiético e dialógico de sermos, cabe dizer, em primeiro lugar, que é ***este*** o nosso modo onto-lógico de sermos, para uma perspectiva fenomenológico existencial.

Em essência (que é existência), somos *sentido* (logos), e ação. Ontologicamente somos *logos* (sentido); ontologicamente somos onto-*lógicos*. Sentido e ação, como atualização sentida, que se dá na vivência do possível, que é própria ao modo fenomenológico existencial dialógico e poiético de sermos.

O sentido, o logos, que continuamente nos constitui, se nos dá como pré-compreensão da força de possibilidade, como compreensão, e desdobramento desta força (interpretação fenomenológico existencial) em criação; ação propriamente dita.

Este modo de sermos é um modo que, ainda que comporte a dualização eu-tu, não comporta a dicotomização sujeito- objeto, própria de nosso modo acontecido, realizado, ôntico, de sermos (Buber,).

Neste modo de sermos, a causalidade não vigora. Ele é imediatamente vivido e vivência. Presença que se desdobra, diria Buber.

Imediato, não comporta a mediação dos meios e dos fins. Seja dos meios e dos fins teóricos, seja a dos meios e dos fins práticos. Ao mesmo tempo, que nada tem do automatismo comportamental.

O modo fenomenológico existencial, enquanto modo de

---

7[2] op. cit.

incontornável atualização de possibilidade, é especificamente o modo de dar-se da ação. Mas em seu âmbito, a ação como atualização de força de possibilidade, em sua incerteza, tentatividade, e riscos próprios (experimentação), não é, especificamente, a ação voluntária, deliberada e intencional, característica da prática. A ação, no âmbito da vivência fenomenológico existencial, é, especifica e propriamente, a ação *espontânea* e *experimental* (no sentido fenomenológico existencial). Ou seja a ação propriamente despropositAl, tendencialmente desmotivada, ainda que intensamente estésica e estética, .atualizante de possibilidades, criativa.

A ação assim vivida é eminentemente *inconveniente*. Ou seja, no sentido de que não tem "convênio", não tem contrato, com o real, com a realidade e com acontecido. Ela não serve à adaptação, à conservação, à sobrevivência, uma vez que, em sua *inconveniência*, ela é a própria força da superação e de reordenamento.

Assim, enquanto a prática, por exemplo, está fortemente fundada na utilidade, pautada pelo valor desta para a adaptação e sobrevivência, o fenomenológico existencial poiético atualiza sempre a superação daquilo que a prática busca conservar.

## E. Conclusão.

Caracteristicamente, pois, o paradigma rogeriano não se define na esfera teórica, nem na esfera da prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; de um empreendimento em que o teórico e a teorização sejam relevantes. Da mesma forma, não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano em sua vivência não guarda o caráter de valorização do modo de sermos que permite útil e da utilidade, ou o caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência.

O modo de vivência fenomenal que lhe é próprio, não se

dá no eixo da relação de causa e efeito, nem no âmbito da realidade da dicotomia sujeito-objeto.

O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de sermos da vivência do possível, e de sua possibilitação, como superação. Que não é da esfera do modo de sermos que é caracteristicamente da ordem da prática.

A vivência fenomenológico existencial não é da ordem das relações sujeito-objeto, ou da ordem das relações de causa e efeito; não é da ordem do útil e da utilidade, e, ainda que de âmbito eminentemente ativo, a ação em seu âmbito é da ordem da ação espontânea, caracteristicamente despropositai.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, assim, não na *contemplação* do espetáculo do possível acontecido, objetificado na abstração da vivência física de sua atualização. Nem num esforço e desempenho práticos.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica (dicotomia sujeito-objeto) e integrada; vivência que não se situa no âmbito da causalidade das causas e dos efeitos, dos fins e dos meios (Buber); vivência que se centra na performação, do possível e de sua possibilitação, em per-feito; de sua atualização -- como atualização meramente *compreensiva*, ou como atualização *objetivativa*.

É a vivência *empática, (em)patética,* da *ação* -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático. Especificamente vivencial, e poiética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos, não obstante, que este paradigma não tem uma eficácia específica. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica, mais radical, e abrangente, do que a eficácia do teórico, do que a eficácia do prático, e do que a eficácia do comportamental, ao nível do existencial. Ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramentos *poiéticos*, como vividas atualizações despropositativas de possibilidades. Diferente-mente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da "ação" voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

O âmbito do vivencial é, especificamente, o âmbito propriamente da *ação*. Ação que engendra o possível, o novo, e

cria. Diferentemente da teorização, da prática, ou do comportamental.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial -- em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e em termos de uma concepção pobremente fenomenológica de c*ompreensão* --, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido de uma metodologia empírica e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia.

E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls, ninguém foi fenomenológico existencial experimentalmente tão longe, quantitativa e qualitativamente, quanto Rogers, neste sentido.

---

## 5.
## A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial

Acredito que para entendermos e adequadamente avaliarmos o caráter e a contribuição fenomenológico existencial do paradigma de Carl Rogers, precisamos de um esboço, mesmo que tentativo, naturalmente, de características definidoras de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia.

É interessante observar que, nem Husserl, nem Heidegger, nem a fenomenologia da Psicologia da Gestalt (ainda que esta tenha uma contribuição importante, através das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein), é em **Franz Brentano** que vamos encontrar as raízes seminais da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, tais como elas aparecem em Rogers (e em Perls). O Brentano em cujas

concepções e métodos, inclusive, vamos encontrar raízes seminais das concepções das fenomenologias de Husserl, de Heidegger, da fenomenologia da Psicologia da Gestalt, das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein.

Em particular, e muito especialmente, no seu *empirismo especificamente fenomenológico*, e no seu *método aporético*, na sua *apor-ética*, (derivados estes de Aristóteles).

Naturalmente, não podemos esquecer, igualmente, as importantes raízes da *PPFE* (*psicologia e psicoterapias fenomenológico existencial*) na *tradição hermenêutica compreensiva* da *filosofia da vida* de Dilthey. E, daí, o seu prolongamento na *hermenêutica existencial* de Heidegger; que, ainda que não tenha sido uma influência direta sobre Rogers ou Perls (indireta, sim, via Medard Boss e Ludwig Binswanger), ajuda substancialmente a esclarecer o caráter *interpretativo -- hermenêutico*, no sentido *compreensivo*, fenomenológico existencial, e *poiético* -- da concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Não podemos esquecer, naturalmente, a influência de F. Nietzsche como uma raiz seminal. A influência monumental de sua obra sobre o pensamento ocidental, e, em particular, sobre a intelectualidade e o meio artístico e intelectual alemão e europeu, desde os anos do Século XX anteriores à segunda guerra mundial, e que é o caldo de cultura no qual vicejam o a fenomenologia, o existencialismo, e a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Em especial, a sua influência na constituição do movimento artístico e cultural do *Expressionismo*, que tanto determinou e influenciou o desenvolvimento da concepção e método da *PPFE* (psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais).

Nietzsche também chega, de um modo seminal, a estas abordagens, dentre outras influências, através das idéias psicoterapêuticas de Otto Rank, e das concepções filosóficas fenomenológico existenciais (...) de Martin Buber. Nietzsche exerceu marcante influência no desenvolvimento das idéias de ambos.

Nietzsche contribui, decisivamente, com o seu explícito e enfático apartamento do *pessimismo* que marca a filosofia de

Schopenhauer (pessimismo que marcará seminalmente a concepção da Psicanálise). E, através de sua compreensão de que a ***alegria trágica*** é a força maior da existência.

Especialmente, Nietzsche contribuirá com a sua radical postura de afirmação da vida. Com a sua reafirmação do *sentido do trágico* (*a vida merece ser radicalmente afirmada, mesmo quando ela é finitude, e mesmo quando ela é sofrimento...*), condição de potencialização do *retorno da vida*, condição da alegria, *sentido do trágico* recuperado aos gregos pré-socráticos.

Igualmente, Nietzsche contribuirá com o *perspectivismo experimental* de sua concepção do mundo, da verdade, da existência. Com a sua particular concepção de *experimentação* (radicalmente diferente da concepção científica de *experimentação*), num sentido especificamente fenomenológico existencial, e que caracteriza a sua *Gaya Scienza*, e que decisivamente marcará as concepções rogerianas (e de Perls).

As idéias, concepções e posturas de Buber, elas próprias, tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da concepção e método das *PPFE.* Tiveram uma grande influência sobre as concepções e método de Rogers, e de Perls. Em particular o esclarecimento de Buber acerca da dimensão ontológica do eu-tu, e de sua relevância para a geração e regeneração da existência humana; na reversão do decurso das coisas, do decurso do mundo e da vida coisificados, da fatalidade, e processo substrato da criatividade.

Podemos, assim, sumariar, tentativa e sucintamente (comentamos em seguida), alguns traços distintivos, e fundamentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, extensi-vamente experimentados por Carl Rogers (e por Perls), na vivência e elaboração de suas concepções e métodos.

Comentamos a seguir alguns desses aspectos, em termos de:

1. Ontologia;

2. Epistemologia;

3. Concepção da existência;

4. Concepção da abordagem;

5. Metodologia

**a. Ontologia**

Não pretendo aqui discorrer filosoficamente sobre Ontologias, ou ser exaustivo acerca da questão ontológica das *PPFE* (ainda que esta seja muito importante). Mesmo porque isto estaria fora de minhas condições. O que quero, antes, é apontar distinções fundamentais, e direções.

O que sobressai, num primeiro momento, é, seguindo a Nietzsche e a Brentano, uma ruptura e diferenciação radicais com relação à perspectiva platônica de cisão do mundo em um "mundo das essências" e um "mundo sensível". O mundo das essências privativo dos desuses e das essências; o mundo sensível, simulacro do mundo das essências em todos os seus aspectos, repetição piorada, pertinente à sensibilidade humana.

---

Para Nietzsche e para Brentano, a cisão não faz sentido. O mundo se dá exclusivamente na sensibilidade, como fenômeno, como vivência.

Esta perspectiva é uma base radical da Fenomenologia da tradição de Brentano, de Nietzsche, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Dada esta perspectiva ontológica da realidade, constituída sempre e exclusivamente como fenômeno -- perspectiva própria à Fenomenologia da tradição de Brentano, e à *filosofia da vida* de Nietzsche --, não podemos nos enganar com o existência dos termos "fenômeno", e "fenomenologia" na terminologia das

filosofias de Kant, de Hegel e de Schopenhauer.

Parafraseando Deleuze, não existe compromisso possível entre, de um lado, a Fenomenologia da tradição de Brentano e a filosofia da vida de Nietzsche, e, do outro, as filosofias de Kant, Hegel e Schopenhauer.

Pelo menos no que concerne à perspectiva ontológica básica do mundo como cindido em duas dimensões. Um "mundo fenomenal", da ordem da consciência e do sensível, e um "mundo essencial". Este designado por Kant como "numeno", "mundo em si", "coisa em si"; designado por Hegel de "espírito universal"; ou de "vontade" por Schopenhauer. Em contraposição sempre a uma dimensão fenomenal, consciente, e inacessível ao mundo essencial.

A Fenomenologia, tal como a designamos modernamente, e tal como ela se constitui como raiz das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, é a Fenomenologia da tradição de Brentano. Que rompendo com a perspectiva desta cisão do mundo em duas dimensões, dá origem às fenomenologias de Husserl, de Heidegger, de Sartre, de M. Ponty, a fenomenologia da psicologia da Gestalt, e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Esta precisão é muito importante. Na medida em que as filosofias de Schopenhauer, de Kant e de Hegel têm uma influência básica na constituição de um outro paradigma de psicologia e de psicoterapia, o paradigma psicanalítico, radicalmente diverso, neste sentido, do paradigma fenomenológico existencial.

## b. Epistemologia

Ao nível de sua vivência, o paradigma fenomenológico existencial não é um paradigma epistemológico, ou seja, um paradigma que privilegie o conhecimento, no sentido da

epistemologia formal.

Não que despreze o conhecimento epistemológico, mas a sua vivência característica é mais de natureza de um *desconhecimento*, de uma embriagues; do que da ordem do conhecimento formal, da ordem da lucidez. Como dizia uma colega de Teresina, mais da ordem de uma tomada de inconsciência, do que da ordem da tomada de consciência.

No vivido fenomenológico existencial toleramos, e cúmplice e amigavelmente acolhemos, o confusional organísmico, no qual a consciência lúcida se dissolve. Relativizamos o conhecimento e a consciência lúcidos. Em privilégio da originalidade da vivência fenomenal, pré-conceitual, dionisíaca, em suas intensidades corpoativas.

Naturalmente que a predominância de cada um dos modos de ser é tendencial. Hora predominando a consciência lúcida, ora a consciência embriagada da vivência corpoativa. Em proporções diversas de mistura a cada momento.

O importante é que, tendencialmente, não predomina, na vivência, o conhecimento lúcido, o conhecimento abstrato, conceitual, teórico, teor-ético e teorizante. De modo que a vivência não se interessa pelo conhecimento, mas mais por este desconhecimento corpoativo, que, ainda que conhecimento, é índice de sua reversão em direção ao organísmico, ao desconhecer mental e mentalizante.

Uma outra questão é a de que o existencial, o fenomenológico existencial, não se dá na dimensão das relações sujeito-objeto. Perspectiva fundamental ao empreendimento epistemológico, como ato de conhecer de um sujeito.

Como se constitui, então, a epistemologia, a filosofia do conhecimento, deste modo de desconhecer, deste modo de ser que é *um drible de corpo* na consciência, e na vontade de saber, é uma questão. Que interessa sobretudo aos científicos.

É importante precatarmo-nos de que, na vivência fenomenal, não estamos na ordem da ciência, mas na ordem da hermenêutica. Base sobre a qual uma ciência pode se assentar, e

que, como tal, subordina o empreendimento científico.

A vivência das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não é científica. As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não são científicas, não são da ordem da ciência.

E, se não o são, não é por serem menos – nem mais. Mas apenas em função do fato de que a existência, o existencial e sua resolução, não são da ordem do científico e do epistemológico. *A existência só se resolve existencialmente* (M. Heidegger). E a psicologia e a psicoterapia laboram, em essência, ao nível do existencial. Que não é acessível ao científico, nem ao tecnológico.

Uma ciência humana de uma humanidade não científica? É um desafio para quem se interessa.

Uma arte da ato-ação no âmbito do inter humano? É possível, e interessante. Por isso uma abordagem fenomenológico existencial vincula-se mais à perspectiva da arte do que à epistemologia da vontade de saber da ciência.

Apesar de não teórica a vivência, a teoria sobre ela é sempre possível, e sempre decorrente. Em particular, como teoria hermenêutica, e não exatamente como teoria científica, e epistemológica.

## c. Expressionismo

O *Expressionismo* foi profundamente influenciado pela *filosofia da vida* de Nietzsche, e desenvolve-se no rico "caldo" de cultura que dá origem à Fenomenologia e ao Existencialismo, e às *PPFE*.

O *Humanismo*, de filósofos do Século XIX, como Kierkegaard, Nietzsche, Brentano, que, para além de Hegel, buscavam resgatar a perspectiva da experiência humana como referência – resgatando as perspectivas de filosofias do

Renascimento, e de filósofos gregos --, teve, igualmente uma influência fundamental.

Subjaz ao *Expressionismo* a consciência de que o humano não é da restrição à ordem do real. Como Heidegger viria a colocar, posteriormente, em sua fenomenologia existencial: *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*

Os expressionistas, nas difíceis condições que determinaram a emergência de seu estilo, intuíam isto, de um modo forte. E entendiam que não é no modo da apolínea consciência lúcida, não é o modo da consciência teórica, da consciência reflexiva e conceitual, que nos permitimos a experiência fenomenal do vivido, a experiência da potência do possível, da possibilidade, e de seu desdobramento expressivo, ontologicamente definidor do humano.

O potente, possível e o seu desdobramento e atualização, ato-ação, ação, vivencia-se, apenas, experiencialmente, fenomenológico existencial-mente, vivencialmente.

E a primeira condição para permitirmo-nos a sua vivência, e a vivência fenomenal de seus desdobramentos, é o destronamento da hegemonia da realidade.

A realidade, como objetividade, o acontecido, a possibilidade realizada, e, por isso, despossibilitada, despossuída, coisificada.

A potência do possível, da possibilidade, impregna a vivência fenomenológico existencial.

A potente possibilidade não é da ordem do real. Meramente porque o *possível* não é *real*, não tem o estatuto da realidade, realizada. Condição maravilhosamente colocada na frase de uma mulher, personagem de prosa de Fernando Pessoa, sobre o momento de um encontro com duas amigas: *Estávamos* ***cheias de sermos nós****. E isso porque* ***sabíamos, com toda a carne de nossa carne, que não éramos uma realidade****.*

Isto os *Expressionistas sabiam de um modo claro.*

De modo que se propuseram em seu estilo a uma vigorosa relativização do princípio de realidade, do positivismo, e da própria realidade.

Desenvolveram, assim, um estilo *performático fenomenológico existencial*, dramático, de produção artística. No qual o artista concentrava-se na vivência fenomenal intuitiva de sua inspiração, buscando concentrá-la. Como uma mola contraída, prestes a soltar-se em distensão. Ou, como a musculatura contraída de uma pantera, prestes ao bote. Configurando-se *performance* expressiva -- na atividade da produção artística -- como ex-pressão corpoativa imediata desta concentração. Toda ela vivenciada fenomenológico existencialmente, ação, atualização de possibilidade. Insubmissa ao real e à realidade. Ao princípio de realidade, e ao positivismo do real.

A postura expressionista permitiu a expressividade cultural e artística, em particular em, tempos de terríveis opressões, e exerceu uma poderosa influência não só na arte, como na cultura de um modo geral.

Em especial, exerceu uma poderosa influência nas concepções e metodologias das *PPFE*.

Fritz Perls sofreu uma influência direta, na medida em que vivenciou, desde a adolescência, os experimentos de teatro expressionista de Max Reinhardt, na Alemanha.

A influência das concepções. metodologia e estilo do *Expressionismo* espalhou-se por todo o meio artístico e cultural da Europa e dos EUA, nos vários campos das artes. Aparecendo integrado nas concepções e metodologias das *PPFE* a partir dos anos 50. Na medida que, em particular, a questão destas era a da expressividade, a da vivência do vivido fenomenal, como fonte ontológica do humano, como fonte ontológica de geração e de regeneração, de potencialização, de atualização de possibilidades, e de criatividade existencial.

**d. Existencialismo**

Tomamos o termo *Existencialismo* aqui no seu sentido mais genérico, que envolve a filosofia da *existenz*, oriunda nas filosofias de S. Kierkegaard, e de F. Nietzsche, e que originam o existencialismo moderno, enquanto movimento filosófico, artístico e cultural; e a literatura *existencialista*, que aparece em particular em obras como a de Albert Camus, e de J-P Sartre.

É interessante observar que, mesmo ao nível do existencialismo, precisamos distinguir entre as várias raízes, e as particularidades que elas determinam.

Assim, é interessante observar que a perspectiva de raiz do existencialismo nas *PPFE*, tais como elas se apresentam, em seu caráter de hermenêuticas fenomenológico existenciais, nas abordagens de Rogers, e de Perls, provém de um modo importante da *filosofia da vida* de F. Nietzsche.

Ainda que tenham uma contribuição importante das idéias e posturas de S. Kierkegaard, é a particularidade da *filosofia da vida* de F. Nietzsche que constitui aspectos definidores da especificidade de sua concepção e metodologia.

Interessante, ainda, é notar que, na juventude Nietzsche aproximou-se da filosofia de Schopenhauer. Atraía-o sobretudo a possibilidade de que a filosofia de Schopenhauer resgatasse o *sentido do trágico* dos gregos pré-socráticos.

Nietzsche constatou que, de fato, a filosofia de Schopenhauer nada tinha de trágico, e apenas encharcava-se na perspectiva de uma soturna orgia de pessimismo.

Desde então, Nietzsche afasta-se da filosofia de Schopenhauer, no sentido de constituir a sua filosofia como um resgate da perspectiva trágica dos gregos pré-socráticos. Filosofia radicalmente afirmativa da vida, ainda que com o reconhecimento de que vida, finitude e sofrimento, necessariamente se imbricam. E de que a finitude e o sofrimento não são motivos para difamar e negar a vida.

A afirmação da vida, reconhecendo o caráter intrínseco da finitude e do sofrimento, é o que caracteriza o *sentido do trágico*

*nietzscheano.* A *afirmação trágica da vida*, mesmo quando da finitude e do sofrimento, é condição de criação, e de potencialização da vida. De potencialização das forças de seu retorno – retorno que lhe é característico e intrínseco --, condição de promoção de uma super abundâncias de forças de vida, da criatividade e da alegria.

Em Nietzsche, portanto, *o trágico é alegre; é condição da alegria, e da criatividade...*

De modo que não há como confundir, o existencialismo matizado pelo pessimismo schopenhaueriano, com o existencialismo alegre, trágico e potente radicado na filosofia de Nietzsche. Se não podemos dizer que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia otimista – *pessimismo e otimismo, uma questão de néscios*, dizia ele –, podemos dizer que a postura de afirmação da vida a ela característica, afirmação da vida mesmo quando do *mais negro sofrimento*, é condição da alegria. De promoção de uma superabundância de forças de vida, da potência do retorno da vida, da criatividade, e da alegria.

De modo que não podemos pressupor uma perspectiva pessimista, de viés schopenhaeriano, no existencialismo -- na verdade de raiz nietzscheana -- que dá origem às *PPFE*. Nem Nietzsche, nem o existencialismo de raiz nietzscheana, nem as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais devem a Shopenhauer neste sentido. Como a Psicanálise, por exemplo.

*Humanistas,* Kierkegaard e Nietzsche compartilham a aversão ao universalismo e ao idealismo da filosofia de Hegel. E, em particular, compartilham a aversão à desqualificação da subjetividade e do indivíduo, que é própria ao hegelianismo. Nietzsche acrescentará a sua aversão à valorização das paixões tristes. Rejeitam, assim o hegelianismo, e buscam constituir as suas filosofias como perspectivas, *humanistas,* que têm como referência a experiência humana, a existência e o existencial.

Kierkegaard postou-se, não obstante, numa perspectiva visceralmente religiosa, constituindo um existencialismo religioso. Podemos dizer que se ele rejeita e livra-se de Hegel, não livrar-se-á de Sócrates e de Platão. Alvos maiores, também,

da crítica Nietzscheana. Junto com Hegel, e com o cristianismo. As três mortes do sentido do trágico, segundo ele.

De modo que, sem negar a importância e a contribuição da filosofia de Kierkegaard, parece interessante entender que ela é limitada em termos da constituição do sentido das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Histórica e filosoficamente elas devem, em essência, à filosofia de Nietzsche a inspiração de suas peculiaridades fundamentais. Em especial aos poderes de geração e regeneração da existência, de criação e libertação, de sua perspectiva radical de afirmação da vida. O *sim dionisíaco.*

Neste sentido, da inspiração da concepção e do logos metódico das *PPFE*, é interessante constatar a observação nietzscheana de que *A existência não tem 'dentro'. Todo padrão de interiorização é doença* (oriunda esta da repressão da potência, do possível, possibilidade ex-pressiva, intrínseca ao existencial).

A existência é (como devir) a partir de onde e quando ela assim é como tal. (*Caminho por onde há espaço, meu tempo é quando...* – Vinícius). Sua ventura (de vento) é a vivida ventura soprada perenemente pela potência do possível, dada no vivencial, no fenomenal.

De modo que existencialismo, assim entendido, é a afirmação desta ventura. *Vida à ventura*, aventura. Como ousadia, audácia, de afirmação da potência do possível, dado na vivencia *eksistencial*. É a vida da ousadia e da audácia da aventura. Da experimentação, neste sentido, do *estilo experimental de afirmação de uma vida que experimenta* (Nietzsche).

As psicologia e psicoterapias fenomenológico existenciais partem de uma constatação e reconhecimento desta perspectiva existencial. E buscam compreender, definir e constituir, em suas concepções e metodologia, em seus estilos, condições para este modo de vivência, no contexto do trabalho psicológico e psicoterapêutico. Vivência aventuresca, audaciosa, do estilo experimental de uma vida que experimenta, e cria, e potencializa-se, na interpretação de seus possíveis.

Ação, atualização, condições para a atualização de possibilidades inerentes à vivência. Seja atualização ao nível

*meramente compreensivo* da vivência do cliente, seja ao nível *compreensivo-objetivativo* de sua experiência, na dialógica inter-humana da relação com o terapeuta ou psicólogo, e na habitualidade de sua vida. O resgate da habitualidade de um estilo ousado e audacioso, aventuresco, com relação ao vivido, à vivência da potência do possível, e à atualização do possível no vivido existencial entranhado.

Fundamental observar que, não raro, este possível é sofrimento, é finitude. Não há compromisso entre o possível e o agradável, entre o vivido e o sucesso. No meio da noite, Nietzsche, em seu *amor fati*, é o farol: *Eu abençôo todo sofrimento... Nada do que é necessário me ofende... O que não mata, fortalece...""*.

O que Nietzsche indica é que a afirmação integral da vida -- *mesmo a afirmação do mais negro sofrimento* -- se não abole a possibilidade do sofrimento, e da finitude – afinal, eles são intrínseco à existência, *podemos sofrer de uma super abundância de forças de vida, ou de uma falta de forças de vida...* – se a afirmação integral da vida não abole o sofrimento e a finitude, potencializa o retorno das forças da vida, como uma super abundância de forças de vida, como criatividade, e alegria.

## e. Concepção da abordagem

Em linhas gerais, a concepção e o método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais assumem uma perspectiva existencialista, tal como estamos descrevendo. Em particular, elas se esmeram em criar condições para a oportunidade (*kairós)* de uma vivência existencial, no âmbito da sessão e do processo dito psicoterapêutico, do trabalho psicológico ou da vivência grupal.

Estas condições envolvem a situação do terapeuta, do psicólogo, numa mesma postura fenomenológico existencial

experimental proposta para o cliente.

Trata-se de condições para que o cliente possa se entregar dialogicamente, e inter humanamente compartilhar, a sua entrega à concrescência de sua atualidade e atualização existenciais. De modo que ele possa vivenciar, na sua intensidade própria, os limites, as *aporias*, desta atualidade. O que envolve a vivência dos sofrimentos e finitudes dela decorrentes, mais ou menos agudos, mais ou menos cronificados, mais ou menos intensos. De modo a que possa secretar vivencialmente, fenomenológico existencialmente, os possíveis inerentes à potência da existência, e à superação, na atualização destes possíveis.

Fenomenológico existencial inter humano, no sentido dialógico que Buber descreve, o desempenho do terapeuta esmera-se, e apura-se, em abrir-se para o encontro, e para o desdobramento do encontro dialógico, com o cliente. Como co-laborativo, na laboração da vivência e das superações deste. Para isso, o terapeuta busca garantir certas condições de possibilidade deste encontro, e de sua performance fenomenológico existencial dialógica.

## f. Metodologia

Rogers foi um dos principais propositores de uma metodologia para o provimento do estilo de uma vivência experimental para o cliente no processo da terapia.

Desde o ataque guerrilheiro na desconstrução do moralismo em psicologia e psicoterapia, com a sua noção, e a valorização da noção, de *não diretividade*; passando pelas condições de criação de um clima terapêutico para o cliente: a *consideração positiva incondicional,* a *compreensão empática,* e a *genuinidade do terapeuta*. Até o estilo fenomenológico existencial empírico e experimental de facilitação de grupos. Neste ínterim a proposição de uma pedagogia fenomenológico existencial empírica e experimental.

Perls, fortemente bafejado pelo Expressionismo -- em especial pela experimentação teatral expressionista do audacioso

e ousado teatro expressionista de Max Reinhardt --, desenvolveu o forte sentido de uma dramática expressionista, experimental e inter humanamente dialógica, como metodologia na relação com o cliente. Co-laboração experimental, no processo da laboração existencial experimental da vivência do cliente de sua atualidade e atualização existenciais. Dos limites, das *aporias,* e dos possíveis vivenciados nesta atualidade e atualização. Co-laboração no processo da laboração do cliente na atualização destes possíveis, na superação de seus limites, dos limites de suas finitudes, de seus sofrimentos. Na potencialização de seu processo ativo, de sua criatividade fenomenológico existencial.

A *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial (v.), é uma condição hermenêutica fundamental da metodologia das *PPFE*.

A concepção de *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial, constitui-se na filosofia de F. Nietzsche, em particular no sentido de sua *gaya scienza.*

Enraíza-se consistentemente em toda a perspectiva nietzscheana da realidade e da verdade, como eminentemente *perspectivas*. A necessidade das perspectivas, da sua vivência, e da sua limitação por outras perspectivas.

Brentano, em sua linguagem, fala do caráter especulativo do ser. Que ele aborda através de seu empirismo aporético.

*Poria* origina-se de *poro* (grego), que significa *passagem. A-poria* significa limite, falta de passagem. Tanto para Nietzsche como para Brentano a existência se caracteriza por *aporias*. A evolução até o limite, a *falta de passagem.* Ambos entendem que, no limite da aporia está a possibilidade, e a possibilidade da poiese. Ambos assumem uma ética deliciosamente apor-ética. São *aporiófilos*; *aporiófilos é* o que são.

A *ética* é um modo de proceder.

E a apor-ética deles define-se por privilegiar o fenomenal, o vivido, a perspectiva. Afirmá-los, em suas características, intensidades e intensificações próprias; até o seu limite, a sua

aporia.

Este é o ponto próprio onde se detona o possível, como *poiese* (atualização de possíveis). Onde se detonam novas perspectivas, em suas intensidades próprias. Novas perspectivas que limitam as precedentes.

O gozo da intensidade e do fluxo da perspectiva, o gozo do limite de sua aporia, e o gozo da superação, na potência ativa de novas perspectivas. Este o sentido da experimentação existencial.

Sem dúvida que a experimentação é sinônimo de tentativa, de risco. O risco de tentar o possível, sempre latente. A experimentação, não obstante, não é facultativa, é intrínseca à condição existencial humana. Ao gozo e à resolução existencial.

Nietzsche8[1] observaria:

> *Porque o* medo *é a vossa excepção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.*
> *Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem*.

Pessoa colocaria a experimentação fenomenológico existencial, aporética, diríamos, de forma que só Pessoa:

> *Tudo o que me acontece*
> *O que se passa*
> *Ou finda*
> *É como um terraço*
> *Sobre outra coisa ainda*
> *Esta coisa é que é linda.*

8[1] NIETZSCHE, F. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Mira-Sintra, Europa América, 1978. p.203.

Pois bem, os psicólogos e psicoterapeutas são eminentemente *aporéticos*, *aporiófilos*. *Perspectivativos,* e *aporéticos*, *aporiófilos.* Assumem a radicalidade da afirmação do vivido, da afirmação da perspectiva vivida. E estão sempre interessados no limite, na aporia. Empiristas, assumem a vivência do curso, das intensidades e fluxos vividos da perspectiva; assumem e propõem a vivência da aporia, e a sua superação em novas possibilidades.

Como ponto de partida, é como se estivessem sempre perguntando ao cliente, *onde é que está o limite? como é que está o limite? como é que está o sofrimento da finitude vivida? ou não vivida? ou por viver?* E, como Nietzsche, implicitamente dirão sempre: *... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade.*

As raízes das concepções e metodologias das *PPFE* vão encontrar uma fonte fecunda, e das mais fundamentais, na filosofia do diálogo e do dialógico, de Martin Buber.

Buber contribui, em particular, pela compreensão do caráter ontológico do vivido fenomenológico existencial experimental, como relação, eu-tu, tal como ele designou.

Para Buber a vivência eu-tu resgata-nos da coisidade e da coisificação do modo eu-isso de sermos da cotidianidade. Existencial, o dialógico fenomenológico, eu-tu, demanda a entrega à concretude da atualidade existencial, em seus limites, finitudes, aporias, potências e sofrimentos. A partir daí pode determinar-se opção e superação. Que nos resgatam do decurso ilimitado do mundo e da vida coisificados.

Estes esclarecimentos de Buber foram fundamentais para a constituição progressiva do estado da arte das concepções e do logos metódico das *PPFE*. Em particular, no sentido do primado da entrega radical à concreude da existência, como abertura para o modo dialógico, eu-tu, de sermos e como estratégia de potencialização e de superação.

Mas, mais que isto, as considerações de Buber sobre o

dialógico, o eu-tu, entre as pessoas, *o inter humano*, e os *elementos do inter humano9[2]*, definem a análise de um conjunto de fatores que impedem o desenvolvimento da dialógica do inter humano; ao mesmo tempo em que permitem compreender e definir os elementos que o propiciam. Assim, propiciam o *inter humano*:

1. O privilegiamento do *ser*, ao invés do meramente *parecer*.
2. O privilegiamento do *inter humano*, que não é inerente ao meramente *social*.
3. O privilégio da *conversação genuína*. Ao invés do império do blá, blá, blá.
4. A *presentificação do outro*.
5. O privilégio da pedagógica *abertura*. Ao invés da *imposição* propagandística.

Todas estas, condições de possibilidade da dialógica do inter humano10[3]. Estas indicações de Buber serviram de preciosos guias para a definição do logos metódico do psicólogo e do psicoterapeuta fenomenológico existencial na sua relação com o cliente.

O *empirismo fenomenológico existencial* das *PPFE* é uma de suas características mais fundamentais. Devemo-lo originalmente a Aristóteles, tal como resgatado por Brentano.

Estas abordagens, como já observamos, privilegiam a imediaticidade vivida do desdobramento da dialógica pré-teórica, pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomeno-lógica e existencial. Seja do encontro entre o terapeuta e o cliente, seja a dialógica da vivência, no encontro, de cada um "consigo mesmo". Toda esta dialógica é, eminentemente, *empírica*; *fenomenológico existencial empírica.*

Podemos, assim, entender o primado de um caráter de

---

9[2] BUBER, M. op. cit.

10[3] v. em BUBER, Martin – *Elementos do Inter Humano* in BUBER, Martin – Do DIÁLOGO E DO DIALÓGICO. São Paulo, Perspectiva, 1985.

vivência eminentemente *empirista*, como logos metódico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Como primado de filosofia de vida, como primado de vivência para o cliente no âmbito do processo do trabalho psicológico e psicoterapêutico, como primado de vivência metodológica, no desempenho do psicólogo e do psicoterapeuta, ao longo do processo de seu trabalho.

Um caráter empirista, no sentido especificamente fenomenológico existencial, assim, como caráter metodológico fundamental.

O *empirismo* em si é uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação do conceitual, do teórico11[4].

Aristóteles em seu tratado *De Anima* oferece uma alternativa fundamental, quando propõe -- ao largo do uso de seu método empírico nas ciências naturais -- que a consciência, igualmente, deve ser metodologicamente abordada *empiricamente*. Ou seja, a consciência deve ser metodologicamente abordada empiricamente, na própria vivência de consciência. E não a partir de princípios e pressupostos teóricos.

Ele define, assim, a perspectiva do método de um *empirismo da consciência.*

Brentano12[5] segue a indicação de Aristóteles, e passa a esposar uma metodologia empírica de concepção e abordagem da consciência. Ou seja, uma abordagem da consciência na própria vivência da consciência, sem a mediação do teórico, e do conceitual.

A concepção e o método da Psicologia, assim como o método da Filosofia, passam a ser entendidos, a partir de Brentano, e em sua tradição fenomenológica, como o mesmo

---

11[4] LALANDE, A. op. cit.

12[5] ALBERTAZI, L., LIBARDI, M., POLI, R., (Editors) THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO. Dodrecht, Kluwe, 1996.

método empirista das ciências naturais.

Uma particularidade definidora é a de que Brentano compreende a *intencionalidade da consciência*: a consciência constitui-se como um *campo* em que a correlação sujeito e objeto já pré-existe de um modo indissociável, modo este anterior a qualquer possibilidade de separação, sujeito e objeto são cooriginais em sua intrínseca correlação.

De modo que o empirismo *fenomenativo* da consciência em Brentano só poderia ser um *empirismo do campo da consciência intencional* – que se situa, assim, fora da dicotomização sujeito-objeto. E não, evidentemente, um *empirismo objetivista*, característico do empirismo da tradição anglo saxã. Empirismo objetivista este que fundamenta, inclusive, o empirismo do seu *Pragmatismo*.

Empirismo objetivista (não fenomenológico), assim -- e Pragmatismo, nele fundamentado --, que, fora de uma perspectiva da consciência como *campo intencional*, situa-se na perspectiva da dicotomização sujeito-objeto. E, não só: situa-se, enfaticamente, no privilegiamento do objeto no âmbito desta dicotomização.

Questão fundamental esta, uma vez que a Fenomenologia e o *seu empirismo* apontam para um modo de ser ontologicamente fundamental. Modo de ser este que não se dá no âmbito do que podemos entender como a dicotomização sujeito-objeto.

Silvia Pimenta13[6], comentando a perspectiva e o perspectivismo da filosofia de Nietzsche, observa:

> *Não se trata portanto da impossibilidade de atingir uma realidade exterior aos nossos afetos, mas da* ***impossibilidade de distinguir*** **duas ordens** ***de realidade: subjetiva e objetiva, ideal e material, numênica e fenomênica.*** *Trata-se da impossibilidade de*

13[6] VELLOSO ROCHA, Silvia P., ABISMOS DA SUSPEITA. RJ, Relume Dumará, 2003.

> *transcendência:* ***o que quer que seja "o mundo", o homem é parte integrante dele, e não pode reivindicar a exterioridade que seria necessária para instituir a si mesmo como sujeito e ao mundo como objeto****. O percurso que conduz do homem ao mundo não é uma relação entre sujeito e objeto: sendo o homem uma* parte *do mundo e não uma instância a ele transcendente, a vontade de potência no homem constitui apenas um caso particular da vontade de potência em geral. Curiosamente, a filosofia de Nietzsche se aproxima aqui da concepção parmenidiana da identidade entre ser e pensar: entre o mundo e o ato de interpretar não há afinidade ou adequação, mas* identidade. (Velloso Rocha, 2003. p.65.).

De modo que, especificamente, o empirismo *fenomenológico* não é um empirismo *do objeto*. Mas um empirismo da vivência de consciência.

Da mesma forma, não permite uma *intersubjetividade*. Na medida em que se dá fora da dimensão da dicotomia sujeito-objeto, não dispondo, em seu momento, do sujeito, da mesma forma em que não dispõe de objeto.

Ainda que não se dê no âmbito da dimensão própria à relação sujeito-objeto. A vivência fenomenológica empírica é sempre vivência de *relação*, e tensão de diferença, de alteridade. A dualidade de relação da vivência fenomenológico existencial empírica se dá como a dualização da relação eu-tu.

Quando ocorre a diferenciação sujeito e objeto já não se está mais no modo de ser dialógico da vivência.

Assim, o *empirismo da consciência fenomenal* da fenomenologia da tradição de Brentano é um *empirismo fenomenológico da vivência de consciência intencional*, um empirismo ativo, cujo solo e natureza é radicalmente diferente dos do empirismo objetivista.

Carl Rogers, F. Perls, F. Brentano, F. Nietzsche, Paulo Freire (vale dizer) eram, assim, empiristas. Mas empiristas neste

sentido fenomenológico existencial dialógico. E, jamais, empiristas no sentido objetivista do termo.

Caracteristicamente, a crítica teórica encontra algo de vazio e inconsistente na obra desses empiristas. Isto se dá, exatamente, porque eles não são teoréticos. Eles são *empiristas poiéticos.* Que se definem pelo privilégio da vivência de consciência, e da vivência do ato, da ação: da atualização do possível, que só no âmbito do seu *pathos* (*empathia*) pode evidenciar-se, efetivar-se.

Isto não quer dizer que suas concepções não gerem uma teoria, não sustentem, e não se sustentem, em uma teoria. Ou que da vivência de seu método não se possa derivar uma teoria. Muito pelo contrário, a definição de seu método cristaliza-se teoricamente. E teorização pode emergir da vivência de seu método. A característica, não obstante, é a de que a vivência de seu método é a vivência momentânea de um modo não teórico, fenomenal, de sermos. Um modo no qual vivenciamos o possível, e a sua atualização. Ou seja, um modo de sermos no qual o possível é possível, e se desdobra.

Nada contra a teorização anteriormente aos momentos especificamente *empíricos*, e não teóricos. Ou posteriormente.

Carl Rogers, por exemplo, era, definitivamente, um empirista. Um empirista radical. Um empirista da vivência dialógica do inter humano.

Isto é preciso que se entenda, e se explicite.

Mas é necessário que, igualmente, se entenda, e se explicite, que, radicalmente empirista, Carl Rogers nada tinha do empirismo objetivista, do empirismo pragmatista, do empirismo positivista. Por mais que isto não tivesse ficado conceitualmente claro, muitas vezes. E por mais que o confundissem, explicitamente, ou não, muitos de seus seguidores.

Uma coisa é a "empatia" objetivista, com toda uma série de adornos da moda e peduricalhos possíveis. Outra coisa é a empatia na dialogicidade do inter humano, fenomenológico existencial dialógica, e empírica.

Carl Rogers prigilegiava radicalmente a vivência dialógica *empírica*, e *empática – patética*, *peripatética* --, do *encontro* com a pessoa, do encontro com o grupo. Nada de conceitos a intermediar este encontro. Nada de técnicas ou de outros recursos comportamentais. Nada de moralismo ou de pretensões científica, ou cientificistas. Nada de teoria, de teorização, de teorética. O que interessava fundamentalmente a Rogers era a empiria dos momentos dialógicos de vivência do encontro; o que quer dizer, a *empiria* da vivência da *poiética* da dialógica do encontro. Da vivência *empáthica* da dialógica do possível, e de sua interpretação (desdobramento), atualização, inerentes à empiria da vivência de consciência fenomenal.

As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia primam assim pelo privilegiamento do âmbito vivencial fenômeno-lógico existencial, pelo âmbito da *compreensão*, e do desdobramento do possível que lhe é inerente.

Em essência, a *explicação*, que se diferencia fundamentalmente da *compreensão* (em particular porque *não há explicação que possa levar à compreensão* – Takuan Soho), a *explicação*, é absolutamente secundária para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Se *Freud explica*, primordialmente as abordagens fenomenológicas não estão interessadas na explicação.

Os psicólogos, os terapeutas fenomenológico existenciais, em essência, não *explicam*. Eles *implicam*.

No sentido de que eles não são exteriores e alheios à dialógica alteritativa do encontro inter humano com o cliente. É a esta dialógica que eles querem privilegiar, e a ela pertencer implicativa-mente, compreensivamente.

A arte que eles buscam cultivar é da performação como

partícipes no próprio âmbito desta dialógica. Como forma de potencializar a situação do cliente no âmbito de sua própria vivência dialógica, na dialógica da vivência de sua relação com o terapeuta/psicólogo, na dialógica da relação em seu ser-no-mundo.

De modo que ele possa vivenciar compreensivamente, e no desdobramento de sua compreensão, vivência, a sua atualidade e atualização fenomenológico existenciais; suas perspectivas, limites, aporias, e superações.

Compreensão e desdobramento de compreensão; vivência e desdobramento de vivência, como atualização de possibilidades, que em hermenêutica fenomenológico existencial entende-se como *interpretação fenomenológico existencial*.

Classicamente, a *Hermenêutica* é entendida como *a arte da interpretação*. De modo que as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais são, em essência, e propriamente, hermenêuticas fenomenológico existenciais.

Aparentadas da arte, porque a arte é irmã gêmea da existência... A arte é uma ética, est-ética, de afirmação estésica da existência. *Estética* de afirmação vivida da vivida afirmação que é já a potência da existência e da existenciação, em suas perspectivas espontâneas e gratuitas, em seus limites, sofrimentos, superações, alegrias...

Nem teorética, nem prática... poiética. Patética.

**Algumas questões**

Carl Rogers entendia a sua abordagem como sendo uma abordagem fenomenológico existencial14[7]. Entendia que a *tendência atualizante*, que ele preconizava como fonte básica da motivação humana, só operava fenomenologicamente. As condições que ele constituiu como condições de criação de um clima terapêutico – quase tão faladas quanto mal entendidas – são condições fenomenológicas. As características do *funcionamento ótimo da personalidade* são características eminentemente fenomenológico existenciais.

Rogers sofreu uma influência importante das psicologias fenomenológico existenciais de Abraham Maslow e de Rollo May, introdutores da psicologia fenomenológico existencial nos EUA, influenciados pelos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, em particular Medrard Boss e Ludwig Binswanger, que buscavam constituir uma psicoterapia fenomenológicas a partir da fenomenologia de Heidegger. O livro *Existence15[8]*, de Boss e Binwanger, dentre outros, publicado originalmente na Europa, teve sua publicação nos EUA patrocinada por Maslow e por May. Rogers fez a revisão da obra.

No entanto, Rogers, de um modo geral, não tematizava de um modo mais sistemático e explícito os fundamentos fenomenológico existenciais de sua abordagem, ainda que teorizasse de um modo bastante significativo. Progressivamente, os escritos de Rogers foram se tornando cada vez menos teorizantes, cada vez mais ensaísticos. Registros dos processos de sua experimentação em psicologia e psicoterapia, em particular no desenvolvimento e vivência de seu modelo de trabalho com grupos.

Certamente que a indisposição de Rogers para um

14[7] ROGERS, Carl, KINGET, M. PSICOTERAPIA E RELAÇÕES HUMANAS. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

15[8] MAY, Rollo (org.) EXISTENCE.

maior aprofundamento teórico advinha de suas influências empiristas.

Mas o propugnador incansável da concepção de empatia no âmbito da psicologia e da psicoterapia não podia ser simplesmente um empirista objetivista. O Carl Rogers que acolheu as concepções fenomenológicas da psicologia organísmica de Kurt Goldstein, como *tendência atualizante, auto-atualização organísmica, avaliação organísmica da consciência,* não podia ser simplesmente um empirista objetivista Rogers não se filiava ao empirismo do Pragmatismo, nem ao empirismo anglo saxão, de um modo geral. Não se filiava ao comportamentalismo. Ainda que não estivesse bem desenvolvida a explicitação e o esclarecimento da vinculação de suas concepções à Fenomenologia e ao Existencialismo.

No seu modelo de trabalho com grupos, a partir de 1974, há uma depuração e radicalização das características fenomenológico existenciais de seu modelo. Há uma relativização das idéias de tendência atualizante, e mesmo de *condições terapêuticas* no contexto do grupo, para centrar-se no provimento de condições hermenêuticas para o desdobramento da dialógica do encontro grupal.

O fato, entretanto, é que Rogers pouco tematizou os fundamentos fenomenológicos de suas concepções, ainda que estas se caracterizem de um modo muito específico pela perspectiva fenomenológico existencial.

O fato, entretanto, também, é que a frágil explicitação e desdobramento dos fundamentos fenomenológico existenciais da abordagem rogeriana faz com que suas concepções, e o arcabouço teórico geral de sua abordagem se fragilizem. Gerando dificuldades para a reprodução de seu conhecimento, e formação de novos profissionais a ela aderentes.

Alguns conceitos estão, em função disto, pobremente elaborados. Alguns flagrantemente inconsistentes e superados.

O conceito de *tendência atualizante*, por exemplo. Sua

concepção vincula-se a uma perspectiva biológica. Quando as questões pertinentes à terapia, ao trabalho psicológico, à facilitação de grupos, dizem respeito não a uma dimensão biológica, mas à dimensão fenomenológico existencial. A explicitação desta concepção segundo a perspectiva fenomenológico existencial permite a assimilação da tendência atualizante à dimensão do possível, da possibilidade compreensivamente vivida. E a concepção de seu desdobramento à noção de interpretação fenomenológico existencial. E à compreensão do modelo rogeriano como uma hermenêutica fenomenológico existencial.

Por outro lado, a noção de *compreensão*, na concepção de *compreensão empática* – tão importante na concepção da abordagem rogeriana -- filia-se à concepção de *compreensão* da filosofia da vida de W. Dilthey – a reprodução em mim, um ser vivencial, da vivência de outro ser vivencial. Martin Heidegger foi influenciado por Dilthey, e desdobrou as suas concepções, concebendo a *compreensão* como a própria constituição do sentido, ao nível do ser-no-mundo. Diferentemente da perspectiva de Dilthey, a compreensão desta forma concebida deixa de ter uma concepção objetivista, ou subjetivista, já que a vivência de ser no mundo se dá fora da dicotomização sujeito-objeto. A *compreensão empática* pode assim ser compreendida de um modo mais próprio, em particular no sentido de seu caráter dialógico.

Assim, desvendar as raízes fenomenológico existencial das concepções de Rogers, da abordagem rogeriana, permite uma apuração de seu sentido, uma apuração do sentido das concepções de Rogers. A superação de processos degenerativos da abordagem, e uma continuação da sua produção e reprodução.

---

## 7.
## Concluindo.

O trabalho de Carl Rogers é qualitativamente muito significativo. Ainda que de certas óticas, este significado possa parecer ambíguo. Seu trabalho oferece a concepção e método de uma profícua abordagem de psicologia e de psicoterapia para o

trabalho na chamada "clínica" psicológica, no trabalho com grupos, no trabalho no âmbito da psicologia comunitária, da psicologia hospitalar, na psicologia organizacional e do trabalho, na psicologia educacional... Rogers contribui fundamental e diferenciadamente, de um modo teórico e fenomenológico existencial experimental, com a constituição de um modelo fenomenológico existencial experimental de psicologia e de psicoterapia. É, sem dúvida, um gigante neste sentido.

Naturalmente que, nas condições em que ele viveu e trabalhou, há ambigüidades, imprecisões, equívocos. Alguns, intrínsecos ao empreendimento pioneiro de constituição de um modelo fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia. Alguns, devidos a fatores e conflitos culturais. Outros, devidos às limitações das informações sobre a ontologia, concepção e metodologia fenomenológica, e sobre o existencialismo. Nada disso compromete a substância e importância de sua contribuição, quer seja em termos conceptuais ou em termos metodológicos.

Rogers transita, ao longo de sua vida, e de sua obra, desde âmbito moralista, puritano, religioso; na direção de uma abordagem genuinamente fenomenológico existencial experimental. Ao chegar, por exemplo, à culminância de sua obra, na concepção e experimentação da metodologia fenomenológico existencial experimental empírica do trabalho com grupos.

Teve um influência importante da psicologia acadêmica norte americana, dos livre pensadores norte americanos, como Emerson e Thoreau. Mas encontrou Kierkegaard e Buber já no seminário teológico, anteriormente a sua carreira de psicólogo. Como psicólogo, já, recebe as influências marcantes de Abrahan Maslow e de Rollo May. Estes mediam de um modo importante a chegada até Rogers da psicoterapia fenomenológico existencial européia, dos heidgerianos Boss e Binswanger. Os gestálticos (da Psicologia da Gestalt) chegam, de um modo substancial, através dos seminais trabalhos de Kurt Goldstein e Max Wertheimer, emigrados para os EUA, após uma já longa e profícua vida produtiva dentro da tradição fenomenológica da Psicologia da Gestalt, na Europa. E é fundamental, no desenvolvimento de suas concepções e metodologia, o intercâmbio com Otto Rank, emigrado da Europa, para a

Universidade da Pensilvânia. Rank trazia, sobretudo, e mais uma vez, a influência de Nietzsche no desenvolvimento de sua abordagem de psicoterapia. E teve uma substancial influência sobre Rogers.

Se existem imprecisões, impropriedades, equívocos, nas formulações de Rogers, a partir da perspectiva da ontologia e metodologia fenomenológica e existencial, estes podem ser entendidos, como falamos, como conseqüências naturais do pioneirismo de Rogers, e de suas condições culturais, sociais e históricas específicas.

Afinal, no seu ambiente cultural e acadêmico, fortemente empirista -- num sentido objetivista do termo --, e pragmatista, o que quer dizer igualmente empirista objetivista, Rogers desviou, configurando-se como um empirista substancialmente fenomenológico, e desenvolvendo uma obra, influenciada pelas perspectivas de um Kierkegaard, de um Buber, de um Binswanger, de um Brentano, de um Goldstein, de um Wertheimer, de um Otto Rank, em especial.

Certamente que não era fácil discriminar o caráter empirista da Fenomenologia e do Existencialismo naquele momento nos EUA. Ao mesmo tempo, cabia evitar uma concepção idealista da Fenomenologia, fortemente rejeitada, naturalmente, no âmbito de um empirismo objetivista. Por entre Brentano, Husserl, Heidegger, Sartre, Psicologia da Gestalt, tensões entre o modo americano e europeu de conhecer... não era fácil encontrar um caminho.

Coerentemente, Rogers foi pela via do empirismo, e o empirismo que só podia ser o empirismo fenomenológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia.

No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teoria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodologia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.

O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida

produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experimentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de concepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.

Entender a abordagem rogeriana é, certamente, entender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da *focalização*, ou das meras *condições de criação de um clima terapêutico* (ainda que elas sejam importantes).

Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.

Não fazemos justiça a Rogers enquanto não compreendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.

Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre este modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na perplexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.

Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenologia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cultural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, dificultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Maslow, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brentano, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais interessado na experimentação fenomenológico existencial empírica de seu modelo.

A teoria e a teorização são, entretanto, fundamentais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teorético, não teorizante, *em sua vivência*. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da

transmissão dele a novas gerações.

A situação assim da teoria, a sedução pela "facilidade" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeriana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüentemente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas concepções e métodos.

Isto não faz jus, naturalmente, à importante e substancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.

O modelo de Rogers contribui efetiva e substancialmente neste sentido.

Resta-nos o desafio de uma compreensão, experimentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenológico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em termos conceituais e metodológicos.

# 1.
# Carl Rogers.
# Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretensioso.

De várias formas. E aqui nos interessa sobretudo no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita.

Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico (Buber), na tradição de Brentano. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da *tendência atualizante*, Carl Rogers já tinha ido, experimentalmente, além; no sentido do logos metódico de um empirismo humanista*, fenemenológico existencial, dialógico, em psicologia e psicoterapia, no âmbito das relações humanas.

Desinvestido de qualquer pressuposto de *condição e desempenho técnicos*, na sua atuação. Destituído de aspirações *científicas* tradicionais. Ou de veleidades *práticas*, e *pragmáticas*. Destituído da crença na efetividade do *teórico* e da teorização, e do *moralismo*, em particular, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas. E, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando naturalmente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

---

* Na tradição do *Humanismo* de filósofos do Século XIX, como Brentano e Nietzsche, que voltavam à Filosofia do Renascimento, e aos gregos pré-socráticos, na recuperação da vivência humana como critério.

Como meio e como via, como *jeito de ser*, do psicólogo e do psicoterapeuta, do educador, da pessoa -- em processos de *co-laboração* na potencialização de metamorfoses, e de estilos existenciais de vida1[1] --, o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, de privilegiamento, e de afirmação experimental, dos momentos de ***dialógica interhumana*** (Buber)**.**

O sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se numa postura de afirmação experimental da *concrescência fenomenológico existencial da existência*, na pontualidade de seus desdobramentos. Consistentemente arraigado em pré condições de respeito radical -- pessoal e metodológico -- pela alteridade, pela diferença, do cliente; e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal. Como imprescindíveis condições do privilegiamento do *encontro*, nesta *dialógica interhumana*. O *encontro c*omo vivência de *momentos de um modo de ser* generativamente existencial, *existenciativo, poiético*.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver -- na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo, à guisa de metodologia -- a obstinação mansa e rítmica de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento, radical, da mera, nua, crua, e simples, *dialógica interhumana*. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas paciente, pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, *o deserto começasse a florescer.* Ou, como dizia John Wood, *até que a orquestra se afinasse*, e estivesse em condições para uma 'performance poiética'.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Carl Rogers, muito freqüentemente, em suas concepções e posturas metodológicas. Mal entendido pelos 'de fora'. E, freqüentemente, mal entendido por muitos dos "de dentro", que assumiam a incorporação de seu modelo.

Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o *simples* pelo *simplório.* Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, *empirismo humanista* , fenomenológico

---

1[1] BUBER, Martin EU E TU. São Paulo, Cortês, 1983.

existencial, dialógico, *na relação inter humana*.

Substituindo por atitudes retóricas, e estereotipadas, ou meramente manipulativas, a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência de confirmação da, e de interação com a, diferença do outro; negando-se à vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil, como tal, à germinação da ação, da criação, da *existenciação*.

Não muito longe, outros, por captarem o modelo rogeriano em fases primitivas, quando ainda havia uma referência importante, e mesmo a aspiração de um certo cientificismo. Com surpresa, os vemos hoje em dia tentando interpretar o modelo rogeriano pela via de um cientificismo pseudo científico. Inscientes, talvez, do finíssimo e precioso trabalho de Rogers na superação não só do cientificismo, mas do próprio paradigma científico em psicologia e psicoterapia, em privilégio do que permite, potencializa e engendra o existencial. Perderam o bonde?

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers. Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de *técnicas*, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, certamente, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela *questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas*, e, portanto, ao nível do método em psicologia e psicoterapia. E compreendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos, essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A *existência*, como observou Heidegger2[2], *resolve-se apenas existencialmente*. E Rogers compreendia muito bem, e profundamente, isto. Da mesma forma que entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre latente, iminente e atual, do abuso da impropriedade de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação, e uma das primeiras

2[2] HEIDEGGER, M. SER Y TIEMPO. México, Fondo de Cultura, 1985.

condições de método, dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido, Rogers, pelos científicos. Que – pertinentemente -- não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados. Nunca entenderam estes, evidentemente, o sentido propriamente fenomenológico existencial de *experimentação.*

Bem antes dos cientificistas pseudo científicos em psicologia -- alguns mesmo dos que se dizendo *rogerianos*, de hoje (pasmem!) --, Rogers entendeu que -- da mesma forma que o paradigma técnico -- o paradigma científico não dava conta do vivido fenomenativo, no qual o possível é possível. Nem se aplicava à, *ato-ação* ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura como sendo da ordem do modo humano de ser da ação *poiética*, e não da ordem do *epistemológico*.

Não é porque é *menos*, que o fenomenológico existencial não é da ordem do científico. É, apenas, porque o científico não dá conta do existencial, que nem mesmo da ordem da realidade é. Quanto mais da ordem da objetividade. Diria pessoa pela boca de uma sua personagem,

> *Estávamos cheias de ser nós. E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade*.3[3]

Bem ao gosto de Nietzsche4[4], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao empistemológico, e epistemofílico, pressuposto científico da *busca de verdades.* Não se conforma às esferas do conhecer, e do conhecimento, e de suas

---

3[3] PESSOA, Fernando – O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS.

4[4] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE. F. GAYA CIENCIA,

vontades.

Não é por outro motivo que *o coração tem razões que a própria razão desconhece* (Pascal); e que *seria enloquecedooooooorrrrr se amor tivesse a ver com verdade...* (Maffesoli). Mas, mais propriamente, o existencial, experimental, a-ventura-se, de um modo essencial, na incerteza, e na improvisação, da potencia criativa, na possibilidade humanamente ontológica da criação da realidade e do verdadeiro.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados. Moralistas que, similar-mente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a *enorme* inutilidade e "desperdício" de tempo e de recursos da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, certamente, de que, em sua especificidade, a existência humana -- eminentemente da ordem do modo de ser do *poiético* -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível deste humano modo de ser que ***não é*** da ordem do modo de ser no qual se dão o *útil* e a *utilidade.* Humano modo de ser, que sem prejuízo do prático e da prática, não é da ordem do modo de ser no qual se dão a prática, o valor do prático e da pragmática.

Ainda que deste fenomenológico existencial *poiético* modo de ser tudo provenha; e, paradoxalmente, provenham, inclusive, em suas especificidades, todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber5[5], com essencial propriedade, o modo humano ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil e da utilidade, como não o é, igualmente, da ordem do modo de ser no qual vigoram os fins e os meios; não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, não é da ordem do modo de ser em que vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; a sua fatalidade; nem mesmo é, como observamos, da ordem do modo de ser que entendemos como *realidade*, no sentido *objetivo* do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teoréticos... Que *resolvem* o mundo em sua abstração... Para os teóricos, Rogers, a *santa incoerência*... Uma verdadeira *metamorfose ambulante*. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos, em uníssono, e estereotipadamente, balançam, desaprovadoramente, a cabeça, diante do paradigma rogeriano.

Sem se precatarem de que, fundamentalmente, Rogers compreendera, em sua efetividade, a distinção específica entre teoria e existência, a distinção entre ação e teoria. Rogers intuíra a distinção entre *explicação* e *compreensão*, e intuíra que *não existe explicação que possa levar à compreensão* (Takuan Soho). E estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana -- com suas questões, com suas crises, superações e crescimento; para lidar com a sua efetiva e específica possibilidade de ação --, é imperativo fazer-se ao largo do teórico, da teoria e da teorização, e direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso (*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...*), e ontológico, modo existencial de sermos. Que é *perfeita* aderência à ação, à incerteza, e ao devir, fenomenais. E que, especificamente, e por definição, e radicalmente, não é da ordem do modo de sermos em que somos teóricos e conceituais, explicativos.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está

---

5[5] BUBER, M. Op. cat.

aí a sua obra escrita. Mas, ainda que se interconectem, e interajam, cada coisa em seu lugar.

Aliás, é de capital importância entender que a *vivência empírica* é, por definição, não teorética; mas que existe uma diferença fundamental entre o empirismo *objetivista*, tradicional na cultura anglo-saxã, e o empirismo *fenomenológico* em termos do teórico, da teoria e da teorização: o empirismo objetivista é radicalmente contrário, e avesso, à teoria e à teorização. O empirismo fenomenológico não é avesso ao teórico, à teoria e à teorização. Ou seja, igualmente para o empirismo fenomenológico, a vivência empírica é caracteristicamente não teorizante, e não se assenta sobre teoria. Mas a teoria pode constituir-se como um outro e relevante momento, a partir da vivência não teórica. Da mesma forma que a teoria pode constituir-se como elemento das condições de sua hermenêutica.

De modo que, desde Brentano, não há, para o empirismo fenomenológico, um preconceito e uma aversão ao teórico, à teoria e a teorização. Eles são possíveis e necessários, desejáveis, ainda que sejam estranhos e heterogêneos com relação aos momentos particulares da vivência empírica. Que, fenomenológica, não comporta a dicotomia do eixo de referência das relações de sujeito-objeto. Da mesma forma que, evidentemente, não poderia privilegiar o pólo objeto desta relação, constituindo-se no campo da objetividade, como objetivista.

O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e com as dificuldades existenciais neste processo de superação; lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia. Rogers entendeu que a atuação, a efetivação, desta potência humana de superação se dá, especificamente, no âmbito do modo de sermos que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Modo de sermos a que ele, seguindo a Goldstein, denominava de *experiência organísmica.* Modo de sermos a que Dilthey e Heidegger, guardando as devidas particularidades, chamavam, respectivamente, de *vivido* e de *ser-no-mundo.* E como atuação do que ele chamava, e entendia, como *tendência atualizante humana.*

No âmbito próprio da vivência momentânea deste modo

fenomenológico de sermos, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, impróprios. Quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de sermos demanda outras habilidades, equivalentes às de um dançante, ou as de um nadador, ou de um artista, em suas atividades próprias.

A questão de Rogers, portanto, era a da experimentação, da definição, e desenvolvimento, de uma concepção e de uma metodologia não teorizantes em psicologia e psicoterapia, no trabalho com grupos, e nas áreas a que ele posteriormente se dedica. Uma metodologia não teorizante, fenomenológico existencial empírica, de vivência, para o cliente, a partir de condições e atuação colaborativa e sinérgica, igualmente fenomenológico existenciais empíricas, por parte do terapeuta, psicólogo, educador. Concepção e metodologia fenomenológico existenciais empíricas, poiéticas, mais aparentada do modo artístico de funcionamento, o que quer dizer, não teorizantes, não técnicas, não moralistas, não científicas, não práticas.

Quanto a sua própria teorização, Rogers, assim como Perls, viu-se preso, e desafiado, portanto, na experimentação e na elaboração experimental da teoria e da teorização, e na elaboração do logos metódico, de uma concepção e metodologia de psicologia e de psicoterapia no âmbito da atuação de um modo de ser,. radicalmente não teórico e não teorizante. Fenomenológico, existencial, empírico. Modo de ser próprio da existência e da existenciação, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; modo de ser próprio à dialógica inter humana, interpessoal, e coletiva.

E, coerente, e concernentemente, a sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos e explicativos, cada vez mais ensaística, à medida que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas, fenomenoativas, do próprio modo de ser da existência. Atitudes cada vez menos explicativas, e teóricas, cada vez mais implicativas e compreensivas.

Rogers sempre privilegiou, como atitude metódica, e

como proposta de vivência para o cliente, a experimentação fenomenológico existencial. A dialógica inter humana entre terapeuta e cliente. A linguagem dialógica inter humana da existência. *Patética.* E, com isso, desdobrou e abriu possibilidades preciosas e muito fecundas para a psicologia, para a psicoterapia, para o trabalho ao nível do humano.

Possibilidades nem sempre compreensíveis, em sua essência e características próprias, a partir de um ponto de vista teórico. Ou de um ponto de vista pragmático.

É fundamental considerar deste ponto de vista a obra teórica de Rogers. A sua evolução à medida que se desenvolve a sua experimentação, a natureza especificamente não teorizante de seu método, e a própria perplexidade da experimentação profissional de uma metodologia, que por existencial, era especificamente empírica, não teórica, não conceitual. Daí o caráter essencial e grandemente aberto de sua obra teórica.

É muito importante considerar que a elaboração do paradigma rogeriano, um paradigma não teorético, e, por isso, *empirista* – neste sentido *fenomenológico existencial dialógico* --, se dá, exatamente, no âmbito cultural hegemônico e forte de um *empirismo.* Mas, especificamente, no âmbito do ***empirismo objetivista***, vigente na cultura norte americana e anglo saxã. Carl Rogers destaca-se, assim, com a contribuição de uma concepção e método de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existenciais empíricos, radicalmente heterogêneos com relação ao empirismo objetivista então predominante.

Tudo isto aponta para questões extremamente importantes, que dizem respeito, por exemplo, ao fato de que, ainda que sua teorização seja importante, o fundamental, em termos da obra de Rogers, não é exatamente a sua teorização, mas a sua metodologia não teorizante. Ou seja, o melhor ponto de vista para a compreensão e a apreciação do paradigma rogeriano não é exatamente o ponto de vista de sua teoria. E, neste sentido, é importante considerar a insuficiência da teorização, mesmo a teorização de Rogers, para captar e expressar teoricamente a especificidade de seu logos metódico. Até porque, ao morrer ele apenas iniciara, experimentalmente, a

definição de sua concepção e metodologia em termos fenomenológico existenciais empíricos.

O mesmo podemos dizer com relação ao ponto de vista científico, com relação ao ponto técnico, com relação ao ponto de vista prático, e com relação ao ponto de vista pragmático. Como pontos de vista inespecíficos e impróprios para a apreensão e compreensão do existencial, do fenomenológico existencial empírico, e, portanto, do paradigma rogeriano.

Como observamos, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que a teoria e a teorização não sejam importantes no seu âmbito, ou que não existe, na sua aprendizagem, na sua reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é o teórico um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas, quando efetiva, no caso do paradigma rogeriano, trata-se da teorização de um paradigma cuja vivência, especificamente não teorizante, é qualitativamente descontínua com o teórico. Da mesma forma que podemos contemplar e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimento e habilidades, que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais, fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos, empíricos enfim.

É interessante observar que Rogers movimentou-se e evoluiu, em termos humanistas, dos contrafortes norte americanos da ciência positivista, e *objetivamente* empirista -- e do moralismo religioso puritano --, em direção ao existencial, ao empírico fenomenológico existencial, corpo-ativo. Em sua trajetória, guardava em si, desde o início, o germe do

fenomenológico, e do *empatético.* Mas esta trajetória careceu de se configurar como uma imensa atividade de desconstrução. Imensa -- não tanto em quantidade como em qualidade -- atividade de desconstrução em psicologia e psicoterapia do paradigma objetivista, do paradigma técnico, do paradigma científico, do paradigma moralista, do paradigma pragmático, e do paradigma prático...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da nua dialógica interhumana – ou *interlógica diahumana* -- de sua empatética, um imenso trabalho de desconstrução, de cascavilhamento e de experimentação fenomenológico existencial já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um *ponto zero*. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empatética.

Podemos ver que, se, por um lado, a sua teoria vai ganhando um caráter despretensiosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia, e mesmo método fenomenológico existencial – ao qual ele vai aderindo de um modo cada vez mais radical; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma *tendência atualizante*, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitações.

## 2.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Na medida em que consideramos a dimensão existencial humana, as suas crises e questões, e as suas resoluções, necessariamente especificamente existenciais, compreendemos que a concepção e a metodologia de Rogers são muito sensíveis e refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou às vezes quase que epidêmica entre os "centrados".

Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método, e a própria concepção e método, de Rogers foram mal compreendidos, ou mesmo desconhecidos. E sua abordagem freqüentemente entendida, ironicamente, como o modelo pronto do objetivismo, ou da pragmática, de uma certa tecnologia da compreensão, adoçada de fragmentos açucarados da retórica de uma imprecisa ideologia dita "humanista".

---

Como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers atualiza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dimensão do existencial, com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano; incompatíveis com a sua empatética. Foram-se, então, na vivência do logos metódico do paradigma rogeriano, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições definidoras específicas de uma *prática.*

Cascavilhando experimentalmente, Rogers buscou as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos

metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade, um dos pilares clássicos de seu paradigma, que marca o seu afastamento do paradigma moralista.

A não diretividade é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da "experienciação". A *empatética -- patética*, *peripatética* -- do privilegiamento dos momentos próprios de vivência (páthica) dos desdobramentos da dialógica do interhumano.

De fato, Carl Rogers efetivamente experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia, e de uma psicologia, fenomenológico existencial. Paradoxalmente, o seu despojamento representava, na verdade, uma apuração experimental, cada vez mais refinada, de condições fenomenológico existenciais de concepção e de método de psicologia e de psicoterapia.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial se afirma e se desdobra, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação; quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância. Como, por, exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um papel inegável, fundamental, e fundador.

Muito importante, pois, atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação das concepções e método de Carl Rogers com surgimento, desenvolvimento e consolidação de uma concepção e metodologia de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais. Coisa efetivamente rara.

Não podemos, naturalmente, deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de um L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da experimentação e caracterização da vivência de metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais. E, neste sentido, empíricas, experimentais, performáticas, e poiético-hermenêuticas.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de ser, atrelou-se aos vieses das psicologias científicas e das psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano e europeu. Desde muito cedo, não obstante, é nítido o movimento de diferenciação do modelo rogeriano com relação ao hegemônico paradigma do empirismo *objetivista* vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual. Crise esta que morre na formulação de condições hermenêuticas do *empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico.* Que se configurava como característica forte da vivência de seu método, em particular da sua última fase.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da Fenomenologia, do Existencialismo, da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com a constituição e desenvolvimento destes.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso *strip tease fenomenativo existencial* da teoria, da prática teorizante e conceitual -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais ***empírico*** *e* ***experimental*** (num sentido fenomenológico e existencial) no que podemos entender como o provimento *empírico e experimental*, por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de *condições hermenêuticas experimentais*, *fenomenológico existenciais,* para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente *interpretar* – num sentido fenomenológico existencial, especificamente --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações,

e resoluções.

Como observamos, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencial, experimentalmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico existencial, e experimentalmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua experimentação, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático e pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, fenomenológico existencial poiético, hermenêutico.

A importância das elaborações de Rogers se dão, principalmente e em especial, não ao nível de sua teorização, mas, como seria de se esperar em uma abordagem *empírica* (não teorética), fenomenológico existencial. Ao nível de sua resoluta experimentação fenomenológico existencial de concepções e condições de método.

Assim, não se pode apreender o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da *tradição de Brentano*, é no desenvolvimento de sua de sua metodologia que reside a sua especificidade, e a sua riqueza.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi, progressivamente, assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento formulação da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers, neste sentido.

Cremos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de *condições hermenêuticas* para o processo *hermenêutico* da *interpretação fenomenológico existencial*,

*empírica* e *experimental*, por parte do cliente. *Interpretação* da força -- da *posse* -- do *possível*, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls – este com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos --, fortemente bafejados, neste sentido, por Buber, e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das concepções e métodos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais, que emergem e florescem em nossos dias, pejadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que, freqüentemente, ela não é notada, ou considerada, ou é meramente incompreendida. Há quem queira diminuí-los... Mas olhando bem, não é pouco, em especial em termos qualitativos, o que eles conseguiram...

Por outro lado, não é raro que se fale de um modo retórico em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, já que ela está em moda, e pode até ser chique, sem nenhuma referência a concepção ou método específicos, e sem referência , ou até negando-se, as importantes e qualitativas contribuições de Rogers e de Perls neste sentido específico. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com a perspectiva de um empirismo aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia.

---

## 3.
## Carl Rogers, o patético.

**Empatético, peripatético.**

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético.* Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos.* Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência.*

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência.* Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de*

*consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*. Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética. Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia.* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética.* Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser

---

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos.* Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos,* do *páthico.* Que na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos.* A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando.* Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática.* A mente reflexiva cede

lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos, a vivência páhtica*, enquanto método de filosofação.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de filosofação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-**peri-**mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos.* E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a ***peri** path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-***peri***-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de

sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia – em-pathia*. E que *Empatia*, especificamente, significa "dentro do pathos".

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de

uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem prática, na verdade uma *poiética.*

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência.* De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética.*

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáhtica.* Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos.* Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético,* é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético,*

*Empatético* e *peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre "o que é que esta pessoa pode?" "O que é que pode este grupo?" "O que podem os seus participantes?" "O que posso eu..."

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que *o possível* -- que nossa atualidade existencial

reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da "confraria" dos *patéticos*, *empatéticos, peripatéticos...*

---

**4.**
**Nem *Teorético*, nem *Prático*.**
**Muito menos *Pragmático***
**O Paradigma Rogeriano.**
**Fenomenológico Existencial: *Poiético*.**

Uma das características mais marcantes e específicas do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, é a de que ele não é da esfera do *prático*, ele não é uma *prática*.

A característica do modo vivencial, fenomenológico existencial, que o paradigma rogeriano preconiza, como modo privilegiado de vivência -- para o cliente, e para o desempenho metodológico do terapeuta, ou psicólogo – se descompromete com, e não privilegia, as características fundamentais do *prático* e da *prática*.Tais como a *ação voluntária*, a *utilidade*, a *hegemonia do princípio de sobrevivência* como critério (mas a *superação)*. O vivencial, fenomenológico existencial, dialógico e poiético, é um modo de sermos no qual dão-se, como vivência, a força do

possível, e da possibilitação, de sua atualização.

Diferentemente do prático e da prática, as características peculiares do modo fenomenológico existencial, poiético e dialógico, são a *ação espontânea* (em contraposição com a ação voluntária, própria à prática), a vivência fora do plano da dicotomização sujeito-objeto; e fora do modo de sermos em que vigora a causalidade, em que vigoram os fins e os meios. São características definidoras, ainda, do modo fenomenológico existencial de sermos a *vivência de superação*, característica e intrínseca à atualização de possibilidades (em contraposição ao predomínio do *princípio de sobrevivência*, à *adaptação* e à *conservação*, característicos do *prático* e da *prática*).

Esta característica não prática do paradigma fenomenológico existencial rogeriano talvez seja um pouco mais sutil, e até mais desconhecida. Uma vez que é mais disseminada a compreensão de que a vivência do paradigma rogeriano, não é da esfera do teórico e da teorização.

Automaticamente assume-se, então, freqüentemente, que o paradigma rogeriano seria da esfera da *prática.* Com o risco de confundi-lo, como freqüentemente ocorre, de um modo articulado teoricamente, ou não, como um modelo pragmático.

**A. O paradigma rogeriano,**
**nem teorético, nem prático; nem pragmático.**
**Fenomenológico existencial dialógico e poiético.**

Fenomenológico existencial dialógico, poiético, caracteristicamente, o paradigma rogeriano, assim, *não é teorético*, e *teorizante* em sua vivência. A Fenomenologia e o Existencialismo privilegiam um modo de vivência, um modo de "consciência", que não é teórico, que se caracteriza como "consciência" pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. É especificamente isto que define o *empirismo* da Fenomenologia, e do existencialismo, da filosofia da vida. O fato de se caracterizarem como abordagens da realidade na própria

vivência fenomenal, pré-reflexiva, pré teórica. E não através da mediação do teórico, da teoria e do conceitual. Enquanto não teorizantes, não conceituais, as abordagens fenomenológico existenciais serão sempre, como tais, *empiristas.*

Vale observar, como observamos, que este *empirismo* é, especificamente, ***um empirismo fenomenológico existencial***, e não o empirismo objetivista, do objetivismo e do pragmatismo.

Vivencial, portanto, o paradigma rogeriano não é, na sua vivência, um paradigma de privilégio da experiência abstrativa, não é um paradigma de privilégio da abstração, de privilégio da reflexão, da teorização.

Não teorético, assim, o paradigma fenomenológico existencial rogeriano é facilmente concebido, de modo algo automático, como sendo então da ordem *da prática*, da ordem de um modo *prático* de sermos.

É fundamental para a compreensão do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, compreendermos que, da mesma forma que a sua vivência não é da ordem da teorização, ela não é, igualmente, da ordem da *prática.* Não é da ordem do *prático*, não é da ordem de uma prática.

O que pode parecer desconcertante, num primeiro momento. Mas, nada mais natural, e específico ao paradigma fenomenológico existencial, ao paradigma rogeriano.

Certamente que esta característica não estava muito clara nas primeiras fases do modelo rogeriano, nem na sua teorização. Mas era muito clara nas fases finais, sendo uma característica fundamental do modelo de trabalho com grupos ou do modelo na relação diádica da última fase de Rogers e companheiros.

É fundamental assim observarmos que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, e de uma concepção e metodologia para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não era da *esfera do teórico* -- já que, como vimos, o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de sermos --, do

ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão de sua concepção e método não era a questão de uma *prática. Ou seja, não era da esfera do modo prático de sermos.*

E isto era e é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do *teórico*, nem da ordem do *prático*, da ordem de uma *prática.*

São, mais especificamente, da ordem do *poiético.* Não *teorético*, não *prático*, em sua vivência, o paradigma rogeriano é eminente e especificamente *poiético.*

O modo de sermos alternativo a uma *teorética* não é, necessária e simplesmente, o modo prático de sermos, a *prática.* Podemos ser, também, e de um modo ontologicamente mais fundamental, de modo fenomenológico existencial *poiético. O* modo de fenomenológico existencial de sermos, no qual, em especial e especificamente, vivenciamos, agenciamos, potencializamos, e consumamos possibilidades.

Intuitivamente, isto estava muito claro para Rogers e seus colaboradores, ainda que não tivessem articulado isto teórica e filosoficamente.

Assim, se, por um lado, a vivência do paradigma rogeriano, seja em grupo ou na relação diádica, não era, e não é, uma vivência de teorização, uma experiência abstrativa (que abstrai o corpo, o vivido, os sentidos); se não era, e não é, assim, uma experiência teorizante, reflexiva, igualmente, não é uma experiência orientada para a *prática*, uma experiência de natureza *prática.* Que, igualmente, se distingue essencial e radicalmente do paradigma *fenomenológico existencial poiético*.

O paradigma rogeriano não é prático, sua vivência não é da ordem da *prática*... Diferente do modo de sermos abstrativo, teorizante, reflexivo; e diferente do modo prático de sermos, a vivência do paradigma rogeriano é, assim, da ordem do fenomenológico existencial poiético: o modo de sermos vivencial (*estético)* no qual propriamente agenciamos, potencializamos, atualizamos e consumamos possibilidades.

Assim é que o modo de vivência, caracteristicamente privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da *prática.* Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Coube a Carl Rogers, em particular na última fase de sua obra, a partir de 1974, a radicalização de um paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia. Tendo, em particular, o campo experimental de vivência do modelo fenomenológico existencial de concepção e de facilitação de grupos.

Ainda que explícito (Rogers, Psicoterapia e Relações Humanas), Carl Rogers não fazia grandes definições teóricas, epistemológicas, ou ontológicas, com relação à natureza fenomenológico existencial de sua abordagem.

Isto decorria certamente da postura tradicionalmente *empirista* que ele compartilhava com o meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas. A questão qualitativamente crítica, não obstante, é a de que, com a Fenomenologia da tradição de Brentano, à qual ele aderiu, o próprio estatuto do *empirismo* se transforma. O *empirismo* que Rogers praticava, especificamente, o empirismo fenomenológico existencial. Enquanto que o *empirismo* que vigorava na cultura norte americana era um empirismo *objetivista.*

O empirismo é, em essência, uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação da teoria. Radicalmente empirista, nesse sentido, segundo a definição de Brentano, a Fenomenologia se distingue, radicalmente, do empirismo objetivista, comum ao meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas, de que Rogers compartilhava. O *empirismo* fenomenológico considera e privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos que se configura fora do modo de sermos no qual vigora a estrutura da relação sujeito-objeto. E que, evidentemente, não assume, nem poderia uma atitude de privilegiamento do objeto.

Rogers e colaboradores profundamente entenderam e praticaram os diferenciais do *empirismo* especificamente *fenomenológico*. Ainda que não o tenham especificamente tematizado teoricamente, era evidente a sua adesão a este. A falta de clareza com relação aos dois tipos de empirismo foi, e é, motivo de vários tipos de confusão.

Decididamente, não obstante, não era um empirismo de tipo objetivista o que praticavam Rogers e colaboradores.

Daí ser de grande interesse elucidarmos as características fundamentais do paradigma fenomenológico existencial, em sua vivência empírica, para compreendermos, vivenciarmos e desdobrarmos o paradigma rogeriano em psicologia e psicoterapia. Em, particular, no que concerne a sua característica fenomenológico existencial poiética. Característica que aparece plenamente no último período da obra de Rogers, em especial na concepção, vivência e metodologia do trabalho com grupos. Na verdade, aparece em toda a concepção e metodologia da abordagem rogeriana, na medida em que o modelo de trabalho com grupos exerce uma influência qualitativamente decisiva nas reformulações concepção e metodologia do trabalho ao nível das relações diádicas, a ponto de John Wood observar que só existia trabalho com grupos na abordagem rogeriana, sendo, especificamente,.o trabalho diádico um "grupo de duas pessoas".

Coerentemente, Carl Rogers adentrou, fenomenológico, existencial experimentalmente, a esfera do *poiético*, como modo privilegiado de vivência e como logos metódico de sua abordagem.

A característica *poiética* do modo fenomenológico existencial de sermos caracteriza-o como um modo natural e particular de sermos no qual, como vivência fenomenal, se dá a *possibilidade*, e o seu desdobramento, a sua atualização.

Peculiarmente, dentre outras características, o modo fenomenológico existencial *poiético* de sermos, que permite a vivência do possível e de sua atualização, dá-se na esfera da *ação espontânea*; e não na esfera da ação voluntária, deliberada, intencional, que caracteriza o prático.

Ou seja, a ação, ao nível do poiético, da vivência da tensão projetativa do possível, e da sua possibilitação, de sua ato-ação, é, especificamente, espontânea, desproposital.

Por outro lado, apesar de ser, assim, o domínio por excelência da vivência do possível, e de sua atualização, a própria vivência *poiética* não é da ordem dos úteis e da utilidade. De modo que, ainda que todos os úteis e suas utilidades sejam produzidos poiéticamente, na vivência poiética, em si, não vigora a utilidade e a utilização, e o valor delas; que são, caracteristicamente da ordem da *prática.*

Esta distinção entre *teórico, prático e poiético* já está presente em Aristóteles, em sua distinção das três áreas de ciência.

O termo *poiese* consagrou-se na Fisiologia e na Medicina, e na Ontologia, quando falamos, por exemplo, em Fisiologia, da *hematopoiese*, designando o processo através do qual, nas células da medula dos ossos largos do corpo, as células do sangue são geradas, criadas, produzidas. *Poiese* tem, assim, este sentido, de geração, de engendramento, de produção.

Em Ontologia podemos falar de *ontopoiese*. Como o processo no qual, através do desdobramento vivencial do possível, engendramos o próprio ser-no-mundo. O *poiético* refere-se assim a este modo vivencial de sermos no qual o possível é possível, e se atualiza, no engendramento de nosso ser-no-mundo, que é criação e recriação, e resolução existenciais.

Carl Rogers concentrou-se, progressivamente, na definição, e na criação, das condições para a vivência fenomenológico existencial poiética, no encontro diádico e no encontro grupal.

No desenvolvimento experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, estas características vão sendo progressivamente radicalizadas, até a constituição, em seu paradigma metodológico, de um privilégio soberano da vivência inter humana fenomenológico existencial espontânea e -- fenomenológico existencial -- experimental, poiética, como elemento central. Ao mesmo tempo em que ele experimenta e busca definir as condições metodológicas de propiciamento

desta vivência no âmbito do processo grupal.

Como Vera Cury apontou, as aprendizagens com a experimentação no desenvolvimento do paradigma de trabalho grupal vai ter uma marcante influência na reelaboração do modelo de trabalho inter individual.

É importante observar que estas características do paradigma rogeriano não negam a existência e a importância da própria da esfera da prática e do prático, em sua dimensão própria. A importância do modo prático de ser. Apenas não generalizam nem supervalorizam o valor do prático na condição do humano. Não o elegem a condição de critério. Entendem o modo fenomenológico existencial humano como nosso modo especificamente ontológico de sermos, o modo especificamente existencial, no qual se dão a existência e o processo de sua resolução; o possível, a possibilidade, e a sua atualização.

Mais que isto, o paradigma fenomenológico existencial assume a perspectiva de que, ainda que não sendo da ordem da prática, é ao nível de sua vivência fenomenológico existencial poiética, dialógica, que constituímos a nós mesmos, e ao mundo que nos diz respeito, aos úteis e a suas utilidades, como atualização de possibilidades, como resolução existencial. Ou seja a esfera da prática, de sua vitalização e revitalização, de sua criação e recriação, depende fundamentalmente da criatividade vivencial do fenomenológico existencial poiético.

De modo que podemos pensar numa eficácia criativa, numa *pragmática*, deste modo não pragmático e fenomenológico existencial poiético de sermos.

**B. Do Pradigma Teorético**

*Era eu o poeta estimulado pela filosofia,*
*não o filósofo interessado pela poesia.*
**F. Pessoa.**

É muito importante atentar para o fato de que não se trata, no paradigma dialógico, fenomenológico existencial poiético, empiricamente fenomenal, de um desapreço pela teoria, pela teorização, e pelo modo teorizante e teorético de ser.

Empirista, significa que o modo de ser privilegiado pelo paradigma fenomenológico existencial será sempre não teorizante em sua vivência.

Mas, ainda que o momento de sua vivência seja, especificamente, assim, não teorizante, e privilegiativo do modo de sermos da vivência pré reflexiva, pré-teorizante, pré-conceitual, a perspectiva fenomenológico existencial não desqualifica a importância do teórico e da teorização, em seu momento próprio.

Apenas busca colocar as coisas em seus devidos lugares: a vivência fenomenal é ontologicamente prioritária, na medida em que especificamente onto***lógica***. Ou seja, o nosso modo próprio de ser em que se constitui o *logos*, o sentido, a emergência fenomenal do sentido, que caracteriza o humano, como vivência do possível e vivência de sua atualização. Modo poiético sermos de geração de nosso ser-no-mundo.

O *teórico* tem a sua diferença e importância próprias, na perspectiva do paradigma fenomenológico -- ainda que este seja especificamente empirista, não teorizante, em sua vivência. Mas o momento da teoria e da teorização, anteriormente ou posteriormente ao momento da vivência fenomenal, tem uma importância própria, e valorizada em suas características e poderes próprios. O fenomenologista valoriza a boa teoria e a boa teorização, e está motivado para estudar toda a teoria efetivamente interessante sobre seus objetos de interesse. Ciente sempre de que o momento hierarquicamente superior é o momento não teorizante, empírico, da vivência fenomenal, dialógica e poiética.

Assim é que o *empirismo* fenomenológico convive de um modo produtivo, sinérgico, com a teoria e com a teorização interessantes.

Isto é diferente da postura anti-teórica, e anti-teorizante,

do empirismo *objetivista*, radicalmente avesso à teoria e a teorização.

Cabe, portanto, uma atenção cuidadosa na distinção, neste sentido, e no sentido de suas peculiaridades e diferenças, entre o ***empirismo fenomenológico*** (que se situa e privilegia um modo de vivência que está fora do modo de ser da relação sujeito objeto; e, muito mais, fora de um modo de ser que, no âmbito da relação sujeito objeto, privilegia o pólo objeto desta relação), e o ***empirismo objetivista.*** Empirismo objetivista que não só privilegia o modo de sermos da relação sujeito-objeto, como privilegia o pólo objeto desta relação, e a sua descrição, supostamente objetiva. Ao tempo em que rejeita e afasta-se. de qualquer forma de teoria ou de teorização.

O que não podemos prescindir, é de que, fenomenológico existencial empirista, ainda que conviva com o interesse da teoria e da teorização, fora de seus momentos específicos, o momento da vivência fenomenológico existencial não é teorizante. Sua característica é a de privilegiar no momento de sua vivência o modo de sermos da "consciência" não teorizante, não reflexiva, não conceitual, pré-conceitual, pré-reflexiva, pré-teorizante.

O modo *teorético* de sermos caracteriza-se pela representação, ou seja a *re-apresentação*, de algo que se *apresenta* enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e especificamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial *teoria* significa *visão de um espetáculo6[1].*

Desta forma, a teoria e a teorização constituem-se, especificamente, como afastamento do modo de ser da vivência, e articula relações explicativas de natureza objetiva.

Alguns elementos, assim, caracterizam o modo teorético

6[1] LALANDE, André **Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

de sermos. Dentre eles:

1. O fato de que, especificamente, o modo teorizante de sermos se configura como um afastamento para com o modo de ser *encarnado* do vivido fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

   O modo teorético de sermos é um modo de ser abstrativo, contemplativo. No qual o vivido, o corpo e os sentidos, ou seja, o especificamente fenomenológico e existencial – e, vale dizer, o especificamente poiético --, estão especificamente abstraídos, em privilégio do *abstrato* do conceito, e do teórico.

   Desnecessário mencionar que o modo de ser fenomenológico existencial é especificamente *encarnado*, pontual e momentaneamente vivido, na vivência imediata de corpo e sentidos. Intuitivo, no sentido fenomenológico existencial, não comporta, na pontualidade de sua vivência, própria a abstração, a mediação conceitual.

2. Uma distinção essencial e definidora é a de que o modo teorético de sermos funda-se na ***explicação***.

   O vivido fenomenológico existencial configura-se como, e especificamente é, ***compreensão***.

   O vivido fenomenológico existencial constitui-se, em especial, como vivência compreensiva, e desdobramento de possibilidade. Desdobramento este que se constitui como a *interpretação*, *interpretação* num sentido especificamente fenomenológico existencial. O que o constitui como um modo *poiético* de sermos.

3. O modo teorético de sermos vigora como articulação de *relações explicativas de causa e efeito*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial, além de dar-se, primária e originariamente, como vivência *compreensiva*, dá-se como vivência pré-compreensiva de possibilidade, como desdobramento, compreensão e consumação de possibilidade. Processo do qual se exclui não só o modo de ser da explicação, como a articulação explicativa de causas e

efeitos.

4. O modo de ser teorético se constitui na experienciação da dicotomização *sujeito-objeto*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial dialógico e poiético, ser-no-mundo, não comporta esta dicotomização sujeito-objeto, ainda que se constitua, na sua momentaneidade, na tensão do âmbito dialógico da relação eu-tu. (BUBER,)

## C. O prático e o pragmático;

A partir desta constatação de que o modelo fenomenológico existencial rogeriano não é da ordem da prática, da mesma forma que não é da ordem do teorético, é interessante observar e compreender algumas características que constituem o paradigma da prática, o prático. Compreender as características fundamentais do paradigma teorético. E as características, e diferenciais, com relação a estes dois, do paradigma fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

Algumas características sobressaem no paradigma prático:

1. O valor prioritário do útil e da utilidade;

2. O valor da utilidade, segundo o princípio de sobrevivência;

3. O *prático,* a prática, tem com referência o valor da utilidade em termos de adaptação e do princípio de sobrevivência;

4. A prática caracteriza-se pela ação voluntária deliberada.

5. A prática se dá no âmbito do modo de sermos da

relação sujeito-objeto.

6. A prática se dá no âmbito do modo de sermos das relações de causa e efeito.

A *prática* exige o *caráter voluntário* e *deliberado* da "ação". E o critério de sua avaliação é o da utilidade. Em particular, da utilidade para a adaptação e para a sobrevivência. Uma característica fundamental do paradigma fenomenológico existencial rogeriano é a da entrega à espontaneidade, a entrega à *ação espontânea* do vivido; ou seja, a entrega à espontaneidade generativa (poiética) do vivido, com sua característica espontaneidade despropositAl de vivência do desdobramento da força do possível, e da performação de sua atualização. De modo que no modo privilegiado por sua vivência, o que vigora é o modo de ser da ação espontânea, e não o modo de ser da ação voluntária e intencional.

Na vivência existencial, não vigoram a utilidade e a utilização, características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consuma-se na *superação*, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

As características do vivencial fenomenológico existencial, privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se enquadram portanto no âmbito do *prático,* e da *prática.* Mas, especificamente, no âmbito do *poiético.*

O *prático7[2]* tem sempre o sentido de *uma atividade voluntária que modifica o ambiente*, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo *prático* de ser vigoram os *úteis* e as *utilidades;* e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

7[2] op. cit.

## D. O fenomenológico existencial poiético.

Sumariando características do nosso modo fenomenológico existencial poiético e dialógico de sermos, cabe dizer, em primeiro lugar, que é ***este*** o nosso modo onto-lógico de sermos, para uma perspectiva fenomenológico existencial.

Em essência (que é existência), somos *sentido* (logos), e ação. Ontologicamente somos *logos* (sentido); ontologicamente somos onto-*lógicos*. Sentido e ação, como atualização sentida, que se dá na vivência do possível, que é própria ao modo fenomenológico existencial dialógico e poiético de sermos.

O sentido, o logos, que continuamente nos constitui, se nos dá como pré-compreensão da força de possibilidade, como compreensão, e desdobramento desta força (interpretação fenomenológico existencial) em criação; ação propriamente dita.

Este modo de sermos é um modo que, ainda que comporte a dualização eu-tu, não comporta a dicotomização sujeito- objeto, própria de nosso modo acontecido, realizado, ôntico, de sermos (Buber,).

Neste modo de sermos, a causalidade não vigora. Ele é imediatamente vivido e vivência. Presença que se desdobra, diria Buber.

Imediato, não comporta a mediação dos meios e dos fins. Seja dos meios e dos fins teóricos, seja a dos meios e dos fins práticos. Ao mesmo tempo, que nada tem do automatismo comportamental.

O modo fenomenológico existencial, enquanto modo de incontornável atualização de possibilidade, é especificamente o modo de dar-se da ação. Mas em seu âmbito, a ação como atualização de força de possibilidade, em sua incerteza, tentatividade, e riscos próprios (experimentação), não é, especificamente, a ação voluntária, deliberada e intencional, característica da prática. A ação, no âmbito da vivência fenomenológico existencial, é, especifica e propriamente, a ação *espontânea* e *experimental* (no sentido fenomenológico existencial). Ou seja a ação propriamente despropositada, tendencialmente desmotivada, ainda que intensamente estésica e estética, .atualizante de possibilidades, criativa.

A ação assim vivida é eminentemente *inconveniente*. Ou

seja, no sentido de que não tem "convênio", não tem contrato, com o real, com a realidade e com acontecido. Ela não serve à adaptação, à conservação, à sobrevivência, uma vez que, em sua *inconveniência*, ela é a própria força da superação e de reordenamento.

Assim, enquanto a prática, por exemplo, está fortemente fundada na utilidade, pautada pelo valor desta para a adaptação e sobrevivência, o fenomenológico existencial poiético atualiza sempre a superação daquilo que a prática busca conservar.

## E. Conclusão.

Caracteristicamente, pois, o paradigma rogeriano não se define na esfera teórica, nem na esfera da prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; de um empreendimento em que o teórico e a teorização sejam relevantes. Da mesma forma, não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano em sua vivência não guarda o caráter de valorização do modo de sermos que permite útil e da utilidade, ou o caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência.

O modo de vivência fenomenal que lhe é próprio, não se dá no eixo da relação de causa e efeito, nem no âmbito da realidade da dicotomia sujeito-objeto.

O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de sermos da vivência do possível, e de sua possibilitação, como superação. Que não é da esfera do modo de sermos que é caracteristicamente da ordem da prática.

A vivência fenomenológico existencial não é da ordem das relações sujeito-objeto, ou da ordem das relações de causa e efeito; não é da ordem do útil e da utilidade, e, ainda que de âmbito eminentemente ativo, a ação em seu âmbito é da ordem da ação espontânea, caracteristicamente despropositada.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, assim, não na *contemplação* do espetáculo do possível acontecido, objetificado na abstração da vivência física de sua atualização. Nem num esforço e desempenho práticos.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica (dicotomia sujeito-objeto) e integrada; vivência que não se situa no âmbito da causalidade das causas e dos efeitos, dos fins e dos meios (Buber); vivência que se centra na performação, do possível e de sua possibilitação, em per-feito; de sua atualização -- como atualização meramente *compreensiva*, ou como atualização *objetivativa*.

É a vivência *empática, (em)patética,* da *ação* -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático. Especificamente vivencial, e poiética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos, não obstante, que este paradigma não tem uma eficácia específica. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica, mais radical, e abrangente, do que a eficácia do teórico, do que a eficácia do prático, e do que a eficácia do comportamental, ao nível do existencial. Ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramentos *poiéticos*, como vividas atualizações despropositativas de possibilidades. Diferente-mente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da "ação" voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

O âmbito do vivencial é, especificamente, o âmbito propriamente da *ação*. Ação que engendra o possível, o novo, e cria. Diferentemente da teorização, da prática, ou do comportamental.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial -– em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e em termos de uma concepção pobremente fenomenológica de c*ompreensão* -–, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido de uma metodologia empírica e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia.

E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls,

ninguém foi fenomenológico existencial experimentalmente tão longe, quantitativa e qualitativamente, quanto Rogers, neste sentido.

---

## 5.
## A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial

Acredito que para entendermos e adequadamente avaliarmos o caráter e a contribuição fenomenológico existencial do paradigma de Carl Rogers, precisamos de um esboço, mesmo que tentativo, naturalmente, de características definidoras de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia.

É interessante observar que, nem Husserl, nem Heidegger, nem a fenomenologia da Psicologia da Gestalt (ainda que esta tenha uma contribuição importante, através das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein), é em **Franz Brentano** que vamos encontrar as raízes seminais da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, tais como elas aparecem em Rogers (e em Perls). O Brentano em cujas concepções e métodos, inclusive, vamos encontrar raízes seminais das concepções das fenomenologias de Husserl, de Heidegger, da fenomenologia da Psicologia da Gestalt, das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein.

Em particular, e muito especialmente, no seu *empirismo especificamente fenomenológico*, e no seu *método aporético*, na sua *apor-ética*, (derivados estes de Aristóteles).

Naturalmente, não podemos esquecer, igualmente, as importantes raízes da *PPFE* (*psicologia e psicoterapias fenomenológico existencial*) na *tradição hermenêutica compreensiva* da *filosofia da vida* de Dilthey. E, daí, o seu prolongamento na

*hermenêutica existencial* de Heidegger; que, ainda que não tenha sido uma influência direta sobre Rogers ou Perls (indireta, sim, via Medard Boss e Ludwig Binswanger), ajuda substancialmente a esclarecer o caráter *interpretativo -- hermenêutico*, no sentido *compreensivo*, fenomenológico existencial, e *poiético* -- da concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Não podemos esquecer, naturalmente, a influência de F. Nietzsche como uma raiz seminal. A influência monumental de sua obra sobre o pensamento ocidental, e, em particular, sobre a intelectualidade e o meio artístico e intelectual alemão e europeu, desde os anos do Século XX anteriores à segunda guerra mundial, e que é o caldo de cultura no qual vicejam o a fenomenologia, o existencialismo, e a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Em especial, a sua influência na constituição do movimento artístico e cultural do *Expressionismo*, que tanto determinou e influenciou o desenvolvimento da concepção e método da *PPFE* (psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais).

Nietzsche também chega, de um modo seminal, a estas abordagens, dentre outras influências, através das idéias psicoterapêuticas de Otto Rank, e das concepções filosóficas fenomenológico existenciais (...) de Martin Buber. Nietzsche exerceu marcante influência no desenvolvimento das idéias de ambos.

Nietzsche contribui, decisivamente, com o seu explícito e enfático apartamento do *pessimismo* que marca a filosofia de Schopenhauer (pessimismo que marcará seminalmente a concepção da Psicanálise). E, através de sua compreensão de que a ***alegria trágica*** é a força maior da existência.

Especialmente, Nietzsche contribuirá com a sua radical postura de afirmação da vida. Com a sua reafirmação do *sentido do trágico* (*a vida merece ser radicalmente afirmada, mesmo quando ela é finitude, e mesmo quando ela é sofrimento...*), condição de potencialização do *retorno da vida*, condição da alegria, *sentido do trágico* recuperado aos gregos pré-socráticos.

Igualmente, Nietzsche contribuirá com o *perspectivismo experimental* de sua concepção do mundo, da verdade, da

existência. Com a sua particular concepção de *experimentação* (radicalmente diferente da concepção científica de *experimentação*), num sentido especificamente fenomenológico existencial, e que caracteriza a sua *Gaya Scienza*, e que decisivamente marcará as concepções rogerianas (e de Perls).

As idéias, concepções e posturas de Buber, elas próprias, tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da concepção e método das *PPFE.* Tiveram uma grande influência sobre as concepções e método de Rogers, e de Perls. Em particular o esclarecimento de Buber acerca da dimensão ontológica do eu-tu, e de sua relevância para a geração e regeneração da existência humana; na reversão do decurso das coisas, do decurso do mundo e da vida coisificados, da fatalidade, e processo substrato da criatividade.

Podemos, assim, sumariar, tentativa e sucintamente (comentamos em seguida), alguns traços distintivos, e fundamentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, extensi-vamente experimentados por Carl Rogers (e por Perls), na vivência e elaboração de suas concepções e métodos.

Comentamos a seguir alguns desses aspectos, em termos de:

1. Ontologia;
2. Epistemologia;
3. Concepção da existência;
4. Concepção da abordagem;
5. Metodologia

**a. Ontologia**

Não pretendo aqui discorrer filosoficamente sobre Ontologias, ou ser exaustivo acerca da questão ontológica das *PPFE* (ainda que esta seja muito importante). Mesmo porque

isto estaria fora de minhas condições. O que quero, antes, é apontar distinções fundamentais, e direções.

O que sobressai, num primeiro momento, é, seguindo a Nietzsche e a Brentano, uma ruptura e diferenciação radicais com relação à perspectiva platônica de cisão do mundo em um "mundo das essências" e um "mundo sensível". O mundo das essências privativo dos desuses e das essências; o mundo sensível, simulacro do mundo das essências em todos os seus aspectos, repetição piorada, pertinente à sensibilidade humana.

---

Para Nietzsche e para Brentano, a cisão não faz sentido. O mundo se dá exclusivamente na sensibilidade, como fenômeno, como vivência.

Esta perspectiva é uma base radical da Fenomenologia da tradição de Brentano, de Nietzsche, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Dada esta perspectiva ontológica da realidade, constituída sempre e exclusivamente como fenômeno -- perspectiva própria à Fenomenologia da tradição de Brentano, e à *filosofia da vida* de Nietzsche --, não podemos nos enganar com o existência dos termos "fenômeno", e "fenomenologia" na terminologia das filosofias de Kant, de Hegel e de Schopenhauer.

Parafraseando Deleuze, não existe compromisso possível entre, de um lado, a Fenomenologia da tradição de Brentano e a filosofia da vida de Nietzsche, e, do outro, as filosofias de Kant, Hegel e Schopenhauer.

Pelo menos no que concerne à perspectiva ontológica básica do mundo como cindido em duas dimensões. Um "mundo fenomenal", da ordem da consciência e do sensível, e um "mundo essencial". Este designado por Kant como "numeno", "mundo em si", "coisa em si"; designado por Hegel de "espírito universal"; ou de "vontade" por Schopenhauer. Em contraposição sempre a uma dimensão fenomenal, consciente, e

inacessível ao mundo essencial.

A Fenomenologia, tal como a designamos modernamente, e tal como ela se constitui como raiz das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, é a Fenomenologia da tradição de Brentano. Que rompendo com a perspectiva desta cisão do mundo em duas dimensões, dá origem às fenomenologias de Husserl, de Heidegger, de Sartre, de M. Ponty, a fenomenologia da psicologia da Gestalt, e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Esta precisão é muito importante. Na medida em que as filosofias de Schopenhauer, de Kant e de Hegel têm uma influência básica na constituição de um outro paradigma de psicologia e de psicoterapia, o paradigma psicanalítico, radicalmente diverso, neste sentido, do paradigma fenomenológico existencial.

## b. Epistemologia

Ao nível de sua vivência, o paradigma fenomenológico existencial não é um paradigma epistemológico, ou seja, um paradigma que privilegie o conhecimento, no sentido da epistemologia formal.

Não que despreze o conhecimento epistemológico, mas a sua vivência característica é mais de natureza de um *desconhecimento*, de uma embriagues; do que da ordem do conhecimento formal, da ordem da lucidez. Como dizia uma colega de Teresina, mais da ordem de uma tomada de inconsciência, do que da ordem da tomada de consciência.

No vivido fenomenológico existencial toleramos, e cúmplice e amigavelmente acolhemos, o confusional organísmico, no qual a consciência lúcida se dissolve. Relativizamos o conhecimento e a consciência lúcidos. Em privilégio da originalidade da vivência fenomenal, pré-

conceitual, dionisíaca, em suas intensidades corpoativas.

Naturalmente que a predominância de cada um dos modos de ser é tendencial. Hora predominando a consciência lúcida, ora a consciência embriagada da vivência corpoativa. Em proporções diversas de mistura a cada momento.

O importante é que, tendencialmente, não predomina, na vivência, o conhecimento lúcido, o conhecimento abstrato, conceitual, teórico, teor-ético e teorizante. De modo que a vivência não se interessa pelo conhecimento, mas mais por este desconhecimento corpoativo, que, ainda que conhecimento, é índice de sua reversão em direção ao organísmico, ao desconhecer mental e mentalizante.

Uma outra questão é a de que o existencial, o fenomenológico existencial, não se dá na dimensão das relações sujeito-objeto. Perspectiva fundamental ao empreendimento epistemológico, como ato de conhecer de um sujeito.

Como se constitui, então, a epistemologia, a filosofia do conhecimento, deste modo de desconhecer, deste modo de ser que é *um drible de corpo* na consciência, e na vontade de saber, é uma questão. Que interessa sobretudo aos científicos.

É importante precatarmo-nos de que, na vivência fenomenal, não estamos na ordem da ciência, mas na ordem da hermenêutica. Base sobre a qual uma ciência pode se assentar, e que, como tal, subordina o empreendimento científico.

A vivência das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não é científica. As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não são científicas, não são da ordem da ciência.

E, se não o são, não é por serem menos – nem mais. Mas apenas em função do fato de que a existência, o existencial e sua resolução, não são da ordem do científico e do epistemológico. *A existência só se resolve existencialmente* (M. Heidegger). E a psicologia e a psicoterapia laboram, em essência, ao nível do existencial. Que não é acessível ao científico, nem ao tecnológico.

Uma ciência humana de uma humanidade não científica?

É um desafio para quem se interessa.

Uma arte da ato-ação no âmbito do inter humano? É possível, e interessante. Por isso uma abordagem fenomenológico existencial vincula-se mais à perspectiva da arte do que à epistemologia da vontade de saber da ciência.

Apesar de não teórica a vivência, a teoria sobre ela é sempre possível, e sempre decorrente. Em particular, como teoria hermenêutica, e não exatamente como teoria científica, e epistemológica.

## c. Expressionismo

O *Expressionismo* foi profundamente influenciado pela *filosofia da vida* de Nietzsche, e desenvolve-se no rico "caldo" de cultura que dá origem à Fenomenologia e ao Existencialismo, e às *PPFE*.

O *Humanismo*, de filósofos do Século XIX, como Kierkegaard, Nietzsche, Brentano, que, para além de Hegel, buscavam resgatar a perspectiva da experiência humana como referência – resgatando as perspectivas de filosofias do Renascimento, e de filósofos gregos --, teve, igualmente uma influência fundamental.

Subjaz ao *Expressionismo* a consciência de que o humano não é da restrição à ordem do real. Como Heidegger viria a colocar, posteriormente, em sua fenomenologia existencial: *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*

Os expressionistas, nas difíceis condições que determinaram a emergência de seu estilo, intuíam isto, de um modo forte. E entendiam que não é no modo da apolínea consciência lúcida, não é o modo da consciência teórica, da consciência reflexiva e conceitual, que nos permitimos a experiência fenomenal do vivido, a experiência da potência do possível, da possibilidade, e de seu desdobramento expressivo,

ontologicamente definidor do humano.

O potente, possível e o seu desdobramento e atualização, ato-ação, ação, vivencia-se, apenas, experiencialmente, fenomenológico existencial-mente, vivencialmente.

E a primeira condição para permitirmo-nos a sua vivência, e a vivência fenomenal de seus desdobramentos, é o destronamento da hegemonia da realidade.

A realidade, como objetividade, o acontecido, a possibilidade realizada, e, por isso, despossibilitada, despossuída, coisificada.

A potência do possível, da possibilidade, impregna a vivência fenomenológico existencial.

A potente possibilidade não é da ordem do real. Meramente porque o *possível* não é *real*, não tem o estatuto da realidade, realizada. Condição maravilhosamente colocada na frase de uma mulher, personagem de prosa de Fernando Pessoa, sobre o momento de um encontro com duas amigas: *Estávamos* ***cheias de sermos nós****. E isso porque* ***sabíamos, com toda a carne de nossa carne, que não éramos uma realidade****.*

Isto os *Expressionistas sabiam de um modo claro.*

De modo que se propuseram em seu estilo a uma vigorosa relativização do princípio de realidade, do positivismo, e da própria realidade.

Desenvolveram, assim, um estilo *performático fenomenológico existencial*, dramático, de produção artística. No qual o artista concentrava-se na vivência fenomenal intuitiva de sua inspiração, buscando concentrá-la. Como uma mola contraída, prestes a soltar-se em distensão. Ou, como a musculatura contraída de uma pantera, prestes ao bote. Configurando-se *performance* expressiva -- na atividade da produção artística -- como ex-pressão corpoativa imediata desta concentração. Toda ela vivenciada fenomenológico existencialmente, ação, atualização de possibilidade. Insubmissa ao real e à realidade. Ao princípio de realidade, e ao positivismo

do real.

A postura expressionista permitiu a expressividade cultural e artística, em particular em, tempos de terríveis opressões, e exerceu uma poderosa influência não só na arte, como na cultura de um modo geral.

Em especial, exerceu uma poderosa influência nas concepções e metodologias das *PPFE*.

Fritz Perls sofreu uma influência direta, na medida em que vivenciou, desde a adolescência, os experimentos de teatro expressionista de Max Reinhardt, na Alemanha.

A influência das concepções. metodologia e estilo do *Expressionismo* espalhou-se por todo o meio artístico e cultural da Europa e dos EUA, nos vários campos das artes. Aparecendo integrado nas concepções e metodologias das *PPFE* a partir dos anos 50. Na medida que, em particular, a questão destas era a da expressividade, a da vivência do vivido fenomenal, como fonte ontológica do humano, como fonte ontológica de geração e de regeneração, de potencialização, de atualização de possibilidades, e de criatividade existencial.

### d. Existencialismo

Tomamos o termo *Existencialismo* aqui no seu sentido mais genérico, que envolve a filosofia da *existenz*, oriunda nas filosofias de S. Kierkegaard, e de F. Nietzsche, e que originam o existencialismo moderno, enquanto movimento filosófico, artístico e cultural; e a literatura *existencialista*, que aparece em particular em obras como a de Albert Camus, e de J-P Sartre.

É interessante observar que, mesmo ao nível do existencialismo, precisamos distinguir entre as várias raízes, e as particularidades que elas determinam.

Assim, é interessante observar que a perspectiva de raiz do existencialismo nas *PPFE*, tais como elas se apresentam, em seu caráter de hermenêuticas fenomenológico existenciais, nas

abordagens de Rogers, e de Perls, provém de um modo importante da *filosofia da vida* de F. Nietzsche.

Ainda que tenham uma contribuição importante das idéias e posturas de S. Kierkegaard, é a particularidade da *filosofia da vida* de F. Nietzsche que constitui aspectos definidores da especificidade de sua concepção e metodologia.

Interessante, ainda, é notar que, na juventude Nietzsche aproximou-se da filosofia de Schopenhauer. Atraía-o sobretudo a possibilidade de que a filosofia de Schopenhauer resgatasse o *sentido do trágico* dos gregos pré-socráticos.

Nietzsche constatou que, de fato, a filosofia de Schopenhauer nada tinha de trágico, e apenas encharcava-se na perspectiva de uma soturna orgia de pessimismo.

Desde então, Nietzsche afasta-se da filosofia de Schopenhauer, no sentido de constituir a sua filosofia como um resgate da perspectiva trágica dos gregos pré-socráticos. Filosofia radicalmente afirmativa da vida, ainda que com o reconhecimento de que vida, finitude e sofrimento, necessariamente se imbricam. E de que a finitude e o sofrimento não são motivos para difamar e negar a vida.

A afirmação da vida, reconhecendo o caráter intrínseco da finitude e do sofrimento, é o que caracteriza o *sentido do trágico nietzscheano.* A *afirmação trágica da vida*, mesmo quando da finitude e do sofrimento, é condição de criação, e de potencialização da vida. De potencialização das forças de seu retorno – retorno que lhe é característico e intrínseco --, condição de promoção de uma super abundâncias de forças de vida, da criatividade e da alegria.

Em Nietzsche, portanto, *o trágico é alegre; é condição da alegria, e da criatividade...*

De modo que não há como confundir, o existencialismo matizado pelo pessimismo schopenhaueriano, com o existencialismo alegre, trágico e potente radicado na filosofia de Nietzsche. Se não podemos dizer que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia otimista – *pessimismo e otimismo, uma questão de néscios*, dizia ele –, podemos dizer que a postura de afirmação da

vida a ela característica, afirmação da vida mesmo quando do *mais negro sofrimento*, é condição da alegria. De promoção de uma superabundância de forças de vida, da potência do retorno da vida, da criatividade, e da alegria.

De modo que não podemos pressupor uma perspectiva pessimista, de viés schopenhaeriano, no existencialismo -- na verdade de raiz nietzscheana -- que dá origem às *PPFE*. Nem Nietzsche, nem o existencialismo de raiz nietzscheana, nem as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais devem a Shopenhauer neste sentido. Como a Psicanálise, por exemplo.

*Humanistas,* Kierkegaard e Nietzsche compartilham a aversão ao universalismo e ao idealismo da filosofia de Hegel. E, em particular, compartilham a aversão à desqualificação da subjetividade e do indivíduo, que é própria ao hegelianismo. Nietzsche acrescentará a sua aversão à valorização das paixões tristes. Rejeitam, assim o hegelianismo, e buscam constituir as suas filosofias como perspectivas, *humanistas,* que têm como referência a experiência humana, a existência e o existencial.

Kierkegaard postou-se, não obstante, numa perspectiva visceralmente religiosa, constituindo um existencialismo religioso. Podemos dizer que se ele rejeita e livra-se de Hegel, não livrar-se-á de Sócrates e de Platão. Alvos maiores, também, da crítica Nietzscheana. Junto com Hegel, e com o cristianismo. As três mortes do sentido do trágico, segundo ele.

De modo que, sem negar a importância e a contribuição da filosofia de Kierkegaard, parece interessante entender que ela é limitada em termos da constituição do sentido das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Histórica e filosoficamente elas devem, em essência, à filosofia de Nietzsche a inspiração de suas peculiaridades fundamentais. Em especial aos poderes de geração e regeneração da existência, de criação e libertação, de sua perspectiva radical de afirmação da vida. O *sim dionisíaco.*

Neste sentido, da inspiração da concepção e do logos metódico das *PPFE*, é interessante constatar a observação nietzscheana de que *A existência não tem 'dentro'. Todo padrão de*

*interiorização é doença* (oriunda esta da repressão da potência, do possível, possibilidade ex-pressiva, intrínseca ao existencial).

A existência é (como devir) a partir de onde e quando ela assim é como tal. (*Caminho por onde há espaço, meu tempo é quando...* – Vinícius). Sua ventura (de vento) é a vivida ventura soprada perenemente pela potência do possível, dada no vivencial, no fenomenal.

De modo que existencialismo, assim entendido, é a afirmação desta ventura. *Vida à ventura*, aventura. Como ousadia, audácia, de afirmação da potência do possível, dado na vivencia *eksistencial*. É a vida da ousadia e da audácia da aventura. Da experimentação, neste sentido, do *estilo experimental de afirmação de uma vida que experimenta* (Nietzsche).

As psicologia e psicoterapias fenomenológico existenciais partem de uma constatação e reconhecimento desta perspectiva existencial. E buscam compreender, definir e constituir, em suas concepções e metodologia, em seus estilos, condições para este modo de vivência, no contexto do trabalho psicológico e psicoterapêutico. Vivência aventuresca, audaciosa, do estilo experimental de uma vida que experimenta, e cria, e potencializa-se, na interpretação de seus possíveis.

Ação, atualização, condições para a atualização de possibilidades inerentes à vivência. Seja atualização ao nível *meramente compreensivo* da vivência do cliente, seja ao nível *compreensivo-objetivativo* de sua experiência, na dialógica inter-humana da relação com o terapeuta ou psicólogo, e na habitualidade de sua vida. O resgate da habitualidade de um estilo ousado e audacioso, aventuresco, com relação ao vivido, à vivência da potência do possível, e à atualização do possível no vivido existencial entranhado.

Fundamental observar que, não raro, este possível é sofrimento, é finitude. Não há compromisso entre o possível e o agradável, entre o vivido e o sucesso. No meio da noite, Nietzsche, em seu *amor fati*, é o farol: *Eu abençôo todo sofrimento... Nada do que é necessário me ofende... O que não mata, fortalece...*"".

O que Nietzsche indica é que a afirmação integral da vida -- *mesmo a afirmação do mais negro sofrimento* -- se não abole a possibilidade do sofrimento, e da finitude – afinal, eles são intrínseco à existência, *podemos sofrer de uma super abundância de forças de vida, ou de uma falta de forças de vida...* – se a afirmação integral da vida não abole o sofrimento e a finitude, potencializa o retorno das forças da vida, como uma super abundância de forças de vida, como criatividade, e alegria.

## e. Concepção da abordagem

Em linhas gerais, a concepção e o método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais assumem uma perspectiva existencialista, tal como estamos descrevendo. Em particular, elas se esmeram em criar condições para a oportunidade (*kairós)* de uma vivência existencial, no âmbito da sessão e do processo dito psicoterapêutico, do trabalho psicológico ou da vivência grupal.

Estas condições envolvem a situação do terapeuta, do psicólogo, numa mesma postura fenomenológico existencial experimental proposta para o cliente.

Trata-se de condições para que o cliente possa se entregar dialogicamente, e inter humanamente compartilhar, a sua entrega à concrescência de sua atualidade e atualização existenciais. De modo que ele possa vivenciar, na sua intensidade própria, os limites, as *aporias*, desta atualidade. O que envolve a vivência dos sofrimentos e finitudes dela decorrentes, mais ou menos agudos, mais ou menos cronificados, mais ou menos intensos. De modo a que possa secretar vivencialmente, fenomenológico existencialmente, os possíveis inerentes à potência da existência, e à superação, na atualização destes possíveis.

Fenomenológico existencial inter humano, no sentido dialógico que Buber descreve, o desempenho do terapeuta esmera-se, e apura-se, em abrir-se para o encontro, e para o

desdobramento do encontro dialógico, com o cliente. Como co-laborativo, na laboração da vivência e das superações deste. Para isso, o terapeuta busca garantir certas condições de possibilidade deste encontro, e de sua performance fenomenológico existencial dialógica.

## f. Metodologia

Rogers foi um dos principais propositores de uma metodologia para o provimento do estilo de uma vivência experimental para o cliente no processo da terapia.

Desde o ataque guerrilheiro na desconstrução do moralismo em psicologia e psicoterapia, com a sua noção, e a valorização da noção, de *não diretividade*; passando pelas condições de criação de um clima terapêutico para o cliente: a *consideração positiva incondicional,* a *compreensão empática,* e a *genuinidade do terapeuta*. Até o estilo fenomenológico existencial empírico e experimental de facilitação de grupos. Neste ínterim a proposição de uma pedagogia fenomenológico existencial empírica e experimental.

Perls, fortemente bafejado pelo Expressionismo -- em especial pela experimentação teatral expressionista do audacioso e ousado teatro expressionista de Max Reinhardt --, desenvolveu o forte sentido de uma dramática expressionista, experimental e inter humanamente dialógica, como metodologia na relação com o cliente. Co-laboração experimental, no processo da laboração existencial experimental da vivência do cliente de sua atualidade e atualização existenciais. Dos limites, das *aporias,* e dos possíveis vivenciados nesta atualidade e atualização. Co-laboração no processo da laboração do cliente na atualização destes possíveis, na superação de seus limites, dos limites de suas finitudes, de seus sofrimentos. Na potencialização de seu processo ativo, de sua criatividade fenomenológico existencial.

A *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial (v.), é uma condição hermenêutica fundamental da metodologia das *PPFE*.

A concepção de *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial, constitui-se na filosofia de F. Nietzsche, em particular no sentido de sua *gaya scienza.*

Enraíza-se consistentemente em toda a perspectiva nietzscheana da realidade e da verdade, como eminentemente *perspectivas*. A necessidade das perspectivas, da sua vivência, e da sua limitação por outras perspectivas.

Brentano, em sua linguagem, fala do caráter especulativo do ser. Que ele aborda através de seu empirismo aporético.

*Poria* origina-se de *poro* (grego), que significa *passagem. A-poria* significa limite, falta de passagem. Tanto para Nietzsche como para Brentano a existência se caracteriza por *aporias*. A evolução até o limite, a *falta de passagem.* Ambos entendem que, no limite da aporia está a possibilidade, e a possibilidade da poiese. Ambos assumem uma ética deliciosamente apor-ética. São *aporiófilos*; *aporiófilos é* o que são.

A *ética* é um modo de proceder.

E a apor-ética deles define-se por privilegiar o fenomenal, o vivido, a perspectiva. Afirmá-los, em suas características, intensidades e intensificações próprias; até o seu limite, a sua aporia.

Este é o ponto próprio onde se detona o possível, como *poiese* (atualização de possíveis). Onde se detonam novas perspectivas, em suas intensidades próprias. Novas perspectivas que limitam as precedentes.

O gozo da intensidade e do fluxo da perspectiva, o gozo do limite de sua aporia, e o gozo da superação, na potência ativa de novas perspectivas. Este o sentido da experimentação existencial.

Sem dúvida que a experimentação é sinônimo de tentativa, de risco. O risco de tentar o possível, sempre latente. A experimentação, não obstante, não é facultativa, é intrínseca à condição existencial humana. Ao gozo e à resolução existencial.

Nietzsche8[1] observaria:

> *Porque o* medo *é a vossa excepção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.*
> *Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem.*

Pessoa colocaria a experimentação fenomenológico existencial, aporética, diríamos, de forma que só Pessoa:

> *Tudo o que me acontece*
> *O que se passa*
> *Ou finda*
> *É como um terraço*
> *Sobre outra coisa ainda*
> *Esta coisa é que é linda.*

Pois bem, os psicólogos e psicoterapeutas são eminentemente *aporéticos*, *aporiófilos*. *Perspectivativos,* e *aporéticos*, *aporiófilos.* Assumem a radicalidade da afirmação do vivido, da afirmação da perspectiva vivida. E estão sempre interessados no limite, na aporia. Empiristas, assumem a vivência do curso, das intensidades e fluxos vividos da perspectiva; assumem e propõem a vivência da aporia, e a sua superação em novas possibilidades.

Como ponto de partida, é como se estivessem sempre perguntando ao cliente, *onde é que está o limite? como é que está o limite? como é que está o sofrimento da finitude vivida? ou não vivida? ou por viver?* E, como Nietzsche, implicitamente dirão sempre: *... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade.*

---

8[1] NIETZSCHE, F. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Mira-Sintra, Europa América, 1978. p.203.

As raízes das concepções e metodologias das *PPFE* vão encontrar uma fonte fecunda, e das mais fundamentais, na filosofia do diálogo e do dialógico, de Martin Buber.

Buber contribui, em particular, pela compreensão do caráter ontológico do vivido fenomenológico existencial experimental, como relação, eu-tu, tal como ele designou.

Para Buber a vivência eu-tu resgata-nos da coisidade e da coisificação do modo eu-isso de sermos da cotidianidade. Existencial, o dialógico fenomenológico, eu-tu, demanda a entrega à concretude da atualidade existencial, em seus limites, finitudes, aporias, potências e sofrimentos. A partir daí pode determinar-se opção e superação. Que nos resgatam do decurso ilimitado do mundo e da vida coisificados.

Estes esclarecimentos de Buber foram fundamentais para a constituição progressiva do estado da arte das concepções e do logos metódico das *PPFE*. Em particular, no sentido do primado da entrega radical à concreude da existência, como abertura para o modo dialógico, eu-tu, de sermos e como estratégia de potencialização e de superação.

Mas, mais que isto, as considerações de Buber sobre o dialógico, o eu-tu, entre as pessoas, *o inter humano*, e os *elementos do inter humano9[2]*, definem a análise de um conjunto de fatores que impedem o desenvolvimento da dialógica do inter humano; ao mesmo tempo em que permitem compreender e definir os elementos que o propiciam. Assim, propiciam o *inter humano*:

1. O privilegiamento do *ser*, ao invés do meramente *parecer.*
2. O privilegiamento do *inter humano*, que não é inerente ao meramente *social.*
3. O privilégio da *conversação genuína*. Ao invés do império do blá, blá, blá.
4. A *presentificação do outro.*
5. O privilégio da pedagógica *abertura*. Ao

9[2] BUBER, M. op. cit.

invés da *imposição* propagandística.

Todas estas, condições de possibilidade da dialógica do inter humano10[3]. Estas indicações de Buber serviram de preciosos guias para a definição do logos metódico do psicólogo e do psicoterapeuta fenomenológico existencial na sua relação com o cliente.

O *empirismo fenomenológico existencial* das *PPFE* é uma de suas características mais fundamentais. Devemo-lo originalmente a Aristóteles, tal como resgatado por Brentano.

Estas abordagens, como já observamos, privilegiam a imediaticidade vivida do desdobramento da dialógica pré-teórica, pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomeno-lógica e existencial. Seja do encontro entre o terapeuta e o cliente, seja a dialógica da vivência, no encontro, de cada um "consigo mesmo". Toda esta dialógica é, eminentemente, *empírica*; *fenomenológico existencial empírica.*

Podemos, assim, entender o primado de um caráter de vivência eminentemente *empirista*, como logos metódico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Como primado de filosofia de vida, como primado de vivência para o cliente no âmbito do processo do trabalho psicológico e psicoterapêutico, como primado de vivência metodológica, no desempenho do psicólogo e do psicoterapeuta, ao longo do processo de seu trabalho.

Um caráter empirista, no sentido especificamente fenomenológico existencial, assim, como caráter metodológico fundamental.

---

10[3] v. em BUBER, Martin – *Elementos do Inter Humano* in BUBER, Martin – Do DIÁLOGO E DO DIALÓGICO. São Paulo, Perspectiva, 1985.

O *empirismo* em si é uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação do conceitual, do teórico11[4].

Aristóteles em seu tratado *De Anima* oferece uma alternativa fundamental, quando propõe -- ao largo do uso de seu método empírico nas ciências naturais -- que a consciência, igualmente, deve ser metodologicamente abordada *empiricamente*. Ou seja, a consciência deve ser metodologicamente abordada empiricamente, na própria vivência de consciência. E não a partir de princípios e pressupostos teóricos.

Ele define, assim, a perspectiva do método de um *empirismo da consciência.*

Brentano12[5] segue a indicação de Aristóteles, e passa a esposar uma metodologia empírica de concepção e abordagem da consciência. Ou seja, uma abordagem da consciência na própria vivência da consciência, sem a mediação do teórico, e do conceitual.

A concepção e o método da Psicologia, assim como o método da Filosofia, passam a ser entendidos, a partir de Brentano, e em sua tradição fenomenológica, como o mesmo método empirista das ciências naturais.

Uma particularidade definidora é a de que Brentano compreende a *intencionalidade da consciência*: a consciência constitui-se como um *campo* em que a correlação sujeito e objeto já pré-existe de um modo indissociável, modo este anterior a qualquer possibilidade de separação, sujeito e objeto são cooriginais em sua intrínseca correlação.

De modo que o empirismo *fenomenativo* da consciência em Brentano só poderia ser um *empirismo do campo da consciência*

---

11[4] LALANDE, A. op. cit.

12[5] ALBERTAZI, L., LIBARDI, M., POLI, R., (Editors) THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO. Dodrecht, Kluwe, 1996.

*intencional* – que se situa, assim, fora da dicotomização sujeito-objeto. E não, evidentemente, um *empirismo objetivista*, característico do empirismo da tradição anglo saxã. Empirismo objetivista este que fundamenta, inclusive, o empirismo do seu *Pragmatismo.*

Empirismo objetivista (não fenomenológico), assim -- e Pragmatismo, nele fundamentado --, que, fora de uma perspectiva da consciência como *campo intencional*, situa-se na perspectiva da dicotomização sujeito-objeto. E, não só: situa-se, enfaticamente, no privilegiamento do objeto no âmbito desta dicotomização.

Questão fundamental esta, uma vez que a Fenomenologia e o *seu empirismo* apontam para um modo de ser ontologicamente fundamental. Modo de ser este que não se dá no âmbito do que podemos entender como a dicotomização sujeito-objeto.

Silvia Pimenta13[6], comentando a perspectiva e o perspectivismo da filosofia de Nietzsche, observa:

> *Não se trata portanto da impossibilidade de atingir uma realidade exterior aos nossos afetos, mas da* ***impossibilidade de distinguir*** **duas ordens** ***de realidade: subjetiva e objetiva, ideal e material, numênica e fenomênica.*** *Trata-se da impossibilidade de transcendência:* ***o que quer que seja "o mundo", o homem é parte integrante dele, e não pode reivindicar a exterioridade que seria necessária para instituir a si mesmo como sujeito e ao mundo como objeto****. O percurso que conduz do homem ao mundo não é uma relação entre sujeito e objeto: sendo o homem uma* parte *do mundo e não uma instância a ele transcendente, a vontade de potência no homem constitui apenas um caso particular da vontade de potência em geral. Curiosamente, a filosofia de Nietzsche se aproxima aqui da concepção parmenidiana da identidade entre ser e pensar: entre o mundo e o ato de interpretar não há afinidade ou adequação, mas* identidade. (Velloso Rocha, 2003. p.65.).

---

13[6] VELLOSO ROCHA, Silvia P., ABISMOS DA SUSPEITA. RJ, Relume Dumará, 2003.

De modo que, especificamente, o empirismo *fenomenológico* não é um empirismo *do objeto*. Mas um empirismo da vivência de consciência.

Da mesma forma, não permite uma *intersubjetividade*. Na medida em que se dá fora da dimensão da dicotomia sujeito-objeto, não dispondo, em seu momento, do sujeito, da mesma forma em que não dispõe de objeto.

Ainda que não se dê no âmbito da dimensão própria à relação sujeito-objeto. A vivência fenomenológica empírica é sempre vivência de *relação*, e tensão de diferença, de alteridade. A dualidade de relação da vivência fenomenológico existencial empírica se dá como a dualização da relação eu-tu.

Quando ocorre a diferenciação sujeito e objeto já não se está mais no modo de ser dialógico da vivência.

Assim, o *empirismo da consciência fenomenal* da fenomenologia da tradição de Brentano é um *empirismo fenomenológico da vivência de consciência intencional*, um empirismo ativo, cujo solo e natureza é radicalmente diferente dos do empirismo objetivista.

Carl Rogers, F. Perls, F. Brentano, F. Nietzsche, Paulo Freire (vale dizer) eram, assim, empiristas. Mas empiristas neste sentido fenomenológico existencial dialógico. E, jamais, empiristas no sentido objetivista do termo.

Caracteristicamente, a crítica teórica encontra algo de vazio e inconsistente na obra desses empiristas. Isto se dá, exatamente, porque eles não são teoréticos. Eles são *empiristas poiéticos.* Que se definem pelo privilégio da vivência de consciência, e da vivência do ato, da ação: da atualização do possível, que só no âmbito do seu *pathos* (*empathia*) pode evidenciar-se, efetivar-se.

Isto não quer dizer que suas concepções não gerem uma teoria, não sustentem, e não se sustentem, em uma teoria. Ou que da vivência de seu método não se possa derivar uma teoria. Muito pelo contrário, a definição de seu método cristaliza-se teoricamente. E teorização pode emergir da vivência de seu método. A característica, não obstante, é a de que a vivência de seu método é a vivência momentânea de um modo não teórico, fenomenal, de sermos. Um modo no qual vivenciamos o possível, e a sua atualização. Ou seja, um modo de sermos no qual o possível é possível, e se desdobra.

Nada contra a teorização anteriormente aos momentos especificamente *empíricos*, e não teóricos. Ou posteriormente.

Carl Rogers, por exemplo, era, definitivamente, um empirista. Um empirista radical. Um empirista da vivência dialógica do inter humano.

Isto é preciso que se entenda, e se explicite.

Mas é necessário que, igualmente, se entenda, e se explicite, que, radicalmente empirista, Carl Rogers nada tinha do empirismo objetivista, do empirismo pragmatista, do empirismo positivista. Por mais que isto não tivesse ficado conceitualmente claro, muitas vezes. E por mais que o confundissem, explicitamente, ou não, muitos de seus seguidores.

Uma coisa é a "empatia" objetivista, com toda uma série de adornos da moda e peduricalhos possíveis. Outra coisa é a empatia na dialogicidade do inter humano, fenomenológico existencial dialógica, e empírica.

Carl Rogers prigilegiava radicalmente a vivência dialógica *empírica*, e *empática – patética*, *peripatética* --, do *encontro* com a pessoa, do encontro com o grupo. Nada de conceitos a intermediar este encontro. Nada de técnicas ou de outros recursos comportamentais. Nada de moralismo ou de pretensões científica, ou cientificistas. Nada de teoria, de teorização, de teorética. O que interessava fundamentalmente a Rogers era a

empiria dos momentos dialógicos de vivência do encontro; o que quer dizer, a *empiria* da vivência da *poiética* da dialógica do encontro. Da vivência *empáthica* da dialógica do possível, e de sua interpretação (desdobramento), atualização, inerentes à empiria da vivência de consciência fenomenal.

As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia primam assim pelo privilegiamento do âmbito vivencial fenômeno-lógico existencial, pelo âmbito da *compreensão*, e do desdobramento do possível que lhe é inerente.

Em essência, a *explicação*, que se diferencia fundamentalmente da *compreensão* (em particular porque *não há explicação que possa levar à compreensão* – Takuan Soho), a *explicação*, é absolutamente secundária para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Se *Freud explica*, primordialmente as abordagens fenomenológicas não estão interessadas na explicação.

Os psicólogos, os terapeutas fenomenológico existenciais, em essência, não *explicam*. Eles *implicam*.

No sentido de que eles não são exteriores e alheios à dialógica alteritativa do encontro inter humano com o cliente. É a esta dialógica que eles querem privilegiar, e a ela pertencer implicativa-mente, compreensivamente.

A arte que eles buscam cultivar é da performação como partícipes no próprio âmbito desta dialógica. Como forma de potencializar a situação do cliente no âmbito de sua própria vivência dialógica, na dialógica da vivência de sua relação com o terapeuta/psicólogo, na dialógica da relação em seu ser-no-mundo.

De modo que ele possa vivenciar compreensivamente, e no desdobramento de sua compreensão, vivência, a sua atualidade e atualização fenomenológico existenciais; suas perspectivas, limites, aporias, e superações.

Compreensão e desdobramento de compreensão; vivência e desdobramento de vivência, como atualização de possibilidades, que em hermenêutica fenomenológico existencial entende-se como *interpretação fenomenológico existencial*.

Classicamente, a *Hermenêutica* é entendida como *a arte da interpretação*. De modo que as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais são, em essência, e propriamente, hermenêuticas fenomenológico existenciais.

Aparentadas da arte, porque a arte é irmã gêmea da existência... A arte é uma ética, est-ética, de afirmação estésica da existência. *Estética* de afirmação vivida da vivida afirmação que é já a potência da existência e da existenciação, em suas perspectivas espontâneas e gratuitas, em seus limites, sofrimentos, superações, alegrias...

Nem teorética, nem prática... poiética. Patética.

---

## 6.
## Algumas questões

Carl Rogers entendia a sua abordagem como sendo uma abordagem fenomenológico existencial14[7]. Entendia que a *tendência atualizante*, que ele preconizava como fonte básica da motivação humana, só operava fenomenologicamente. As condições que ele constituiu como

14[7] ROGERS, Carl, KINGET, M. PSICOTERAPIA E RELAÇÕES HUMANAS. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

condições de criação de um clima terapêutico – quase tão faladas quanto mal entendidas – são condições fenomenológicas. As características do *funcionamento ótimo da personalidade* são características eminentemente fenomenológico existenciais.

Rogers sofreu uma influência importante das psicologias fenomenológico existenciais de Abraham Maslow e de Rollo May, introdutores da psicologia fenomenológico existencial nos EUA, influenciados pelos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, em particular Medrard Boss e Ludwig Binswanger, que buscavam constituir uma psicoterapia fenomenológicas a partir da fenomenologia de Heidegger. O livro *Existence15[8]*, de Boss e Binwanger, dentre outros, publicado originalmente na Europa, teve sua publicação nos EUA patrocinada por Maslow e por May. Rogers fez a revisão da obra.

No entanto, Rogers, de um modo geral, não tematizava de um modo mais sistemático e explícito os fundamentos fenomenológico existenciais de sua abordagem, ainda que teorizasse de um modo bastante significativo. Progressivamente, os escritos de Rogers foram se tornando cada vez menos teorizantes, cada vez mais ensaísticos. Registros dos processos de sua experimentação em psicologia e psicoterapia, em particular no desenvolvimento e vivência de seu modelo de trabalho com grupos.

Certamente que a indisposição de Rogers para um maior aprofundamento teórico advinha de suas influências empiristas.

Mas o propugnador incansável da concepção de empatia no âmbito da psicologia e da psicoterapia não podia ser simplesmente um empirista objetivista. O Carl Rogers que acolheu as concepções fenomenológicas da psicologia organísmica de Kurt Goldstein, como *tendência atualizante, auto-atualização organísmica, avaliação organísmica da consciência,* não podia ser simplesmente um empirista objetivista Rogers não se filiava ao empirismo do

15[8] MAY, Rollo (org.) EXISTENCE.

Pragmatismo, nem ao empirismo anglo saxão, de um modo geral. Não se filiava ao comportamentalismo. Ainda que não estivesse bem desenvolvida a explicitação e o esclarecimento da vinculação de suas concepções à Fenomenologia e ao Existencialismo.

No seu modelo de trabalho com grupos, a partir de 1974, há uma depuração e radicalização das características fenomenológico existenciais de seu modelo. Há uma relativização das idéias de tendência atualizante, e mesmo de *condições terapêuticas* no contexto do grupo, para centrar-se no provimento de condições hermenêuticas para o desdobramento da dialógica do encontro grupal.

O fato, entretanto, é que Rogers pouco tematizou os fundamentos fenomenológicos de suas concepções, ainda que estas se caracterizem de um modo muito específico pela perspectiva fenomenológico existencial.

O fato, entretanto, também, é que a frágil explicitação e desdobramento dos fundamentos fenomenológico existenciais da abordagem rogeriana faz com que suas concepções, e o arcabouço teórico geral de sua abordagem se fragilizem. Gerando dificuldades para a reprodução de seu conhecimento, e formação de novos profissionais a ela aderentes.

Alguns conceitos estão, em função disto, pobremente elaborados. Alguns flagrantemente inconsistentes e superados.

O conceito de *tendência atualizante*, por exemplo. Sua concepção vincula-se a uma perspectiva biológica. Quando as questões pertinentes à terapia, ao trabalho psicológico, à facilitação de grupos, dizem respeito não a uma dimensão biológica, mas à dimensão fenomenológico existencial. A explicitação desta concepção segundo a perspectiva fenomenológico existencial permite a assimilação da tendência atualizante à dimensão do possível, da possibilidade compreensivamente vivida. E a concepção de seu desdobramento à noção de interpretação fenomenológico existencial. E à compreensão do modelo rogeriano como uma

hermenêutica fenomenológico existencial.

Por outro lado, a noção de *compreensão*, na concepção de *compreensão empática* – tão importante na concepção da abordagem rogeriana -- filia-se à concepção de *compreensão* da filosofia da vida de W. Dilthey – a reprodução em mim, um ser vivencial, da vivência de outro ser vivencial. Martin Heidegger foi influenciado por Dilthey, e desdobrou as suas concepções, concebendo a *compreensão* como a própria constituição do sentido, ao nível do ser-no-mundo. Diferentemente da perspectiva de Dilthey, a compreensão desta forma concebida deixa de ter uma concepção objetivista, ou subjetivista, já que a vivência de ser no mundo se dá fora da dicotomização sujeito-objeto. A *compreensão empática* pode assim ser compreendida de um modo mais próprio, em particular no sentido de seu caráter dialógico.

Assim, desvendar as raízes fenomenológico existencial das concepções de Rogers, da abordagem rogeriana, permite uma apuração de seu sentido, uma apuração do sentido das concepções de Rogers. A superação de processos degenerativos da abordagem, e uma continuação da sua produção e reprodução.

---

## 7.
## Concluindo.

O trabalho de Carl Rogers é qualitativamente muito significativo. Ainda que de certas óticas, este significado possa parecer ambíguo. Seu trabalho oferece a concepção e método de uma profícua abordagem de psicologia e de psicoterapia para o trabalho na chamada "clínica" psicológica, no trabalho com grupos, no trabalho no âmbito da psicologia comunitária, da psicologia hospitalar, na psicologia organizacional e do trabalho, na psicologia educacional... Rogers contribui fundamental e diferenciadamente, de um modo teórico e fenomenológico existencial experimental, com a constituição de um modelo fenomenológico existencial experimental de psicologia e de psicoterapia. É, sem dúvida, um gigante neste sentido.

Naturalmente que, nas condições em que ele viveu e

trabalhou, há ambigüidades, imprecisões, equívocos. Alguns, intrínsecos ao empreendimento pioneiro de constituição de um modelo fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia. Alguns, devidos a fatores e conflitos culturais. Outros, devidos às limitações das informações sobre a ontologia, concepção e metodologia fenomenológica, e sobre o existencialismo. Nada disso compromete a substância e importância de sua contribuição, quer seja em termos conceptuais ou em termos metodológicos.

Rogers transita, ao longo de sua vida, e de sua obra, desde âmbito moralista, puritano, religioso; na direção de uma abordagem genuinamente fenomenológico existencial experimental. Ao chegar, por exemplo, à culminância de sua obra, na concepção e experimentação da metodologia fenomenológico existencial experimental empírica do trabalho com grupos.

Teve um influência importante da psicologia acadêmica norte americana, dos livre pensadores norte americanos, como Emerson e Thoreau. Mas encontrou Kierkegaard e Buber já no seminário teológico, anteriormente a sua carreira de psicólogo. Como psicólogo, já, recebe as influências marcantes de Abrahan Maslow e de Rollo May. Estes mediam de um modo importante a chegada até Rogers da psicoterapia fenomenológico existencial européia, dos heidgerianos Boss e Binswanger. Os gestálticos (da Psicologia da Gestalt) chegam, de um modo substancial, através dos seminais trabalhos de Kurt Goldstein e Max Wertheimer, emigrados para os EUA, após uma já longa e profícua vida produtiva dentro da tradição fenomenológica da Psicologia da Gestalt, na Europa. E é fundamental, no desenvolvimento de suas concepções e metodologia, o intercâmbio com Otto Rank, emigrado da Europa, para a Universidade da Pensilvânia. Rank trazia, sobretudo, e mais uma vez, a influência de Nietzsche no desenvolvimento de sua abordagem de psicoterapia. E teve uma substancial influência sobre Rogers.

Se existem imprecisões, impropriedades, equívocos, nas formulações de Rogers, a partir da perspectiva da ontologia e metodologia fenomenológica e existencial, estes podem ser entendidos, como falamos, como conseqüências naturais do pioneirismo de Rogers, e de suas condições culturais, sociais e

históricas específicas.

Afinal, no seu ambiente cultural e acadêmico, fortemente empirista -- num sentido objetivista do termo --, e pragmatista, o que quer dizer igualmente empirista objetivista, Rogers desviou, configurando-se como um empirista substancialmente fenomenológico, e desenvolvendo uma obra, influenciada pelas perspectivas de um Kierkegaard, de um Buber, de um Binswanger, de um Brentano, de um Goldstein, de um Wertheimer, de um Otto Rank, em especial.

Certamente que não era fácil discriminar o caráter empirista da Fenomenologia e do Existencialismo naquele momento nos EUA. Ao mesmo tempo, cabia evitar uma concepção idealista da Fenomenologia, fortemente rejeitada, naturalmente, no âmbito de um empirismo objetivista. Por entre Brentano, Husserl, Heidegger, Sartre, Psicologia da Gestalt, tensões entre o modo americano e europeu de conhecer... não era fácil encontrar um caminho.

Coerentemente, Rogers foi pela via do empirismo, e o empirismo que só podia ser o empirismo fenomenológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia.

No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teoria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodologia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.

O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experimentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de concepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.

Entender a abordagem rogeriana é, certamente, entender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da *focalização*, ou das meras *condições de criação de um clima*

*terapêutico* (ainda que elas sejam importantes).

Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.

Não fazemos justiça a Rogers enquanto não compreendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.

Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre este modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na perplexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.

Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenologia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cultural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, dificultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Maslow, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brentano, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais interessado na experimentação fenomenológico existencial empírica de seu modelo.

A teoria e a teorização são, entretanto, fundamentais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teorético, não teorizante, *em sua vivência*. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da transmissão dele a novas gerações.

A situação assim da teoria, a sedução pela "facilidade" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeriana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüentemente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas concepções e métodos.

Isto não faz jus, naturalmente, à importante e substancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.

O modelo de Rogers contribui efetiva e substancialmente neste sentido.

Resta-nos o desafio de uma compreensão, experimentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenológico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em termos conceituais e metodológicos.

# 1.
# Carl Rogers.
# Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretensioso.

De várias formas. E aqui nos interessa sobretudo no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita.

Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico (Buber), na tradição de Brentano. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da *tendência atualizante*, Carl Rogers já tinha ido, experimentalmente, além; no sentido do logos metódico de um empirismo humanista*, fenemenológico existencial, dialógico, em psicologia e psicoterapia, no âmbito das relações humanas.

Desinvestido de qualquer pressuposto de *condição e desempenho técnicos*, na sua atuação. Destituído de aspirações *científicas* tradicionais. Ou de veleidades *práticas*, e *pragmáticas*. Destituído da crença na efetividade do *teórico* e da teorização, e do *moralismo*, em particular, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas. E, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando naturalmente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

---

* Na tradição do *Humanismo* de filósofos do Século XIX, como Brentano e Nietzsche, que voltavam à Filosofia do Renascimento, e aos gregos pré-socráticos, na recuperação da vivência humana como critério.

Como meio e como via, como *jeito de ser*, do psicólogo e do psicoterapeuta, do educador, da pessoa -- em processos de *co-laboração* na potencialização de metamorfoses, e de estilos existenciais de vida1[1] --, o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, de privilegiamento, e de afirmação experimental, dos momentos de ***dialógica interhumana*** (Buber)**.**

O sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se numa postura de afirmação experimental da *concrescência fenomenológico existencial da existência*, na pontualidade de seus desdobramentos. Consistentemente arraigado em pré condições de respeito radical -- pessoal e metodológico -- pela alteridade, pela diferença, do cliente; e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal. Como imprescindíveis condições do privilegiamento do *encontro*, nesta *dialógica interhumana*. O *encontro c*omo vivência de *momentos de um modo de ser* generativamente existencial, *existenciativo, poiético*.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver -- na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo, à guisa de metodologia -- a obstinação mansa e rítmica de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento, radical, da mera, nua, crua, e simples, *dialógica interhumana*. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas paciente, pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, *o deserto começasse a florescer.* Ou, como dizia John Wood, *até que a orquestra se afinasse*, e estivesse em condições para uma 'performance poiética'.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Carl Rogers, muito freqüentemente, em suas concepções e posturas metodológicas. Mal entendido pelos 'de fora'. E, freqüentemente, mal entendido por muitos dos "de dentro", que assumiam a incorporação de seu modelo.

Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o *simples* pelo *simplório.* Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, *empirismo humanista* , fenomenológico

---

1[1] BUBER, Martin EU E TU. São Paulo, Cortês, 1983.

existencial, dialógico, *na relação inter humana*.

Substituindo por atitudes retóricas, e estereotipadas, ou meramente manipulativas, a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência de confirmação da, e de interação com a, diferença do outro; negando-se à vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil, como tal, à germinação da ação, da criação, da *existenciação*.

Não muito longe, outros, por captarem o modelo rogeriano em fases primitivas, quando ainda havia uma referência importante, e mesmo a aspiração de um certo cientificismo. Com surpresa, os vemos hoje em dia tentando interpretar o modelo rogeriano pela via de um cientificismo pseudo científico. Inscientes, talvez, do finíssimo e precioso trabalho de Rogers na superação não só do cientificismo, mas do próprio paradigma científico em psicologia e psicoterapia, em privilégio do que permite, potencializa e engendra o existencial. Perderam o bonde?

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers. Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de *técnicas*, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, certamente, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela *questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas*, e, portanto, ao nível do método em psicologia e psicoterapia. E compreendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos, essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A *existência*, como observou Heidegger2[2], *resolve-se apenas existencialmente*. E Rogers compreendia muito bem, e profundamente, isto. Da mesma forma que entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre latente, iminente e atual, do abuso da impropriedade de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação, e uma das primeiras

2[2] HEIDEGGER, M. SER Y TIEMPO. México, Fondo de Cultura, 1985.

condições de método, dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido, Rogers, pelos científicos. Que – pertinentemente -- não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados. Nunca entenderam estes, evidentemente, o sentido propriamente fenomenológico existencial de *experimentação.*

Bem antes dos cientificistas pseudo científicos em psicologia -- alguns mesmo dos que se dizendo *rogerianos*, de hoje (pasmem!) --, Rogers entendeu que -- da mesma forma que o paradigma técnico -- o paradigma científico não dava conta do vivido fenomenativo, no qual o possível é possível. Nem se aplicava à, *ato-ação* ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura como sendo da ordem do modo humano de ser da ação *poiética*, e não da ordem do *epistemológico*.

Não é porque é *menos*, que o fenomenológico existencial não é da ordem do científico. É, apenas, porque o científico não dá conta do existencial, que nem mesmo da ordem da realidade é. Quanto mais da ordem da objetividade. Diria pessoa pela boca de uma sua personagem,

> *Estávamos cheias de ser nós. E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade*.3[3]

Bem ao gosto de Nietzsche4[4], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao empistemológico, e epistemofílico, pressuposto científico da *busca de verdades.* Não se conforma às esferas do conhecer, e do conhecimento, e de suas

---

3[3] PESSOA, Fernando – O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS.

4[4] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE. F. GAYA CIENCIA,

vontades.

Não é por outro motivo que *o coração tem razões que a própria razão desconhece* (Pascal); e que *seria enloquecedooooooorrrrr se amor tivesse a ver com verdade...* (Maffesoli). Mas, mais propriamente, o existencial, experimental, a-ventura-se, de um modo essencial, na incerteza, e na improvisação, da potencia criativa, na possibilidade humanamente ontológica da criação da realidade e do verdadeiro.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados. Moralistas que, similar-mente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a *enorme* inutilidade e "desperdício" de tempo e de recursos da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, certamente, de que, em sua especificidade, a existência humana -- eminentemente da ordem do modo de ser do *poiético* -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível deste humano modo de ser que ***não é*** da ordem do modo de ser no qual se dão o *útil* e a *utilidade.* Humano modo de ser, que sem prejuízo do prático e da prática, não é da ordem do modo de ser no qual se dão a prática, o valor do prático e da pragmática.

Ainda que deste fenomenológico existencial *poiético* modo de ser tudo provenha; e, paradoxalmente, provenham, inclusive, em suas especificidades, todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber5[5], com essencial propriedade, o modo humano ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil e da utilidade, como não o é, igualmente, da ordem do modo de ser no qual vigoram os fins e os meios; não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, não é da ordem do modo de ser em que vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; a sua fatalidade; nem mesmo é, como observamos, da ordem do modo de ser que entendemos como *realidade*, no sentido *objetivo* do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teoréticos... Que *resolvem* o mundo em sua abstração... Para os teóricos, Rogers, a *santa incoerência*... Uma verdadeira *metamorfose ambulante*. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos, em uníssono, e estereotipadamente, balançam, desaprovadoramente, a cabeça, diante do paradigma rogeriano.

Sem se precatarem de que, fundamentalmente, Rogers compreendera, em sua efetividade, a distinção específica entre teoria e existência, a distinção entre ação e teoria. Rogers intuíra a distinção entre *explicação* e *compreensão*, e intuíra que *não existe explicação que possa levar à compreensão* (Takuan Soho). E estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana -- com suas questões, com suas crises, superações e crescimento; para lidar com a sua efetiva e específica possibilidade de ação --, é imperativo fazer-se ao largo do teórico, da teoria e da teorização, e direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso (*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...*), e ontológico, modo existencial de sermos. Que é *perfeita* aderência à ação, à incerteza, e ao devir, fenomenais. E que, especificamente, e por definição, e radicalmente, não é da ordem do modo de sermos em que somos teóricos e conceituais, explicativos.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está

---

5[5] BUBER, M. Op. cat.

aí a sua obra escrita. Mas, ainda que se interconectem, e interajam, cada coisa em seu lugar.

Aliás, é de capital importância entender que a *vivência empírica* é, por definição, não teorética; mas que existe uma diferença fundamental entre o empirismo *objetivista*, tradicional na cultura anglo-saxã, e o empirismo *fenomenológico* em termos do teórico, da teoria e da teorização: o empirismo objetivista é radicalmente contrário, e avesso, à teoria e à teorização. O empirismo fenomenológico não é avesso ao teórico, à teoria e à teorização. Ou seja, igualmente para o empirismo fenomenológico, a vivência empírica é caracteristicamente não teorizante, e não se assenta sobre teoria. Mas a teoria pode constituir-se como um outro e relevante momento, a partir da vivência não teórica. Da mesma forma que a teoria pode constituir-se como elemento das condições de sua hermenêutica.

De modo que, desde Brentano, não há, para o empirismo fenomenológico, um preconceito e uma aversão ao teórico, à teoria e a teorização. Eles são possíveis e necessários, desejáveis, ainda que sejam estranhos e heterogêneos com relação aos momentos particulares da vivência empírica. Que, fenomenológica, não comporta a dicotomia do eixo de referência das relações de sujeito-objeto. Da mesma forma que, evidentemente, não poderia privilegiar o pólo objeto desta relação, constituindo-se no campo da objetividade, como objetivista.

O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e com as dificuldades existenciais neste processo de superação; lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia. Rogers entendeu que a atuação, a efetivação, desta potência humana de superação se dá, especificamente, no âmbito do modo de sermos que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Modo de sermos a que ele, seguindo a Goldstein, denominava de *experiência organísmica.* Modo de sermos a que Dilthey e Heidegger, guardando as devidas particularidades, chamavam, respectivamente, de *vivido* e de *ser-no-mundo.* E como atuação do que ele chamava, e entendia, como *tendência atualizante humana.*

No âmbito próprio da vivência momentânea deste modo

fenomenológico de sermos, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, impróprios. Quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de sermos demanda outras habilidades, equivalentes às de um dançante, ou as de um nadador, ou de um artista, em suas atividades próprias.

A questão de Rogers, portanto, era a da experimentação, da definição, e desenvolvimento, de uma concepção e de uma metodologia não teorizantes em psicologia e psicoterapia, no trabalho com grupos, e nas áreas a que ele posteriormente se dedica. Uma metodologia não teorizante, fenomenológico existencial empírica, de vivência, para o cliente, a partir de condições e atuação colaborativa e sinérgica, igualmente fenomenológico existenciais empíricas, por parte do terapeuta, psicólogo, educador. Concepção e metodologia fenomenológico existenciais empíricas, poiéticas, mais aparentada do modo artístico de funcionamento, o que quer dizer, não teorizantes, não técnicas, não moralistas, não científicas, não práticas.

Quanto a sua própria teorização, Rogers, assim como Perls, viu-se preso, e desafiado, portanto, na experimentação e na elaboração experimental da teoria e da teorização, e na elaboração do logos metódico, de uma concepção e metodologia de psicologia e de psicoterapia no âmbito da atuação de um modo de ser,. radicalmente não teórico e não teorizante. Fenomenológico, existencial, empírico. Modo de ser próprio da existência e da existenciação, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; modo de ser próprio à dialógica inter humana, interpessoal, e coletiva.

E, coerente, e concernentemente, a sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos e explicativos, cada vez mais ensaística, à medida que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas, fenomenoativas, do próprio modo de ser da existência. Atitudes cada vez menos explicativas, e teóricas, cada vez mais implicativas e compreensivas.

Rogers sempre privilegiou, como atitude metódica, e

como proposta de vivência para o cliente, a experimentação fenomenológico existencial. A dialógica inter humana entre terapeuta e cliente. A linguagem dialógica inter humana da existência. *Patética.* E, com isso, desdobrou e abriu possibilidades preciosas e muito fecundas para a psicologia, para a psicoterapia, para o trabalho ao nível do humano.

Possibilidades nem sempre compreensíveis, em sua essência e características próprias, a partir de um ponto de vista teórico. Ou de um ponto de vista pragmático.

É fundamental considerar deste ponto de vista a obra teórica de Rogers. A sua evolução à medida que se desenvolve a sua experimentação, a natureza especificamente não teorizante de seu método, e a própria perplexidade da experimentação profissional de uma metodologia, que por existencial, era especificamente empírica, não teórica, não conceitual. Daí o caráter essencial e grandemente aberto de sua obra teórica.

É muito importante considerar que a elaboração do paradigma rogeriano, um paradigma não teorético, e, por isso, *empirista* – neste sentido *fenomenológico existencial dialógico* --, se dá, exatamente, no âmbito cultural hegemônico e forte de um *empirismo.* Mas, especificamente, no âmbito do ***empirismo objetivista***, vigente na cultura norte americana e anglo saxã. Carl Rogers destaca-se, assim, com a contribuição de uma concepção e método de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existenciais empíricos, radicalmente heterogêneos com relação ao empirismo objetivista então predominante.

Tudo isto aponta para questões extremamente importantes, que dizem respeito, por exemplo, ao fato de que, ainda que sua teorização seja importante, o fundamental, em termos da obra de Rogers, não é exatamente a sua teorização, mas a sua metodologia não teorizante. Ou seja, o melhor ponto de vista para a compreensão e a apreciação do paradigma rogeriano não é exatamente o ponto de vista de sua teoria. E, neste sentido, é importante considerar a insuficiência da teorização, mesmo a teorização de Rogers, para captar e expressar teoricamente a especificidade de seu logos metódico. Até porque, ao morrer ele apenas iniciara, experimentalmente, a

definição de sua concepção e metodologia em termos fenomenológico existenciais empíricos.

O mesmo podemos dizer com relação ao ponto de vista científico, com relação ao ponto técnico, com relação ao ponto de vista prático, e com relação ao ponto de vista pragmático. Como pontos de vista inespecíficos e impróprios para a apreensão e compreensão do existencial, do fenomenológico existencial empírico, e, portanto, do paradigma rogeriano.

Como observamos, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que a teoria e a teorização não sejam importantes no seu âmbito, ou que não existe, na sua aprendizagem, na sua reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é o teórico um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas, quando efetiva, no caso do paradigma rogeriano, trata-se da teorização de um paradigma cuja vivência, especificamente não teorizante, é qualitativamente descontínua com o teórico. Da mesma forma que podemos contemplar e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimento e habilidades, que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais, fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos, empíricos enfim.

É interessante observar que Rogers movimentou-se e evoluiu, em termos humanistas, dos contrafortes norte americanos da ciência positivista, e *objetivamente* empirista -- e do moralismo religioso puritano --, em direção ao existencial, ao empírico fenomenológico existencial, corpo-ativo. Em sua trajetória, guardava em si, desde o início, o germe do

fenomenológico, e do *empatético.* Mas esta trajetória careceu de se configurar como uma imensa atividade de desconstrução. Imensa -- não tanto em quantidade como em qualidade -- atividade de desconstrução em psicologia e psicoterapia do paradigma objetivista, do paradigma técnico, do paradigma científico, do paradigma moralista, do paradigma pragmático, e do paradigma prático...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da nua dialógica interhumana – ou *interlógica diahumana* -- de sua empatética, um imenso trabalho de desconstrução, de cascavilhamento e de experimentação fenomenológico existencial já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um *ponto zero*. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empatética.

Podemos ver que, se, por um lado, a sua teoria vai ganhando um caráter despretensiosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia, e mesmo método fenomenológico existencial – ao qual ele vai aderindo de um modo cada vez mais radical; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma *tendência atualizante*, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitações.

## 2.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Na medida em que consideramos a dimensão existencial humana, as suas crises e questões, e as suas resoluções, necessariamente especificamente existenciais, compreendemos que a concepção e a metodologia de Rogers são muito sensíveis e refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou às vezes quase que epidêmica entre os "centrados".

Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método, e a própria concepção e método, de Rogers foram mal compreendidos, ou mesmo desconhecidos. E sua abordagem freqüentemente entendida, ironicamente, como o modelo pronto do objetivismo, ou da pragmática, de uma certa tecnologia da compreensão, adoçada de fragmentos açucarados da retórica de uma imprecisa ideologia dita "humanista".

---

Como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers atualiza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dimensão do existencial, com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano; incompatíveis com a sua empatética. Foram-se, então, na vivência do logos metódico do paradigma rogeriano, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições definidoras específicas de uma *prática.*

Cascavilhando experimentalmente, Rogers buscou as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos

metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade, um dos pilares clássicos de seu paradigma, que marca o seu afastamento do paradigma moralista.

A não diretividade é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da "experienciação". A *empatética -- patética*, *peripatética* -- do privilegiamento dos momentos próprios de vivência (páthica) dos desdobramentos da dialógica do interhumano.

De fato, Carl Rogers efetivamente experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia, e de uma psicologia, fenomenológico existencial. Paradoxalmente, o seu despojamento representava, na verdade, uma apuração experimental, cada vez mais refinada, de condições fenomenológico existenciais de concepção e de método de psicologia e de psicoterapia.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial se afirma e se desdobra, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação; quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância. Como, por, exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um papel inegável, fundamental, e fundador.

Muito importante, pois, atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação das concepções e método de Carl Rogers com surgimento, desenvolvimento e consolidação de uma concepção e metodologia de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais. Coisa efetivamente rara.

Não podemos, naturalmente, deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de um L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da experimentação e caracterização da vivência de metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais. E, neste sentido, empíricas, experimentais, performáticas, e poiético-hermenêuticas.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de ser, atrelou-se aos vieses das psicologias científicas e das psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano e europeu. Desde muito cedo, não obstante, é nítido o movimento de diferenciação do modelo rogeriano com relação ao hegemônico paradigma do empirismo *objetivista* vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual. Crise esta que morre na formulação de condições hermenêuticas do *empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico.* Que se configurava como característica forte da vivência de seu método, em particular da sua última fase.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da Fenomenologia, do Existencialismo, da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com a constituição e desenvolvimento destes.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso *strip tease fenomenativo existencial* da teoria, da prática teorizante e conceitual -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais ***empírico*** *e* ***experimental*** (num sentido fenomenológico e existencial) no que podemos entender como o provimento *empírico e experimental*, por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de *condições hermenêuticas experimentais*, *fenomenológico existenciais,* para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente *interpretar* – num sentido fenomenológico existencial, especificamente --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações,

e resoluções.

Como observamos, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencial, experimentalmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico existencial, e experimentalmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua experimentação, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático e pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, fenomenológico existencial poiético, hermenêutico.

A importância das elaborações de Rogers se dão, principalmente e em especial, não ao nível de sua teorização, mas, como seria de se esperar em uma abordagem *empírica* (não teorética), fenomenológico existencial. Ao nível de sua resoluta experimentação fenomenológico existencial de concepções e condições de método.

Assim, não se pode apreender o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da *tradição de Brentano*, é no desenvolvimento de sua de sua metodologia que reside a sua especificidade, e a sua riqueza.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi, progressivamente, assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento formulação da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers, neste sentido.

Cremos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de *condições hermenêuticas* para o processo *hermenêutico* da *interpretação fenomenológico existencial*,

*empírica* e *experimental*, por parte do cliente. *Interpretação* da força -- da *posse* -- do *possível*, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls – este com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos --, fortemente bafejados, neste sentido, por Buber, e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das concepções e métodos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais, que emergem e florescem em nossos dias, pejadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que, freqüentemente, ela não é notada, ou considerada, ou é meramente incompreendida. Há quem queira diminuí-los... Mas olhando bem, não é pouco, em especial em termos qualitativos, o que eles conseguiram...

Por outro lado, não é raro que se fale de um modo retórico em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, já que ela está em moda, e pode até ser chique, sem nenhuma referência a concepção ou método específicos, e sem referência , ou até negando-se, as importantes e qualitativas contribuições de Rogers e de Perls neste sentido específico. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com a perspectiva de um empirismo aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia.

---

## 3.
## Carl Rogers, o patético.

**Empatético, peripatético.**

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético.* Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos.* Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência.*

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência.* Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de*

*consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*. Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética. Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia.* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética.* Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser

---

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos.* Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos,* do *páthico.* Que na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos.* A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando.* Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática.* A mente reflexiva cede

lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos, a vivência páhtica*, enquanto método de filosofação.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de filosofação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-**peri-**mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos.* E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a ***peri** path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-***peri***-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de

sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia – em-pathia*. E que *Empatia*, especificamente, significa "dentro do pathos".

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de

uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem prática, na verdade uma *poiética.*

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência.* De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética.*

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáhtica.* Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos.* Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético,* é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético,*

*Empatético* e *peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre "o que é que esta pessoa pode?" "O que é que pode este grupo?" "O que podem os seus participantes?" "O que posso eu..."

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que *o possível* -- que nossa atualidade existencial

reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da "confraria" dos *patéticos*, *empatéticos, peripatéticos...*

---

**4.**
**Nem *Teorético*, nem *Prático*.**
**Muito menos *Pragmático***
**O Paradigma Rogeriano.**
**Fenomenológico Existencial: *Poiético*.**

Uma das características mais marcantes e específicas do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, é a de que ele não é da esfera do *prático*, ele não é uma *prática*.

A característica do modo vivencial, fenomenológico existencial, que o paradigma rogeriano preconiza, como modo privilegiado de vivência -- para o cliente, e para o desempenho metodológico do terapeuta, ou psicólogo – se descompromete com, e não privilegia, as características fundamentais do *prático* e da *prática*.Tais como a *ação voluntária*, a *utilidade*, a *hegemonia do princípio de sobrevivência* como critério (mas a *superação)*. O vivencial, fenomenológico existencial, dialógico e poiético, é um modo de sermos no qual dão-se, como vivência, a força do

possível, e da possibilitação, de sua atualização.

Diferentemente do prático e da prática, as características peculiares do modo fenomenológico existencial, poiético e dialógico, são a *ação espontânea* (em contraposição com a ação voluntária, própria à prática), a vivência fora do plano da dicotomização sujeito-objeto; e fora do modo de sermos em que vigora a causalidade, em que vigoram os fins e os meios. São características definidoras, ainda, do modo fenomenológico existencial de sermos a *vivência de superação*, característica e intrínseca à atualização de possibilidades (em contraposição ao predomínio do *princípio de sobrevivência*, à *adaptação* e à *conservação*, característicos do *prático* e da *prática*).

Esta característica não prática do paradigma fenomenológico existencial rogeriano talvez seja um pouco mais sutil, e até mais desconhecida. Uma vez que é mais disseminada a compreensão de que a vivência do paradigma rogeriano, não é da esfera do teórico e da teorização.

Automaticamente assume-se, então, freqüentemente, que o paradigma rogeriano seria da esfera da *prática.* Com o risco de confundi-lo, como freqüentemente ocorre, de um modo articulado teoricamente, ou não, como um modelo pragmático.

**A. O paradigma rogeriano,**
**nem teorético, nem prático; nem pragmático.**
**Fenomenológico existencial dialógico e poiético.**

Fenomenológico existencial dialógico, poiético, caracteristicamente, o paradigma rogeriano, assim, *não é teorético*, e *teorizante* em sua vivência. A Fenomenologia e o Existencialismo privilegiam um modo de vivência, um modo de "consciência", que não é teórico, que se caracteriza como "consciência" pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. É especificamente isto que define o *empirismo* da Fenomenologia, e do existencialismo, da filosofia da vida. O fato de se caracterizarem como abordagens da realidade na própria

vivência fenomenal, pré-reflexiva, pré teórica. E não através da mediação do teórico, da teoria e do conceitual. Enquanto não teorizantes, não conceituais, as abordagens fenomenológico existenciais serão sempre, como tais, *empiristas.*

Vale observar, como observamos, que este *empirismo* é, especificamente, ***um empirismo fenomenológico existencial***, e não o empirismo objetivista, do objetivismo e do pragmatismo.

Vivencial, portanto, o paradigma rogeriano não é, na sua vivência, um paradigma de privilégio da experiência abstrativa, não é um paradigma de privilégio da abstração, de privilégio da reflexão, da teorização.

Não teorético, assim, o paradigma fenomenológico existencial rogeriano é facilmente concebido, de modo algo automático, como sendo então da ordem *da prática*, da ordem de um modo *prático* de sermos.

É fundamental para a compreensão do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, compreendermos que, da mesma forma que a sua vivência não é da ordem da teorização, ela não é, igualmente, da ordem da *prática.* Não é da ordem do *prático*, não é da ordem de uma prática.

O que pode parecer desconcertante, num primeiro momento. Mas, nada mais natural, e específico ao paradigma fenomenológico existencial, ao paradigma rogeriano.

Certamente que esta característica não estava muito clara nas primeiras fases do modelo rogeriano, nem na sua teorização. Mas era muito clara nas fases finais, sendo uma característica fundamental do modelo de trabalho com grupos ou do modelo na relação diádica da última fase de Rogers e companheiros.

É fundamental assim observarmos que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, e de uma concepção e metodologia para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não era da *esfera do teórico* -- já que, como vimos, o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de sermos --, do

ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão de sua concepção e método não era a questão de uma *prática. Ou seja, não era da esfera do modo prático de sermos.*

E isto era e é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do *teórico*, nem da ordem do *prático*, da ordem de uma *prática.*

São, mais especificamente, da ordem do *poiético.* Não *teorético*, não *prático*, em sua vivência, o paradigma rogeriano é eminente e especificamente *poiético.*

O modo de sermos alternativo a uma *teorética* não é, necessária e simplesmente, o modo prático de sermos, a *prática.* Podemos ser, também, e de um modo ontologicamente mais fundamental, de modo fenomenológico existencial *poiético. O* modo de fenomenológico existencial de sermos, no qual, em especial e especificamente, vivenciamos, agenciamos, potencializamos, e consumamos possibilidades.

Intuitivamente, isto estava muito claro para Rogers e seus colaboradores, ainda que não tivessem articulado isto teórica e filosoficamente.

Assim, se, por um lado, a vivência do paradigma rogeriano, seja em grupo ou na relação diádica, não era, e não é, uma vivência de teorização, uma experiência abstrativa (que abstrai o corpo, o vivido, os sentidos); se não era, e não é, assim, uma experiência teorizante, reflexiva, igualmente, não é uma experiência orientada para a *prática*, uma experiência de natureza *prática.* Que, igualmente, se distingue essencial e radicalmente do paradigma *fenomenológico existencial poiético*.

O paradigma rogeriano não é prático, sua vivência não é da ordem da *prática*... Diferente do modo de sermos abstrativo, teorizante, reflexivo; e diferente do modo prático de sermos, a vivência do paradigma rogeriano é, assim, da ordem do fenomenológico existencial poiético: o modo de sermos vivencial (*estético)* no qual propriamente agenciamos, potencializamos, atualizamos e consumamos possibilidades.

Assim é que o modo de vivência, caracteristicamente privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da *prática.* Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Coube a Carl Rogers, em particular na última fase de sua obra, a partir de 1974, a radicalização de um paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia. Tendo, em particular, o campo experimental de vivência do modelo fenomenológico existencial de concepção e de facilitação de grupos.

Ainda que explícito (Rogers, Psicoterapia e Relações Humanas), Carl Rogers não fazia grandes definições teóricas, epistemológicas, ou ontológicas, com relação à natureza fenomenológico existencial de sua abordagem.

Isto decorria certamente da postura tradicionalmente *empirista* que ele compartilhava com o meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas. A questão qualitativamente crítica, não obstante, é a de que, com a Fenomenologia da tradição de Brentano, à qual ele aderiu, o próprio estatuto do *empirismo* se transforma. O *empirismo* que Rogers praticava, especificamente, o empirismo fenomenológico existencial. Enquanto que o *empirismo* que vigorava na cultura norte americana era um empirismo *objetivista.*

O empirismo é, em essência, uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação da teoria. Radicalmente empirista, nesse sentido, segundo a definição de Brentano, a Fenomenologia se distingue, radicalmente, do empirismo objetivista, comum ao meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas, de que Rogers compartilhava. O *empirismo* fenomenológico considera e privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos que se configura fora do modo de sermos no qual vigora a estrutura da relação sujeito-objeto. E que, evidentemente, não assume, nem poderia uma atitude de privilegiamento do objeto.

Rogers e colaboradores profundamente entenderam e praticaram os diferenciais do *empirismo* especificamente *fenomenológico*. Ainda que não o tenham especificamente tematizado teoricamente, era evidente a sua adesão a este. A falta de clareza com relação aos dois tipos de empirismo foi, e é, motivo de vários tipos de confusão.

Decididamente, não obstante, não era um empirismo de tipo objetivista o que praticavam Rogers e colaboradores.

Daí ser de grande interesse elucidarmos as características fundamentais do paradigma fenomenológico existencial, em sua vivência empírica, para compreendermos, vivenciarmos e desdobrarmos o paradigma rogeriano em psicologia e psicoterapia. Em, particular, no que concerne a sua característica fenomenológico existencial poiética. Característica que aparece plenamente no último período da obra de Rogers, em especial na concepção, vivência e metodologia do trabalho com grupos. Na verdade, aparece em toda a concepção e metodologia da abordagem rogeriana, na medida em que o modelo de trabalho com grupos exerce uma influência qualitativamente decisiva nas reformulações concepção e metodologia do trabalho ao nível das relações diádicas, a ponto de John Wood observar que só existia trabalho com grupos na abordagem rogeriana, sendo, especificamente,.o trabalho diádico um "grupo de duas pessoas".

Coerentemente, Carl Rogers adentrou, fenomenológico, existencial experimentalmente, a esfera do *poiético*, como modo privilegiado de vivência e como logos metódico de sua abordagem.

A característica *poiética* do modo fenomenológico existencial de sermos caracteriza-o como um modo natural e particular de sermos no qual, como vivência fenomenal, se dá a *possibilidade*, e o seu desdobramento, a sua atualização.

Peculiarmente, dentre outras características, o modo fenomenológico existencial *poiético* de sermos, que permite a vivência do possível e de sua atualização, dá-se na esfera da *ação espontânea*; e não na esfera da ação voluntária, deliberada, intencional, que caracteriza o prático.

Ou seja, a ação, ao nível do poiético, da vivência da tensão projetativa do possível, e da sua possibilitação, de sua ato-ação, é, especificamente, espontânea, desproposital.

Por outro lado, apesar de ser, assim, o domínio por excelência da vivência do possível, e de sua atualização, a própria vivência *poiética* não é da ordem dos úteis e da utilidade. De modo que, ainda que todos os úteis e suas utilidades sejam produzidos poiéticamente, na vivência poiética, em si, não vigora a utilidade e a utilização, e o valor delas; que são, caracteristicamente da ordem da *prática.*

Esta distinção entre *teórico, prático e poiético* já está presente em Aristóteles, em sua distinção das três áreas de ciência.

O termo *poiese* consagrou-se na Fisiologia e na Medicina, e na Ontologia, quando falamos, por exemplo, em Fisiologia, da *hematopoiese*, designando o processo através do qual, nas células da medula dos ossos largos do corpo, as células do sangue são geradas, criadas, produzidas. *Poiese* tem, assim, este sentido, de geração, de engendramento, de produção.

Em Ontologia podemos falar de *ontopoiese*. Como o processo no qual, através do desdobramento vivencial do possível, engendramos o próprio ser-no-mundo. O *poiético* refere-se assim a este modo vivencial de sermos no qual o possível é possível, e se atualiza, no engendramento de nosso ser-no-mundo, que é criação e recriação, e resolução existenciais.

Carl Rogers concentrou-se, progressivamente, na definição, e na criação, das condições para a vivência fenomenológico existencial poiética, no encontro diádico e no encontro grupal.

No desenvolvimento experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, estas características vão sendo progressivamente radicalizadas, até a constituição, em seu paradigma metodológico, de um privilégio soberano da vivência inter humana fenomenológico existencial espontânea e -- fenomenológico existencial -- experimental, poiética, como elemento central. Ao mesmo tempo em que ele experimenta e busca definir as condições metodológicas de propiciamento

desta vivência no âmbito do processo grupal.

Como Vera Cury apontou, as aprendizagens com a experimentação no desenvolvimento do paradigma de trabalho grupal vai ter uma marcante influência na reelaboração do modelo de trabalho inter individual.

É importante observar que estas características do paradigma rogeriano não negam a existência e a importância da própria da esfera da prática e do prático, em sua dimensão própria. A importância do modo prático de ser. Apenas não generalizam nem supervalorizam o valor do prático na condição do humano. Não o elegem a condição de critério. Entendem o modo fenomenológico existencial humano como nosso modo especificamente ontológico de sermos, o modo especificamente existencial, no qual se dão a existência e o processo de sua resolução; o possível, a possibilidade, e a sua atualização.

Mais que isto, o paradigma fenomenológico existencial assume a perspectiva de que, ainda que não sendo da ordem da prática, é ao nível de sua vivência fenomenológico existencial poiética, dialógica, que constituímos a nós mesmos, e ao mundo que nos diz respeito, aos úteis e a suas utilidades, como atualização de possibilidades, como resolução existencial. Ou seja a esfera da prática, de sua vitalização e revitalização, de sua criação e recriação, depende fundamentalmente da criatividade vivencial do fenomenológico existencial poiético.

De modo que podemos pensar numa eficácia criativa, numa *pragmática*, deste modo não pragmático e fenomenológico existencial poiético de sermos.

**B. Do Pradigma Teorético**

*Era eu o poeta estimulado pela filosofia,*
*não o filósofo interessado pela poesia.*
**F. Pessoa.**

É muito importante atentar para o fato de que não se trata, no paradigma dialógico, fenomenológico existencial poiético, empiricamente fenomenal, de um desapreço pela teoria, pela teorização, e pelo modo teorizante e teorético de ser.

Empirista, significa que o modo de ser privilegiado pelo paradigma fenomenológico existencial será sempre não teorizante em sua vivência.

Mas, ainda que o momento de sua vivência seja, especificamente, assim, não teorizante, e privilegiativo do modo de sermos da vivência pré reflexiva, pré-teorizante, pré-conceitual, a perspectiva fenomenológico existencial não desqualifica a importância do teórico e da teorização, em seu momento próprio.

Apenas busca colocar as coisas em seus devidos lugares: a vivência fenomenal é ontologicamente prioritária, na medida em que especificamente onto***lógica***. Ou seja, o nosso modo próprio de ser em que se constitui o *logos*, o sentido, a emergência fenomenal do sentido, que caracteriza o humano, como vivência do possível e vivência de sua atualização. Modo poiético sermos de geração de nosso ser-no-mundo.

O *teórico* tem a sua diferença e importância próprias, na perspectiva do paradigma fenomenológico -- ainda que este seja especificamente empirista, não teorizante, em sua vivência. Mas o momento da teoria e da teorização, anteriormente ou posteriormente ao momento da vivência fenomenal, tem uma importância própria, e valorizada em suas características e poderes próprios. O fenomenologista valoriza a boa teoria e a boa teorização, e está motivado para estudar toda a teoria efetivamente interessante sobre seus objetos de interesse. Ciente sempre de que o momento hierarquicamente superior é o momento não teorizante, empírico, da vivência fenomenal, dialógica e poiética.

Assim é que o *empirismo* fenomenológico convive de um modo produtivo, sinérgico, com a teoria e com a teorização interessantes.

Isto é diferente da postura anti-teórica, e anti-teorizante,

do empirismo *objetivista*, radicalmente avesso à teoria e a teorização.

Cabe, portanto, uma atenção cuidadosa na distinção, neste sentido, e no sentido de suas peculiaridades e diferenças, entre o ***empirismo fenomenológico*** (que se situa e privilegia um modo de vivência que está fora do modo de ser da relação sujeito objeto; e, muito mais, fora de um modo de ser que, no âmbito da relação sujeito objeto, privilegia o pólo objeto desta relação), e o ***empirismo objetivista.*** Empirismo objetivista que não só privilegia o modo de sermos da relação sujeito-objeto, como privilegia o pólo objeto desta relação, e a sua descrição, supostamente objetiva. Ao tempo em que rejeita e afasta-se. de qualquer forma de teoria ou de teorização.

O que não podemos prescindir, é de que, fenomenológico existencial empirista, ainda que conviva com o interesse da teoria e da teorização, fora de seus momentos específicos, o momento da vivência fenomenológico existencial não é teorizante. Sua característica é a de privilegiar no momento de sua vivência o modo de sermos da "consciência" não teorizante, não reflexiva, não conceitual, pré-conceitual, pré-reflexiva, pré-teorizante.

O modo *teorético* de sermos caracteriza-se pela representação, ou seja a *re-apresentação*, de algo que se *apresenta* enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e especificamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial *teoria* significa *visão de um espetáculo6[1].*

Desta forma, a teoria e a teorização constituem-se, especificamente, como afastamento do modo de ser da vivência, e articula relações explicativas de natureza objetiva.

Alguns elementos, assim, caracterizam o modo teorético

6[1] LALANDE, André **Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

de sermos. Dentre eles:

1. O fato de que, especificamente, o modo teorizante de sermos se configura como um afastamento para com o modo de ser *encarnado* do vivido fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

   O modo teorético de sermos é um modo de ser abstrativo, contemplativo. No qual o vivido, o corpo e os sentidos, ou seja, o especificamente fenomenológico e existencial – e, vale dizer, o especificamente poiético --, estão especificamente abstraídos, em privilégio do *abstrato* do conceito, e do teórico.

   Desnecessário mencionar que o modo de ser fenomenológico existencial é especificamente *encarnado*, pontual e momentaneamente vivido, na vivência imediata de corpo e sentidos. Intuitivo, no sentido fenomenológico existencial, não comporta, na pontualidade de sua vivência, própria a abstração, a mediação conceitual.

2. Uma distinção essencial e definidora é a de que o modo teorético de sermos funda-se na ***explicação***.

   O vivido fenomenológico existencial configura-se como, e especificamente é, ***compreensão***.

   O vivido fenomenológico existencial constitui-se, em especial, como vivência compreensiva, e desdobramento de possibilidade. Desdobramento este que se constitui como a *interpretação*, *interpretação* num sentido especificamente fenomenológico existencial. O que o constitui como um modo *poiético* de sermos.

3. O modo teorético de sermos vigora como articulação de *relações explicativas de causa e efeito*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial, além de dar-se, primária e originariamente, como vivência *compreensiva*, dá-se como vivência pré-compreensiva de possibilidade, como desdobramento, compreensão e consumação de possibilidade. Processo do qual se exclui não só o modo de ser da explicação, como a articulação explicativa de causas e

efeitos.

4. O modo de ser teorético se constitui na experienciação da dicotomização *sujeito-objeto*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial dialógico e poiético, ser-no-mundo, não comporta esta dicotomização sujeito-objeto, ainda que se constitua, na sua momentaneidade, na tensão do âmbito dialógico da relação eu-tu. (BUBER,)

## C. O prático e o pragmático;

A partir desta constatação de que o modelo fenomenológico existencial rogeriano não é da ordem da prática, da mesma forma que não é da ordem do teorético, é interessante observar e compreender algumas características que constituem o paradigma da prática, o prático. Compreender as características fundamentais do paradigma teorético. E as características, e diferenciais, com relação a estes dois, do paradigma fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

Algumas características sobressaem no paradigma prático:

1. O valor prioritário do útil e da utilidade;

2. O valor da utilidade, segundo o princípio de sobrevivência;

3. O *prático,* a prática, tem com referência o valor da utilidade em termos de adaptação e do princípio de sobrevivência;

4. A prática caracteriza-se pela ação voluntária deliberada.

5. A prática se dá no âmbito do modo de sermos da

relação sujeito-objeto.

6. A prática se dá no âmbito do modo de sermos das relações de causa e efeito.

A *prática* exige o *caráter voluntário* e *deliberado* da "ação". E o critério de sua avaliação é o da utilidade. Em particular, da utilidade para a adaptação e para a sobrevivência. Uma característica fundamental do paradigma fenomenológico existencial rogeriano é a da entrega à espontaneidade, a entrega à *ação espontânea* do vivido; ou seja, a entrega à espontaneidade generativa (poiética) do vivido, com sua característica espontaneidade despropositAl de vivência do desdobramento da força do possível, e da performação de sua atualização. De modo que no modo privilegiado por sua vivência, o que vigora é o modo de ser da ação espontânea, e não o modo de ser da ação voluntária e intencional.

Na vivência existencial, não vigoram a utilidade e a utilização, características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consuma-se na *superação*, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

As características do vivencial fenomenológico existencial, privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se enquadram portanto no âmbito do *prático,* e da *prática.* Mas, especificamente, no âmbito do *poiético.*

O *prático7[2]* tem sempre o sentido de *uma atividade voluntária que modifica o ambiente*, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo *prático* de ser vigoram os *úteis* e as *utilidades;* e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

7[2] op. cit.

## D. O fenomenológico existencial poiético.

Sumariando características do nosso modo fenomenológico existencial poiético e dialógico de sermos, cabe dizer, em primeiro lugar, que é ***este*** o nosso modo onto-lógico de sermos, para uma perspectiva fenomenológico existencial.

Em essência (que é existência), somos *sentido* (logos), e ação. Ontologicamente somos *logos* (sentido); ontologicamente somos onto-*lógicos*. Sentido e ação, como atualização sentida, que se dá na vivência do possível, que é própria ao modo fenomenológico existencial dialógico e poiético de sermos.

O sentido, o logos, que continuamente nos constitui, se nos dá como pré-compreensão da força de possibilidade, como compreensão, e desdobramento desta força (interpretação fenomenológico existencial) em criação; ação propriamente dita.

Este modo de sermos é um modo que, ainda que comporte a dualização eu-tu, não comporta a dicotomização sujeito- objeto, própria de nosso modo acontecido, realizado, ôntico, de sermos (Buber,).

Neste modo de sermos, a causalidade não vigora. Ele é imediatamente vivido e vivência. Presença que se desdobra, diria Buber.

Imediato, não comporta a mediação dos meios e dos fins. Seja dos meios e dos fins teóricos, seja a dos meios e dos fins práticos. Ao mesmo tempo, que nada tem do automatismo comportamental.

O modo fenomenológico existencial, enquanto modo de incontornável atualização de possibilidade, é especificamente o modo de dar-se da ação. Mas em seu âmbito, a ação como atualização de força de possibilidade, em sua incerteza, tentatividade, e riscos próprios (experimentação), não é, especificamente, a ação voluntária, deliberada e intencional, característica da prática. A ação, no âmbito da vivência fenomenológico existencial, é, especifica e propriamente, a ação *espontânea* e *experimental* (no sentido fenomenológico existencial). Ou seja a ação propriamente despropositada, tendencialmente desmotivada, ainda que intensamente estésica e estética, .atualizante de possibilidades, criativa.

A ação assim vivida é eminentemente *inconveniente*. Ou

seja, no sentido de que não tem "convênio", não tem contrato, com o real, com a realidade e com acontecido. Ela não serve à adaptação, à conservação, à sobrevivência, uma vez que, em sua *inconveniência*, ela é a própria força da superação e de reordenamento.

Assim, enquanto a prática, por exemplo, está fortemente fundada na utilidade, pautada pelo valor desta para a adaptação e sobrevivência, o fenomenológico existencial poiético atualiza sempre a superação daquilo que a prática busca conservar.

## E. Conclusão.

Caracteristicamente, pois, o paradigma rogeriano não se define na esfera teórica, nem na esfera da prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; de um empreendimento em que o teórico e a teorização sejam relevantes. Da mesma forma, não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano em sua vivência não guarda o caráter de valorização do modo de sermos que permite útil e da utilidade, ou o caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência.

O modo de vivência fenomenal que lhe é próprio, não se dá no eixo da relação de causa e efeito, nem no âmbito da realidade da dicotomia sujeito-objeto.

O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de sermos da vivência do possível, e de sua possibilitação, como superação. Que não é da esfera do modo de sermos que é caracteristicamente da ordem da prática.

A vivência fenomenológico existencial não é da ordem das relações sujeito-objeto, ou da ordem das relações de causa e efeito; não é da ordem do útil e da utilidade, e, ainda que de âmbito eminentemente ativo, a ação em seu âmbito é da ordem da ação espontânea, caracteristicamente despropositada.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, assim, não na *contemplação* do espetáculo do possível acontecido, objetificado na abstração da vivência física de sua atualização. Nem num esforço e desempenho práticos.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica (dicotomia sujeito-objeto) e integrada; vivência que não se situa no âmbito da causalidade das causas e dos efeitos, dos fins e dos meios (Buber); vivência que se centra na performação, do possível e de sua possibilitação, em per-feito; de sua atualização -- como atualização meramente *compreensiva*, ou como atualização *objetivativa*.

É a vivência *empática, (em)patética,* da *ação* -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático. Especificamente vivencial, e poiética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos, não obstante, que este paradigma não tem uma eficácia específica. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica, mais radical, e abrangente, do que a eficácia do teórico, do que a eficácia do prático, e do que a eficácia do comportamental, ao nível do existencial. Ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramentos *poiéticos*, como vividas atualizações despropositativas de possibilidades. Diferente-mente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da "ação" voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

O âmbito do vivencial é, especificamente, o âmbito propriamente da *ação*. Ação que engendra o possível, o novo, e cria. Diferentemente da teorização, da prática, ou do comportamental.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial -– em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e em termos de uma concepção pobremente fenomenológica de c*ompreensão* -–, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido de uma metodologia empírica e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia.

E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls,

ninguém foi fenomenológico existencial experimentalmente tão longe, quantitativa e qualitativamente, quanto Rogers, neste sentido.

---

## 5.
## A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial

Acredito que para entendermos e adequadamente avaliarmos o caráter e a contribuição fenomenológico existencial do paradigma de Carl Rogers, precisamos de um esboço, mesmo que tentativo, naturalmente, de características definidoras de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia.

É interessante observar que, nem Husserl, nem Heidegger, nem a fenomenologia da Psicologia da Gestalt (ainda que esta tenha uma contribuição importante, através das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein), é em **Franz Brentano** que vamos encontrar as raízes seminais da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, tais como elas aparecem em Rogers (e em Perls). O Brentano em cujas concepções e métodos, inclusive, vamos encontrar raízes seminais das concepções das fenomenologias de Husserl, de Heidegger, da fenomenologia da Psicologia da Gestalt, das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein.

Em particular, e muito especialmente, no seu *empirismo especificamente fenomenológico*, e no seu *método aporético*, na sua *apor-ética*, (derivados estes de Aristóteles).

Naturalmente, não podemos esquecer, igualmente, as importantes raízes da *PPFE* (*psicologia e psicoterapias fenomenológico existencial*) na *tradição hermenêutica compreensiva* da *filosofia da vida* de Dilthey. E, daí, o seu prolongamento na

*hermenêutica existencial* de Heidegger; que, ainda que não tenha sido uma influência direta sobre Rogers ou Perls (indireta, sim, via Medard Boss e Ludwig Binswanger), ajuda substancialmente a esclarecer o caráter *interpretativo -- hermenêutico*, no sentido *compreensivo*, fenomenológico existencial, e *poiético* -- da concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Não podemos esquecer, naturalmente, a influência de F. Nietzsche como uma raiz seminal. A influência monumental de sua obra sobre o pensamento ocidental, e, em particular, sobre a intelectualidade e o meio artístico e intelectual alemão e europeu, desde os anos do Século XX anteriores à segunda guerra mundial, e que é o caldo de cultura no qual vicejam o a fenomenologia, o existencialismo, e a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Em especial, a sua influência na constituição do movimento artístico e cultural do *Expressionismo*, que tanto determinou e influenciou o desenvolvimento da concepção e método da *PPFE* (psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais).

Nietzsche também chega, de um modo seminal, a estas abordagens, dentre outras influências, através das idéias psicoterapêuticas de Otto Rank, e das concepções filosóficas fenomenológico existenciais (...) de Martin Buber. Nietzsche exerceu marcante influência no desenvolvimento das idéias de ambos.

Nietzsche contribui, decisivamente, com o seu explícito e enfático apartamento do *pessimismo* que marca a filosofia de Schopenhauer (pessimismo que marcará seminalmente a concepção da Psicanálise). E, através de sua compreensão de que a ***alegria trágica*** é a força maior da existência.

Especialmente, Nietzsche contribuirá com a sua radical postura de afirmação da vida. Com a sua reafirmação do *sentido do trágico* (*a vida merece ser radicalmente afirmada, mesmo quando ela é finitude, e mesmo quando ela é sofrimento...*), condição de potencialização do *retorno da vida*, condição da alegria, *sentido do trágico* recuperado aos gregos pré-socráticos.

Igualmente, Nietzsche contribuirá com o *perspectivismo experimental* de sua concepção do mundo, da verdade, da

existência. Com a sua particular concepção de *experimentação* (radicalmente diferente da concepção científica de *experimentação*), num sentido especificamente fenomenológico existencial, e que caracteriza a sua *Gaya Scienza*, e que decisivamente marcará as concepções rogerianas (e de Perls).

As idéias, concepções e posturas de Buber, elas próprias, tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da concepção e método das *PPFE.* Tiveram uma grande influência sobre as concepções e método de Rogers, e de Perls. Em particular o esclarecimento de Buber acerca da dimensão ontológica do eu-tu, e de sua relevância para a geração e regeneração da existência humana; na reversão do decurso das coisas, do decurso do mundo e da vida coisificados, da fatalidade, e processo substrato da criatividade.

Podemos, assim, sumariar, tentativa e sucintamente (comentamos em seguida), alguns traços distintivos, e fundamentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, extensi-vamente experimentados por Carl Rogers (e por Perls), na vivência e elaboração de suas concepções e métodos.

Comentamos a seguir alguns desses aspectos, em termos de:

1. Ontologia;
2. Epistemologia;
3. Concepção da existência;
4. Concepção da abordagem;
5. Metodologia

**a. Ontologia**

Não pretendo aqui discorrer filosoficamente sobre Ontologias, ou ser exaustivo acerca da questão ontológica das *PPFE* (ainda que esta seja muito importante). Mesmo porque

isto estaria fora de minhas condições. O que quero, antes, é apontar distinções fundamentais, e direções.

O que sobressai, num primeiro momento, é, seguindo a Nietzsche e a Brentano, uma ruptura e diferenciação radicais com relação à perspectiva platônica de cisão do mundo em um "mundo das essências" e um "mundo sensível". O mundo das essências privativo dos desuses e das essências; o mundo sensível, simulacro do mundo das essências em todos os seus aspectos, repetição piorada, pertinente à sensibilidade humana.

---

Para Nietzsche e para Brentano, a cisão não faz sentido. O mundo se dá exclusivamente na sensibilidade, como fenômeno, como vivência.

Esta perspectiva é uma base radical da Fenomenologia da tradição de Brentano, de Nietzsche, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Dada esta perspectiva ontológica da realidade, constituída sempre e exclusivamente como fenômeno -- perspectiva própria à Fenomenologia da tradição de Brentano, e à *filosofia da vida* de Nietzsche --, não podemos nos enganar com o existência dos termos "fenômeno", e "fenomenologia" na terminologia das filosofias de Kant, de Hegel e de Schopenhauer.

Parafraseando Deleuze, não existe compromisso possível entre, de um lado, a Fenomenologia da tradição de Brentano e a filosofia da vida de Nietzsche, e, do outro, as filosofias de Kant, Hegel e Schopenhauer.

Pelo menos no que concerne à perspectiva ontológica básica do mundo como cindido em duas dimensões. Um "mundo fenomenal", da ordem da consciência e do sensível, e um "mundo essencial". Este designado por Kant como "numeno", "mundo em si", "coisa em si"; designado por Hegel de "espírito universal"; ou de "vontade" por Schopenhauer. Em contraposição sempre a uma dimensão fenomenal, consciente, e

inacessível ao mundo essencial.

A Fenomenologia, tal como a designamos modernamente, e tal como ela se constitui como raiz das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, é a Fenomenologia da tradição de Brentano. Que rompendo com a perspectiva desta cisão do mundo em duas dimensões, dá origem às fenomenologias de Husserl, de Heidegger, de Sartre, de M. Ponty, a fenomenologia da psicologia da Gestalt, e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Esta precisão é muito importante. Na medida em que as filosofias de Schopenhauer, de Kant e de Hegel têm uma influência básica na constituição de um outro paradigma de psicologia e de psicoterapia, o paradigma psicanalítico, radicalmente diverso, neste sentido, do paradigma fenomenológico existencial.

## b. Epistemologia

Ao nível de sua vivência, o paradigma fenomenológico existencial não é um paradigma epistemológico, ou seja, um paradigma que privilegie o conhecimento, no sentido da epistemologia formal.

Não que despreze o conhecimento epistemológico, mas a sua vivência característica é mais de natureza de um *desconhecimento*, de uma embriagues; do que da ordem do conhecimento formal, da ordem da lucidez. Como dizia uma colega de Teresina, mais da ordem de uma tomada de inconsciência, do que da ordem da tomada de consciência.

No vivido fenomenológico existencial toleramos, e cúmplice e amigavelmente acolhemos, o confusional organísmico, no qual a consciência lúcida se dissolve. Relativizamos o conhecimento e a consciência lúcidos. Em privilégio da originalidade da vivência fenomenal, pré-

conceitual, dionisíaca, em suas intensidades corpoativas.

Naturalmente que a predominância de cada um dos modos de ser é tendencial. Hora predominando a consciência lúcida, ora a consciência embriagada da vivência corpoativa. Em proporções diversas de mistura a cada momento.

O importante é que, tendencialmente, não predomina, na vivência, o conhecimento lúcido, o conhecimento abstrato, conceitual, teórico, teor-ético e teorizante. De modo que a vivência não se interessa pelo conhecimento, mas mais por este desconhecimento corpoativo, que, ainda que conhecimento, é índice de sua reversão em direção ao organísmico, ao desconhecer mental e mentalizante.

Uma outra questão é a de que o existencial, o fenomenológico existencial, não se dá na dimensão das relações sujeito-objeto. Perspectiva fundamental ao empreendimento epistemológico, como ato de conhecer de um sujeito.

Como se constitui, então, a epistemologia, a filosofia do conhecimento, deste modo de desconhecer, deste modo de ser que é *um drible de corpo* na consciência, e na vontade de saber, é uma questão. Que interessa sobretudo aos científicos.

É importante precatarmo-nos de que, na vivência fenomenal, não estamos na ordem da ciência, mas na ordem da hermenêutica. Base sobre a qual uma ciência pode se assentar, e que, como tal, subordina o empreendimento científico.

A vivência das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não é científica. As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não são científicas, não são da ordem da ciência.

E, se não o são, não é por serem menos – nem mais. Mas apenas em função do fato de que a existência, o existencial e sua resolução, não são da ordem do científico e do epistemológico. *A existência só se resolve existencialmente* (M. Heidegger). E a psicologia e a psicoterapia laboram, em essência, ao nível do existencial. Que não é acessível ao científico, nem ao tecnológico.

Uma ciência humana de uma humanidade não científica?

É um desafio para quem se interessa.

Uma arte da ato-ação no âmbito do inter humano? É possível, e interessante. Por isso uma abordagem fenomenológico existencial vincula-se mais à perspectiva da arte do que à epistemologia da vontade de saber da ciência.

Apesar de não teórica a vivência, a teoria sobre ela é sempre possível, e sempre decorrente. Em particular, como teoria hermenêutica, e não exatamente como teoria científica, e epistemológica.

## c. Expressionismo

O *Expressionismo* foi profundamente influenciado pela *filosofia da vida* de Nietzsche, e desenvolve-se no rico "caldo" de cultura que dá origem à Fenomenologia e ao Existencialismo, e às *PPFE*.

O *Humanismo*, de filósofos do Século XIX, como Kierkegaard, Nietzsche, Brentano, que, para além de Hegel, buscavam resgatar a perspectiva da experiência humana como referência – resgatando as perspectivas de filosofias do Renascimento, e de filósofos gregos --, teve, igualmente uma influência fundamental.

Subjaz ao *Expressionismo* a consciência de que o humano não é da restrição à ordem do real. Como Heidegger viria a colocar, posteriormente, em sua fenomenologia existencial: *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*

Os expressionistas, nas difíceis condições que determinaram a emergência de seu estilo, intuíam isto, de um modo forte. E entendiam que não é no modo da apolínea consciência lúcida, não é o modo da consciência teórica, da consciência reflexiva e conceitual, que nos permitimos a experiência fenomenal do vivido, a experiência da potência do possível, da possibilidade, e de seu desdobramento expressivo,

ontologicamente definidor do humano.

O potente, possível e o seu desdobramento e atualização, ato-ação, ação, vivencia-se, apenas, experiencialmente, fenomenológico existencial-mente, vivencialmente.

E a primeira condição para permitirmo-nos a sua vivência, e a vivência fenomenal de seus desdobramentos, é o destronamento da hegemonia da realidade.

A realidade, como objetividade, o acontecido, a possibilidade realizada, e, por isso, despossibilitada, despossuída, coisificada.

A potência do possível, da possibilidade, impregna a vivência fenomenológico existencial.

A potente possibilidade não é da ordem do real. Meramente porque o *possível* não é *real*, não tem o estatuto da realidade, realizada. Condição maravilhosamente colocada na frase de uma mulher, personagem de prosa de Fernando Pessoa, sobre o momento de um encontro com duas amigas: *Estávamos* ***cheias de sermos nós****. E isso porque* ***sabíamos, com toda a carne de nossa carne, que não éramos uma realidade****.*

Isto os *Expressionistas sabiam de um modo claro.*

De modo que se propuseram em seu estilo a uma vigorosa relativização do princípio de realidade, do positivismo, e da própria realidade.

Desenvolveram, assim, um estilo *performático fenomenológico existencial*, dramático, de produção artística. No qual o artista concentrava-se na vivência fenomenal intuitiva de sua inspiração, buscando concentrá-la. Como uma mola contraída, prestes a soltar-se em distensão. Ou, como a musculatura contraída de uma pantera, prestes ao bote. Configurando-se *performance* expressiva -- na atividade da produção artística -- como ex-pressão corpoativa imediata desta concentração. Toda ela vivenciada fenomenológico existencialmente, ação, atualização de possibilidade. Insubmissa ao real e à realidade. Ao princípio de realidade, e ao positivismo

do real.

A postura expressionista permitiu a expressividade cultural e artística, em particular em, tempos de terríveis opressões, e exerceu uma poderosa influência não só na arte, como na cultura de um modo geral.

Em especial, exerceu uma poderosa influência nas concepções e metodologias das *PPFE*.

Fritz Perls sofreu uma influência direta, na medida em que vivenciou, desde a adolescência, os experimentos de teatro expressionista de Max Reinhardt, na Alemanha.

A influência das concepções. metodologia e estilo do *Expressionismo* espalhou-se por todo o meio artístico e cultural da Europa e dos EUA, nos vários campos das artes. Aparecendo integrado nas concepções e metodologias das *PPFE* a partir dos anos 50. Na medida que, em particular, a questão destas era a da expressividade, a da vivência do vivido fenomenal, como fonte ontológica do humano, como fonte ontológica de geração e de regeneração, de potencialização, de atualização de possibilidades, e de criatividade existencial.

### d. Existencialismo

Tomamos o termo *Existencialismo* aqui no seu sentido mais genérico, que envolve a filosofia da *existenz*, oriunda nas filosofias de S. Kierkegaard, e de F. Nietzsche, e que originam o existencialismo moderno, enquanto movimento filosófico, artístico e cultural; e a literatura *existencialista*, que aparece em particular em obras como a de Albert Camus, e de J-P Sartre.

É interessante observar que, mesmo ao nível do existencialismo, precisamos distinguir entre as várias raízes, e as particularidades que elas determinam.

Assim, é interessante observar que a perspectiva de raiz do existencialismo nas *PPFE*, tais como elas se apresentam, em seu caráter de hermenêuticas fenomenológico existenciais, nas

abordagens de Rogers, e de Perls, provém de um modo importante da *filosofia da vida* de F. Nietzsche.

Ainda que tenham uma contribuição importante das idéias e posturas de S. Kierkegaard, é a particularidade da *filosofia da vida* de F. Nietzsche que constitui aspectos definidores da especificidade de sua concepção e metodologia.

Interessante, ainda, é notar que, na juventude Nietzsche aproximou-se da filosofia de Schopenhauer. Atraía-o sobretudo a possibilidade de que a filosofia de Schopenhauer resgatasse o *sentido do trágico* dos gregos pré-socráticos.

Nietzsche constatou que, de fato, a filosofia de Schopenhauer nada tinha de trágico, e apenas encharcava-se na perspectiva de uma soturna orgia de pessimismo.

Desde então, Nietzsche afasta-se da filosofia de Schopenhauer, no sentido de constituir a sua filosofia como um resgate da perspectiva trágica dos gregos pré-socráticos. Filosofia radicalmente afirmativa da vida, ainda que com o reconhecimento de que vida, finitude e sofrimento, necessariamente se imbricam. E de que a finitude e o sofrimento não são motivos para difamar e negar a vida.

A afirmação da vida, reconhecendo o caráter intrínseco da finitude e do sofrimento, é o que caracteriza o *sentido do trágico nietzscheano.* A *afirmação trágica da vida*, mesmo quando da finitude e do sofrimento, é condição de criação, e de potencialização da vida. De potencialização das forças de seu retorno – retorno que lhe é característico e intrínseco --, condição de promoção de uma super abundâncias de forças de vida, da criatividade e da alegria.

Em Nietzsche, portanto, *o trágico é alegre; é condição da alegria, e da criatividade...*

De modo que não há como confundir, o existencialismo matizado pelo pessimismo schopenhaueriano, com o existencialismo alegre, trágico e potente radicado na filosofia de Nietzsche. Se não podemos dizer que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia otimista – *pessimismo e otimismo, uma questão de néscios*, dizia ele –, podemos dizer que a postura de afirmação da

vida a ela característica, afirmação da vida mesmo quando do *mais negro sofrimento*, é condição da alegria. De promoção de uma superabundância de forças de vida, da potência do retorno da vida, da criatividade, e da alegria.

De modo que não podemos pressupor uma perspectiva pessimista, de viés schopenhaeriano, no existencialismo -- na verdade de raiz nietzscheana -- que dá origem às *PPFE*. Nem Nietzsche, nem o existencialismo de raiz nietzscheana, nem as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais devem a Shopenhauer neste sentido. Como a Psicanálise, por exemplo.

*Humanistas,* Kierkegaard e Nietzsche compartilham a aversão ao universalismo e ao idealismo da filosofia de Hegel. E, em particular, compartilham a aversão à desqualificação da subjetividade e do indivíduo, que é própria ao hegelianismo. Nietzsche acrescentará a sua aversão à valorização das paixões tristes. Rejeitam, assim o hegelianismo, e buscam constituir as suas filosofias como perspectivas, *humanistas,* que têm como referência a experiência humana, a existência e o existencial.

Kierkegaard postou-se, não obstante, numa perspectiva visceralmente religiosa, constituindo um existencialismo religioso. Podemos dizer que se ele rejeita e livra-se de Hegel, não livrar-se-á de Sócrates e de Platão. Alvos maiores, também, da crítica Nietzscheana. Junto com Hegel, e com o cristianismo. As três mortes do sentido do trágico, segundo ele.

De modo que, sem negar a importância e a contribuição da filosofia de Kierkegaard, parece interessante entender que ela é limitada em termos da constituição do sentido das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Histórica e filosoficamente elas devem, em essência, à filosofia de Nietzsche a inspiração de suas peculiaridades fundamentais. Em especial aos poderes de geração e regeneração da existência, de criação e libertação, de sua perspectiva radical de afirmação da vida. O *sim dionisíaco.*

Neste sentido, da inspiração da concepção e do logos metódico das *PPFE*, é interessante constatar a observação nietzscheana de que *A existência não tem 'dentro'. Todo padrão de*

*interiorização é doença* (oriunda esta da repressão da potência, do possível, possibilidade ex-pressiva, intrínseca ao existencial).

A existência é (como devir) a partir de onde e quando ela assim é como tal. (*Caminho por onde há espaço, meu tempo é quando...* – Vinícius). Sua ventura (de vento) é a vivida ventura soprada perenemente pela potência do possível, dada no vivencial, no fenomenal.

De modo que existencialismo, assim entendido, é a afirmação desta ventura. *Vida à ventura*, aventura. Como ousadia, audácia, de afirmação da potência do possível, dado na vivencia *eksistencial*. É a vida da ousadia e da audácia da aventura. Da experimentação, neste sentido, do *estilo experimental de afirmação de uma vida que experimenta* (Nietzsche).

As psicologia e psicoterapias fenomenológico existenciais partem de uma constatação e reconhecimento desta perspectiva existencial. E buscam compreender, definir e constituir, em suas concepções e metodologia, em seus estilos, condições para este modo de vivência, no contexto do trabalho psicológico e psicoterapêutico. Vivência aventuresca, audaciosa, do estilo experimental de uma vida que experimenta, e cria, e potencializa-se, na interpretação de seus possíveis.

Ação, atualização, condições para a atualização de possibilidades inerentes à vivência. Seja atualização ao nível *meramente compreensivo* da vivência do cliente, seja ao nível *compreensivo-objetivativo* de sua experiência, na dialógica inter-humana da relação com o terapeuta ou psicólogo, e na habitualidade de sua vida. O resgate da habitualidade de um estilo ousado e audacioso, aventuresco, com relação ao vivido, à vivência da potência do possível, e à atualização do possível no vivido existencial entranhado.

Fundamental observar que, não raro, este possível é sofrimento, é finitude. Não há compromisso entre o possível e o agradável, entre o vivido e o sucesso. No meio da noite, Nietzsche, em seu *amor fati*, é o farol: *Eu abençôo todo sofrimento... Nada do que é necessário me ofende... O que não mata, fortalece...*"".

O que Nietzsche indica é que a afirmação integral da vida -- *mesmo a afirmação do mais negro sofrimento* -- se não abole a possibilidade do sofrimento, e da finitude – afinal, eles são intrínseco à existência, *podemos sofrer de uma super abundância de forças de vida, ou de uma falta de forças de vida...* – se a afirmação integral da vida não abole o sofrimento e a finitude, potencializa o retorno das forças da vida, como uma super abundância de forças de vida, como criatividade, e alegria.

## e. Concepção da abordagem

Em linhas gerais, a concepção e o método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais assumem uma perspectiva existencialista, tal como estamos descrevendo. Em particular, elas se esmeram em criar condições para a oportunidade (*kairós)* de uma vivência existencial, no âmbito da sessão e do processo dito psicoterapêutico, do trabalho psicológico ou da vivência grupal.

Estas condições envolvem a situação do terapeuta, do psicólogo, numa mesma postura fenomenológico existencial experimental proposta para o cliente.

Trata-se de condições para que o cliente possa se entregar dialogicamente, e inter humanamente compartilhar, a sua entrega à concrescência de sua atualidade e atualização existenciais. De modo que ele possa vivenciar, na sua intensidade própria, os limites, as *aporias*, desta atualidade. O que envolve a vivência dos sofrimentos e finitudes dela decorrentes, mais ou menos agudos, mais ou menos cronificados, mais ou menos intensos. De modo a que possa secretar vivencialmente, fenomenológico existencialmente, os possíveis inerentes à potência da existência, e à superação, na atualização destes possíveis.

Fenomenológico existencial inter humano, no sentido dialógico que Buber descreve, o desempenho do terapeuta esmera-se, e apura-se, em abrir-se para o encontro, e para o

desdobramento do encontro dialógico, com o cliente. Como co-laborativo, na laboração da vivência e das superações deste. Para isso, o terapeuta busca garantir certas condições de possibilidade deste encontro, e de sua performance fenomenológico existencial dialógica.

## f. Metodologia

Rogers foi um dos principais propositores de uma metodologia para o provimento do estilo de uma vivência experimental para o cliente no processo da terapia.

Desde o ataque guerrilheiro na desconstrução do moralismo em psicologia e psicoterapia, com a sua noção, e a valorização da noção, de *não diretividade*; passando pelas condições de criação de um clima terapêutico para o cliente: a *consideração positiva incondicional,* a *compreensão empática,* e a *genuinidade do terapeuta*. Até o estilo fenomenológico existencial empírico e experimental de facilitação de grupos. Neste ínterim a proposição de uma pedagogia fenomenológico existencial empírica e experimental.

Perls, fortemente bafejado pelo Expressionismo -- em especial pela experimentação teatral expressionista do audacioso e ousado teatro expressionista de Max Reinhardt --, desenvolveu o forte sentido de uma dramática expressionista, experimental e inter humanamente dialógica, como metodologia na relação com o cliente. Co-laboração experimental, no processo da laboração existencial experimental da vivência do cliente de sua atualidade e atualização existenciais. Dos limites, das *aporias,* e dos possíveis vivenciados nesta atualidade e atualização. Co-laboração no processo da laboração do cliente na atualização destes possíveis, na superação de seus limites, dos limites de suas finitudes, de seus sofrimentos. Na potencialização de seu processo ativo, de sua criatividade fenomenológico existencial.

A *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial (v.), é uma condição hermenêutica fundamental da metodologia das *PPFE*.

A concepção de *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial, constitui-se na filosofia de F. Nietzsche, em particular no sentido de sua *gaya scienza.*

Enraíza-se consistentemente em toda a perspectiva nietzscheana da realidade e da verdade, como eminentemente *perspectivas*. A necessidade das perspectivas, da sua vivência, e da sua limitação por outras perspectivas.

Brentano, em sua linguagem, fala do caráter especulativo do ser. Que ele aborda através de seu empirismo aporético.

*Poria* origina-se de *poro* (grego), que significa *passagem. A-poria* significa limite, falta de passagem. Tanto para Nietzsche como para Brentano a existência se caracteriza por *aporias*. A evolução até o limite, a *falta de passagem.* Ambos entendem que, no limite da aporia está a possibilidade, e a possibilidade da poiese. Ambos assumem uma ética deliciosamente apor-ética. São *aporiófilos*; *aporiófilos é* o que são.

A *ética* é um modo de proceder.

E a apor-ética deles define-se por privilegiar o fenomenal, o vivido, a perspectiva. Afirmá-los, em suas características, intensidades e intensificações próprias; até o seu limite, a sua aporia.

Este é o ponto próprio onde se detona o possível, como *poiese* (atualização de possíveis). Onde se detonam novas perspectivas, em suas intensidades próprias. Novas perspectivas que limitam as precedentes.

O gozo da intensidade e do fluxo da perspectiva, o gozo do limite de sua aporia, e o gozo da superação, na potência ativa de novas perspectivas. Este o sentido da experimentação existencial.

Sem dúvida que a experimentação é sinônimo de tentativa, de risco. O risco de tentar o possível, sempre latente. A experimentação, não obstante, não é facultativa, é intrínseca à condição existencial humana. Ao gozo e à resolução existencial.

Nietzsche8[1] observaria:

> *Porque o* medo *é a vossa excepção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.*
> *Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem.*

Pessoa colocaria a experimentação fenomenológico existencial, aporética, diríamos, de forma que só Pessoa:

> *Tudo o que me acontece*
> *O que se passa*
> *Ou finda*
> *É como um terraço*
> *Sobre outra coisa ainda*
> *Esta coisa é que é linda.*

Pois bem, os psicólogos e psicoterapeutas são eminentemente *aporéticos*, *aporiófilos*. *Perspectivativos,* e *aporéticos*, *aporiófilos.* Assumem a radicalidade da afirmação do vivido, da afirmação da perspectiva vivida. E estão sempre interessados no limite, na aporia. Empiristas, assumem a vivência do curso, das intensidades e fluxos vividos da perspectiva; assumem e propõem a vivência da aporia, e a sua superação em novas possibilidades.

Como ponto de partida, é como se estivessem sempre perguntando ao cliente, *onde é que está o limite? como é que está o limite? como é que está o sofrimento da finitude vivida? ou não vivida? ou por viver?* E, como Nietzsche, implicitamente dirão sempre: *... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade.*

---

8[1] NIETZSCHE, F. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Mira-Sintra, Europa América, 1978. p.203.

As raízes das concepções e metodologias das *PPFE* vão encontrar uma fonte fecunda, e das mais fundamentais, na filosofia do diálogo e do dialógico, de Martin Buber.

Buber contribui, em particular, pela compreensão do caráter ontológico do vivido fenomenológico existencial experimental, como relação, eu-tu, tal como ele designou.

Para Buber a vivência eu-tu resgata-nos da coisidade e da coisificação do modo eu-isso de sermos da cotidianidade. Existencial, o dialógico fenomenológico, eu-tu, demanda a entrega à concretude da atualidade existencial, em seus limites, finitudes, aporias, potências e sofrimentos. A partir daí pode determinar-se opção e superação. Que nos resgatam do decurso ilimitado do mundo e da vida coisificados.

Estes esclarecimentos de Buber foram fundamentais para a constituição progressiva do estado da arte das concepções e do logos metódico das *PPFE*. Em particular, no sentido do primado da entrega radical à concreude da existência, como abertura para o modo dialógico, eu-tu, de sermos e como estratégia de potencialização e de superação.

Mas, mais que isto, as considerações de Buber sobre o dialógico, o eu-tu, entre as pessoas, *o inter humano*, e os *elementos do inter humano9[2]*, definem a análise de um conjunto de fatores que impedem o desenvolvimento da dialógica do inter humano; ao mesmo tempo em que permitem compreender e definir os elementos que o propiciam. Assim, propiciam o *inter humano*:

1. O privilegiamento do *ser*, ao invés do meramente *parecer.*
2. O privilegiamento do *inter humano*, que não é inerente ao meramente *social.*
3. O privilégio da *conversação genuína*. Ao invés do império do blá, blá, blá.
4. A *presentificação do outro.*
5. O privilégio da pedagógica *abertura*. Ao

9[2] BUBER, M. op. cit.

invés da *imposição* propagandística.

Todas estas, condições de possibilidade da dialógica do inter humano10[3]. Estas indicações de Buber serviram de preciosos guias para a definição do logos metódico do psicólogo e do psicoterapeuta fenomenológico existencial na sua relação com o cliente.

O *empirismo fenomenológico existencial* das *PPFE* é uma de suas características mais fundamentais. Devemo-lo originalmente a Aristóteles, tal como resgatado por Brentano.

Estas abordagens, como já observamos, privilegiam a imediaticidade vivida do desdobramento da dialógica pré-teórica, pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomeno-lógica e existencial. Seja do encontro entre o terapeuta e o cliente, seja a dialógica da vivência, no encontro, de cada um "consigo mesmo". Toda esta dialógica é, eminentemente, *empírica*; *fenomenológico existencial empírica.*

Podemos, assim, entender o primado de um caráter de vivência eminentemente *empirista*, como logos metódico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Como primado de filosofia de vida, como primado de vivência para o cliente no âmbito do processo do trabalho psicológico e psicoterapêutico, como primado de vivência metodológica, no desempenho do psicólogo e do psicoterapeuta, ao longo do processo de seu trabalho.

Um caráter empirista, no sentido especificamente fenomenológico existencial, assim, como caráter metodológico fundamental.

---

10[3] v. em BUBER, Martin – *Elementos do Inter Humano* in BUBER, Martin – Do DIÁLOGO E DO DIALÓGICO. São Paulo, Perspectiva, 1985.

O *empirismo* em si é uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação do conceitual, do teórico11[4].

Aristóteles em seu tratado *De Anima* oferece uma alternativa fundamental, quando propõe -- ao largo do uso de seu método empírico nas ciências naturais -- que a consciência, igualmente, deve ser metodologicamente abordada *empiricamente*. Ou seja, a consciência deve ser metodologicamente abordada empiricamente, na própria vivência de consciência. E não a partir de princípios e pressupostos teóricos.

Ele define, assim, a perspectiva do método de um *empirismo da consciência.*

Brentano12[5] segue a indicação de Aristóteles, e passa a esposar uma metodologia empírica de concepção e abordagem da consciência. Ou seja, uma abordagem da consciência na própria vivência da consciência, sem a mediação do teórico, e do conceitual.

A concepção e o método da Psicologia, assim como o método da Filosofia, passam a ser entendidos, a partir de Brentano, e em sua tradição fenomenológica, como o mesmo método empirista das ciências naturais.

Uma particularidade definidora é a de que Brentano compreende a *intencionalidade da consciência*: a consciência constitui-se como um *campo* em que a correlação sujeito e objeto já pré-existe de um modo indissociável, modo este anterior a qualquer possibilidade de separação, sujeito e objeto são cooriginais em sua intrínseca correlação.

De modo que o empirismo *fenomenativo* da consciência em Brentano só poderia ser um *empirismo do campo da consciência*

---

11[4] LALANDE, A. op. cit.

12[5] ALBERTAZI, L., LIBARDI, M., POLI, R., (Editors) THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO. Dodrecht, Kluwe, 1996.

*intencional* – que se situa, assim, fora da dicotomização sujeito-objeto. E não, evidentemente, um *empirismo objetivista*, característico do empirismo da tradição anglo saxã. Empirismo objetivista este que fundamenta, inclusive, o empirismo do seu *Pragmatismo.*

Empirismo objetivista (não fenomenológico), assim -- e Pragmatismo, nele fundamentado --, que, fora de uma perspectiva da consciência como *campo intencional*, situa-se na perspectiva da dicotomização sujeito-objeto. E, não só: situa-se, enfaticamente, no privilegiamento do objeto no âmbito desta dicotomização.

Questão fundamental esta, uma vez que a Fenomenologia e o *seu empirismo* apontam para um modo de ser ontologicamente fundamental. Modo de ser este que não se dá no âmbito do que podemos entender como a dicotomização sujeito-objeto.

Silvia Pimenta13[6], comentando a perspectiva e o perspectivismo da filosofia de Nietzsche, observa:

> *Não se trata portanto da impossibilidade de atingir uma realidade exterior aos nossos afetos, mas da* ***impossibilidade de distinguir*** **duas ordens** ***de realidade: subjetiva e objetiva, ideal e material, numênica e fenomênica.*** *Trata-se da impossibilidade de transcendência:* ***o que quer que seja "o mundo", o homem é parte integrante dele, e não pode reivindicar a exterioridade que seria necessária para instituir a si mesmo como sujeito e ao mundo como objeto****. O percurso que conduz do homem ao mundo não é uma relação entre sujeito e objeto: sendo o homem uma* parte *do mundo e não uma instância a ele transcendente, a vontade de potência no homem constitui apenas um caso particular da vontade de potência em geral. Curiosamente, a filosofia de Nietzsche se aproxima aqui da concepção parmenidiana da identidade entre ser e pensar: entre o mundo e o ato de interpretar não há afinidade ou adequação, mas* identidade. (Velloso Rocha, 2003. p.65.).

---

13[6] VELLOSO ROCHA, Silvia P., ABISMOS DA SUSPEITA. RJ, Relume Dumará, 2003.

De modo que, especificamente, o empirismo *fenomenológico* não é um empirismo *do objeto*. Mas um empirismo da vivência de consciência.

Da mesma forma, não permite uma *intersubjetividade*. Na medida em que se dá fora da dimensão da dicotomia sujeito-objeto, não dispondo, em seu momento, do sujeito, da mesma forma em que não dispõe de objeto.

Ainda que não se dê no âmbito da dimensão própria à relação sujeito-objeto. A vivência fenomenológica empírica é sempre vivência de *relação*, e tensão de diferença, de alteridade. A dualidade de relação da vivência fenomenológico existencial empírica se dá como a dualização da relação eu-tu.

Quando ocorre a diferenciação sujeito e objeto já não se está mais no modo de ser dialógico da vivência.

Assim, o *empirismo da consciência fenomenal* da fenomenologia da tradição de Brentano é um *empirismo fenomenológico da vivência de consciência intencional*, um empirismo ativo, cujo solo e natureza é radicalmente diferente dos do empirismo objetivista.

Carl Rogers, F. Perls, F. Brentano, F. Nietzsche, Paulo Freire (vale dizer) eram, assim, empiristas. Mas empiristas neste sentido fenomenológico existencial dialógico. E, jamais, empiristas no sentido objetivista do termo.

Caracteristicamente, a crítica teórica encontra algo de vazio e inconsistente na obra desses empiristas. Isto se dá, exatamente, porque eles não são teoréticos. Eles são *empiristas poiéticos.* Que se definem pelo privilégio da vivência de consciência, e da vivência do ato, da ação: da atualização do possível, que só no âmbito do seu *pathos* (*empathia*) pode evidenciar-se, efetivar-se.

Isto não quer dizer que suas concepções não gerem uma teoria, não sustentem, e não se sustentem, em uma teoria. Ou que da vivência de seu método não se possa derivar uma teoria. Muito pelo contrário, a definição de seu método cristaliza-se teoricamente. E teorização pode emergir da vivência de seu método. A característica, não obstante, é a de que a vivência de seu método é a vivência momentânea de um modo não teórico, fenomenal, de sermos. Um modo no qual vivenciamos o possível, e a sua atualização. Ou seja, um modo de sermos no qual o possível é possível, e se desdobra.

Nada contra a teorização anteriormente aos momentos especificamente *empíricos*, e não teóricos. Ou posteriormente.

Carl Rogers, por exemplo, era, definitivamente, um empirista. Um empirista radical. Um empirista da vivência dialógica do inter humano.

Isto é preciso que se entenda, e se explicite.

Mas é necessário que, igualmente, se entenda, e se explicite, que, radicalmente empirista, Carl Rogers nada tinha do empirismo objetivista, do empirismo pragmatista, do empirismo positivista. Por mais que isto não tivesse ficado conceitualmente claro, muitas vezes. E por mais que o confundissem, explicitamente, ou não, muitos de seus seguidores.

Uma coisa é a "empatia" objetivista, com toda uma série de adornos da moda e peduricalhos possíveis. Outra coisa é a empatia na dialogicidade do inter humano, fenomenológico existencial dialógica, e empírica.

Carl Rogers prigilegiava radicalmente a vivência dialógica *empírica*, e *empática – patética*, *peripatética* --, do *encontro* com a pessoa, do encontro com o grupo. Nada de conceitos a intermediar este encontro. Nada de técnicas ou de outros recursos comportamentais. Nada de moralismo ou de pretensões científica, ou cientificistas. Nada de teoria, de teorização, de teorética. O que interessava fundamentalmente a Rogers era a

empiria dos momentos dialógicos de vivência do encontro; o que quer dizer, a *empiria* da vivência da *poiética* da dialógica do encontro. Da vivência *empáthica* da dialógica do possível, e de sua interpretação (desdobramento), atualização, inerentes à empiria da vivência de consciência fenomenal.

As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia primam assim pelo privilegiamento do âmbito vivencial fenômeno-lógico existencial, pelo âmbito da *compreensão*, e do desdobramento do possível que lhe é inerente.

Em essência, a *explicação*, que se diferencia fundamentalmente da *compreensão* (em particular porque *não há explicação que possa levar à compreensão* – Takuan Soho), a *explicação*, é absolutamente secundária para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Se *Freud explica*, primordialmente as abordagens fenomenológicas não estão interessadas na explicação.

Os psicólogos, os terapeutas fenomenológico existenciais, em essência, não *explicam*. Eles *implicam*.

No sentido de que eles não são exteriores e alheios à dialógica alteritativa do encontro inter humano com o cliente. É a esta dialógica que eles querem privilegiar, e a ela pertencer implicativa-mente, compreensivamente.

A arte que eles buscam cultivar é da performação como partícipes no próprio âmbito desta dialógica. Como forma de potencializar a situação do cliente no âmbito de sua própria vivência dialógica, na dialógica da vivência de sua relação com o terapeuta/psicólogo, na dialógica da relação em seu ser-no-mundo.

De modo que ele possa vivenciar compreensivamente, e no desdobramento de sua compreensão, vivência, a sua atualidade e atualização fenomenológico existenciais; suas perspectivas, limites, aporias, e superações.

Compreensão e desdobramento de compreensão; vivência e desdobramento de vivência, como atualização de possibilidades, que em hermenêutica fenomenológico existencial entende-se como *interpretação fenomenológico existencial*.

Classicamente, a *Hermenêutica* é entendida como *a arte da interpretação*. De modo que as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais são, em essência, e propriamente, hermenêuticas fenomenológico existenciais.

Aparentadas da arte, porque a arte é irmã gêmea da existência... A arte é uma ética, est-ética, de afirmação estésica da existência. *Estética* de afirmação vivida da vivida afirmação que é já a potência da existência e da existenciação, em suas perspectivas espontâneas e gratuitas, em seus limites, sofrimentos, superações, alegrias...

Nem teorética, nem prática... poiética. Patética.

---

## 6.
## Algumas questões

Carl Rogers entendia a sua abordagem como sendo uma abordagem fenomenológico existencial14[7]. Entendia que a *tendência atualizante*, que ele preconizava como fonte básica da motivação humana, só operava fenomenologicamente. As condições que ele constituiu como

14[7] ROGERS, Carl, KINGET, M. PSICOTERAPIA E RELAÇÕES HUMANAS. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

condições de criação de um clima terapêutico – quase tão faladas quanto mal entendidas – são condições fenomenológicas. As características do *funcionamento ótimo da personalidade* são características eminentemente fenomenológico existenciais.

Rogers sofreu uma influência importante das psicologias fenomenológico existenciais de Abraham Maslow e de Rollo May, introdutores da psicologia fenomenológico existencial nos EUA, influenciados pelos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, em particular Medrard Boss e Ludwig Binswanger, que buscavam constituir uma psicoterapia fenomenológicas a partir da fenomenologia de Heidegger. O livro *Existence15[8]*, de Boss e Binwanger, dentre outros, publicado originalmente na Europa, teve sua publicação nos EUA patrocinada por Maslow e por May. Rogers fez a revisão da obra.

No entanto, Rogers, de um modo geral, não tematizava de um modo mais sistemático e explícito os fundamentos fenomenológico existenciais de sua abordagem, ainda que teorizasse de um modo bastante significativo. Progressivamente, os escritos de Rogers foram se tornando cada vez menos teorizantes, cada vez mais ensaísticos. Registros dos processos de sua experimentação em psicologia e psicoterapia, em particular no desenvolvimento e vivência de seu modelo de trabalho com grupos.

Certamente que a indisposição de Rogers para um maior aprofundamento teórico advinha de suas influências empiristas.

Mas o propugnador incansável da concepção de empatia no âmbito da psicologia e da psicoterapia não podia ser simplesmente um empirista objetivista. O Carl Rogers que acolheu as concepções fenomenológicas da psicologia organísmica de Kurt Goldstein, como *tendência atualizante, auto-atualização organísmica, avaliação organísmica da consciência,* não podia ser simplesmente um empirista objetivista Rogers não se filiava ao empirismo do

15[8] MAY, Rollo (org.) EXISTENCE.

Pragmatismo, nem ao empirismo anglo saxão, de um modo geral. Não se filiava ao comportamentalismo. Ainda que não estivesse bem desenvolvida a explicitação e o esclarecimento da vinculação de suas concepções à Fenomenologia e ao Existencialismo.

No seu modelo de trabalho com grupos, a partir de 1974, há uma depuração e radicalização das características fenomenológico existenciais de seu modelo. Há uma relativização das idéias de tendência atualizante, e mesmo de *condições terapêuticas* no contexto do grupo, para centrar-se no provimento de condições hermenêuticas para o desdobramento da dialógica do encontro grupal.

O fato, entretanto, é que Rogers pouco tematizou os fundamentos fenomenológicos de suas concepções, ainda que estas se caracterizem de um modo muito específico pela perspectiva fenomenológico existencial.

O fato, entretanto, também, é que a frágil explicitação e desdobramento dos fundamentos fenomenológico existenciais da abordagem rogeriana faz com que suas concepções, e o arcabouço teórico geral de sua abordagem se fragilizem. Gerando dificuldades para a reprodução de seu conhecimento, e formação de novos profissionais a ela aderentes.

Alguns conceitos estão, em função disto, pobremente elaborados. Alguns flagrantemente inconsistentes e superados.

O conceito de *tendência atualizante*, por exemplo. Sua concepção vincula-se a uma perspectiva biológica. Quando as questões pertinentes à terapia, ao trabalho psicológico, à facilitação de grupos, dizem respeito não a uma dimensão biológica, mas à dimensão fenomenológico existencial. A explicitação desta concepção segundo a perspectiva fenomenológico existencial permite a assimilação da tendência atualizante à dimensão do possível, da possibilidade compreensivamente vivida. E a concepção de seu desdobramento à noção de interpretação fenomenológico existencial. E à compreensão do modelo rogeriano como uma

hermenêutica fenomenológico existencial.

Por outro lado, a noção de *compreensão*, na concepção de *compreensão empática* – tão importante na concepção da abordagem rogeriana -- filia-se à concepção de *compreensão* da filosofia da vida de W. Dilthey – a reprodução em mim, um ser vivencial, da vivência de outro ser vivencial. Martin Heidegger foi influenciado por Dilthey, e desdobrou as suas concepções, concebendo a *compreensão* como a própria constituição do sentido, ao nível do ser-no-mundo. Diferentemente da perspectiva de Dilthey, a compreensão desta forma concebida deixa de ter uma concepção objetivista, ou subjetivista, já que a vivência de ser no mundo se dá fora da dicotomização sujeito-objeto. A *compreensão empática* pode assim ser compreendida de um modo mais próprio, em particular no sentido de seu caráter dialógico.

Assim, desvendar as raízes fenomenológico existencial das concepções de Rogers, da abordagem rogeriana, permite uma apuração de seu sentido, uma apuração do sentido das concepções de Rogers. A superação de processos degenerativos da abordagem, e uma continuação da sua produção e reprodução.

---

## 7.
## Concluindo.

O trabalho de Carl Rogers é qualitativamente muito significativo. Ainda que de certas óticas, este significado possa parecer ambíguo. Seu trabalho oferece a concepção e método de uma profícua abordagem de psicologia e de psicoterapia para o trabalho na chamada "clínica" psicológica, no trabalho com grupos, no trabalho no âmbito da psicologia comunitária, da psicologia hospitalar, na psicologia organizacional e do trabalho, na psicologia educacional... Rogers contribui fundamental e diferenciadamente, de um modo teórico e fenomenológico existencial experimental, com a constituição de um modelo fenomenológico existencial experimental de psicologia e de psicoterapia. É, sem dúvida, um gigante neste sentido.

Naturalmente que, nas condições em que ele viveu e

trabalhou, há ambigüidades, imprecisões, equívocos. Alguns, intrínsecos ao empreendimento pioneiro de constituição de um modelo fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia. Alguns, devidos a fatores e conflitos culturais. Outros, devidos às limitações das informações sobre a ontologia, concepção e metodologia fenomenológica, e sobre o existencialismo. Nada disso compromete a substância e importância de sua contribuição, quer seja em termos conceptuais ou em termos metodológicos.

Rogers transita, ao longo de sua vida, e de sua obra, desde âmbito moralista, puritano, religioso; na direção de uma abordagem genuinamente fenomenológico existencial experimental. Ao chegar, por exemplo, à culminância de sua obra, na concepção e experimentação da metodologia fenomenológico existencial experimental empírica do trabalho com grupos.

Teve um influência importante da psicologia acadêmica norte americana, dos livre pensadores norte americanos, como Emerson e Thoreau. Mas encontrou Kierkegaard e Buber já no seminário teológico, anteriormente a sua carreira de psicólogo. Como psicólogo, já, recebe as influências marcantes de Abrahan Maslow e de Rollo May. Estes mediam de um modo importante a chegada até Rogers da psicoterapia fenomenológico existencial européia, dos heidgerianos Boss e Binswanger. Os gestálticos (da Psicologia da Gestalt) chegam, de um modo substancial, através dos seminais trabalhos de Kurt Goldstein e Max Wertheimer, emigrados para os EUA, após uma já longa e profícua vida produtiva dentro da tradição fenomenológica da Psicologia da Gestalt, na Europa. E é fundamental, no desenvolvimento de suas concepções e metodologia, o intercâmbio com Otto Rank, emigrado da Europa, para a Universidade da Pensilvânia. Rank trazia, sobretudo, e mais uma vez, a influência de Nietzsche no desenvolvimento de sua abordagem de psicoterapia. E teve uma substancial influência sobre Rogers.

Se existem imprecisões, impropriedades, equívocos, nas formulações de Rogers, a partir da perspectiva da ontologia e metodologia fenomenológica e existencial, estes podem ser entendidos, como falamos, como conseqüências naturais do pioneirismo de Rogers, e de suas condições culturais, sociais e

históricas específicas.

Afinal, no seu ambiente cultural e acadêmico, fortemente empirista -- num sentido objetivista do termo --, e pragmatista, o que quer dizer igualmente empirista objetivista, Rogers desviou, configurando-se como um empirista substancialmente fenomenológico, e desenvolvendo uma obra, influenciada pelas perspectivas de um Kierkegaard, de um Buber, de um Binswanger, de um Brentano, de um Goldstein, de um Wertheimer, de um Otto Rank, em especial.

Certamente que não era fácil discriminar o caráter empirista da Fenomenologia e do Existencialismo naquele momento nos EUA. Ao mesmo tempo, cabia evitar uma concepção idealista da Fenomenologia, fortemente rejeitada, naturalmente, no âmbito de um empirismo objetivista. Por entre Brentano, Husserl, Heidegger, Sartre, Psicologia da Gestalt, tensões entre o modo americano e europeu de conhecer... não era fácil encontrar um caminho.

Coerentemente, Rogers foi pela via do empirismo, e o empirismo que só podia ser o empirismo fenomenológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia.

No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teoria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodologia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.

O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experimentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de concepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.

Entender a abordagem rogeriana é, certamente, entender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da *focalização*, ou das meras *condições de criação de um clima*

*terapêutico* (ainda que elas sejam importantes).

Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.

Não fazemos justiça a Rogers enquanto não compreendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.

Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre este modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na perplexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.

Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenologia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cultural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, dificultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Maslow, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brentano, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais interessado na experimentação fenomenológico existencial empírica de seu modelo.

A teoria e a teorização são, entretanto, fundamentais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teorético, não teorizante, *em sua vivência*. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da transmissão dele a novas gerações.

A situação assim da teoria, a sedução pela "facilidade" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeriana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüentemente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas concepções e métodos.

Isto não faz jus, naturalmente, à importante e substancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.

O modelo de Rogers contribui efetiva e substancialmente neste sentido.

Resta-nos o desafio de uma compreensão, experimentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenológico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em termos conceituais e metodológicos.

# 1.
# Carl Rogers.
# Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretensioso.

De várias formas. E aqui nos interessa sobretudo no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita.

Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico (Buber), na tradição de Brentano. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da *tendência atualizante*, Carl Rogers já tinha ido, experimentalmente, além; no sentido do logos metódico de um empirismo humanista*, fenemenológico existencial, dialógico, em psicologia e psicoterapia, no âmbito das relações humanas.

Desinvestido de qualquer pressuposto de *condição e desempenho técnicos*, na sua atuação. Destituído de aspirações *científicas* tradicionais. Ou de veleidades *práticas*, e *pragmáticas*. Destituído da crença na efetividade do *teórico* e da teorização, e do *moralismo*, em particular, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas. E, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando naturalmente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

---

* Na tradição do *Humanismo* de filósofos do Século XIX, como Brentano e Nietzsche, que voltavam à Filosofia do Renascimento, e aos gregos pré-socráticos, na recuperação da vivência humana como critério.

Como meio e como via, como *jeito de ser*, do psicólogo e do psicoterapeuta, do educador, da pessoa -- em processos de *co-laboração* na potencialização de metamorfoses, e de estilos existenciais de vida1[1] --, o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, de privilegiamento, e de afirmação experimental, dos momentos de ***dialógica interhumana*** (Buber)**.**

O sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se numa postura de afirmação experimental da *concrescência fenomenológico existencial da existência*, na pontualidade de seus desdobramentos. Consistentemente arraigado em pré condições de respeito radical -- pessoal e metodológico -- pela alteridade, pela diferença, do cliente; e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal. Como imprescindíveis condições do privilegiamento do *encontro*, nesta *dialógica interhumana*. O *encontro c*omo vivência de *momentos de um modo de ser* generativamente existencial, *existenciativo, poiético*.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver -- na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo, à guisa de metodologia -- a obstinação mansa e rítmica de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento, radical, da mera, nua, crua, e simples, *dialógica interhumana*. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas paciente, pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, *o deserto começasse a florescer.* Ou, como dizia John Wood, *até que a orquestra se afinasse*, e estivesse em condições para uma 'performance poiética'.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Carl Rogers, muito freqüentemente, em suas concepções e posturas metodológicas. Mal entendido pelos 'de fora'. E, freqüentemente, mal entendido por muitos dos "de dentro", que assumiam a incorporação de seu modelo.

Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o *simples* pelo *simplório.* Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, *empirismo humanista* , fenomenológico

---

1[1] BUBER, Martin EU E TU. São Paulo, Cortês, 1983.

existencial, dialógico, *na relação inter humana*.

Substituindo por atitudes retóricas, e estereotipadas, ou meramente manipulativas, a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência de confirmação da, e de interação com a, diferença do outro; negando-se à vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil, como tal, à germinação da ação, da criação, da *existenciação*.

Não muito longe, outros, por captarem o modelo rogeriano em fases primitivas, quando ainda havia uma referência importante, e mesmo a aspiração de um certo cientificismo. Com surpresa, os vemos hoje em dia tentando interpretar o modelo rogeriano pela via de um cientificismo pseudo científico. Inscientes, talvez, do finíssimo e precioso trabalho de Rogers na superação não só do cientificismo, mas do próprio paradigma científico em psicologia e psicoterapia, em privilégio do que permite, potencializa e engendra o existencial. Perderam o bonde?

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers. Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de *técnicas*, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, certamente, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela *questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas*, e, portanto, ao nível do método em psicologia e psicoterapia. E compreendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos, essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A *existência*, como observou Heidegger2[2], *resolve-se apenas existencialmente*. E Rogers compreendia muito bem, e profundamente, isto. Da mesma forma que entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre latente, iminente e atual, do abuso da impropriedade de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação, e uma das primeiras

2[2] HEIDEGGER, M. SER Y TIEMPO. México, Fondo de Cultura, 1985.

condições de método, dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido, Rogers, pelos científicos. Que – pertinentemente -- não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados. Nunca entenderam estes, evidentemente, o sentido propriamente fenomenológico existencial de *experimentação.*

Bem antes dos cientificistas pseudo científicos em psicologia -- alguns mesmo dos que se dizendo *rogerianos*, de hoje (pasmem!) --, Rogers entendeu que -- da mesma forma que o paradigma técnico -- o paradigma científico não dava conta do vivido fenomenativo, no qual o possível é possível. Nem se aplicava à, *ato-ação* ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura como sendo da ordem do modo humano de ser da ação *poiética*, e não da ordem do *epistemológico*.

Não é porque é *menos*, que o fenomenológico existencial não é da ordem do científico. É, apenas, porque o científico não dá conta do existencial, que nem mesmo da ordem da realidade é. Quanto mais da ordem da objetividade. Diria pessoa pela boca de uma sua personagem,

> *Estávamos cheias de ser nós. E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade*.3[3]

Bem ao gosto de Nietzsche4[4], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao empistemológico, e epistemofílico, pressuposto científico da *busca de verdades.* Não se conforma às esferas do conhecer, e do conhecimento, e de suas

---

3[3] PESSOA, Fernando – O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS.

4[4] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE. F. GAYA CIENCIA,

vontades.

Não é por outro motivo que *o coração tem razões que a própria razão desconhece* (Pascal); e que *seria enloquecedooooooorrrrr se amor tivesse a ver com verdade...* (Maffesoli). Mas, mais propriamente, o existencial, experimental, a-ventura-se, de um modo essencial, na incerteza, e na improvisação, da potencia criativa, na possibilidade humanamente ontológica da criação da realidade e do verdadeiro.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados. Moralistas que, similar-mente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a *enorme* inutilidade e "desperdício" de tempo e de recursos da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, certamente, de que, em sua especificidade, a existência humana -- eminentemente da ordem do modo de ser do *poiético* -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível deste humano modo de ser que ***não é*** da ordem do modo de ser no qual se dão o *útil* e a *utilidade.* Humano modo de ser, que sem prejuízo do prático e da prática, não é da ordem do modo de ser no qual se dão a prática, o valor do prático e da pragmática.

Ainda que deste fenomenológico existencial *poiético* modo de ser tudo provenha; e, paradoxalmente, provenham, inclusive, em suas especificidades, todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber5[5], com essencial propriedade, o modo humano ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil e da utilidade, como não o é, igualmente, da ordem do modo de ser no qual vigoram os fins e os meios; não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, não é da ordem do modo de ser em que vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; a sua fatalidade; nem mesmo é, como observamos, da ordem do modo de ser que entendemos como *realidade*, no sentido *objetivo* do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teoréticos... Que *resolvem* o mundo em sua abstração... Para os teóricos, Rogers, a *santa incoerência*... Uma verdadeira *metamorfose ambulante*. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos, em uníssono, e estereotipadamente, balançam, desaprovadoramente, a cabeça, diante do paradigma rogeriano.

Sem se precatarem de que, fundamentalmente, Rogers compreendera, em sua efetividade, a distinção específica entre teoria e existência, a distinção entre ação e teoria. Rogers intuíra a distinção entre *explicação* e *compreensão*, e intuíra que *não existe explicação que possa levar à compreensão* (Takuan Soho). E estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana -- com suas questões, com suas crises, superações e crescimento; para lidar com a sua efetiva e específica possibilidade de ação --, é imperativo fazer-se ao largo do teórico, da teoria e da teorização, e direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso (*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...*), e ontológico, modo existencial de sermos. Que é *perfeita* aderência à ação, à incerteza, e ao devir, fenomenais. E que, especificamente, e por definição, e radicalmente, não é da ordem do modo de sermos em que somos teóricos e conceituais, explicativos.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está

---

5[5] BUBER, M. Op. cat.

aí a sua obra escrita. Mas, ainda que se interconectem, e interajam, cada coisa em seu lugar.

Aliás, é de capital importância entender que a *vivência empírica* é, por definição, não teorética; mas que existe uma diferença fundamental entre o empirismo *objetivista*, tradicional na cultura anglo-saxã, e o empirismo *fenomenológico* em termos do teórico, da teoria e da teorização: o empirismo objetivista é radicalmente contrário, e avesso, à teoria e à teorização. O empirismo fenomenológico não é avesso ao teórico, à teoria e à teorização. Ou seja, igualmente para o empirismo fenomenológico, a vivência empírica é caracteristicamente não teorizante, e não se assenta sobre teoria. Mas a teoria pode constituir-se como um outro e relevante momento, a partir da vivência não teórica. Da mesma forma que a teoria pode constituir-se como elemento das condições de sua hermenêutica.

De modo que, desde Brentano, não há, para o empirismo fenomenológico, um preconceito e uma aversão ao teórico, à teoria e a teorização. Eles são possíveis e necessários, desejáveis, ainda que sejam estranhos e heterogêneos com relação aos momentos particulares da vivência empírica. Que, fenomenológica, não comporta a dicotomia do eixo de referência das relações de sujeito-objeto. Da mesma forma que, evidentemente, não poderia privilegiar o pólo objeto desta relação, constituindo-se no campo da objetividade, como objetivista.

O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e com as dificuldades existenciais neste processo de superação; lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia. Rogers entendeu que a atuação, a efetivação, desta potência humana de superação se dá, especificamente, no âmbito do modo de sermos que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Modo de sermos a que ele, seguindo a Goldstein, denominava de *experiência organísmica.* Modo de sermos a que Dilthey e Heidegger, guardando as devidas particularidades, chamavam, respectivamente, de *vivido* e de *ser-no-mundo.* E como atuação do que ele chamava, e entendia, como *tendência atualizante humana.*

No âmbito próprio da vivência momentânea deste modo

fenomenológico de sermos, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, impróprios. Quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de sermos demanda outras habilidades, equivalentes às de um dançante, ou as de um nadador, ou de um artista, em suas atividades próprias.

A questão de Rogers, portanto, era a da experimentação, da definição, e desenvolvimento, de uma concepção e de uma metodologia não teorizantes em psicologia e psicoterapia, no trabalho com grupos, e nas áreas a que ele posteriormente se dedica. Uma metodologia não teorizante, fenomenológico existencial empírica, de vivência, para o cliente, a partir de condições e atuação colaborativa e sinérgica, igualmente fenomenológico existenciais empíricas, por parte do terapeuta, psicólogo, educador. Concepção e metodologia fenomenológico existenciais empíricas, poiéticas, mais aparentada do modo artístico de funcionamento, o que quer dizer, não teorizantes, não técnicas, não moralistas, não científicas, não práticas.

Quanto a sua própria teorização, Rogers, assim como Perls, viu-se preso, e desafiado, portanto, na experimentação e na elaboração experimental da teoria e da teorização, e na elaboração do logos metódico, de uma concepção e metodologia de psicologia e de psicoterapia no âmbito da atuação de um modo de ser,. radicalmente não teórico e não teorizante. Fenomenológico, existencial, empírico. Modo de ser próprio da existência e da existenciação, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; modo de ser próprio à dialógica inter humana, interpessoal, e coletiva.

E, coerente, e concernentemente, a sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos e explicativos, cada vez mais ensaística, à medida que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas, fenomenoativas, do próprio modo de ser da existência. Atitudes cada vez menos explicativas, e teóricas, cada vez mais implicativas e compreensivas.

Rogers sempre privilegiou, como atitude metódica, e

como proposta de vivência para o cliente, a experimentação fenomenológico existencial. A dialógica inter humana entre terapeuta e cliente. A linguagem dialógica inter humana da existência. *Patética.* E, com isso, desdobrou e abriu possibilidades preciosas e muito fecundas para a psicologia, para a psicoterapia, para o trabalho ao nível do humano.

Possibilidades nem sempre compreensíveis, em sua essência e características próprias, a partir de um ponto de vista teórico. Ou de um ponto de vista pragmático.

É fundamental considerar deste ponto de vista a obra teórica de Rogers. A sua evolução à medida que se desenvolve a sua experimentação, a natureza especificamente não teorizante de seu método, e a própria perplexidade da experimentação profissional de uma metodologia, que por existencial, era especificamente empírica, não teórica, não conceitual. Daí o caráter essencial e grandemente aberto de sua obra teórica.

É muito importante considerar que a elaboração do paradigma rogeriano, um paradigma não teorético, e, por isso, *empirista* – neste sentido *fenomenológico existencial dialógico* --, se dá, exatamente, no âmbito cultural hegemônico e forte de um *empirismo.* Mas, especificamente, no âmbito do ***empirismo objetivista***, vigente na cultura norte americana e anglo saxã. Carl Rogers destaca-se, assim, com a contribuição de uma concepção e método de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existenciais empíricos, radicalmente heterogêneos com relação ao empirismo objetivista então predominante.

Tudo isto aponta para questões extremamente importantes, que dizem respeito, por exemplo, ao fato de que, ainda que sua teorização seja importante, o fundamental, em termos da obra de Rogers, não é exatamente a sua teorização, mas a sua metodologia não teorizante. Ou seja, o melhor ponto de vista para a compreensão e a apreciação do paradigma rogeriano não é exatamente o ponto de vista de sua teoria. E, neste sentido, é importante considerar a insuficiência da teorização, mesmo a teorização de Rogers, para captar e expressar teoricamente a especificidade de seu logos metódico. Até porque, ao morrer ele apenas iniciara, experimentalmente, a

definição de sua concepção e metodologia em termos fenomenológico existenciais empíricos.

O mesmo podemos dizer com relação ao ponto de vista científico, com relação ao ponto técnico, com relação ao ponto de vista prático, e com relação ao ponto de vista pragmático. Como pontos de vista inespecíficos e impróprios para a apreensão e compreensão do existencial, do fenomenológico existencial empírico, e, portanto, do paradigma rogeriano.

Como observamos, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que a teoria e a teorização não sejam importantes no seu âmbito, ou que não existe, na sua aprendizagem, na sua reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é o teórico um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas, quando efetiva, no caso do paradigma rogeriano, trata-se da teorização de um paradigma cuja vivência, especificamente não teorizante, é qualitativamente descontínua com o teórico. Da mesma forma que podemos contemplar e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimento e habilidades, que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais, fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos, empíricos enfim.

É interessante observar que Rogers movimentou-se e evoluiu, em termos humanistas, dos contrafortes norte americanos da ciência positivista, e *objetivamente* empirista -- e do moralismo religioso puritano --, em direção ao existencial, ao empírico fenomenológico existencial, corpo-ativo. Em sua trajetória, guardava em si, desde o início, o germe do

fenomenológico, e do *empatético.* Mas esta trajetória careceu de se configurar como uma imensa atividade de desconstrução. Imensa -- não tanto em quantidade como em qualidade -- atividade de desconstrução em psicologia e psicoterapia do paradigma objetivista, do paradigma técnico, do paradigma científico, do paradigma moralista, do paradigma pragmático, e do paradigma prático...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da nua dialógica interhumana – ou *interlógica diahumana* -- de sua empatética, um imenso trabalho de desconstrução, de cascavilhamento e de experimentação fenomenológico existencial já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um *ponto zero*. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empatética.

Podemos ver que, se, por um lado, a sua teoria vai ganhando um caráter despretensiosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia, e mesmo método fenomenológico existencial – ao qual ele vai aderindo de um modo cada vez mais radical; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma *tendência atualizante*, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitações.

## 2.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Na medida em que consideramos a dimensão existencial humana, as suas crises e questões, e as suas resoluções, necessariamente especificamente existenciais, compreendemos que a concepção e a metodologia de Rogers são muito sensíveis e refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou às vezes quase que epidêmica entre os "centrados".

Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método, e a própria concepção e método, de Rogers foram mal compreendidos, ou mesmo desconhecidos. E sua abordagem freqüentemente entendida, ironicamente, como o modelo pronto do objetivismo, ou da pragmática, de uma certa tecnologia da compreensão, adoçada de fragmentos açucarados da retórica de uma imprecisa ideologia dita "humanista".

---

Como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers atualiza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dimensão do existencial, com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano; incompatíveis com a sua empatética. Foram-se, então, na vivência do logos metódico do paradigma rogeriano, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições definidoras específicas de uma *prática.*

Cascavilhando experimentalmente, Rogers buscou as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos

metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade, um dos pilares clássicos de seu paradigma, que marca o seu afastamento do paradigma moralista.

A não diretividade é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da "experienciação". A *empatética -- patética*, *peripatética* -- do privilegiamento dos momentos próprios de vivência (páthica) dos desdobramentos da dialógica do interhumano.

De fato, Carl Rogers efetivamente experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia, e de uma psicologia, fenomenológico existencial. Paradoxalmente, o seu despojamento representava, na verdade, uma apuração experimental, cada vez mais refinada, de condições fenomenológico existenciais de concepção e de método de psicologia e de psicoterapia.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial se afirma e se desdobra, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação; quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância. Como, por, exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um papel inegável, fundamental, e fundador.

Muito importante, pois, atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação das concepções e método de Carl Rogers com surgimento, desenvolvimento e consolidação de uma concepção e metodologia de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais. Coisa efetivamente rara.

Não podemos, naturalmente, deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de um L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da experimentação e caracterização da vivência de metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais. E, neste sentido, empíricas, experimentais, performáticas, e poiético-hermenêuticas.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de ser, atrelou-se aos vieses das psicologias científicas e das psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano e europeu. Desde muito cedo, não obstante, é nítido o movimento de diferenciação do modelo rogeriano com relação ao hegemônico paradigma do empirismo *objetivista* vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual. Crise esta que morre na formulação de condições hermenêuticas do *empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico.* Que se configurava como característica forte da vivência de seu método, em particular da sua última fase.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da Fenomenologia, do Existencialismo, da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com a constituição e desenvolvimento destes.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso *strip tease fenomenativo existencial* da teoria, da prática teorizante e conceitual -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais ***empírico*** *e* ***experimental*** (num sentido fenomenológico e existencial) no que podemos entender como o provimento *empírico e experimental*, por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de *condições hermenêuticas experimentais*, *fenomenológico existenciais,* para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente *interpretar* – num sentido fenomenológico existencial, especificamente --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações,

e resoluções.

Como observamos, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencial, experimentalmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico existencial, e experimentalmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua experimentação, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático e pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, fenomenológico existencial poiético, hermenêutico.

A importância das elaborações de Rogers se dão, principalmente e em especial, não ao nível de sua teorização, mas, como seria de se esperar em uma abordagem *empírica* (não teorética), fenomenológico existencial. Ao nível de sua resoluta experimentação fenomenológico existencial de concepções e condições de método.

Assim, não se pode apreender o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da *tradição de Brentano*, é no desenvolvimento de sua de sua metodologia que reside a sua especificidade, e a sua riqueza.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi, progressivamente, assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento formulação da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers, neste sentido.

Cremos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de *condições hermenêuticas* para o processo *hermenêutico* da *interpretação fenomenológico existencial*,

*empírica* e *experimental*, por parte do cliente. *Interpretação* da força -- da *posse* -- do *possível*, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls – este com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos --, fortemente bafejados, neste sentido, por Buber, e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das concepções e métodos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais, que emergem e florescem em nossos dias, pejadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que, freqüentemente, ela não é notada, ou considerada, ou é meramente incompreendida. Há quem queira diminuí-los... Mas olhando bem, não é pouco, em especial em termos qualitativos, o que eles conseguiram...

Por outro lado, não é raro que se fale de um modo retórico em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, já que ela está em moda, e pode até ser chique, sem nenhuma referência a concepção ou método específicos, e sem referência , ou até negando-se, as importantes e qualitativas contribuições de Rogers e de Perls neste sentido específico. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com a perspectiva de um empirismo aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia.

---

## 3.
## Carl Rogers, o patético.

**Empatético, peripatético.**

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético.* Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos.* Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência.*

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência.* Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de*

*consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*. Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética. Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia.* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética.* Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser

---

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos.* Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos,* do *páthico.* Que na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos.* A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando.* Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática.* A mente reflexiva cede

lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos, a vivência páhtica*, enquanto método de filosofação.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de filosofação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-**peri-**mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos.* E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a ***peri** path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-***peri***-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de

sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia – em-pathia*. E que *Empatia*, especificamente, significa "dentro do pathos".

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de

uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem prática, na verdade uma *poiética.*

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência.* De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética.*

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáhtica.* Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos.* Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético,* é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético,*

*Empatético* e *peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre "o que é que esta pessoa pode?" "O que é que pode este grupo?" "O que podem os seus participantes?" "O que posso eu..."

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que *o possível* -- que nossa atualidade existencial

reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da "confraria" dos *patéticos*, *empatéticos, peripatéticos...*

---

**4.**
**Nem *Teorético*, nem *Prático*.**
**Muito menos *Pragmático***
**O Paradigma Rogeriano.**
**Fenomenológico Existencial: *Poiético*.**

Uma das características mais marcantes e específicas do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, é a de que ele não é da esfera do *prático*, ele não é uma *prática*.

A característica do modo vivencial, fenomenológico existencial, que o paradigma rogeriano preconiza, como modo privilegiado de vivência -- para o cliente, e para o desempenho metodológico do terapeuta, ou psicólogo – se descompromete com, e não privilegia, as características fundamentais do *prático* e da *prática*.Tais como a *ação voluntária*, a *utilidade*, a *hegemonia do princípio de sobrevivência* como critério (mas a *superação)*. O vivencial, fenomenológico existencial, dialógico e poiético, é um modo de sermos no qual dão-se, como vivência, a força do

possível, e da possibilitação, de sua atualização.

Diferentemente do prático e da prática, as características peculiares do modo fenomenológico existencial, poiético e dialógico, são a *ação espontânea* (em contraposição com a ação voluntária, própria à prática), a vivência fora do plano da dicotomização sujeito-objeto; e fora do modo de sermos em que vigora a causalidade, em que vigoram os fins e os meios. São características definidoras, ainda, do modo fenomenológico existencial de sermos a *vivência de superação*, característica e intrínseca à atualização de possibilidades (em contraposição ao predomínio do *princípio de sobrevivência*, à *adaptação* e à *conservação*, característicos do *prático* e da *prática*).

Esta característica não prática do paradigma fenomenológico existencial rogeriano talvez seja um pouco mais sutil, e até mais desconhecida. Uma vez que é mais disseminada a compreensão de que a vivência do paradigma rogeriano, não é da esfera do teórico e da teorização.

Automaticamente assume-se, então, freqüentemente, que o paradigma rogeriano seria da esfera da *prática.* Com o risco de confundi-lo, como freqüentemente ocorre, de um modo articulado teoricamente, ou não, como um modelo pragmático.

**A. O paradigma rogeriano,**
**nem teorético, nem prático; nem pragmático.**
**Fenomenológico existencial dialógico e poiético.**

Fenomenológico existencial dialógico, poiético, caracteristicamente, o paradigma rogeriano, assim, *não é teorético*, e *teorizante* em sua vivência. A Fenomenologia e o Existencialismo privilegiam um modo de vivência, um modo de "consciência", que não é teórico, que se caracteriza como "consciência" pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. É especificamente isto que define o *empirismo* da Fenomenologia, e do existencialismo, da filosofia da vida. O fato de se caracterizarem como abordagens da realidade na própria

vivência fenomenal, pré-reflexiva, pré teórica. E não através da mediação do teórico, da teoria e do conceitual. Enquanto não teorizantes, não conceituais, as abordagens fenomenológico existenciais serão sempre, como tais, *empiristas.*

Vale observar, como observamos, que este *empirismo* é, especificamente, ***um empirismo fenomenológico existencial***, e não o empirismo objetivista, do objetivismo e do pragmatismo.

Vivencial, portanto, o paradigma rogeriano não é, na sua vivência, um paradigma de privilégio da experiência abstrativa, não é um paradigma de privilégio da abstração, de privilégio da reflexão, da teorização.

Não teorético, assim, o paradigma fenomenológico existencial rogeriano é facilmente concebido, de modo algo automático, como sendo então da ordem *da prática*, da ordem de um modo *prático* de sermos.

É fundamental para a compreensão do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, compreendermos que, da mesma forma que a sua vivência não é da ordem da teorização, ela não é, igualmente, da ordem da *prática.* Não é da ordem do *prático*, não é da ordem de uma prática.

O que pode parecer desconcertante, num primeiro momento. Mas, nada mais natural, e específico ao paradigma fenomenológico existencial, ao paradigma rogeriano.

Certamente que esta característica não estava muito clara nas primeiras fases do modelo rogeriano, nem na sua teorização. Mas era muito clara nas fases finais, sendo uma característica fundamental do modelo de trabalho com grupos ou do modelo na relação diádica da última fase de Rogers e companheiros.

É fundamental assim observarmos que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, e de uma concepção e metodologia para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não era da *esfera do teórico* -- já que, como vimos, o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de sermos --, do

ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão de sua concepção e método não era a questão de uma *prática. Ou seja, não era da esfera do modo prático de sermos.*

E isto era e é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do *teórico*, nem da ordem do *prático*, da ordem de uma *prática.*

São, mais especificamente, da ordem do *poiético.* Não *teorético*, não *prático*, em sua vivência, o paradigma rogeriano é eminente e especificamente *poiético.*

O modo de sermos alternativo a uma *teorética* não é, necessária e simplesmente, o modo prático de sermos, a *prática.* Podemos ser, também, e de um modo ontologicamente mais fundamental, de modo fenomenológico existencial *poiético. O* modo de fenomenológico existencial de sermos, no qual, em especial e especificamente, vivenciamos, agenciamos, potencializamos, e consumamos possibilidades.

Intuitivamente, isto estava muito claro para Rogers e seus colaboradores, ainda que não tivessem articulado isto teórica e filosoficamente.

Assim, se, por um lado, a vivência do paradigma rogeriano, seja em grupo ou na relação diádica, não era, e não é, uma vivência de teorização, uma experiência abstrativa (que abstrai o corpo, o vivido, os sentidos); se não era, e não é, assim, uma experiência teorizante, reflexiva, igualmente, não é uma experiência orientada para a *prática*, uma experiência de natureza *prática.* Que, igualmente, se distingue essencial e radicalmente do paradigma *fenomenológico existencial poiético*.

O paradigma rogeriano não é prático, sua vivência não é da ordem da *prática*... Diferente do modo de sermos abstrativo, teorizante, reflexivo; e diferente do modo prático de sermos, a vivência do paradigma rogeriano é, assim, da ordem do fenomenológico existencial poiético: o modo de sermos vivencial (*estético)* no qual propriamente agenciamos, potencializamos, atualizamos e consumamos possibilidades.

Assim é que o modo de vivência, caracteristicamente privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da *prática.* Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Coube a Carl Rogers, em particular na última fase de sua obra, a partir de 1974, a radicalização de um paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia. Tendo, em particular, o campo experimental de vivência do modelo fenomenológico existencial de concepção e de facilitação de grupos.

Ainda que explícito (Rogers, Psicoterapia e Relações Humanas), Carl Rogers não fazia grandes definições teóricas, epistemológicas, ou ontológicas, com relação à natureza fenomenológico existencial de sua abordagem.

Isto decorria certamente da postura tradicionalmente *empirista* que ele compartilhava com o meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas. A questão qualitativamente crítica, não obstante, é a de que, com a Fenomenologia da tradição de Brentano, à qual ele aderiu, o próprio estatuto do *empirismo* se transforma. O *empirismo* que Rogers praticava, especificamente, o empirismo fenomenológico existencial. Enquanto que o *empirismo* que vigorava na cultura norte americana era um empirismo *objetivista.*

O empirismo é, em essência, uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação da teoria. Radicalmente empirista, nesse sentido, segundo a definição de Brentano, a Fenomenologia se distingue, radicalmente, do empirismo objetivista, comum ao meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas, de que Rogers compartilhava. O *empirismo* fenomenológico considera e privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos que se configura fora do modo de sermos no qual vigora a estrutura da relação sujeito-objeto. E que, evidentemente, não assume, nem poderia uma atitude de privilegiamento do objeto.

Rogers e colaboradores profundamente entenderam e praticaram os diferenciais do *empirismo* especificamente *fenomenológico*. Ainda que não o tenham especificamente tematizado teoricamente, era evidente a sua adesão a este. A falta de clareza com relação aos dois tipos de empirismo foi, e é, motivo de vários tipos de confusão.

Decididamente, não obstante, não era um empirismo de tipo objetivista o que praticavam Rogers e colaboradores.

Daí ser de grande interesse elucidarmos as características fundamentais do paradigma fenomenológico existencial, em sua vivência empírica, para compreendermos, vivenciarmos e desdobrarmos o paradigma rogeriano em psicologia e psicoterapia. Em, particular, no que concerne a sua característica fenomenológico existencial poiética. Característica que aparece plenamente no último período da obra de Rogers, em especial na concepção, vivência e metodologia do trabalho com grupos. Na verdade, aparece em toda a concepção e metodologia da abordagem rogeriana, na medida em que o modelo de trabalho com grupos exerce uma influência qualitativamente decisiva nas reformulações concepção e metodologia do trabalho ao nível das relações diádicas, a ponto de John Wood observar que só existia trabalho com grupos na abordagem rogeriana, sendo, especificamente,.o trabalho diádico um "grupo de duas pessoas".

Coerentemente, Carl Rogers adentrou, fenomenológico, existencial experimentalmente, a esfera do *poiético*, como modo privilegiado de vivência e como logos metódico de sua abordagem.

A característica *poiética* do modo fenomenológico existencial de sermos caracteriza-o como um modo natural e particular de sermos no qual, como vivência fenomenal, se dá a *possibilidade*, e o seu desdobramento, a sua atualização.

Peculiarmente, dentre outras características, o modo fenomenológico existencial *poiético* de sermos, que permite a vivência do possível e de sua atualização, dá-se na esfera da *ação espontânea*; e não na esfera da ação voluntária, deliberada, intencional, que caracteriza o prático.

Ou seja, a ação, ao nível do poiético, da vivência da tensão projetativa do possível, e da sua possibilitação, de sua ato-ação, é, especificamente, espontânea, desproposital.

Por outro lado, apesar de ser, assim, o domínio por excelência da vivência do possível, e de sua atualização, a própria vivência *poiética* não é da ordem dos úteis e da utilidade. De modo que, ainda que todos os úteis e suas utilidades sejam produzidos poiéticamente, na vivência poiética, em si, não vigora a utilidade e a utilização, e o valor delas; que são, caracteristicamente da ordem da *prática.*

Esta distinção entre *teórico, prático e poiético* já está presente em Aristóteles, em sua distinção das três áreas de ciência.

O termo *poiese* consagrou-se na Fisiologia e na Medicina, e na Ontologia, quando falamos, por exemplo, em Fisiologia, da *hematopoiese*, designando o processo através do qual, nas células da medula dos ossos largos do corpo, as células do sangue são geradas, criadas, produzidas. *Poiese* tem, assim, este sentido, de geração, de engendramento, de produção.

Em Ontologia podemos falar de *ontopoiese*. Como o processo no qual, através do desdobramento vivencial do possível, engendramos o próprio ser-no-mundo. O *poiético* refere-se assim a este modo vivencial de sermos no qual o possível é possível, e se atualiza, no engendramento de nosso ser-no-mundo, que é criação e recriação, e resolução existenciais.

Carl Rogers concentrou-se, progressivamente, na definição, e na criação, das condições para a vivência fenomenológico existencial poiética, no encontro diádico e no encontro grupal.

No desenvolvimento experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, estas características vão sendo progressivamente radicalizadas, até a constituição, em seu paradigma metodológico, de um privilégio soberano da vivência inter humana fenomenológico existencial espontânea e -- fenomenológico existencial -- experimental, poiética, como elemento central. Ao mesmo tempo em que ele experimenta e busca definir as condições metodológicas de propiciamento

desta vivência no âmbito do processo grupal.

Como Vera Cury apontou, as aprendizagens com a experimentação no desenvolvimento do paradigma de trabalho grupal vai ter uma marcante influência na reelaboração do modelo de trabalho inter individual.

É importante observar que estas características do paradigma rogeriano não negam a existência e a importância da própria da esfera da prática e do prático, em sua dimensão própria. A importância do modo prático de ser. Apenas não generalizam nem supervalorizam o valor do prático na condição do humano. Não o elegem a condição de critério. Entendem o modo fenomenológico existencial humano como nosso modo especificamente ontológico de sermos, o modo especificamente existencial, no qual se dão a existência e o processo de sua resolução; o possível, a possibilidade, e a sua atualização.

Mais que isto, o paradigma fenomenológico existencial assume a perspectiva de que, ainda que não sendo da ordem da prática, é ao nível de sua vivência fenomenológico existencial poiética, dialógica, que constituímos a nós mesmos, e ao mundo que nos diz respeito, aos úteis e a suas utilidades, como atualização de possibilidades, como resolução existencial. Ou seja a esfera da prática, de sua vitalização e revitalização, de sua criação e recriação, depende fundamentalmente da criatividade vivencial do fenomenológico existencial poiético.

De modo que podemos pensar numa eficácia criativa, numa *pragmática*, deste modo não pragmático e fenomenológico existencial poiético de sermos.

**B. Do Pradigma Teorético**

*Era eu o poeta estimulado pela filosofia,*
*não o filósofo interessado pela poesia.*
**F. Pessoa.**

É muito importante atentar para o fato de que não se trata, no paradigma dialógico, fenomenológico existencial poiético, empiricamente fenomenal, de um desapreço pela teoria, pela teorização, e pelo modo teorizante e teorético de ser.

Empirista, significa que o modo de ser privilegiado pelo paradigma fenomenológico existencial será sempre não teorizante em sua vivência.

Mas, ainda que o momento de sua vivência seja, especificamente, assim, não teorizante, e privilegiativo do modo de sermos da vivência pré reflexiva, pré-teorizante, pré-conceitual, a perspectiva fenomenológico existencial não desqualifica a importância do teórico e da teorização, em seu momento próprio.

Apenas busca colocar as coisas em seus devidos lugares: a vivência fenomenal é ontologicamente prioritária, na medida em que especificamente onto***lógica***. Ou seja, o nosso modo próprio de ser em que se constitui o *logos*, o sentido, a emergência fenomenal do sentido, que caracteriza o humano, como vivência do possível e vivência de sua atualização. Modo poiético sermos de geração de nosso ser-no-mundo.

O *teórico* tem a sua diferença e importância próprias, na perspectiva do paradigma fenomenológico -- ainda que este seja especificamente empirista, não teorizante, em sua vivência. Mas o momento da teoria e da teorização, anteriormente ou posteriormente ao momento da vivência fenomenal, tem uma importância própria, e valorizada em suas características e poderes próprios. O fenomenologista valoriza a boa teoria e a boa teorização, e está motivado para estudar toda a teoria efetivamente interessante sobre seus objetos de interesse. Ciente sempre de que o momento hierarquicamente superior é o momento não teorizante, empírico, da vivência fenomenal, dialógica e poiética.

Assim é que o *empirismo* fenomenológico convive de um modo produtivo, sinérgico, com a teoria e com a teorização interessantes.

Isto é diferente da postura anti-teórica, e anti-teorizante,

do empirismo *objetivista*, radicalmente avesso à teoria e a teorização.

Cabe, portanto, uma atenção cuidadosa na distinção, neste sentido, e no sentido de suas peculiaridades e diferenças, entre o ***empirismo fenomenológico*** (que se situa e privilegia um modo de vivência que está fora do modo de ser da relação sujeito objeto; e, muito mais, fora de um modo de ser que, no âmbito da relação sujeito objeto, privilegia o pólo objeto desta relação), e o ***empirismo objetivista.*** Empirismo objetivista que não só privilegia o modo de sermos da relação sujeito-objeto, como privilegia o pólo objeto desta relação, e a sua descrição, supostamente objetiva. Ao tempo em que rejeita e afasta-se. de qualquer forma de teoria ou de teorização.

O que não podemos prescindir, é de que, fenomenológico existencial empirista, ainda que conviva com o interesse da teoria e da teorização, fora de seus momentos específicos, o momento da vivência fenomenológico existencial não é teorizante. Sua característica é a de privilegiar no momento de sua vivência o modo de sermos da "consciência" não teorizante, não reflexiva, não conceitual, pré-conceitual, pré-reflexiva, pré-teorizante.

O modo *teorético* de sermos caracteriza-se pela representação, ou seja a *re-apresentação*, de algo que se *apresenta* enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e especificamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial *teoria* significa *visão de um espetáculo6[1].*

Desta forma, a teoria e a teorização constituem-se, especificamente, como afastamento do modo de ser da vivência, e articula relações explicativas de natureza objetiva.

Alguns elementos, assim, caracterizam o modo teorético

6[1] LALANDE, André **Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

de sermos. Dentre eles:

1. O fato de que, especificamente, o modo teorizante de sermos se configura como um afastamento para com o modo de ser *encarnado* do vivido fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

   O modo teorético de sermos é um modo de ser abstrativo, contemplativo. No qual o vivido, o corpo e os sentidos, ou seja, o especificamente fenomenológico e existencial – e, vale dizer, o especificamente poiético --, estão especificamente abstraídos, em privilégio do *abstrato* do conceito, e do teórico.

   Desnecessário mencionar que o modo de ser fenomenológico existencial é especificamente *encarnado*, pontual e momentaneamente vivido, na vivência imediata de corpo e sentidos. Intuitivo, no sentido fenomenológico existencial, não comporta, na pontualidade de sua vivência, própria a abstração, a mediação conceitual.

2. Uma distinção essencial e definidora é a de que o modo teorético de sermos funda-se na ***explicação***.

   O vivido fenomenológico existencial configura-se como, e especificamente é, ***compreensão***.

   O vivido fenomenológico existencial constitui-se, em especial, como vivência compreensiva, e desdobramento de possibilidade. Desdobramento este que se constitui como a *interpretação*, *interpretação* num sentido especificamente fenomenológico existencial. O que o constitui como um modo *poiético* de sermos.

3. O modo teorético de sermos vigora como articulação de *relações explicativas de causa e efeito*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial, além de dar-se, primária e originariamente, como vivência *compreensiva*, dá-se como vivência pré-compreensiva de possibilidade, como desdobramento, compreensão e consumação de possibilidade. Processo do qual se exclui não só o modo de ser da explicação, como a articulação explicativa de causas e

efeitos.

4. O modo de ser teorético se constitui na experienciação da dicotomização *sujeito-objeto*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial dialógico e poiético, ser-no-mundo, não comporta esta dicotomização sujeito-objeto, ainda que se constitua, na sua momentaneidade, na tensão do âmbito dialógico da relação eu-tu. (BUBER,)

## C. O prático e o pragmático;

A partir desta constatação de que o modelo fenomenológico existencial rogeriano não é da ordem da prática, da mesma forma que não é da ordem do teorético, é interessante observar e compreender algumas características que constituem o paradigma da prática, o prático. Compreender as características fundamentais do paradigma teorético. E as características, e diferenciais, com relação a estes dois, do paradigma fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

Algumas características sobressaem no paradigma prático:

1. O valor prioritário do útil e da utilidade;

2. O valor da utilidade, segundo o princípio de sobrevivência;

3. O *prático,* a prática, tem com referência o valor da utilidade em termos de adaptação e do princípio de sobrevivência;

4. A prática caracteriza-se pela ação voluntária deliberada.

5. A prática se dá no âmbito do modo de sermos da

relação sujeito-objeto.

6. A prática se dá no âmbito do modo de sermos das relações de causa e efeito.

A *prática* exige o *caráter voluntário* e *deliberado* da "ação". E o critério de sua avaliação é o da utilidade. Em particular, da utilidade para a adaptação e para a sobrevivência. Uma característica fundamental do paradigma fenomenológico existencial rogeriano é a da entrega à espontaneidade, a entrega à *ação espontânea* do vivido; ou seja, a entrega à espontaneidade generativa (poiética) do vivido, com sua característica espontaneidade despropositAl de vivência do desdobramento da força do possível, e da performação de sua atualização. De modo que no modo privilegiado por sua vivência, o que vigora é o modo de ser da ação espontânea, e não o modo de ser da ação voluntária e intencional.

Na vivência existencial, não vigoram a utilidade e a utilização, características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consuma-se na *superação*, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

As características do vivencial fenomenológico existencial, privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se enquadram portanto no âmbito do *prático,* e da *prática.* Mas, especificamente, no âmbito do *poiético.*

O *prático7[2]* tem sempre o sentido de *uma atividade voluntária que modifica o ambiente*, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo *prático* de ser vigoram os *úteis* e as *utilidades;* e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

7[2] op. cit.

## D. O fenomenológico existencial poiético.

Sumariando características do nosso modo fenomenológico existencial poiético e dialógico de sermos, cabe dizer, em primeiro lugar, que é ***este*** o nosso modo onto-lógico de sermos, para uma perspectiva fenomenológico existencial.

Em essência (que é existência), somos *sentido* (logos), e ação. Ontologicamente somos *logos* (sentido); ontologicamente somos onto-*lógicos*. Sentido e ação, como atualização sentida, que se dá na vivência do possível, que é própria ao modo fenomenológico existencial dialógico e poiético de sermos.

O sentido, o logos, que continuamente nos constitui, se nos dá como pré-compreensão da força de possibilidade, como compreensão, e desdobramento desta força (interpretação fenomenológico existencial) em criação; ação propriamente dita.

Este modo de sermos é um modo que, ainda que comporte a dualização eu-tu, não comporta a dicotomização sujeito- objeto, própria de nosso modo acontecido, realizado, ôntico, de sermos (Buber,).

Neste modo de sermos, a causalidade não vigora. Ele é imediatamente vivido e vivência. Presença que se desdobra, diria Buber.

Imediato, não comporta a mediação dos meios e dos fins. Seja dos meios e dos fins teóricos, seja a dos meios e dos fins práticos. Ao mesmo tempo, que nada tem do automatismo comportamental.

O modo fenomenológico existencial, enquanto modo de incontornável atualização de possibilidade, é especificamente o modo de dar-se da ação. Mas em seu âmbito, a ação como atualização de força de possibilidade, em sua incerteza, tentatividade, e riscos próprios (experimentação), não é, especificamente, a ação voluntária, deliberada e intencional, característica da prática. A ação, no âmbito da vivência fenomenológico existencial, é, especifica e propriamente, a ação *espontânea* e *experimental* (no sentido fenomenológico existencial). Ou seja a ação propriamente despropositada, tendencialmente desmotivada, ainda que intensamente estésica e estética, .atualizante de possibilidades, criativa.

A ação assim vivida é eminentemente *inconveniente*. Ou

seja, no sentido de que não tem "convênio", não tem contrato, com o real, com a realidade e com acontecido. Ela não serve à adaptação, à conservação, à sobrevivência, uma vez que, em sua *inconveniência*, ela é a própria força da superação e de reordenamento.

Assim, enquanto a prática, por exemplo, está fortemente fundada na utilidade, pautada pelo valor desta para a adaptação e sobrevivência, o fenomenológico existencial poiético atualiza sempre a superação daquilo que a prática busca conservar.

## E. Conclusão.

Caracteristicamente, pois, o paradigma rogeriano não se define na esfera teórica, nem na esfera da prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; de um empreendimento em que o teórico e a teorização sejam relevantes. Da mesma forma, não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano em sua vivência não guarda o caráter de valorização do modo de sermos que permite útil e da utilidade, ou o caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência.

O modo de vivência fenomenal que lhe é próprio, não se dá no eixo da relação de causa e efeito, nem no âmbito da realidade da dicotomia sujeito-objeto.

O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de sermos da vivência do possível, e de sua possibilitação, como superação. Que não é da esfera do modo de sermos que é caracteristicamente da ordem da prática.

A vivência fenomenológico existencial não é da ordem das relações sujeito-objeto, ou da ordem das relações de causa e efeito; não é da ordem do útil e da utilidade, e, ainda que de âmbito eminentemente ativo, a ação em seu âmbito é da ordem da ação espontânea, caracteristicamente despropositada.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, assim, não na *contemplação* do espetáculo do possível acontecido, objetificado na abstração da vivência física de sua atualização. Nem num esforço e desempenho práticos.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica (dicotomia sujeito-objeto) e integrada; vivência que não se situa no âmbito da causalidade das causas e dos efeitos, dos fins e dos meios (Buber); vivência que se centra na performação, do possível e de sua possibilitação, em per-feito; de sua atualização -- como atualização meramente *compreensiva*, ou como atualização *objetivativa*.

É a vivência *empática, (em)patética,* da *ação* -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático. Especificamente vivencial, e poiética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos, não obstante, que este paradigma não tem uma eficácia específica. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica, mais radical, e abrangente, do que a eficácia do teórico, do que a eficácia do prático, e do que a eficácia do comportamental, ao nível do existencial. Ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramentos *poiéticos*, como vividas atualizações despropositativas de possibilidades. Diferente-mente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da "ação" voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

O âmbito do vivencial é, especificamente, o âmbito propriamente da *ação*. Ação que engendra o possível, o novo, e cria. Diferentemente da teorização, da prática, ou do comportamental.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial -– em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e em termos de uma concepção pobremente fenomenológica de c*ompreensão* -–, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido de uma metodologia empírica e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia.

E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls,

ninguém foi fenomenológico existencial experimentalmente tão longe, quantitativa e qualitativamente, quanto Rogers, neste sentido.

---

## 5.
## A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial

Acredito que para entendermos e adequadamente avaliarmos o caráter e a contribuição fenomenológico existencial do paradigma de Carl Rogers, precisamos de um esboço, mesmo que tentativo, naturalmente, de características definidoras de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia.

É interessante observar que, nem Husserl, nem Heidegger, nem a fenomenologia da Psicologia da Gestalt (ainda que esta tenha uma contribuição importante, através das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein), é em **Franz Brentano** que vamos encontrar as raízes seminais da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, tais como elas aparecem em Rogers (e em Perls). O Brentano em cujas concepções e métodos, inclusive, vamos encontrar raízes seminais das concepções das fenomenologias de Husserl, de Heidegger, da fenomenologia da Psicologia da Gestalt, das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein.

Em particular, e muito especialmente, no seu *empirismo especificamente fenomenológico*, e no seu *método aporético*, na sua *apor-ética*, (derivados estes de Aristóteles).

Naturalmente, não podemos esquecer, igualmente, as importantes raízes da *PPFE* (*psicologia e psicoterapias fenomenológico existencial*) na *tradição hermenêutica compreensiva* da *filosofia da vida* de Dilthey. E, daí, o seu prolongamento na

*hermenêutica existencial* de Heidegger; que, ainda que não tenha sido uma influência direta sobre Rogers ou Perls (indireta, sim, via Medard Boss e Ludwig Binswanger), ajuda substancialmente a esclarecer o caráter *interpretativo -- hermenêutico*, no sentido *compreensivo*, fenomenológico existencial, e *poiético* -- da concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Não podemos esquecer, naturalmente, a influência de F. Nietzsche como uma raiz seminal. A influência monumental de sua obra sobre o pensamento ocidental, e, em particular, sobre a intelectualidade e o meio artístico e intelectual alemão e europeu, desde os anos do Século XX anteriores à segunda guerra mundial, e que é o caldo de cultura no qual vicejam o a fenomenologia, o existencialismo, e a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Em especial, a sua influência na constituição do movimento artístico e cultural do *Expressionismo*, que tanto determinou e influenciou o desenvolvimento da concepção e método da *PPFE* (psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais).

Nietzsche também chega, de um modo seminal, a estas abordagens, dentre outras influências, através das idéias psicoterapêuticas de Otto Rank, e das concepções filosóficas fenomenológico existenciais (...) de Martin Buber. Nietzsche exerceu marcante influência no desenvolvimento das idéias de ambos.

Nietzsche contribui, decisivamente, com o seu explícito e enfático apartamento do *pessimismo* que marca a filosofia de Schopenhauer (pessimismo que marcará seminalmente a concepção da Psicanálise). E, através de sua compreensão de que a ***alegria trágica*** é a força maior da existência.

Especialmente, Nietzsche contribuirá com a sua radical postura de afirmação da vida. Com a sua reafirmação do *sentido do trágico* (*a vida merece ser radicalmente afirmada, mesmo quando ela é finitude, e mesmo quando ela é sofrimento...*), condição de potencialização do *retorno da vida*, condição da alegria, *sentido do trágico* recuperado aos gregos pré-socráticos.

Igualmente, Nietzsche contribuirá com o *perspectivismo experimental* de sua concepção do mundo, da verdade, da

existência. Com a sua particular concepção de *experimentação* (radicalmente diferente da concepção científica de *experimentação*), num sentido especificamente fenomenológico existencial, e que caracteriza a sua *Gaya Scienza*, e que decisivamente marcará as concepções rogerianas (e de Perls).

As idéias, concepções e posturas de Buber, elas próprias, tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da concepção e método das *PPFE.* Tiveram uma grande influência sobre as concepções e método de Rogers, e de Perls. Em particular o esclarecimento de Buber acerca da dimensão ontológica do eu-tu, e de sua relevância para a geração e regeneração da existência humana; na reversão do decurso das coisas, do decurso do mundo e da vida coisificados, da fatalidade, e processo substrato da criatividade.

Podemos, assim, sumariar, tentativa e sucintamente (comentamos em seguida), alguns traços distintivos, e fundamentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, extensi-vamente experimentados por Carl Rogers (e por Perls), na vivência e elaboração de suas concepções e métodos.

Comentamos a seguir alguns desses aspectos, em termos de:

1. Ontologia;
2. Epistemologia;
3. Concepção da existência;
4. Concepção da abordagem;
5. Metodologia

**a. Ontologia**

Não pretendo aqui discorrer filosoficamente sobre Ontologias, ou ser exaustivo acerca da questão ontológica das *PPFE* (ainda que esta seja muito importante). Mesmo porque

isto estaria fora de minhas condições. O que quero, antes, é apontar distinções fundamentais, e direções.

O que sobressai, num primeiro momento, é, seguindo a Nietzsche e a Brentano, uma ruptura e diferenciação radicais com relação à perspectiva platônica de cisão do mundo em um "mundo das essências" e um "mundo sensível". O mundo das essências privativo dos desuses e das essências; o mundo sensível, simulacro do mundo das essências em todos os seus aspectos, repetição piorada, pertinente à sensibilidade humana.

---

Para Nietzsche e para Brentano, a cisão não faz sentido. O mundo se dá exclusivamente na sensibilidade, como fenômeno, como vivência.

Esta perspectiva é uma base radical da Fenomenologia da tradição de Brentano, de Nietzsche, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Dada esta perspectiva ontológica da realidade, constituída sempre e exclusivamente como fenômeno -- perspectiva própria à Fenomenologia da tradição de Brentano, e à *filosofia da vida* de Nietzsche --, não podemos nos enganar com o existência dos termos "fenômeno", e "fenomenologia" na terminologia das filosofias de Kant, de Hegel e de Schopenhauer.

Parafraseando Deleuze, não existe compromisso possível entre, de um lado, a Fenomenologia da tradição de Brentano e a filosofia da vida de Nietzsche, e, do outro, as filosofias de Kant, Hegel e Schopenhauer.

Pelo menos no que concerne à perspectiva ontológica básica do mundo como cindido em duas dimensões. Um "mundo fenomenal", da ordem da consciência e do sensível, e um "mundo essencial". Este designado por Kant como "numeno", "mundo em si", "coisa em si"; designado por Hegel de "espírito universal"; ou de "vontade" por Schopenhauer. Em contraposição sempre a uma dimensão fenomenal, consciente, e

inacessível ao mundo essencial.

A Fenomenologia, tal como a designamos modernamente, e tal como ela se constitui como raiz das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, é a Fenomenologia da tradição de Brentano. Que rompendo com a perspectiva desta cisão do mundo em duas dimensões, dá origem às fenomenologias de Husserl, de Heidegger, de Sartre, de M. Ponty, a fenomenologia da psicologia da Gestalt, e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Esta precisão é muito importante. Na medida em que as filosofias de Schopenhauer, de Kant e de Hegel têm uma influência básica na constituição de um outro paradigma de psicologia e de psicoterapia, o paradigma psicanalítico, radicalmente diverso, neste sentido, do paradigma fenomenológico existencial.

## b. Epistemologia

Ao nível de sua vivência, o paradigma fenomenológico existencial não é um paradigma epistemológico, ou seja, um paradigma que privilegie o conhecimento, no sentido da epistemologia formal.

Não que despreze o conhecimento epistemológico, mas a sua vivência característica é mais de natureza de um *desconhecimento*, de uma embriagues; do que da ordem do conhecimento formal, da ordem da lucidez. Como dizia uma colega de Teresina, mais da ordem de uma tomada de inconsciência, do que da ordem da tomada de consciência.

No vivido fenomenológico existencial toleramos, e cúmplice e amigavelmente acolhemos, o confusional organísmico, no qual a consciência lúcida se dissolve. Relativizamos o conhecimento e a consciência lúcidos. Em privilégio da originalidade da vivência fenomenal, pré-

conceitual, dionisíaca, em suas intensidades corpoativas.

Naturalmente que a predominância de cada um dos modos de ser é tendencial. Hora predominando a consciência lúcida, ora a consciência embriagada da vivência corpoativa. Em proporções diversas de mistura a cada momento.

O importante é que, tendencialmente, não predomina, na vivência, o conhecimento lúcido, o conhecimento abstrato, conceitual, teórico, teor-ético e teorizante. De modo que a vivência não se interessa pelo conhecimento, mas mais por este desconhecimento corpoativo, que, ainda que conhecimento, é índice de sua reversão em direção ao organísmico, ao desconhecer mental e mentalizante.

Uma outra questão é a de que o existencial, o fenomenológico existencial, não se dá na dimensão das relações sujeito-objeto. Perspectiva fundamental ao empreendimento epistemológico, como ato de conhecer de um sujeito.

Como se constitui, então, a epistemologia, a filosofia do conhecimento, deste modo de desconhecer, deste modo de ser que é *um drible de corpo* na consciência, e na vontade de saber, é uma questão. Que interessa sobretudo aos científicos.

É importante precatarmo-nos de que, na vivência fenomenal, não estamos na ordem da ciência, mas na ordem da hermenêutica. Base sobre a qual uma ciência pode se assentar, e que, como tal, subordina o empreendimento científico.

A vivência das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não é científica. As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não são científicas, não são da ordem da ciência.

E, se não o são, não é por serem menos – nem mais. Mas apenas em função do fato de que a existência, o existencial e sua resolução, não são da ordem do científico e do epistemológico. *A existência só se resolve existencialmente* (M. Heidegger). E a psicologia e a psicoterapia laboram, em essência, ao nível do existencial. Que não é acessível ao científico, nem ao tecnológico.

Uma ciência humana de uma humanidade não científica?

É um desafio para quem se interessa.

Uma arte da ato-ação no âmbito do inter humano? É possível, e interessante. Por isso uma abordagem fenomenológico existencial vincula-se mais à perspectiva da arte do que à epistemologia da vontade de saber da ciência.

Apesar de não teórica a vivência, a teoria sobre ela é sempre possível, e sempre decorrente. Em particular, como teoria hermenêutica, e não exatamente como teoria científica, e epistemológica.

## c. Expressionismo

O *Expressionismo* foi profundamente influenciado pela *filosofia da vida* de Nietzsche, e desenvolve-se no rico "caldo" de cultura que dá origem à Fenomenologia e ao Existencialismo, e às *PPFE*.

O *Humanismo*, de filósofos do Século XIX, como Kierkegaard, Nietzsche, Brentano, que, para além de Hegel, buscavam resgatar a perspectiva da experiência humana como referência – resgatando as perspectivas de filosofias do Renascimento, e de filósofos gregos --, teve, igualmente uma influência fundamental.

Subjaz ao *Expressionismo* a consciência de que o humano não é da restrição à ordem do real. Como Heidegger viria a colocar, posteriormente, em sua fenomenologia existencial: *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*

Os expressionistas, nas difíceis condições que determinaram a emergência de seu estilo, intuíam isto, de um modo forte. E entendiam que não é no modo da apolínea consciência lúcida, não é o modo da consciência teórica, da consciência reflexiva e conceitual, que nos permitimos a experiência fenomenal do vivido, a experiência da potência do possível, da possibilidade, e de seu desdobramento expressivo,

ontologicamente definidor do humano.

O potente, possível e o seu desdobramento e atualização, ato-ação, ação, vivencia-se, apenas, experiencialmente, fenomenológico existencial-mente, vivencialmente.

E a primeira condição para permitirmo-nos a sua vivência, e a vivência fenomenal de seus desdobramentos, é o destronamento da hegemonia da realidade.

A realidade, como objetividade, o acontecido, a possibilidade realizada, e, por isso, despossibilitada, despossuída, coisificada.

A potência do possível, da possibilidade, impregna a vivência fenomenológico existencial.

A potente possibilidade não é da ordem do real. Meramente porque o *possível* não é *real*, não tem o estatuto da realidade, realizada. Condição maravilhosamente colocada na frase de uma mulher, personagem de prosa de Fernando Pessoa, sobre o momento de um encontro com duas amigas: *Estávamos* ***cheias de sermos nós****. E isso porque* ***sabíamos, com toda a carne de nossa carne, que não éramos uma realidade****.*

Isto os *Expressionistas sabiam de um modo claro.*

De modo que se propuseram em seu estilo a uma vigorosa relativização do princípio de realidade, do positivismo, e da própria realidade.

Desenvolveram, assim, um estilo *performático fenomenológico existencial*, dramático, de produção artística. No qual o artista concentrava-se na vivência fenomenal intuitiva de sua inspiração, buscando concentrá-la. Como uma mola contraída, prestes a soltar-se em distensão. Ou, como a musculatura contraída de uma pantera, prestes ao bote. Configurando-se *performance* expressiva -- na atividade da produção artística -- como ex-pressão corpoativa imediata desta concentração. Toda ela vivenciada fenomenológico existencialmente, ação, atualização de possibilidade. Insubmissa ao real e à realidade. Ao princípio de realidade, e ao positivismo

do real.

A postura expressionista permitiu a expressividade cultural e artística, em particular em, tempos de terríveis opressões, e exerceu uma poderosa influência não só na arte, como na cultura de um modo geral.

Em especial, exerceu uma poderosa influência nas concepções e metodologias das *PPFE*.

Fritz Perls sofreu uma influência direta, na medida em que vivenciou, desde a adolescência, os experimentos de teatro expressionista de Max Reinhardt, na Alemanha.

A influência das concepções. metodologia e estilo do *Expressionismo* espalhou-se por todo o meio artístico e cultural da Europa e dos EUA, nos vários campos das artes. Aparecendo integrado nas concepções e metodologias das *PPFE* a partir dos anos 50. Na medida que, em particular, a questão destas era a da expressividade, a da vivência do vivido fenomenal, como fonte ontológica do humano, como fonte ontológica de geração e de regeneração, de potencialização, de atualização de possibilidades, e de criatividade existencial.

### d. Existencialismo

Tomamos o termo *Existencialismo* aqui no seu sentido mais genérico, que envolve a filosofia da *existenz*, oriunda nas filosofias de S. Kierkegaard, e de F. Nietzsche, e que originam o existencialismo moderno, enquanto movimento filosófico, artístico e cultural; e a literatura *existencialista*, que aparece em particular em obras como a de Albert Camus, e de J-P Sartre.

É interessante observar que, mesmo ao nível do existencialismo, precisamos distinguir entre as várias raízes, e as particularidades que elas determinam.

Assim, é interessante observar que a perspectiva de raiz do existencialismo nas *PPFE*, tais como elas se apresentam, em seu caráter de hermenêuticas fenomenológico existenciais, nas

abordagens de Rogers, e de Perls, provém de um modo importante da *filosofia da vida* de F. Nietzsche.

Ainda que tenham uma contribuição importante das idéias e posturas de S. Kierkegaard, é a particularidade da *filosofia da vida* de F. Nietzsche que constitui aspectos definidores da especificidade de sua concepção e metodologia.

Interessante, ainda, é notar que, na juventude Nietzsche aproximou-se da filosofia de Schopenhauer. Atraía-o sobretudo a possibilidade de que a filosofia de Schopenhauer resgatasse o *sentido do trágico* dos gregos pré-socráticos.

Nietzsche constatou que, de fato, a filosofia de Schopenhauer nada tinha de trágico, e apenas encharcava-se na perspectiva de uma soturna orgia de pessimismo.

Desde então, Nietzsche afasta-se da filosofia de Schopenhauer, no sentido de constituir a sua filosofia como um resgate da perspectiva trágica dos gregos pré-socráticos. Filosofia radicalmente afirmativa da vida, ainda que com o reconhecimento de que vida, finitude e sofrimento, necessariamente se imbricam. E de que a finitude e o sofrimento não são motivos para difamar e negar a vida.

A afirmação da vida, reconhecendo o caráter intrínseco da finitude e do sofrimento, é o que caracteriza o *sentido do trágico nietzscheano.* A *afirmação trágica da vida*, mesmo quando da finitude e do sofrimento, é condição de criação, e de potencialização da vida. De potencialização das forças de seu retorno – retorno que lhe é característico e intrínseco --, condição de promoção de uma super abundâncias de forças de vida, da criatividade e da alegria.

Em Nietzsche, portanto, *o trágico é alegre; é condição da alegria, e da criatividade...*

De modo que não há como confundir, o existencialismo matizado pelo pessimismo schopenhaueriano, com o existencialismo alegre, trágico e potente radicado na filosofia de Nietzsche. Se não podemos dizer que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia otimista – *pessimismo e otimismo, uma questão de néscios*, dizia ele –, podemos dizer que a postura de afirmação da

vida a ela característica, afirmação da vida mesmo quando do *mais negro sofrimento*, é condição da alegria. De promoção de uma superabundância de forças de vida, da potência do retorno da vida, da criatividade, e da alegria.

De modo que não podemos pressupor uma perspectiva pessimista, de viés schopenhaeriano, no existencialismo -- na verdade de raiz nietzscheana -- que dá origem às *PPFE*. Nem Nietzsche, nem o existencialismo de raiz nietzscheana, nem as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais devem a Shopenhauer neste sentido. Como a Psicanálise, por exemplo.

*Humanistas,* Kierkegaard e Nietzsche compartilham a aversão ao universalismo e ao idealismo da filosofia de Hegel. E, em particular, compartilham a aversão à desqualificação da subjetividade e do indivíduo, que é própria ao hegelianismo. Nietzsche acrescentará a sua aversão à valorização das paixões tristes. Rejeitam, assim o hegelianismo, e buscam constituir as suas filosofias como perspectivas, *humanistas,* que têm como referência a experiência humana, a existência e o existencial.

Kierkegaard postou-se, não obstante, numa perspectiva visceralmente religiosa, constituindo um existencialismo religioso. Podemos dizer que se ele rejeita e livra-se de Hegel, não livrar-se-á de Sócrates e de Platão. Alvos maiores, também, da crítica Nietzscheana. Junto com Hegel, e com o cristianismo. As três mortes do sentido do trágico, segundo ele.

De modo que, sem negar a importância e a contribuição da filosofia de Kierkegaard, parece interessante entender que ela é limitada em termos da constituição do sentido das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Histórica e filosoficamente elas devem, em essência, à filosofia de Nietzsche a inspiração de suas peculiaridades fundamentais. Em especial aos poderes de geração e regeneração da existência, de criação e libertação, de sua perspectiva radical de afirmação da vida. O *sim dionisíaco.*

Neste sentido, da inspiração da concepção e do logos metódico das *PPFE*, é interessante constatar a observação nietzscheana de que *A existência não tem 'dentro'. Todo padrão de*

*interiorização é doença* (oriunda esta da repressão da potência, do possível, possibilidade ex-pressiva, intrínseca ao existencial).

A existência é (como devir) a partir de onde e quando ela assim é como tal. (*Caminho por onde há espaço, meu tempo é quando...* – Vinícius). Sua ventura (de vento) é a vivida ventura soprada perenemente pela potência do possível, dada no vivencial, no fenomenal.

De modo que existencialismo, assim entendido, é a afirmação desta ventura. *Vida à ventura*, aventura. Como ousadia, audácia, de afirmação da potência do possível, dado na vivencia *eksistencial*. É a vida da ousadia e da audácia da aventura. Da experimentação, neste sentido, do *estilo experimental de afirmação de uma vida que experimenta* (Nietzsche).

As psicologia e psicoterapias fenomenológico existenciais partem de uma constatação e reconhecimento desta perspectiva existencial. E buscam compreender, definir e constituir, em suas concepções e metodologia, em seus estilos, condições para este modo de vivência, no contexto do trabalho psicológico e psicoterapêutico. Vivência aventuresca, audaciosa, do estilo experimental de uma vida que experimenta, e cria, e potencializa-se, na interpretação de seus possíveis.

Ação, atualização, condições para a atualização de possibilidades inerentes à vivência. Seja atualização ao nível *meramente compreensivo* da vivência do cliente, seja ao nível *compreensivo-objetivativo* de sua experiência, na dialógica inter-humana da relação com o terapeuta ou psicólogo, e na habitualidade de sua vida. O resgate da habitualidade de um estilo ousado e audacioso, aventuresco, com relação ao vivido, à vivência da potência do possível, e à atualização do possível no vivido existencial entranhado.

Fundamental observar que, não raro, este possível é sofrimento, é finitude. Não há compromisso entre o possível e o agradável, entre o vivido e o sucesso. No meio da noite, Nietzsche, em seu *amor fati*, é o farol: *Eu abençôo todo sofrimento... Nada do que é necessário me ofende... O que não mata, fortalece...*"".

O que Nietzsche indica é que a afirmação integral da vida -- *mesmo a afirmação do mais negro sofrimento* -- se não abole a possibilidade do sofrimento, e da finitude – afinal, eles são intrínseco à existência, *podemos sofrer de uma super abundância de forças de vida, ou de uma falta de forças de vida...* – se a afirmação integral da vida não abole o sofrimento e a finitude, potencializa o retorno das forças da vida, como uma super abundância de forças de vida, como criatividade, e alegria.

## e. Concepção da abordagem

Em linhas gerais, a concepção e o método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais assumem uma perspectiva existencialista, tal como estamos descrevendo. Em particular, elas se esmeram em criar condições para a oportunidade (*kairós)* de uma vivência existencial, no âmbito da sessão e do processo dito psicoterapêutico, do trabalho psicológico ou da vivência grupal.

Estas condições envolvem a situação do terapeuta, do psicólogo, numa mesma postura fenomenológico existencial experimental proposta para o cliente.

Trata-se de condições para que o cliente possa se entregar dialogicamente, e inter humanamente compartilhar, a sua entrega à concrescência de sua atualidade e atualização existenciais. De modo que ele possa vivenciar, na sua intensidade própria, os limites, as *aporias*, desta atualidade. O que envolve a vivência dos sofrimentos e finitudes dela decorrentes, mais ou menos agudos, mais ou menos cronificados, mais ou menos intensos. De modo a que possa secretar vivencialmente, fenomenológico existencialmente, os possíveis inerentes à potência da existência, e à superação, na atualização destes possíveis.

Fenomenológico existencial inter humano, no sentido dialógico que Buber descreve, o desempenho do terapeuta esmera-se, e apura-se, em abrir-se para o encontro, e para o

desdobramento do encontro dialógico, com o cliente. Como co-laborativo, na laboração da vivência e das superações deste. Para isso, o terapeuta busca garantir certas condições de possibilidade deste encontro, e de sua performance fenomenológico existencial dialógica.

## f. Metodologia

Rogers foi um dos principais propositores de uma metodologia para o provimento do estilo de uma vivência experimental para o cliente no processo da terapia.

Desde o ataque guerrilheiro na desconstrução do moralismo em psicologia e psicoterapia, com a sua noção, e a valorização da noção, de *não diretividade*; passando pelas condições de criação de um clima terapêutico para o cliente: a *consideração positiva incondicional,* a *compreensão empática,* e a *genuinidade do terapeuta*. Até o estilo fenomenológico existencial empírico e experimental de facilitação de grupos. Neste ínterim a proposição de uma pedagogia fenomenológico existencial empírica e experimental.

Perls, fortemente bafejado pelo Expressionismo -- em especial pela experimentação teatral expressionista do audacioso e ousado teatro expressionista de Max Reinhardt --, desenvolveu o forte sentido de uma dramática expressionista, experimental e inter humanamente dialógica, como metodologia na relação com o cliente. Co-laboração experimental, no processo da laboração existencial experimental da vivência do cliente de sua atualidade e atualização existenciais. Dos limites, das *aporias,* e dos possíveis vivenciados nesta atualidade e atualização. Co-laboração no processo da laboração do cliente na atualização destes possíveis, na superação de seus limites, dos limites de suas finitudes, de seus sofrimentos. Na potencialização de seu processo ativo, de sua criatividade fenomenológico existencial.

A *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial (v.), é uma condição hermenêutica fundamental da metodologia das *PPFE*.

A concepção de *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial, constitui-se na filosofia de F. Nietzsche, em particular no sentido de sua *gaya scienza.*

Enraíza-se consistentemente em toda a perspectiva nietzscheana da realidade e da verdade, como eminentemente *perspectivas*. A necessidade das perspectivas, da sua vivência, e da sua limitação por outras perspectivas.

Brentano, em sua linguagem, fala do caráter especulativo do ser. Que ele aborda através de seu empirismo aporético.

*Poria* origina-se de *poro* (grego), que significa *passagem. A-poria* significa limite, falta de passagem. Tanto para Nietzsche como para Brentano a existência se caracteriza por *aporias*. A evolução até o limite, a *falta de passagem.* Ambos entendem que, no limite da aporia está a possibilidade, e a possibilidade da poiese. Ambos assumem uma ética deliciosamente apor-ética. São *aporiófilos*; *aporiófilos é* o que são.

A *ética* é um modo de proceder.

E a apor-ética deles define-se por privilegiar o fenomenal, o vivido, a perspectiva. Afirmá-los, em suas características, intensidades e intensificações próprias; até o seu limite, a sua aporia.

Este é o ponto próprio onde se detona o possível, como *poiese* (atualização de possíveis). Onde se detonam novas perspectivas, em suas intensidades próprias. Novas perspectivas que limitam as precedentes.

O gozo da intensidade e do fluxo da perspectiva, o gozo do limite de sua aporia, e o gozo da superação, na potência ativa de novas perspectivas. Este o sentido da experimentação existencial.

Sem dúvida que a experimentação é sinônimo de tentativa, de risco. O risco de tentar o possível, sempre latente. A experimentação, não obstante, não é facultativa, é intrínseca à condição existencial humana. Ao gozo e à resolução existencial.

Nietzsche8[1] observaria:

> *Porque o* medo *é a vossa excepção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.*
> *Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem.*

Pessoa colocaria a experimentação fenomenológico existencial, aporética, diríamos, de forma que só Pessoa:

> *Tudo o que me acontece*
> *O que se passa*
> *Ou finda*
> *É como um terraço*
> *Sobre outra coisa ainda*
> *Esta coisa é que é linda.*

Pois bem, os psicólogos e psicoterapeutas são eminentemente *aporéticos*, *aporiófilos*. *Perspectivativos,* e *aporéticos*, *aporiófilos.* Assumem a radicalidade da afirmação do vivido, da afirmação da perspectiva vivida. E estão sempre interessados no limite, na aporia. Empiristas, assumem a vivência do curso, das intensidades e fluxos vividos da perspectiva; assumem e propõem a vivência da aporia, e a sua superação em novas possibilidades.

Como ponto de partida, é como se estivessem sempre perguntando ao cliente, *onde é que está o limite? como é que está o limite? como é que está o sofrimento da finitude vivida? ou não vivida? ou por viver?* E, como Nietzsche, implicitamente dirão sempre: *... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade.*

---

8[1] NIETZSCHE, F. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Mira-Sintra, Europa América, 1978. p.203.

As raízes das concepções e metodologias das *PPFE* vão encontrar uma fonte fecunda, e das mais fundamentais, na filosofia do diálogo e do dialógico, de Martin Buber.

Buber contribui, em particular, pela compreensão do caráter ontológico do vivido fenomenológico existencial experimental, como relação, eu-tu, tal como ele designou.

Para Buber a vivência eu-tu resgata-nos da coisidade e da coisificação do modo eu-isso de sermos da cotidianidade. Existencial, o dialógico fenomenológico, eu-tu, demanda a entrega à concretude da atualidade existencial, em seus limites, finitudes, aporias, potências e sofrimentos. A partir daí pode determinar-se opção e superação. Que nos resgatam do decurso ilimitado do mundo e da vida coisificados.

Estes esclarecimentos de Buber foram fundamentais para a constituição progressiva do estado da arte das concepções e do logos metódico das *PPFE*. Em particular, no sentido do primado da entrega radical à concreude da existência, como abertura para o modo dialógico, eu-tu, de sermos e como estratégia de potencialização e de superação.

Mas, mais que isto, as considerações de Buber sobre o dialógico, o eu-tu, entre as pessoas, *o inter humano*, e os *elementos do inter humano9[2]*, definem a análise de um conjunto de fatores que impedem o desenvolvimento da dialógica do inter humano; ao mesmo tempo em que permitem compreender e definir os elementos que o propiciam. Assim, propiciam o *inter humano*:

1. O privilegiamento do *ser*, ao invés do meramente *parecer.*
2. O privilegiamento do *inter humano*, que não é inerente ao meramente *social.*
3. O privilégio da *conversação genuína*. Ao invés do império do blá, blá, blá.
4. A *presentificação do outro.*
5. O privilégio da pedagógica *abertura*. Ao

9[2] BUBER, M. op. cit.

invés da *imposição* propagandística.

Todas estas, condições de possibilidade da dialógica do inter humano10[3]. Estas indicações de Buber serviram de preciosos guias para a definição do logos metódico do psicólogo e do psicoterapeuta fenomenológico existencial na sua relação com o cliente.

O *empirismo fenomenológico existencial* das *PPFE* é uma de suas características mais fundamentais. Devemo-lo originalmente a Aristóteles, tal como resgatado por Brentano.

Estas abordagens, como já observamos, privilegiam a imediaticidade vivida do desdobramento da dialógica pré-teórica, pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomeno-lógica e existencial. Seja do encontro entre o terapeuta e o cliente, seja a dialógica da vivência, no encontro, de cada um "consigo mesmo". Toda esta dialógica é, eminentemente, *empírica*; *fenomenológico existencial empírica.*

Podemos, assim, entender o primado de um caráter de vivência eminentemente *empirista*, como logos metódico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Como primado de filosofia de vida, como primado de vivência para o cliente no âmbito do processo do trabalho psicológico e psicoterapêutico, como primado de vivência metodológica, no desempenho do psicólogo e do psicoterapeuta, ao longo do processo de seu trabalho.

Um caráter empirista, no sentido especificamente fenomenológico existencial, assim, como caráter metodológico fundamental.

---

10[3] v. em BUBER, Martin – *Elementos do Inter Humano* in BUBER, Martin – Do DIÁLOGO E DO DIALÓGICO. São Paulo, Perspectiva, 1985.

O *empirismo* em si é uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação do conceitual, do teórico11[4].

Aristóteles em seu tratado *De Anima* oferece uma alternativa fundamental, quando propõe -- ao largo do uso de seu método empírico nas ciências naturais -- que a consciência, igualmente, deve ser metodologicamente abordada *empiricamente*. Ou seja, a consciência deve ser metodologicamente abordada empiricamente, na própria vivência de consciência. E não a partir de princípios e pressupostos teóricos.

Ele define, assim, a perspectiva do método de um *empirismo da consciência.*

Brentano12[5] segue a indicação de Aristóteles, e passa a esposar uma metodologia empírica de concepção e abordagem da consciência. Ou seja, uma abordagem da consciência na própria vivência da consciência, sem a mediação do teórico, e do conceitual.

A concepção e o método da Psicologia, assim como o método da Filosofia, passam a ser entendidos, a partir de Brentano, e em sua tradição fenomenológica, como o mesmo método empirista das ciências naturais.

Uma particularidade definidora é a de que Brentano compreende a *intencionalidade da consciência*: a consciência constitui-se como um *campo* em que a correlação sujeito e objeto já pré-existe de um modo indissociável, modo este anterior a qualquer possibilidade de separação, sujeito e objeto são cooriginais em sua intrínseca correlação.

De modo que o empirismo *fenomenativo* da consciência em Brentano só poderia ser um *empirismo do campo da consciência*

---

11[4] LALANDE, A. op. cit.

12[5] ALBERTAZI, L., LIBARDI, M., POLI, R., (Editors) THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO. Dodrecht, Kluwe, 1996.

*intencional* – que se situa, assim, fora da dicotomização sujeito-objeto. E não, evidentemente, um *empirismo objetivista*, característico do empirismo da tradição anglo saxã. Empirismo objetivista este que fundamenta, inclusive, o empirismo do seu *Pragmatismo.*

Empirismo objetivista (não fenomenológico), assim -- e Pragmatismo, nele fundamentado --, que, fora de uma perspectiva da consciência como *campo intencional*, situa-se na perspectiva da dicotomização sujeito-objeto. E, não só: situa-se, enfaticamente, no privilegiamento do objeto no âmbito desta dicotomização.

Questão fundamental esta, uma vez que a Fenomenologia e o *seu empirismo* apontam para um modo de ser ontologicamente fundamental. Modo de ser este que não se dá no âmbito do que podemos entender como a dicotomização sujeito-objeto.

Silvia Pimenta13[6], comentando a perspectiva e o perspectivismo da filosofia de Nietzsche, observa:

> *Não se trata portanto da impossibilidade de atingir uma realidade exterior aos nossos afetos, mas da* ***impossibilidade de distinguir*** **duas ordens** ***de realidade: subjetiva e objetiva, ideal e material, numênica e fenomênica.*** *Trata-se da impossibilidade de transcendência:* ***o que quer que seja "o mundo", o homem é parte integrante dele, e não pode reivindicar a exterioridade que seria necessária para instituir a si mesmo como sujeito e ao mundo como objeto****. O percurso que conduz do homem ao mundo não é uma relação entre sujeito e objeto: sendo o homem uma* parte *do mundo e não uma instância a ele transcendente, a vontade de potência no homem constitui apenas um caso particular da vontade de potência em geral. Curiosamente, a filosofia de Nietzsche se aproxima aqui da concepção parmenidiana da identidade entre ser e pensar: entre o mundo e o ato de interpretar não há afinidade ou adequação, mas* identidade. (Velloso Rocha, 2003. p.65.).

---

13[6] VELLOSO ROCHA, Silvia P., ABISMOS DA SUSPEITA. RJ, Relume Dumará, 2003.

De modo que, especificamente, o empirismo *fenomenológico* não é um empirismo *do objeto*. Mas um empirismo da vivência de consciência.

Da mesma forma, não permite uma *intersubjetividade*. Na medida em que se dá fora da dimensão da dicotomia sujeito-objeto, não dispondo, em seu momento, do sujeito, da mesma forma em que não dispõe de objeto.

Ainda que não se dê no âmbito da dimensão própria à relação sujeito-objeto. A vivência fenomenológica empírica é sempre vivência de *relação*, e tensão de diferença, de alteridade. A dualidade de relação da vivência fenomenológico existencial empírica se dá como a dualização da relação eu-tu.

Quando ocorre a diferenciação sujeito e objeto já não se está mais no modo de ser dialógico da vivência.

Assim, o *empirismo da consciência fenomenal* da fenomenologia da tradição de Brentano é um *empirismo fenomenológico da vivência de consciência intencional*, um empirismo ativo, cujo solo e natureza é radicalmente diferente dos do empirismo objetivista.

Carl Rogers, F. Perls, F. Brentano, F. Nietzsche, Paulo Freire (vale dizer) eram, assim, empiristas. Mas empiristas neste sentido fenomenológico existencial dialógico. E, jamais, empiristas no sentido objetivista do termo.

Caracteristicamente, a crítica teórica encontra algo de vazio e inconsistente na obra desses empiristas. Isto se dá, exatamente, porque eles não são teoréticos. Eles são *empiristas poiéticos.* Que se definem pelo privilégio da vivência de consciência, e da vivência do ato, da ação: da atualização do possível, que só no âmbito do seu *pathos* (*empathia*) pode evidenciar-se, efetivar-se.

Isto não quer dizer que suas concepções não gerem uma teoria, não sustentem, e não se sustentem, em uma teoria. Ou que da vivência de seu método não se possa derivar uma teoria. Muito pelo contrário, a definição de seu método cristaliza-se teoricamente. E teorização pode emergir da vivência de seu método. A característica, não obstante, é a de que a vivência de seu método é a vivência momentânea de um modo não teórico, fenomenal, de sermos. Um modo no qual vivenciamos o possível, e a sua atualização. Ou seja, um modo de sermos no qual o possível é possível, e se desdobra.

Nada contra a teorização anteriormente aos momentos especificamente *empíricos*, e não teóricos. Ou posteriormente.

Carl Rogers, por exemplo, era, definitivamente, um empirista. Um empirista radical. Um empirista da vivência dialógica do inter humano.

Isto é preciso que se entenda, e se explicite.

Mas é necessário que, igualmente, se entenda, e se explicite, que, radicalmente empirista, Carl Rogers nada tinha do empirismo objetivista, do empirismo pragmatista, do empirismo positivista. Por mais que isto não tivesse ficado conceitualmente claro, muitas vezes. E por mais que o confundissem, explicitamente, ou não, muitos de seus seguidores.

Uma coisa é a "empatia" objetivista, com toda uma série de adornos da moda e peduricalhos possíveis. Outra coisa é a empatia na dialogicidade do inter humano, fenomenológico existencial dialógica, e empírica.

Carl Rogers prigilegiava radicalmente a vivência dialógica *empírica*, e *empática – patética*, *peripatética* --, do *encontro* com a pessoa, do encontro com o grupo. Nada de conceitos a intermediar este encontro. Nada de técnicas ou de outros recursos comportamentais. Nada de moralismo ou de pretensões científica, ou cientificistas. Nada de teoria, de teorização, de teorética. O que interessava fundamentalmente a Rogers era a

empiria dos momentos dialógicos de vivência do encontro; o que quer dizer, a *empiria* da vivência da *poiética* da dialógica do encontro. Da vivência *empáthica* da dialógica do possível, e de sua interpretação (desdobramento), atualização, inerentes à empiria da vivência de consciência fenomenal.

As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia primam assim pelo privilegiamento do âmbito vivencial fenômeno-lógico existencial, pelo âmbito da *compreensão*, e do desdobramento do possível que lhe é inerente.

Em essência, a *explicação*, que se diferencia fundamentalmente da *compreensão* (em particular porque *não há explicação que possa levar à compreensão* – Takuan Soho), a *explicação*, é absolutamente secundária para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Se *Freud explica*, primordialmente as abordagens fenomenológicas não estão interessadas na explicação.

Os psicólogos, os terapeutas fenomenológico existenciais, em essência, não *explicam*. Eles *implicam*.

No sentido de que eles não são exteriores e alheios à dialógica alteritativa do encontro inter humano com o cliente. É a esta dialógica que eles querem privilegiar, e a ela pertencer implicativa-mente, compreensivamente.

A arte que eles buscam cultivar é da performação como partícipes no próprio âmbito desta dialógica. Como forma de potencializar a situação do cliente no âmbito de sua própria vivência dialógica, na dialógica da vivência de sua relação com o terapeuta/psicólogo, na dialógica da relação em seu ser-no-mundo.

De modo que ele possa vivenciar compreensivamente, e no desdobramento de sua compreensão, vivência, a sua atualidade e atualização fenomenológico existenciais; suas perspectivas, limites, aporias, e superações.

Compreensão e desdobramento de compreensão; vivência e desdobramento de vivência, como atualização de possibilidades, que em hermenêutica fenomenológico existencial entende-se como *interpretação fenomenológico existencial*.

Classicamente, a *Hermenêutica* é entendida como *a arte da interpretação*. De modo que as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais são, em essência, e propriamente, hermenêuticas fenomenológico existenciais.

Aparentadas da arte, porque a arte é irmã gêmea da existência... A arte é uma ética, est-ética, de afirmação estésica da existência. *Estética* de afirmação vivida da vivida afirmação que é já a potência da existência e da existenciação, em suas perspectivas espontâneas e gratuitas, em seus limites, sofrimentos, superações, alegrias...

Nem teorética, nem prática... poiética. Patética.

---

## 6.
## Algumas questões

Carl Rogers entendia a sua abordagem como sendo uma abordagem fenomenológico existencial14[7]. Entendia que a *tendência atualizante*, que ele preconizava como fonte básica da motivação humana, só operava fenomenologicamente. As condições que ele constituiu como

14[7] ROGERS, Carl, KINGET, M. PSICOTERAPIA E RELAÇÕES HUMANAS. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

condições de criação de um clima terapêutico – quase tão faladas quanto mal entendidas – são condições fenomenológicas. As características do *funcionamento ótimo da personalidade* são características eminentemente fenomenológico existenciais.

Rogers sofreu uma influência importante das psicologias fenomenológico existenciais de Abraham Maslow e de Rollo May, introdutores da psicologia fenomenológico existencial nos EUA, influenciados pelos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, em particular Medrard Boss e Ludwig Binswanger, que buscavam constituir uma psicoterapia fenomenológicas a partir da fenomenologia de Heidegger. O livro *Existence15[8]*, de Boss e Binwanger, dentre outros, publicado originalmente na Europa, teve sua publicação nos EUA patrocinada por Maslow e por May. Rogers fez a revisão da obra.

No entanto, Rogers, de um modo geral, não tematizava de um modo mais sistemático e explícito os fundamentos fenomenológico existenciais de sua abordagem, ainda que teorizasse de um modo bastante significativo. Progressivamente, os escritos de Rogers foram se tornando cada vez menos teorizantes, cada vez mais ensaísticos. Registros dos processos de sua experimentação em psicologia e psicoterapia, em particular no desenvolvimento e vivência de seu modelo de trabalho com grupos.

Certamente que a indisposição de Rogers para um maior aprofundamento teórico advinha de suas influências empiristas.

Mas o propugnador incansável da concepção de empatia no âmbito da psicologia e da psicoterapia não podia ser simplesmente um empirista objetivista. O Carl Rogers que acolheu as concepções fenomenológicas da psicologia organísmica de Kurt Goldstein, como *tendência atualizante, auto-atualização organísmica, avaliação organísmica da consciência,* não podia ser simplesmente um empirista objetivista Rogers não se filiava ao empirismo do

15[8] MAY, Rollo (org.) EXISTENCE.

Pragmatismo, nem ao empirismo anglo saxão, de um modo geral. Não se filiava ao comportamentalismo. Ainda que não estivesse bem desenvolvida a explicitação e o esclarecimento da vinculação de suas concepções à Fenomenologia e ao Existencialismo.

No seu modelo de trabalho com grupos, a partir de 1974, há uma depuração e radicalização das características fenomenológico existenciais de seu modelo. Há uma relativização das idéias de tendência atualizante, e mesmo de *condições terapêuticas* no contexto do grupo, para centrar-se no provimento de condições hermenêuticas para o desdobramento da dialógica do encontro grupal.

O fato, entretanto, é que Rogers pouco tematizou os fundamentos fenomenológicos de suas concepções, ainda que estas se caracterizem de um modo muito específico pela perspectiva fenomenológico existencial.

O fato, entretanto, também, é que a frágil explicitação e desdobramento dos fundamentos fenomenológico existenciais da abordagem rogeriana faz com que suas concepções, e o arcabouço teórico geral de sua abordagem se fragilizem. Gerando dificuldades para a reprodução de seu conhecimento, e formação de novos profissionais a ela aderentes.

Alguns conceitos estão, em função disto, pobremente elaborados. Alguns flagrantemente inconsistentes e superados.

O conceito de *tendência atualizante*, por exemplo. Sua concepção vincula-se a uma perspectiva biológica. Quando as questões pertinentes à terapia, ao trabalho psicológico, à facilitação de grupos, dizem respeito não a uma dimensão biológica, mas à dimensão fenomenológico existencial. A explicitação desta concepção segundo a perspectiva fenomenológico existencial permite a assimilação da tendência atualizante à dimensão do possível, da possibilidade compreensivamente vivida. E a concepção de seu desdobramento à noção de interpretação fenomenológico existencial. E à compreensão do modelo rogeriano como uma

hermenêutica fenomenológico existencial.

Por outro lado, a noção de *compreensão*, na concepção de *compreensão empática* – tão importante na concepção da abordagem rogeriana -- filia-se à concepção de *compreensão* da filosofia da vida de W. Dilthey – a reprodução em mim, um ser vivencial, da vivência de outro ser vivencial. Martin Heidegger foi influenciado por Dilthey, e desdobrou as suas concepções, concebendo a *compreensão* como a própria constituição do sentido, ao nível do ser-no-mundo. Diferentemente da perspectiva de Dilthey, a compreensão desta forma concebida deixa de ter uma concepção objetivista, ou subjetivista, já que a vivência de ser no mundo se dá fora da dicotomização sujeito-objeto. A *compreensão empática* pode assim ser compreendida de um modo mais próprio, em particular no sentido de seu caráter dialógico.

Assim, desvendar as raízes fenomenológico existencial das concepções de Rogers, da abordagem rogeriana, permite uma apuração de seu sentido, uma apuração do sentido das concepções de Rogers. A superação de processos degenerativos da abordagem, e uma continuação da sua produção e reprodução.

---

## 7.
## Concluindo.

O trabalho de Carl Rogers é qualitativamente muito significativo. Ainda que de certas óticas, este significado possa parecer ambíguo. Seu trabalho oferece a concepção e método de uma profícua abordagem de psicologia e de psicoterapia para o trabalho na chamada "clínica" psicológica, no trabalho com grupos, no trabalho no âmbito da psicologia comunitária, da psicologia hospitalar, na psicologia organizacional e do trabalho, na psicologia educacional... Rogers contribui fundamental e diferenciadamente, de um modo teórico e fenomenológico existencial experimental, com a constituição de um modelo fenomenológico existencial experimental de psicologia e de psicoterapia. É, sem dúvida, um gigante neste sentido.

Naturalmente que, nas condições em que ele viveu e

trabalhou, há ambigüidades, imprecisões, equívocos. Alguns, intrínsecos ao empreendimento pioneiro de constituição de um modelo fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia. Alguns, devidos a fatores e conflitos culturais. Outros, devidos às limitações das informações sobre a ontologia, concepção e metodologia fenomenológica, e sobre o existencialismo. Nada disso compromete a substância e importância de sua contribuição, quer seja em termos conceptuais ou em termos metodológicos.

Rogers transita, ao longo de sua vida, e de sua obra, desde âmbito moralista, puritano, religioso; na direção de uma abordagem genuinamente fenomenológico existencial experimental. Ao chegar, por exemplo, à culminância de sua obra, na concepção e experimentação da metodologia fenomenológico existencial experimental empírica do trabalho com grupos.

Teve um influência importante da psicologia acadêmica norte americana, dos livre pensadores norte americanos, como Emerson e Thoreau. Mas encontrou Kierkegaard e Buber já no seminário teológico, anteriormente a sua carreira de psicólogo. Como psicólogo, já, recebe as influências marcantes de Abrahan Maslow e de Rollo May. Estes mediam de um modo importante a chegada até Rogers da psicoterapia fenomenológico existencial européia, dos heidgerianos Boss e Binswanger. Os gestálticos (da Psicologia da Gestalt) chegam, de um modo substancial, através dos seminais trabalhos de Kurt Goldstein e Max Wertheimer, emigrados para os EUA, após uma já longa e profícua vida produtiva dentro da tradição fenomenológica da Psicologia da Gestalt, na Europa. E é fundamental, no desenvolvimento de suas concepções e metodologia, o intercâmbio com Otto Rank, emigrado da Europa, para a Universidade da Pensilvânia. Rank trazia, sobretudo, e mais uma vez, a influência de Nietzsche no desenvolvimento de sua abordagem de psicoterapia. E teve uma substancial influência sobre Rogers.

Se existem imprecisões, impropriedades, equívocos, nas formulações de Rogers, a partir da perspectiva da ontologia e metodologia fenomenológica e existencial, estes podem ser entendidos, como falamos, como conseqüências naturais do pioneirismo de Rogers, e de suas condições culturais, sociais e

históricas específicas.

Afinal, no seu ambiente cultural e acadêmico, fortemente empirista -- num sentido objetivista do termo --, e pragmatista, o que quer dizer igualmente empirista objetivista, Rogers desviou, configurando-se como um empirista substancialmente fenomenológico, e desenvolvendo uma obra, influenciada pelas perspectivas de um Kierkegaard, de um Buber, de um Binswanger, de um Brentano, de um Goldstein, de um Wertheimer, de um Otto Rank, em especial.

Certamente que não era fácil discriminar o caráter empirista da Fenomenologia e do Existencialismo naquele momento nos EUA. Ao mesmo tempo, cabia evitar uma concepção idealista da Fenomenologia, fortemente rejeitada, naturalmente, no âmbito de um empirismo objetivista. Por entre Brentano, Husserl, Heidegger, Sartre, Psicologia da Gestalt, tensões entre o modo americano e europeu de conhecer... não era fácil encontrar um caminho.

Coerentemente, Rogers foi pela via do empirismo, e o empirismo que só podia ser o empirismo fenomenológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia.

No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teoria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodologia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.

O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experimentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de concepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.

Entender a abordagem rogeriana é, certamente, entender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da *focalização*, ou das meras *condições de criação de um clima*

*terapêutico* (ainda que elas sejam importantes).

Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.

Não fazemos justiça a Rogers enquanto não compreendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.

Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre este modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na perplexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.

Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenologia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cultural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, dificultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Maslow, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brentano, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais interessado na experimentação fenomenológico existencial empírica de seu modelo.

A teoria e a teorização são, entretanto, fundamentais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teorético, não teorizante, *em sua vivência*. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da transmissão dele a novas gerações.

A situação assim da teoria, a sedução pela "facilidade" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeriana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüentemente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas concepções e métodos.

Isto não faz jus, naturalmente, à importante e substancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.

O modelo de Rogers contribui efetiva e substancialmente neste sentido.

Resta-nos o desafio de uma compreensão, experimentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenológico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em termos conceituais e metodológicos.

# 1.
# Carl Rogers.
# Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretensioso.

De várias formas. E aqui nos interessa sobretudo no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita.

Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico (Buber), na tradição de Brentano. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da *tendência atualizante*, Carl Rogers já tinha ido, experimentalmente, além; no sentido do logos metódico de um empirismo humanista*, fenemenológico existencial, dialógico, em psicologia e psicoterapia, no âmbito das relações humanas.

Desinvestido de qualquer pressuposto de *condição e desempenho técnicos*, na sua atuação. Destituído de aspirações *científicas* tradicionais. Ou de veleidades *práticas*, e *pragmáticas*. Destituído da crença na efetividade do *teórico* e da teorização, e do *moralismo*, em particular, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas. E, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando naturalmente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

---

* Na tradição do *Humanismo* de filósofos do Século XIX, como Brentano e Nietzsche, que voltavam à Filosofia do Renascimento, e aos gregos pré-socráticos, na recuperação da vivência humana como critério.

Como meio e como via, como *jeito de ser*, do psicólogo e do psicoterapeuta, do educador, da pessoa -- em processos de *co-laboração* na potencialização de metamorfoses, e de estilos existenciais de vida1[1] --, o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, de privilegiamento, e de afirmação experimental, dos momentos de ***dialógica interhumana*** (Buber)**.**

O sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se numa postura de afirmação experimental da *concrescência fenomenológico existencial da existência*, na pontualidade de seus desdobramentos. Consistentemente arraigado em pré condições de respeito radical -- pessoal e metodológico -- pela alteridade, pela diferença, do cliente; e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal. Como imprescindíveis condições do privilegiamento do *encontro*, nesta *dialógica interhumana*. O *encontro c*omo vivência de *momentos de um modo de ser* generativamente existencial, *existenciativo, poiético*.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver -- na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo, à guisa de metodologia -- a obstinação mansa e rítmica de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento, radical, da mera, nua, crua, e simples, *dialógica interhumana*. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas paciente, pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, *o deserto começasse a florescer.* Ou, como dizia John Wood, *até que a orquestra se afinasse*, e estivesse em condições para uma 'performance poiética'.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Carl Rogers, muito freqüentemente, em suas concepções e posturas metodológicas. Mal entendido pelos 'de fora'. E, freqüentemente, mal entendido por muitos dos "de dentro", que assumiam a incorporação de seu modelo.

Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o *simples* pelo *simplório.* Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, *empirismo humanista* , fenomenológico

---

1[1] BUBER, Martin EU E TU. São Paulo, Cortês, 1983.

existencial, dialógico, *na relação inter humana*.

Substituindo por atitudes retóricas, e estereotipadas, ou meramente manipulativas, a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência de confirmação da, e de interação com a, diferença do outro; negando-se à vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil, como tal, à germinação da ação, da criação, da *existenciação*.

Não muito longe, outros, por captarem o modelo rogeriano em fases primitivas, quando ainda havia uma referência importante, e mesmo a aspiração de um certo cientificismo. Com surpresa, os vemos hoje em dia tentando interpretar o modelo rogeriano pela via de um cientificismo pseudo científico. Inscientes, talvez, do finíssimo e precioso trabalho de Rogers na superação não só do cientificismo, mas do próprio paradigma científico em psicologia e psicoterapia, em privilégio do que permite, potencializa e engendra o existencial. Perderam o bonde?

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers. Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de *técnicas*, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, certamente, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela *questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas*, e, portanto, ao nível do método em psicologia e psicoterapia. E compreendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos, essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A *existência*, como observou Heidegger2[2], *resolve-se apenas existencialmente*. E Rogers compreendia muito bem, e profundamente, isto. Da mesma forma que entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre latente, iminente e atual, do abuso da impropriedade de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação, e uma das primeiras

2[2] HEIDEGGER, M. SER Y TIEMPO. México, Fondo de Cultura, 1985.

condições de método, dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido, Rogers, pelos científicos. Que – pertinentemente -- não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados. Nunca entenderam estes, evidentemente, o sentido propriamente fenomenológico existencial de *experimentação.*

Bem antes dos cientificistas pseudo científicos em psicologia -- alguns mesmo dos que se dizendo *rogerianos*, de hoje (pasmem!) --, Rogers entendeu que -- da mesma forma que o paradigma técnico -- o paradigma científico não dava conta do vivido fenomenativo, no qual o possível é possível. Nem se aplicava à, *ato-ação* ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura como sendo da ordem do modo humano de ser da ação *poiética*, e não da ordem do *epistemológico*.

Não é porque é *menos*, que o fenomenológico existencial não é da ordem do científico. É, apenas, porque o científico não dá conta do existencial, que nem mesmo da ordem da realidade é. Quanto mais da ordem da objetividade. Diria pessoa pela boca de uma sua personagem,

> *Estávamos cheias de ser nós. E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade*.3[3]

Bem ao gosto de Nietzsche4[4], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao empistemológico, e epistemofílico, pressuposto científico da *busca de verdades.* Não se conforma às esferas do conhecer, e do conhecimento, e de suas

---

3[3] PESSOA, Fernando – O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS.

4[4] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE. F. GAYA CIENCIA,

vontades.

Não é por outro motivo que *o coração tem razões que a própria razão desconhece* (Pascal); e que *seria enloquecedooooooorrrrr se amor tivesse a ver com verdade...* (Maffesoli). Mas, mais propriamente, o existencial, experimental, a-ventura-se, de um modo essencial, na incerteza, e na improvisação, da potencia criativa, na possibilidade humanamente ontológica da criação da realidade e do verdadeiro.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados. Moralistas que, similar-mente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a *enorme* inutilidade e "desperdício" de tempo e de recursos da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, certamente, de que, em sua especificidade, a existência humana -- eminentemente da ordem do modo de ser do *poiético* -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível deste humano modo de ser que ***não é*** da ordem do modo de ser no qual se dão o *útil* e a *utilidade.* Humano modo de ser, que sem prejuízo do prático e da prática, não é da ordem do modo de ser no qual se dão a prática, o valor do prático e da pragmática.

Ainda que deste fenomenológico existencial *poiético* modo de ser tudo provenha; e, paradoxalmente, provenham, inclusive, em suas especificidades, todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber5[5], com essencial propriedade, o modo humano ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil e da utilidade, como não o é, igualmente, da ordem do modo de ser no qual vigoram os fins e os meios; não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, não é da ordem do modo de ser em que vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; a sua fatalidade; nem mesmo é, como observamos, da ordem do modo de ser que entendemos como *realidade*, no sentido *objetivo* do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teoréticos... Que *resolvem* o mundo em sua abstração... Para os teóricos, Rogers, a *santa incoerência*... Uma verdadeira *metamorfose ambulante*. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos, em uníssono, e estereotipadamente, balançam, desaprovadoramente, a cabeça, diante do paradigma rogeriano.

Sem se precatarem de que, fundamentalmente, Rogers compreendera, em sua efetividade, a distinção específica entre teoria e existência, a distinção entre ação e teoria. Rogers intuíra a distinção entre *explicação* e *compreensão*, e intuíra que *não existe explicação que possa levar à compreensão* (Takuan Soho). E estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana -- com suas questões, com suas crises, superações e crescimento; para lidar com a sua efetiva e específica possibilidade de ação --, é imperativo fazer-se ao largo do teórico, da teoria e da teorização, e direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso (*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...*), e ontológico, modo existencial de sermos. Que é *perfeita* aderência à ação, à incerteza, e ao devir, fenomenais. E que, especificamente, e por definição, e radicalmente, não é da ordem do modo de sermos em que somos teóricos e conceituais, explicativos.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está

---

5[5] BUBER, M. Op. cat.

aí a sua obra escrita. Mas, ainda que se interconectem, e interajam, cada coisa em seu lugar.

Aliás, é de capital importância entender que a *vivência empírica* é, por definição, não teorética; mas que existe uma diferença fundamental entre o empirismo *objetivista*, tradicional na cultura anglo-saxã, e o empirismo *fenomenológico* em termos do teórico, da teoria e da teorização: o empirismo objetivista é radicalmente contrário, e avesso, à teoria e à teorização. O empirismo fenomenológico não é avesso ao teórico, à teoria e à teorização. Ou seja, igualmente para o empirismo fenomenológico, a vivência empírica é caracteristicamente não teorizante, e não se assenta sobre teoria. Mas a teoria pode constituir-se como um outro e relevante momento, a partir da vivência não teórica. Da mesma forma que a teoria pode constituir-se como elemento das condições de sua hermenêutica.

De modo que, desde Brentano, não há, para o empirismo fenomenológico, um preconceito e uma aversão ao teórico, à teoria e a teorização. Eles são possíveis e necessários, desejáveis, ainda que sejam estranhos e heterogêneos com relação aos momentos particulares da vivência empírica. Que, fenomenológica, não comporta a dicotomia do eixo de referência das relações de sujeito-objeto. Da mesma forma que, evidentemente, não poderia privilegiar o pólo objeto desta relação, constituindo-se no campo da objetividade, como objetivista.

O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e com as dificuldades existenciais neste processo de superação; lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia. Rogers entendeu que a atuação, a efetivação, desta potência humana de superação se dá, especificamente, no âmbito do modo de sermos que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Modo de sermos a que ele, seguindo a Goldstein, denominava de *experiência organísmica.* Modo de sermos a que Dilthey e Heidegger, guardando as devidas particularidades, chamavam, respectivamente, de *vivido* e de *ser-no-mundo.* E como atuação do que ele chamava, e entendia, como *tendência atualizante humana.*

No âmbito próprio da vivência momentânea deste modo

fenomenológico de sermos, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, impróprios. Quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de sermos demanda outras habilidades, equivalentes às de um dançante, ou as de um nadador, ou de um artista, em suas atividades próprias.

A questão de Rogers, portanto, era a da experimentação, da definição, e desenvolvimento, de uma concepção e de uma metodologia não teorizantes em psicologia e psicoterapia, no trabalho com grupos, e nas áreas a que ele posteriormente se dedica. Uma metodologia não teorizante, fenomenológico existencial empírica, de vivência, para o cliente, a partir de condições e atuação colaborativa e sinérgica, igualmente fenomenológico existenciais empíricas, por parte do terapeuta, psicólogo, educador. Concepção e metodologia fenomenológico existenciais empíricas, poiéticas, mais aparentada do modo artístico de funcionamento, o que quer dizer, não teorizantes, não técnicas, não moralistas, não científicas, não práticas.

Quanto a sua própria teorização, Rogers, assim como Perls, viu-se preso, e desafiado, portanto, na experimentação e na elaboração experimental da teoria e da teorização, e na elaboração do logos metódico, de uma concepção e metodologia de psicologia e de psicoterapia no âmbito da atuação de um modo de ser,. radicalmente não teórico e não teorizante. Fenomenológico, existencial, empírico. Modo de ser próprio da existência e da existenciação, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; modo de ser próprio à dialógica inter humana, interpessoal, e coletiva.

E, coerente, e concernentemente, a sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos e explicativos, cada vez mais ensaística, à medida que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas, fenomenoativas, do próprio modo de ser da existência. Atitudes cada vez menos explicativas, e teóricas, cada vez mais implicativas e compreensivas.

Rogers sempre privilegiou, como atitude metódica, e

como proposta de vivência para o cliente, a experimentação fenomenológico existencial. A dialógica inter humana entre terapeuta e cliente. A linguagem dialógica inter humana da existência. *Patética.* E, com isso, desdobrou e abriu possibilidades preciosas e muito fecundas para a psicologia, para a psicoterapia, para o trabalho ao nível do humano.

Possibilidades nem sempre compreensíveis, em sua essência e características próprias, a partir de um ponto de vista teórico. Ou de um ponto de vista pragmático.

É fundamental considerar deste ponto de vista a obra teórica de Rogers. A sua evolução à medida que se desenvolve a sua experimentação, a natureza especificamente não teorizante de seu método, e a própria perplexidade da experimentação profissional de uma metodologia, que por existencial, era especificamente empírica, não teórica, não conceitual. Daí o caráter essencial e grandemente aberto de sua obra teórica.

É muito importante considerar que a elaboração do paradigma rogeriano, um paradigma não teorético, e, por isso, *empirista* – neste sentido *fenomenológico existencial dialógico* --, se dá, exatamente, no âmbito cultural hegemônico e forte de um *empirismo.* Mas, especificamente, no âmbito do ***empirismo objetivista***, vigente na cultura norte americana e anglo saxã. Carl Rogers destaca-se, assim, com a contribuição de uma concepção e método de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existenciais empíricos, radicalmente heterogêneos com relação ao empirismo objetivista então predominante.

Tudo isto aponta para questões extremamente importantes, que dizem respeito, por exemplo, ao fato de que, ainda que sua teorização seja importante, o fundamental, em termos da obra de Rogers, não é exatamente a sua teorização, mas a sua metodologia não teorizante. Ou seja, o melhor ponto de vista para a compreensão e a apreciação do paradigma rogeriano não é exatamente o ponto de vista de sua teoria. E, neste sentido, é importante considerar a insuficiência da teorização, mesmo a teorização de Rogers, para captar e expressar teoricamente a especificidade de seu logos metódico. Até porque, ao morrer ele apenas iniciara, experimentalmente, a

definição de sua concepção e metodologia em termos fenomenológico existenciais empíricos.

O mesmo podemos dizer com relação ao ponto de vista científico, com relação ao ponto técnico, com relação ao ponto de vista prático, e com relação ao ponto de vista pragmático. Como pontos de vista inespecíficos e impróprios para a apreensão e compreensão do existencial, do fenomenológico existencial empírico, e, portanto, do paradigma rogeriano.

Como observamos, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que a teoria e a teorização não sejam importantes no seu âmbito, ou que não existe, na sua aprendizagem, na sua reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é o teórico um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas, quando efetiva, no caso do paradigma rogeriano, trata-se da teorização de um paradigma cuja vivência, especificamente não teorizante, é qualitativamente descontínua com o teórico. Da mesma forma que podemos contemplar e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimento e habilidades, que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais, fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos, empíricos enfim.

É interessante observar que Rogers movimentou-se e evoluiu, em termos humanistas, dos contrafortes norte americanos da ciência positivista, e *objetivamente* empirista -- e do moralismo religioso puritano --, em direção ao existencial, ao empírico fenomenológico existencial, corpo-ativo. Em sua trajetória, guardava em si, desde o início, o germe do

fenomenológico, e do *empatético.* Mas esta trajetória careceu de se configurar como uma imensa atividade de desconstrução. Imensa -- não tanto em quantidade como em qualidade -- atividade de desconstrução em psicologia e psicoterapia do paradigma objetivista, do paradigma técnico, do paradigma científico, do paradigma moralista, do paradigma pragmático, e do paradigma prático...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da nua dialógica interhumana – ou *interlógica diahumana* -- de sua empatética, um imenso trabalho de desconstrução, de cascavilhamento e de experimentação fenomenológico existencial já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um *ponto zero*. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empatética.

Podemos ver que, se, por um lado, a sua teoria vai ganhando um caráter despretensiosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia, e mesmo método fenomenológico existencial – ao qual ele vai aderindo de um modo cada vez mais radical; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma *tendência atualizante*, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitações.

## 2.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Na medida em que consideramos a dimensão existencial humana, as suas crises e questões, e as suas resoluções, necessariamente especificamente existenciais, compreendemos que a concepção e a metodologia de Rogers são muito sensíveis e refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou às vezes quase que epidêmica entre os "centrados".

Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método, e a própria concepção e método, de Rogers foram mal compreendidos, ou mesmo desconhecidos. E sua abordagem freqüentemente entendida, ironicamente, como o modelo pronto do objetivismo, ou da pragmática, de uma certa tecnologia da compreensão, adoçada de fragmentos açucarados da retórica de uma imprecisa ideologia dita "humanista".

---

Como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers atualiza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dimensão do existencial, com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano; incompatíveis com a sua empatética. Foram-se, então, na vivência do logos metódico do paradigma rogeriano, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições definidoras específicas de uma *prática.*

Cascavilhando experimentalmente, Rogers buscou as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos

metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade, um dos pilares clássicos de seu paradigma, que marca o seu afastamento do paradigma moralista.

A não diretividade é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da "experienciação". A *empatética -- patética*, *peripatética* -- do privilegiamento dos momentos próprios de vivência (páthica) dos desdobramentos da dialógica do interhumano.

De fato, Carl Rogers efetivamente experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia, e de uma psicologia, fenomenológico existencial. Paradoxalmente, o seu despojamento representava, na verdade, uma apuração experimental, cada vez mais refinada, de condições fenomenológico existenciais de concepção e de método de psicologia e de psicoterapia.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial se afirma e se desdobra, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação; quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância. Como, por, exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um papel inegável, fundamental, e fundador.

Muito importante, pois, atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação das concepções e método de Carl Rogers com surgimento, desenvolvimento e consolidação de uma concepção e metodologia de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais. Coisa efetivamente rara.

Não podemos, naturalmente, deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de um L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da experimentação e caracterização da vivência de metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais. E, neste sentido, empíricas, experimentais, performáticas, e poiético-hermenêuticas.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de ser, atrelou-se aos vieses das psicologias científicas e das psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano e europeu. Desde muito cedo, não obstante, é nítido o movimento de diferenciação do modelo rogeriano com relação ao hegemônico paradigma do empirismo *objetivista* vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual. Crise esta que morre na formulação de condições hermenêuticas do *empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico.* Que se configurava como característica forte da vivência de seu método, em particular da sua última fase.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da Fenomenologia, do Existencialismo, da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com a constituição e desenvolvimento destes.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso *strip tease fenomenativo existencial* da teoria, da prática teorizante e conceitual -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais ***empírico*** *e* ***experimental*** (num sentido fenomenológico e existencial) no que podemos entender como o provimento *empírico e experimental*, por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de *condições hermenêuticas experimentais*, *fenomenológico existenciais,* para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente *interpretar* – num sentido fenomenológico existencial, especificamente --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações,

e resoluções.

Como observamos, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencial, experimentalmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico existencial, e experimentalmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua experimentação, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático e pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, fenomenológico existencial poiético, hermenêutico.

A importância das elaborações de Rogers se dão, principalmente e em especial, não ao nível de sua teorização, mas, como seria de se esperar em uma abordagem *empírica* (não teorética), fenomenológico existencial. Ao nível de sua resoluta experimentação fenomenológico existencial de concepções e condições de método.

Assim, não se pode apreender o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da *tradição de Brentano*, é no desenvolvimento de sua de sua metodologia que reside a sua especificidade, e a sua riqueza.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi, progressivamente, assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento formulação da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers, neste sentido.

Cremos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de *condições hermenêuticas* para o processo *hermenêutico* da *interpretação fenomenológico existencial*,

*empírica* e *experimental*, por parte do cliente. *Interpretação* da força -- da *posse* -- do *possível*, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls – este com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos --, fortemente bafejados, neste sentido, por Buber, e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das concepções e métodos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais, que emergem e florescem em nossos dias, pejadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que, freqüentemente, ela não é notada, ou considerada, ou é meramente incompreendida. Há quem queira diminuí-los... Mas olhando bem, não é pouco, em especial em termos qualitativos, o que eles conseguiram...

Por outro lado, não é raro que se fale de um modo retórico em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, já que ela está em moda, e pode até ser chique, sem nenhuma referência a concepção ou método específicos, e sem referência , ou até negando-se, as importantes e qualitativas contribuições de Rogers e de Perls neste sentido específico. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com a perspectiva de um empirismo aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia.

---

## 3.
## Carl Rogers, o patético.

**Empatético, peripatético.**

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético.* Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos.* Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência.*

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência.* Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de*

*consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*. Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética. Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia.* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética.* Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser

---

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos.* Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos,* do *páthico.* Que na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos.* A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando.* Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática.* A mente reflexiva cede

lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos, a vivência páhtica*, enquanto método de filosofação.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de filosofação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-**peri-**mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos.* E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a ***peri** path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-***peri***-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de

sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia – em-pathia*. E que *Empatia*, especificamente, significa "dentro do pathos".

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de

uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem prática, na verdade uma *poiética.*

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência.* De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética.*

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáhtica.* Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos.* Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético,* é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético,*

*Empatético* e *peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre "o que é que esta pessoa pode?" "O que é que pode este grupo?" "O que podem os seus participantes?" "O que posso eu..."

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que *o possível* -- que nossa atualidade existencial

reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da "confraria" dos *patéticos*, *empatéticos, peripatéticos...*

---

**4.**
**Nem *Teorético*, nem *Prático*.**
**Muito menos *Pragmático***
**O Paradigma Rogeriano.**
**Fenomenológico Existencial: *Poiético*.**

Uma das características mais marcantes e específicas do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, é a de que ele não é da esfera do *prático*, ele não é uma *prática*.

A característica do modo vivencial, fenomenológico existencial, que o paradigma rogeriano preconiza, como modo privilegiado de vivência -- para o cliente, e para o desempenho metodológico do terapeuta, ou psicólogo – se descompromete com, e não privilegia, as características fundamentais do *prático* e da *prática*.Tais como a *ação voluntária*, a *utilidade*, a *hegemonia do princípio de sobrevivência* como critério (mas a *superação)*. O vivencial, fenomenológico existencial, dialógico e poiético, é um modo de sermos no qual dão-se, como vivência, a força do

possível, e da possibilitação, de sua atualização.

Diferentemente do prático e da prática, as características peculiares do modo fenomenológico existencial, poiético e dialógico, são a *ação espontânea* (em contraposição com a ação voluntária, própria à prática), a vivência fora do plano da dicotomização sujeito-objeto; e fora do modo de sermos em que vigora a causalidade, em que vigoram os fins e os meios. São características definidoras, ainda, do modo fenomenológico existencial de sermos a *vivência de superação*, característica e intrínseca à atualização de possibilidades (em contraposição ao predomínio do *princípio de sobrevivência*, à *adaptação* e à *conservação*, característicos do *prático* e da *prática*).

Esta característica não prática do paradigma fenomenológico existencial rogeriano talvez seja um pouco mais sutil, e até mais desconhecida. Uma vez que é mais disseminada a compreensão de que a vivência do paradigma rogeriano, não é da esfera do teórico e da teorização.

Automaticamente assume-se, então, freqüentemente, que o paradigma rogeriano seria da esfera da *prática.* Com o risco de confundi-lo, como freqüentemente ocorre, de um modo articulado teoricamente, ou não, como um modelo pragmático.

**A. O paradigma rogeriano,**
**nem teorético, nem prático; nem pragmático.**
**Fenomenológico existencial dialógico e poiético.**

Fenomenológico existencial dialógico, poiético, caracteristicamente, o paradigma rogeriano, assim, *não é teorético*, e *teorizante* em sua vivência. A Fenomenologia e o Existencialismo privilegiam um modo de vivência, um modo de "consciência", que não é teórico, que se caracteriza como "consciência" pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. É especificamente isto que define o *empirismo* da Fenomenologia, e do existencialismo, da filosofia da vida. O fato de se caracterizarem como abordagens da realidade na própria

vivência fenomenal, pré-reflexiva, pré teórica. E não através da mediação do teórico, da teoria e do conceitual. Enquanto não teorizantes, não conceituais, as abordagens fenomenológico existenciais serão sempre, como tais, *empiristas.*

Vale observar, como observamos, que este *empirismo* é, especificamente, ***um empirismo fenomenológico existencial***, e não o empirismo objetivista, do objetivismo e do pragmatismo.

Vivencial, portanto, o paradigma rogeriano não é, na sua vivência, um paradigma de privilégio da experiência abstrativa, não é um paradigma de privilégio da abstração, de privilégio da reflexão, da teorização.

Não teorético, assim, o paradigma fenomenológico existencial rogeriano é facilmente concebido, de modo algo automático, como sendo então da ordem *da prática*, da ordem de um modo *prático* de sermos.

É fundamental para a compreensão do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, compreendermos que, da mesma forma que a sua vivência não é da ordem da teorização, ela não é, igualmente, da ordem da *prática.* Não é da ordem do *prático*, não é da ordem de uma prática.

O que pode parecer desconcertante, num primeiro momento. Mas, nada mais natural, e específico ao paradigma fenomenológico existencial, ao paradigma rogeriano.

Certamente que esta característica não estava muito clara nas primeiras fases do modelo rogeriano, nem na sua teorização. Mas era muito clara nas fases finais, sendo uma característica fundamental do modelo de trabalho com grupos ou do modelo na relação diádica da última fase de Rogers e companheiros.

É fundamental assim observarmos que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, e de uma concepção e metodologia para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não era da *esfera do teórico* -- já que, como vimos, o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de sermos --, do

ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão de sua concepção e método não era a questão de uma *prática. Ou seja, não era da esfera do modo prático de sermos.*

E isto era e é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do *teórico*, nem da ordem do *prático*, da ordem de uma *prática.*

São, mais especificamente, da ordem do *poiético.* Não *teorético*, não *prático*, em sua vivência, o paradigma rogeriano é eminente e especificamente *poiético.*

O modo de sermos alternativo a uma *teorética* não é, necessária e simplesmente, o modo prático de sermos, a *prática.* Podemos ser, também, e de um modo ontologicamente mais fundamental, de modo fenomenológico existencial *poiético. O* modo de fenomenológico existencial de sermos, no qual, em especial e especificamente, vivenciamos, agenciamos, potencializamos, e consumamos possibilidades.

Intuitivamente, isto estava muito claro para Rogers e seus colaboradores, ainda que não tivessem articulado isto teórica e filosoficamente.

Assim, se, por um lado, a vivência do paradigma rogeriano, seja em grupo ou na relação diádica, não era, e não é, uma vivência de teorização, uma experiência abstrativa (que abstrai o corpo, o vivido, os sentidos); se não era, e não é, assim, uma experiência teorizante, reflexiva, igualmente, não é uma experiência orientada para a *prática*, uma experiência de natureza *prática.* Que, igualmente, se distingue essencial e radicalmente do paradigma *fenomenológico existencial poiético*.

O paradigma rogeriano não é prático, sua vivência não é da ordem da *prática*... Diferente do modo de sermos abstrativo, teorizante, reflexivo; e diferente do modo prático de sermos, a vivência do paradigma rogeriano é, assim, da ordem do fenomenológico existencial poiético: o modo de sermos vivencial (*estético)* no qual propriamente agenciamos, potencializamos, atualizamos e consumamos possibilidades.

Assim é que o modo de vivência, caracteristicamente privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da *prática.* Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Coube a Carl Rogers, em particular na última fase de sua obra, a partir de 1974, a radicalização de um paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia. Tendo, em particular, o campo experimental de vivência do modelo fenomenológico existencial de concepção e de facilitação de grupos.

Ainda que explícito (Rogers, Psicoterapia e Relações Humanas), Carl Rogers não fazia grandes definições teóricas, epistemológicas, ou ontológicas, com relação à natureza fenomenológico existencial de sua abordagem.

Isto decorria certamente da postura tradicionalmente *empirista* que ele compartilhava com o meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas. A questão qualitativamente crítica, não obstante, é a de que, com a Fenomenologia da tradição de Brentano, à qual ele aderiu, o próprio estatuto do *empirismo* se transforma. O *empirismo* que Rogers praticava, especificamente, o empirismo fenomenológico existencial. Enquanto que o *empirismo* que vigorava na cultura norte americana era um empirismo *objetivista.*

O empirismo é, em essência, uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação da teoria. Radicalmente empirista, nesse sentido, segundo a definição de Brentano, a Fenomenologia se distingue, radicalmente, do empirismo objetivista, comum ao meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas, de que Rogers compartilhava. O *empirismo* fenomenológico considera e privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos que se configura fora do modo de sermos no qual vigora a estrutura da relação sujeito-objeto. E que, evidentemente, não assume, nem poderia uma atitude de privilegiamento do objeto.

Rogers e colaboradores profundamente entenderam e praticaram os diferenciais do *empirismo* especificamente *fenomenológico*. Ainda que não o tenham especificamente tematizado teoricamente, era evidente a sua adesão a este. A falta de clareza com relação aos dois tipos de empirismo foi, e é, motivo de vários tipos de confusão.

Decididamente, não obstante, não era um empirismo de tipo objetivista o que praticavam Rogers e colaboradores.

Daí ser de grande interesse elucidarmos as características fundamentais do paradigma fenomenológico existencial, em sua vivência empírica, para compreendermos, vivenciarmos e desdobrarmos o paradigma rogeriano em psicologia e psicoterapia. Em, particular, no que concerne a sua característica fenomenológico existencial poiética. Característica que aparece plenamente no último período da obra de Rogers, em especial na concepção, vivência e metodologia do trabalho com grupos. Na verdade, aparece em toda a concepção e metodologia da abordagem rogeriana, na medida em que o modelo de trabalho com grupos exerce uma influência qualitativamente decisiva nas reformulações concepção e metodologia do trabalho ao nível das relações diádicas, a ponto de John Wood observar que só existia trabalho com grupos na abordagem rogeriana, sendo, especificamente,.o trabalho diádico um "grupo de duas pessoas".

Coerentemente, Carl Rogers adentrou, fenomenológico, existencial experimentalmente, a esfera do *poiético*, como modo privilegiado de vivência e como logos metódico de sua abordagem.

A característica *poiética* do modo fenomenológico existencial de sermos caracteriza-o como um modo natural e particular de sermos no qual, como vivência fenomenal, se dá a *possibilidade*, e o seu desdobramento, a sua atualização.

Peculiarmente, dentre outras características, o modo fenomenológico existencial *poiético* de sermos, que permite a vivência do possível e de sua atualização, dá-se na esfera da *ação espontânea*; e não na esfera da ação voluntária, deliberada, intencional, que caracteriza o prático.

Ou seja, a ação, ao nível do poiético, da vivência da tensão projetativa do possível, e da sua possibilitação, de sua ato-ação, é, especificamente, espontânea, desproposital.

Por outro lado, apesar de ser, assim, o domínio por excelência da vivência do possível, e de sua atualização, a própria vivência *poiética* não é da ordem dos úteis e da utilidade. De modo que, ainda que todos os úteis e suas utilidades sejam produzidos poiéticamente, na vivência poiética, em si, não vigora a utilidade e a utilização, e o valor delas; que são, caracteristicamente da ordem da *prática.*

Esta distinção entre *teórico, prático e poiético* já está presente em Aristóteles, em sua distinção das três áreas de ciência.

O termo *poiese* consagrou-se na Fisiologia e na Medicina, e na Ontologia, quando falamos, por exemplo, em Fisiologia, da *hematopoiese*, designando o processo através do qual, nas células da medula dos ossos largos do corpo, as células do sangue são geradas, criadas, produzidas. *Poiese* tem, assim, este sentido, de geração, de engendramento, de produção.

Em Ontologia podemos falar de *ontopoiese*. Como o processo no qual, através do desdobramento vivencial do possível, engendramos o próprio ser-no-mundo. O *poiético* refere-se assim a este modo vivencial de sermos no qual o possível é possível, e se atualiza, no engendramento de nosso ser-no-mundo, que é criação e recriação, e resolução existenciais.

Carl Rogers concentrou-se, progressivamente, na definição, e na criação, das condições para a vivência fenomenológico existencial poiética, no encontro diádico e no encontro grupal.

No desenvolvimento experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, estas características vão sendo progressivamente radicalizadas, até a constituição, em seu paradigma metodológico, de um privilégio soberano da vivência inter humana fenomenológico existencial espontânea e -- fenomenológico existencial -- experimental, poiética, como elemento central. Ao mesmo tempo em que ele experimenta e busca definir as condições metodológicas de propiciamento

desta vivência no âmbito do processo grupal.

Como Vera Cury apontou, as aprendizagens com a experimentação no desenvolvimento do paradigma de trabalho grupal vai ter uma marcante influência na reelaboração do modelo de trabalho inter individual.

É importante observar que estas características do paradigma rogeriano não negam a existência e a importância da própria da esfera da prática e do prático, em sua dimensão própria. A importância do modo prático de ser. Apenas não generalizam nem supervalorizam o valor do prático na condição do humano. Não o elegem a condição de critério. Entendem o modo fenomenológico existencial humano como nosso modo especificamente ontológico de sermos, o modo especificamente existencial, no qual se dão a existência e o processo de sua resolução; o possível, a possibilidade, e a sua atualização.

Mais que isto, o paradigma fenomenológico existencial assume a perspectiva de que, ainda que não sendo da ordem da prática, é ao nível de sua vivência fenomenológico existencial poiética, dialógica, que constituímos a nós mesmos, e ao mundo que nos diz respeito, aos úteis e a suas utilidades, como atualização de possibilidades, como resolução existencial. Ou seja a esfera da prática, de sua vitalização e revitalização, de sua criação e recriação, depende fundamentalmente da criatividade vivencial do fenomenológico existencial poiético.

De modo que podemos pensar numa eficácia criativa, numa *pragmática*, deste modo não pragmático e fenomenológico existencial poiético de sermos.

**B. Do Pradigma Teorético**

*Era eu o poeta estimulado pela filosofia,*
*não o filósofo interessado pela poesia.*
**F. Pessoa.**

É muito importante atentar para o fato de que não se trata, no paradigma dialógico, fenomenológico existencial poiético, empiricamente fenomenal, de um desapreço pela teoria, pela teorização, e pelo modo teorizante e teorético de ser.

Empirista, significa que o modo de ser privilegiado pelo paradigma fenomenológico existencial será sempre não teorizante em sua vivência.

Mas, ainda que o momento de sua vivência seja, especificamente, assim, não teorizante, e privilegiativo do modo de sermos da vivência pré reflexiva, pré-teorizante, pré-conceitual, a perspectiva fenomenológico existencial não desqualifica a importância do teórico e da teorização, em seu momento próprio.

Apenas busca colocar as coisas em seus devidos lugares: a vivência fenomenal é ontologicamente prioritária, na medida em que especificamente onto***lógica***. Ou seja, o nosso modo próprio de ser em que se constitui o *logos*, o sentido, a emergência fenomenal do sentido, que caracteriza o humano, como vivência do possível e vivência de sua atualização. Modo poiético sermos de geração de nosso ser-no-mundo.

O *teórico* tem a sua diferença e importância próprias, na perspectiva do paradigma fenomenológico -- ainda que este seja especificamente empirista, não teorizante, em sua vivência. Mas o momento da teoria e da teorização, anteriormente ou posteriormente ao momento da vivência fenomenal, tem uma importância própria, e valorizada em suas características e poderes próprios. O fenomenologista valoriza a boa teoria e a boa teorização, e está motivado para estudar toda a teoria efetivamente interessante sobre seus objetos de interesse. Ciente sempre de que o momento hierarquicamente superior é o momento não teorizante, empírico, da vivência fenomenal, dialógica e poiética.

Assim é que o *empirismo* fenomenológico convive de um modo produtivo, sinérgico, com a teoria e com a teorização interessantes.

Isto é diferente da postura anti-teórica, e anti-teorizante,

do empirismo *objetivista*, radicalmente avesso à teoria e a teorização.

Cabe, portanto, uma atenção cuidadosa na distinção, neste sentido, e no sentido de suas peculiaridades e diferenças, entre o ***empirismo fenomenológico*** (que se situa e privilegia um modo de vivência que está fora do modo de ser da relação sujeito objeto; e, muito mais, fora de um modo de ser que, no âmbito da relação sujeito objeto, privilegia o pólo objeto desta relação), e o ***empirismo objetivista.*** Empirismo objetivista que não só privilegia o modo de sermos da relação sujeito-objeto, como privilegia o pólo objeto desta relação, e a sua descrição, supostamente objetiva. Ao tempo em que rejeita e afasta-se. de qualquer forma de teoria ou de teorização.

O que não podemos prescindir, é de que, fenomenológico existencial empirista, ainda que conviva com o interesse da teoria e da teorização, fora de seus momentos específicos, o momento da vivência fenomenológico existencial não é teorizante. Sua característica é a de privilegiar no momento de sua vivência o modo de sermos da "consciência" não teorizante, não reflexiva, não conceitual, pré-conceitual, pré-reflexiva, pré-teorizante.

O modo *teorético* de sermos caracteriza-se pela representação, ou seja a *re-apresentação*, de algo que se *apresenta* enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e especificamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial *teoria* significa *visão de um espetáculo6[1].*

Desta forma, a teoria e a teorização constituem-se, especificamente, como afastamento do modo de ser da vivência, e articula relações explicativas de natureza objetiva.

Alguns elementos, assim, caracterizam o modo teorético

6[1] LALANDE, André **Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

de sermos. Dentre eles:

1. O fato de que, especificamente, o modo teorizante de sermos se configura como um afastamento para com o modo de ser *encarnado* do vivido fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

   O modo teorético de sermos é um modo de ser abstrativo, contemplativo. No qual o vivido, o corpo e os sentidos, ou seja, o especificamente fenomenológico e existencial – e, vale dizer, o especificamente poiético --, estão especificamente abstraídos, em privilégio do *abstrato* do conceito, e do teórico.

   Desnecessário mencionar que o modo de ser fenomenológico existencial é especificamente *encarnado*, pontual e momentaneamente vivido, na vivência imediata de corpo e sentidos. Intuitivo, no sentido fenomenológico existencial, não comporta, na pontualidade de sua vivência, própria a abstração, a mediação conceitual.

2. Uma distinção essencial e definidora é a de que o modo teorético de sermos funda-se na ***explicação***.

   O vivido fenomenológico existencial configura-se como, e especificamente é, ***compreensão***.

   O vivido fenomenológico existencial constitui-se, em especial, como vivência compreensiva, e desdobramento de possibilidade. Desdobramento este que se constitui como a *interpretação*, *interpretação* num sentido especificamente fenomenológico existencial. O que o constitui como um modo *poiético* de sermos.

3. O modo teorético de sermos vigora como articulação de *relações explicativas de causa e efeito*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial, além de dar-se, primária e originariamente, como vivência *compreensiva*, dá-se como vivência pré-compreensiva de possibilidade, como desdobramento, compreensão e consumação de possibilidade. Processo do qual se exclui não só o modo de ser da explicação, como a articulação explicativa de causas e

efeitos.

4. O modo de ser teorético se constitui na experienciação da dicotomização *sujeito-objeto*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial dialógico e poiético, ser-no-mundo, não comporta esta dicotomização sujeito-objeto, ainda que se constitua, na sua momentaneidade, na tensão do âmbito dialógico da relação eu-tu. (BUBER,)

## C. O prático e o pragmático;

A partir desta constatação de que o modelo fenomenológico existencial rogeriano não é da ordem da prática, da mesma forma que não é da ordem do teorético, é interessante observar e compreender algumas características que constituem o paradigma da prática, o prático. Compreender as características fundamentais do paradigma teorético. E as características, e diferenciais, com relação a estes dois, do paradigma fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

Algumas características sobressaem no paradigma prático:

1. O valor prioritário do útil e da utilidade;

2. O valor da utilidade, segundo o princípio de sobrevivência;

3. O *prático,* a prática, tem com referência o valor da utilidade em termos de adaptação e do princípio de sobrevivência;

4. A prática caracteriza-se pela ação voluntária deliberada.

5. A prática se dá no âmbito do modo de sermos da

relação sujeito-objeto.

6. A prática se dá no âmbito do modo de sermos das relações de causa e efeito.

A *prática* exige o *caráter voluntário* e *deliberado* da "ação". E o critério de sua avaliação é o da utilidade. Em particular, da utilidade para a adaptação e para a sobrevivência. Uma característica fundamental do paradigma fenomenológico existencial rogeriano é a da entrega à espontaneidade, a entrega à *ação espontânea* do vivido; ou seja, a entrega à espontaneidade generativa (poiética) do vivido, com sua característica espontaneidade despropositAl de vivência do desdobramento da força do possível, e da performação de sua atualização. De modo que no modo privilegiado por sua vivência, o que vigora é o modo de ser da ação espontânea, e não o modo de ser da ação voluntária e intencional.

Na vivência existencial, não vigoram a utilidade e a utilização, características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consuma-se na *superação*, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

As características do vivencial fenomenológico existencial, privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se enquadram portanto no âmbito do *prático,* e da *prática.* Mas, especificamente, no âmbito do *poiético.*

O *prático7[2]* tem sempre o sentido de *uma atividade voluntária que modifica o ambiente*, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo *prático* de ser vigoram os *úteis* e as *utilidades;* e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

7[2] op. cit.

## D. O fenomenológico existencial poiético.

Sumariando características do nosso modo fenomenológico existencial poiético e dialógico de sermos, cabe dizer, em primeiro lugar, que é ***este*** o nosso modo onto-lógico de sermos, para uma perspectiva fenomenológico existencial.

Em essência (que é existência), somos *sentido* (logos), e ação. Ontologicamente somos *logos* (sentido); ontologicamente somos onto-*lógicos*. Sentido e ação, como atualização sentida, que se dá na vivência do possível, que é própria ao modo fenomenológico existencial dialógico e poiético de sermos.

O sentido, o logos, que continuamente nos constitui, se nos dá como pré-compreensão da força de possibilidade, como compreensão, e desdobramento desta força (interpretação fenomenológico existencial) em criação; ação propriamente dita.

Este modo de sermos é um modo que, ainda que comporte a dualização eu-tu, não comporta a dicotomização sujeito- objeto, própria de nosso modo acontecido, realizado, ôntico, de sermos (Buber,).

Neste modo de sermos, a causalidade não vigora. Ele é imediatamente vivido e vivência. Presença que se desdobra, diria Buber.

Imediato, não comporta a mediação dos meios e dos fins. Seja dos meios e dos fins teóricos, seja a dos meios e dos fins práticos. Ao mesmo tempo, que nada tem do automatismo comportamental.

O modo fenomenológico existencial, enquanto modo de incontornável atualização de possibilidade, é especificamente o modo de dar-se da ação. Mas em seu âmbito, a ação como atualização de força de possibilidade, em sua incerteza, tentatividade, e riscos próprios (experimentação), não é, especificamente, a ação voluntária, deliberada e intencional, característica da prática. A ação, no âmbito da vivência fenomenológico existencial, é, especifica e propriamente, a ação *espontânea* e *experimental* (no sentido fenomenológico existencial). Ou seja a ação propriamente despropositada, tendencialmente desmotivada, ainda que intensamente estésica e estética, .atualizante de possibilidades, criativa.

A ação assim vivida é eminentemente *inconveniente*. Ou

seja, no sentido de que não tem "convênio", não tem contrato, com o real, com a realidade e com acontecido. Ela não serve à adaptação, à conservação, à sobrevivência, uma vez que, em sua *inconveniência*, ela é a própria força da superação e de reordenamento.

Assim, enquanto a prática, por exemplo, está fortemente fundada na utilidade, pautada pelo valor desta para a adaptação e sobrevivência, o fenomenológico existencial poiético atualiza sempre a superação daquilo que a prática busca conservar.

## E. Conclusão.

Caracteristicamente, pois, o paradigma rogeriano não se define na esfera teórica, nem na esfera da prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; de um empreendimento em que o teórico e a teorização sejam relevantes. Da mesma forma, não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano em sua vivência não guarda o caráter de valorização do modo de sermos que permite útil e da utilidade, ou o caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência.

O modo de vivência fenomenal que lhe é próprio, não se dá no eixo da relação de causa e efeito, nem no âmbito da realidade da dicotomia sujeito-objeto.

O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de sermos da vivência do possível, e de sua possibilitação, como superação. Que não é da esfera do modo de sermos que é caracteristicamente da ordem da prática.

A vivência fenomenológico existencial não é da ordem das relações sujeito-objeto, ou da ordem das relações de causa e efeito; não é da ordem do útil e da utilidade, e, ainda que de âmbito eminentemente ativo, a ação em seu âmbito é da ordem da ação espontânea, caracteristicamente despropositada.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, assim, não na *contemplação* do espetáculo do possível acontecido, objetificado na abstração da vivência física de sua atualização. Nem num esforço e desempenho práticos.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica (dicotomia sujeito-objeto) e integrada; vivência que não se situa no âmbito da causalidade das causas e dos efeitos, dos fins e dos meios (Buber); vivência que se centra na performação, do possível e de sua possibilitação, em per-feito; de sua atualização -- como atualização meramente *compreensiva*, ou como atualização *objetivativa*.

É a vivência *empática, (em)patética,* da *ação* -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático. Especificamente vivencial, e poiética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos, não obstante, que este paradigma não tem uma eficácia específica. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica, mais radical, e abrangente, do que a eficácia do teórico, do que a eficácia do prático, e do que a eficácia do comportamental, ao nível do existencial. Ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramentos *poiéticos*, como vividas atualizações despropositativas de possibilidades. Diferente-mente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da "ação" voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

O âmbito do vivencial é, especificamente, o âmbito propriamente da *ação*. Ação que engendra o possível, o novo, e cria. Diferentemente da teorização, da prática, ou do comportamental.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial -– em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e em termos de uma concepção pobremente fenomenológica de c*ompreensão* -–, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido de uma metodologia empírica e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia.

E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls,

ninguém foi fenomenológico existencial experimentalmente tão longe, quantitativa e qualitativamente, quanto Rogers, neste sentido.

---

## 5.
## A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial

Acredito que para entendermos e adequadamente avaliarmos o caráter e a contribuição fenomenológico existencial do paradigma de Carl Rogers, precisamos de um esboço, mesmo que tentativo, naturalmente, de características definidoras de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia.

É interessante observar que, nem Husserl, nem Heidegger, nem a fenomenologia da Psicologia da Gestalt (ainda que esta tenha uma contribuição importante, através das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein), é em **Franz Brentano** que vamos encontrar as raízes seminais da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, tais como elas aparecem em Rogers (e em Perls). O Brentano em cujas concepções e métodos, inclusive, vamos encontrar raízes seminais das concepções das fenomenologias de Husserl, de Heidegger, da fenomenologia da Psicologia da Gestalt, das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein.

Em particular, e muito especialmente, no seu *empirismo especificamente fenomenológico*, e no seu *método aporético*, na sua *apor-ética*, (derivados estes de Aristóteles).

Naturalmente, não podemos esquecer, igualmente, as importantes raízes da *PPFE* (*psicologia e psicoterapias fenomenológico existencial*) na *tradição hermenêutica compreensiva* da *filosofia da vida* de Dilthey. E, daí, o seu prolongamento na

*hermenêutica existencial* de Heidegger; que, ainda que não tenha sido uma influência direta sobre Rogers ou Perls (indireta, sim, via Medard Boss e Ludwig Binswanger), ajuda substancialmente a esclarecer o caráter *interpretativo -- hermenêutico*, no sentido *compreensivo*, fenomenológico existencial, e *poiético* -- da concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Não podemos esquecer, naturalmente, a influência de F. Nietzsche como uma raiz seminal. A influência monumental de sua obra sobre o pensamento ocidental, e, em particular, sobre a intelectualidade e o meio artístico e intelectual alemão e europeu, desde os anos do Século XX anteriores à segunda guerra mundial, e que é o caldo de cultura no qual vicejam o a fenomenologia, o existencialismo, e a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Em especial, a sua influência na constituição do movimento artístico e cultural do *Expressionismo*, que tanto determinou e influenciou o desenvolvimento da concepção e método da *PPFE* (psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais).

Nietzsche também chega, de um modo seminal, a estas abordagens, dentre outras influências, através das idéias psicoterapêuticas de Otto Rank, e das concepções filosóficas fenomenológico existenciais (...) de Martin Buber. Nietzsche exerceu marcante influência no desenvolvimento das idéias de ambos.

Nietzsche contribui, decisivamente, com o seu explícito e enfático apartamento do *pessimismo* que marca a filosofia de Schopenhauer (pessimismo que marcará seminalmente a concepção da Psicanálise). E, através de sua compreensão de que a ***alegria trágica*** é a força maior da existência.

Especialmente, Nietzsche contribuirá com a sua radical postura de afirmação da vida. Com a sua reafirmação do *sentido do trágico* (*a vida merece ser radicalmente afirmada, mesmo quando ela é finitude, e mesmo quando ela é sofrimento...*), condição de potencialização do *retorno da vida*, condição da alegria, *sentido do trágico* recuperado aos gregos pré-socráticos.

Igualmente, Nietzsche contribuirá com o *perspectivismo experimental* de sua concepção do mundo, da verdade, da

existência. Com a sua particular concepção de *experimentação* (radicalmente diferente da concepção científica de *experimentação*), num sentido especificamente fenomenológico existencial, e que caracteriza a sua *Gaya Scienza*, e que decisivamente marcará as concepções rogerianas (e de Perls).

As idéias, concepções e posturas de Buber, elas próprias, tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da concepção e método das *PPFE.* Tiveram uma grande influência sobre as concepções e método de Rogers, e de Perls. Em particular o esclarecimento de Buber acerca da dimensão ontológica do eu-tu, e de sua relevância para a geração e regeneração da existência humana; na reversão do decurso das coisas, do decurso do mundo e da vida coisificados, da fatalidade, e processo substrato da criatividade.

Podemos, assim, sumariar, tentativa e sucintamente (comentamos em seguida), alguns traços distintivos, e fundamentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, extensi-vamente experimentados por Carl Rogers (e por Perls), na vivência e elaboração de suas concepções e métodos.

Comentamos a seguir alguns desses aspectos, em termos de:

1. Ontologia;
2. Epistemologia;
3. Concepção da existência;
4. Concepção da abordagem;
5. Metodologia

**a. Ontologia**

Não pretendo aqui discorrer filosoficamente sobre Ontologias, ou ser exaustivo acerca da questão ontológica das *PPFE* (ainda que esta seja muito importante). Mesmo porque

isto estaria fora de minhas condições. O que quero, antes, é apontar distinções fundamentais, e direções.

O que sobressai, num primeiro momento, é, seguindo a Nietzsche e a Brentano, uma ruptura e diferenciação radicais com relação à perspectiva platônica de cisão do mundo em um "mundo das essências" e um "mundo sensível". O mundo das essências privativo dos desuses e das essências; o mundo sensível, simulacro do mundo das essências em todos os seus aspectos, repetição piorada, pertinente à sensibilidade humana.

---

Para Nietzsche e para Brentano, a cisão não faz sentido. O mundo se dá exclusivamente na sensibilidade, como fenômeno, como vivência.

Esta perspectiva é uma base radical da Fenomenologia da tradição de Brentano, de Nietzsche, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Dada esta perspectiva ontológica da realidade, constituída sempre e exclusivamente como fenômeno -- perspectiva própria à Fenomenologia da tradição de Brentano, e à *filosofia da vida* de Nietzsche --, não podemos nos enganar com o existência dos termos "fenômeno", e "fenomenologia" na terminologia das filosofias de Kant, de Hegel e de Schopenhauer.

Parafraseando Deleuze, não existe compromisso possível entre, de um lado, a Fenomenologia da tradição de Brentano e a filosofia da vida de Nietzsche, e, do outro, as filosofias de Kant, Hegel e Schopenhauer.

Pelo menos no que concerne à perspectiva ontológica básica do mundo como cindido em duas dimensões. Um "mundo fenomenal", da ordem da consciência e do sensível, e um "mundo essencial". Este designado por Kant como "numeno", "mundo em si", "coisa em si"; designado por Hegel de "espírito universal"; ou de "vontade" por Schopenhauer. Em contraposição sempre a uma dimensão fenomenal, consciente, e

inacessível ao mundo essencial.

A Fenomenologia, tal como a designamos modernamente, e tal como ela se constitui como raiz das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, é a Fenomenologia da tradição de Brentano. Que rompendo com a perspectiva desta cisão do mundo em duas dimensões, dá origem às fenomenologias de Husserl, de Heidegger, de Sartre, de M. Ponty, a fenomenologia da psicologia da Gestalt, e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Esta precisão é muito importante. Na medida em que as filosofias de Schopenhauer, de Kant e de Hegel têm uma influência básica na constituição de um outro paradigma de psicologia e de psicoterapia, o paradigma psicanalítico, radicalmente diverso, neste sentido, do paradigma fenomenológico existencial.

## b. Epistemologia

Ao nível de sua vivência, o paradigma fenomenológico existencial não é um paradigma epistemológico, ou seja, um paradigma que privilegie o conhecimento, no sentido da epistemologia formal.

Não que despreze o conhecimento epistemológico, mas a sua vivência característica é mais de natureza de um *desconhecimento*, de uma embriagues; do que da ordem do conhecimento formal, da ordem da lucidez. Como dizia uma colega de Teresina, mais da ordem de uma tomada de inconsciência, do que da ordem da tomada de consciência.

No vivido fenomenológico existencial toleramos, e cúmplice e amigavelmente acolhemos, o confusional organísmico, no qual a consciência lúcida se dissolve. Relativizamos o conhecimento e a consciência lúcidos. Em privilégio da originalidade da vivência fenomenal, pré-

conceitual, dionisíaca, em suas intensidades corpoativas.

Naturalmente que a predominância de cada um dos modos de ser é tendencial. Hora predominando a consciência lúcida, ora a consciência embriagada da vivência corpoativa. Em proporções diversas de mistura a cada momento.

O importante é que, tendencialmente, não predomina, na vivência, o conhecimento lúcido, o conhecimento abstrato, conceitual, teórico, teor-ético e teorizante. De modo que a vivência não se interessa pelo conhecimento, mas mais por este desconhecimento corpoativo, que, ainda que conhecimento, é índice de sua reversão em direção ao organísmico, ao desconhecer mental e mentalizante.

Uma outra questão é a de que o existencial, o fenomenológico existencial, não se dá na dimensão das relações sujeito-objeto. Perspectiva fundamental ao empreendimento epistemológico, como ato de conhecer de um sujeito.

Como se constitui, então, a epistemologia, a filosofia do conhecimento, deste modo de desconhecer, deste modo de ser que é *um drible de corpo* na consciência, e na vontade de saber, é uma questão. Que interessa sobretudo aos científicos.

É importante precatarmo-nos de que, na vivência fenomenal, não estamos na ordem da ciência, mas na ordem da hermenêutica. Base sobre a qual uma ciência pode se assentar, e que, como tal, subordina o empreendimento científico.

A vivência das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não é científica. As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não são científicas, não são da ordem da ciência.

E, se não o são, não é por serem menos – nem mais. Mas apenas em função do fato de que a existência, o existencial e sua resolução, não são da ordem do científico e do epistemológico. *A existência só se resolve existencialmente* (M. Heidegger). E a psicologia e a psicoterapia laboram, em essência, ao nível do existencial. Que não é acessível ao científico, nem ao tecnológico.

Uma ciência humana de uma humanidade não científica?

É um desafio para quem se interessa.

Uma arte da ato-ação no âmbito do inter humano? É possível, e interessante. Por isso uma abordagem fenomenológico existencial vincula-se mais à perspectiva da arte do que à epistemologia da vontade de saber da ciência.

Apesar de não teórica a vivência, a teoria sobre ela é sempre possível, e sempre decorrente. Em particular, como teoria hermenêutica, e não exatamente como teoria científica, e epistemológica.

## c. Expressionismo

O *Expressionismo* foi profundamente influenciado pela *filosofia da vida* de Nietzsche, e desenvolve-se no rico "caldo" de cultura que dá origem à Fenomenologia e ao Existencialismo, e às *PPFE*.

O *Humanismo*, de filósofos do Século XIX, como Kierkegaard, Nietzsche, Brentano, que, para além de Hegel, buscavam resgatar a perspectiva da experiência humana como referência – resgatando as perspectivas de filosofias do Renascimento, e de filósofos gregos --, teve, igualmente uma influência fundamental.

Subjaz ao *Expressionismo* a consciência de que o humano não é da restrição à ordem do real. Como Heidegger viria a colocar, posteriormente, em sua fenomenologia existencial: *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*

Os expressionistas, nas difíceis condições que determinaram a emergência de seu estilo, intuíam isto, de um modo forte. E entendiam que não é no modo da apolínea consciência lúcida, não é o modo da consciência teórica, da consciência reflexiva e conceitual, que nos permitimos a experiência fenomenal do vivido, a experiência da potência do possível, da possibilidade, e de seu desdobramento expressivo,

ontologicamente definidor do humano.

O potente, possível e o seu desdobramento e atualização, ato-ação, ação, vivencia-se, apenas, experiencialmente, fenomenológico existencial-mente, vivencialmente.

E a primeira condição para permitirmo-nos a sua vivência, e a vivência fenomenal de seus desdobramentos, é o destronamento da hegemonia da realidade.

A realidade, como objetividade, o acontecido, a possibilidade realizada, e, por isso, despossibilitada, despossuída, coisificada.

A potência do possível, da possibilidade, impregna a vivência fenomenológico existencial.

A potente possibilidade não é da ordem do real. Meramente porque o *possível* não é *real*, não tem o estatuto da realidade, realizada. Condição maravilhosamente colocada na frase de uma mulher, personagem de prosa de Fernando Pessoa, sobre o momento de um encontro com duas amigas: *Estávamos* ***cheias de sermos nós****. E isso porque* ***sabíamos, com toda a carne de nossa carne, que não éramos uma realidade****.*

Isto os *Expressionistas sabiam de um modo claro.*

De modo que se propuseram em seu estilo a uma vigorosa relativização do princípio de realidade, do positivismo, e da própria realidade.

Desenvolveram, assim, um estilo *performático fenomenológico existencial*, dramático, de produção artística. No qual o artista concentrava-se na vivência fenomenal intuitiva de sua inspiração, buscando concentrá-la. Como uma mola contraída, prestes a soltar-se em distensão. Ou, como a musculatura contraída de uma pantera, prestes ao bote. Configurando-se *performance* expressiva -- na atividade da produção artística -- como ex-pressão corpoativa imediata desta concentração. Toda ela vivenciada fenomenológico existencialmente, ação, atualização de possibilidade. Insubmissa ao real e à realidade. Ao princípio de realidade, e ao positivismo

do real.

A postura expressionista permitiu a expressividade cultural e artística, em particular em, tempos de terríveis opressões, e exerceu uma poderosa influência não só na arte, como na cultura de um modo geral.

Em especial, exerceu uma poderosa influência nas concepções e metodologias das *PPFE*.

Fritz Perls sofreu uma influência direta, na medida em que vivenciou, desde a adolescência, os experimentos de teatro expressionista de Max Reinhardt, na Alemanha.

A influência das concepções. metodologia e estilo do *Expressionismo* espalhou-se por todo o meio artístico e cultural da Europa e dos EUA, nos vários campos das artes. Aparecendo integrado nas concepções e metodologias das *PPFE* a partir dos anos 50. Na medida que, em particular, a questão destas era a da expressividade, a da vivência do vivido fenomenal, como fonte ontológica do humano, como fonte ontológica de geração e de regeneração, de potencialização, de atualização de possibilidades, e de criatividade existencial.

### d. Existencialismo

Tomamos o termo *Existencialismo* aqui no seu sentido mais genérico, que envolve a filosofia da *existenz*, oriunda nas filosofias de S. Kierkegaard, e de F. Nietzsche, e que originam o existencialismo moderno, enquanto movimento filosófico, artístico e cultural; e a literatura *existencialista*, que aparece em particular em obras como a de Albert Camus, e de J-P Sartre.

É interessante observar que, mesmo ao nível do existencialismo, precisamos distinguir entre as várias raízes, e as particularidades que elas determinam.

Assim, é interessante observar que a perspectiva de raiz do existencialismo nas *PPFE*, tais como elas se apresentam, em seu caráter de hermenêuticas fenomenológico existenciais, nas

abordagens de Rogers, e de Perls, provém de um modo importante da *filosofia da vida* de F. Nietzsche.

Ainda que tenham uma contribuição importante das idéias e posturas de S. Kierkegaard, é a particularidade da *filosofia da vida* de F. Nietzsche que constitui aspectos definidores da especificidade de sua concepção e metodologia.

Interessante, ainda, é notar que, na juventude Nietzsche aproximou-se da filosofia de Schopenhauer. Atraía-o sobretudo a possibilidade de que a filosofia de Schopenhauer resgatasse o *sentido do trágico* dos gregos pré-socráticos.

Nietzsche constatou que, de fato, a filosofia de Schopenhauer nada tinha de trágico, e apenas encharcava-se na perspectiva de uma soturna orgia de pessimismo.

Desde então, Nietzsche afasta-se da filosofia de Schopenhauer, no sentido de constituir a sua filosofia como um resgate da perspectiva trágica dos gregos pré-socráticos. Filosofia radicalmente afirmativa da vida, ainda que com o reconhecimento de que vida, finitude e sofrimento, necessariamente se imbricam. E de que a finitude e o sofrimento não são motivos para difamar e negar a vida.

A afirmação da vida, reconhecendo o caráter intrínseco da finitude e do sofrimento, é o que caracteriza o *sentido do trágico nietzscheano.* A *afirmação trágica da vida*, mesmo quando da finitude e do sofrimento, é condição de criação, e de potencialização da vida. De potencialização das forças de seu retorno – retorno que lhe é característico e intrínseco --, condição de promoção de uma super abundâncias de forças de vida, da criatividade e da alegria.

Em Nietzsche, portanto, *o trágico é alegre; é condição da alegria, e da criatividade...*

De modo que não há como confundir, o existencialismo matizado pelo pessimismo schopenhaueriano, com o existencialismo alegre, trágico e potente radicado na filosofia de Nietzsche. Se não podemos dizer que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia otimista – *pessimismo e otimismo, uma questão de néscios*, dizia ele –, podemos dizer que a postura de afirmação da

vida a ela característica, afirmação da vida mesmo quando do *mais negro sofrimento*, é condição da alegria. De promoção de uma superabundância de forças de vida, da potência do retorno da vida, da criatividade, e da alegria.

De modo que não podemos pressupor uma perspectiva pessimista, de viés schopenhaeriano, no existencialismo -- na verdade de raiz nietzscheana -- que dá origem às *PPFE*. Nem Nietzsche, nem o existencialismo de raiz nietzscheana, nem as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais devem a Shopenhauer neste sentido. Como a Psicanálise, por exemplo.

*Humanistas,* Kierkegaard e Nietzsche compartilham a aversão ao universalismo e ao idealismo da filosofia de Hegel. E, em particular, compartilham a aversão à desqualificação da subjetividade e do indivíduo, que é própria ao hegelianismo. Nietzsche acrescentará a sua aversão à valorização das paixões tristes. Rejeitam, assim o hegelianismo, e buscam constituir as suas filosofias como perspectivas, *humanistas,* que têm como referência a experiência humana, a existência e o existencial.

Kierkegaard postou-se, não obstante, numa perspectiva visceralmente religiosa, constituindo um existencialismo religioso. Podemos dizer que se ele rejeita e livra-se de Hegel, não livrar-se-á de Sócrates e de Platão. Alvos maiores, também, da crítica Nietzscheana. Junto com Hegel, e com o cristianismo. As três mortes do sentido do trágico, segundo ele.

De modo que, sem negar a importância e a contribuição da filosofia de Kierkegaard, parece interessante entender que ela é limitada em termos da constituição do sentido das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Histórica e filosoficamente elas devem, em essência, à filosofia de Nietzsche a inspiração de suas peculiaridades fundamentais. Em especial aos poderes de geração e regeneração da existência, de criação e libertação, de sua perspectiva radical de afirmação da vida. O *sim dionisíaco.*

Neste sentido, da inspiração da concepção e do logos metódico das *PPFE*, é interessante constatar a observação nietzscheana de que *A existência não tem 'dentro'. Todo padrão de*

*interiorização é doença* (oriunda esta da repressão da potência, do possível, possibilidade ex-pressiva, intrínseca ao existencial).

A existência é (como devir) a partir de onde e quando ela assim é como tal. (*Caminho por onde há espaço, meu tempo é quando...* – Vinícius). Sua ventura (de vento) é a vivida ventura soprada perenemente pela potência do possível, dada no vivencial, no fenomenal.

De modo que existencialismo, assim entendido, é a afirmação desta ventura. *Vida à ventura*, aventura. Como ousadia, audácia, de afirmação da potência do possível, dado na vivencia *eksistencial*. É a vida da ousadia e da audácia da aventura. Da experimentação, neste sentido, do *estilo experimental de afirmação de uma vida que experimenta* (Nietzsche).

As psicologia e psicoterapias fenomenológico existenciais partem de uma constatação e reconhecimento desta perspectiva existencial. E buscam compreender, definir e constituir, em suas concepções e metodologia, em seus estilos, condições para este modo de vivência, no contexto do trabalho psicológico e psicoterapêutico. Vivência aventuresca, audaciosa, do estilo experimental de uma vida que experimenta, e cria, e potencializa-se, na interpretação de seus possíveis.

Ação, atualização, condições para a atualização de possibilidades inerentes à vivência. Seja atualização ao nível *meramente compreensivo* da vivência do cliente, seja ao nível *compreensivo-objetivativo* de sua experiência, na dialógica inter-humana da relação com o terapeuta ou psicólogo, e na habitualidade de sua vida. O resgate da habitualidade de um estilo ousado e audacioso, aventuresco, com relação ao vivido, à vivência da potência do possível, e à atualização do possível no vivido existencial entranhado.

Fundamental observar que, não raro, este possível é sofrimento, é finitude. Não há compromisso entre o possível e o agradável, entre o vivido e o sucesso. No meio da noite, Nietzsche, em seu *amor fati*, é o farol: *Eu abençôo todo sofrimento... Nada do que é necessário me ofende... O que não mata, fortalece...*"".

O que Nietzsche indica é que a afirmação integral da vida -- *mesmo a afirmação do mais negro sofrimento* -- se não abole a possibilidade do sofrimento, e da finitude – afinal, eles são intrínseco à existência, *podemos sofrer de uma super abundância de forças de vida, ou de uma falta de forças de vida...* – se a afirmação integral da vida não abole o sofrimento e a finitude, potencializa o retorno das forças da vida, como uma super abundância de forças de vida, como criatividade, e alegria.

## e. Concepção da abordagem

Em linhas gerais, a concepção e o método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais assumem uma perspectiva existencialista, tal como estamos descrevendo. Em particular, elas se esmeram em criar condições para a oportunidade (*kairós)* de uma vivência existencial, no âmbito da sessão e do processo dito psicoterapêutico, do trabalho psicológico ou da vivência grupal.

Estas condições envolvem a situação do terapeuta, do psicólogo, numa mesma postura fenomenológico existencial experimental proposta para o cliente.

Trata-se de condições para que o cliente possa se entregar dialogicamente, e inter humanamente compartilhar, a sua entrega à concrescência de sua atualidade e atualização existenciais. De modo que ele possa vivenciar, na sua intensidade própria, os limites, as *aporias*, desta atualidade. O que envolve a vivência dos sofrimentos e finitudes dela decorrentes, mais ou menos agudos, mais ou menos cronificados, mais ou menos intensos. De modo a que possa secretar vivencialmente, fenomenológico existencialmente, os possíveis inerentes à potência da existência, e à superação, na atualização destes possíveis.

Fenomenológico existencial inter humano, no sentido dialógico que Buber descreve, o desempenho do terapeuta esmera-se, e apura-se, em abrir-se para o encontro, e para o

desdobramento do encontro dialógico, com o cliente. Como co-laborativo, na laboração da vivência e das superações deste. Para isso, o terapeuta busca garantir certas condições de possibilidade deste encontro, e de sua performance fenomenológico existencial dialógica.

## f. Metodologia

Rogers foi um dos principais propositores de uma metodologia para o provimento do estilo de uma vivência experimental para o cliente no processo da terapia.

Desde o ataque guerrilheiro na desconstrução do moralismo em psicologia e psicoterapia, com a sua noção, e a valorização da noção, de *não diretividade*; passando pelas condições de criação de um clima terapêutico para o cliente: a *consideração positiva incondicional,* a *compreensão empática,* e a *genuinidade do terapeuta*. Até o estilo fenomenológico existencial empírico e experimental de facilitação de grupos. Neste ínterim a proposição de uma pedagogia fenomenológico existencial empírica e experimental.

Perls, fortemente bafejado pelo Expressionismo -- em especial pela experimentação teatral expressionista do audacioso e ousado teatro expressionista de Max Reinhardt --, desenvolveu o forte sentido de uma dramática expressionista, experimental e inter humanamente dialógica, como metodologia na relação com o cliente. Co-laboração experimental, no processo da laboração existencial experimental da vivência do cliente de sua atualidade e atualização existenciais. Dos limites, das *aporias,* e dos possíveis vivenciados nesta atualidade e atualização. Co-laboração no processo da laboração do cliente na atualização destes possíveis, na superação de seus limites, dos limites de suas finitudes, de seus sofrimentos. Na potencialização de seu processo ativo, de sua criatividade fenomenológico existencial.

A *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial (v.), é uma condição hermenêutica fundamental da metodologia das *PPFE*.

A concepção de *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial, constitui-se na filosofia de F. Nietzsche, em particular no sentido de sua *gaya scienza.*

Enraíza-se consistentemente em toda a perspectiva nietzscheana da realidade e da verdade, como eminentemente *perspectivas*. A necessidade das perspectivas, da sua vivência, e da sua limitação por outras perspectivas.

Brentano, em sua linguagem, fala do caráter especulativo do ser. Que ele aborda através de seu empirismo aporético.

*Poria* origina-se de *poro* (grego), que significa *passagem. A-poria* significa limite, falta de passagem. Tanto para Nietzsche como para Brentano a existência se caracteriza por *aporias*. A evolução até o limite, a *falta de passagem.* Ambos entendem que, no limite da aporia está a possibilidade, e a possibilidade da poiese. Ambos assumem uma ética deliciosamente apor-ética. São *aporiófilos*; *aporiófilos é* o que são.

A *ética* é um modo de proceder.

E a apor-ética deles define-se por privilegiar o fenomenal, o vivido, a perspectiva. Afirmá-los, em suas características, intensidades e intensificações próprias; até o seu limite, a sua aporia.

Este é o ponto próprio onde se detona o possível, como *poiese* (atualização de possíveis). Onde se detonam novas perspectivas, em suas intensidades próprias. Novas perspectivas que limitam as precedentes.

O gozo da intensidade e do fluxo da perspectiva, o gozo do limite de sua aporia, e o gozo da superação, na potência ativa de novas perspectivas. Este o sentido da experimentação existencial.

Sem dúvida que a experimentação é sinônimo de tentativa, de risco. O risco de tentar o possível, sempre latente. A experimentação, não obstante, não é facultativa, é intrínseca à condição existencial humana. Ao gozo e à resolução existencial.

Nietzsche8[1] observaria:

> *Porque o* medo *é a vossa excepção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.*
> *Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem.*

Pessoa colocaria a experimentação fenomenológico existencial, aporética, diríamos, de forma que só Pessoa:

> *Tudo o que me acontece*
> *O que se passa*
> *Ou finda*
> *É como um terraço*
> *Sobre outra coisa ainda*
> *Esta coisa é que é linda.*

Pois bem, os psicólogos e psicoterapeutas são eminentemente *aporéticos*, *aporiófilos*. *Perspectivativos,* e *aporéticos*, *aporiófilos.* Assumem a radicalidade da afirmação do vivido, da afirmação da perspectiva vivida. E estão sempre interessados no limite, na aporia. Empiristas, assumem a vivência do curso, das intensidades e fluxos vividos da perspectiva; assumem e propõem a vivência da aporia, e a sua superação em novas possibilidades.

Como ponto de partida, é como se estivessem sempre perguntando ao cliente, *onde é que está o limite? como é que está o limite? como é que está o sofrimento da finitude vivida? ou não vivida? ou por viver?* E, como Nietzsche, implicitamente dirão sempre: *... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade.*

---

8[1] NIETZSCHE, F. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Mira-Sintra, Europa América, 1978. p.203.

As raízes das concepções e metodologias das *PPFE* vão encontrar uma fonte fecunda, e das mais fundamentais, na filosofia do diálogo e do dialógico, de Martin Buber.

Buber contribui, em particular, pela compreensão do caráter ontológico do vivido fenomenológico existencial experimental, como relação, eu-tu, tal como ele designou.

Para Buber a vivência eu-tu resgata-nos da coisidade e da coisificação do modo eu-isso de sermos da cotidianidade. Existencial, o dialógico fenomenológico, eu-tu, demanda a entrega à concretude da atualidade existencial, em seus limites, finitudes, aporias, potências e sofrimentos. A partir daí pode determinar-se opção e superação. Que nos resgatam do decurso ilimitado do mundo e da vida coisificados.

Estes esclarecimentos de Buber foram fundamentais para a constituição progressiva do estado da arte das concepções e do logos metódico das *PPFE*. Em particular, no sentido do primado da entrega radical à concreude da existência, como abertura para o modo dialógico, eu-tu, de sermos e como estratégia de potencialização e de superação.

Mas, mais que isto, as considerações de Buber sobre o dialógico, o eu-tu, entre as pessoas, *o inter humano*, e os *elementos do inter humano9[2]*, definem a análise de um conjunto de fatores que impedem o desenvolvimento da dialógica do inter humano; ao mesmo tempo em que permitem compreender e definir os elementos que o propiciam. Assim, propiciam o *inter humano*:

1. O privilegiamento do *ser*, ao invés do meramente *parecer.*
2. O privilegiamento do *inter humano*, que não é inerente ao meramente *social.*
3. O privilégio da *conversação genuína*. Ao invés do império do blá, blá, blá.
4. A *presentificação do outro.*
5. O privilégio da pedagógica *abertura*. Ao

9[2] BUBER, M. op. cit.

invés da *imposição* propagandística.

Todas estas, condições de possibilidade da dialógica do inter humano10[3]. Estas indicações de Buber serviram de preciosos guias para a definição do logos metódico do psicólogo e do psicoterapeuta fenomenológico existencial na sua relação com o cliente.

O *empirismo fenomenológico existencial* das *PPFE* é uma de suas características mais fundamentais. Devemo-lo originalmente a Aristóteles, tal como resgatado por Brentano.

Estas abordagens, como já observamos, privilegiam a imediaticidade vivida do desdobramento da dialógica pré-teórica, pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomeno-lógica e existencial. Seja do encontro entre o terapeuta e o cliente, seja a dialógica da vivência, no encontro, de cada um "consigo mesmo". Toda esta dialógica é, eminentemente, *empírica*; *fenomenológico existencial empírica.*

Podemos, assim, entender o primado de um caráter de vivência eminentemente *empirista*, como logos metódico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Como primado de filosofia de vida, como primado de vivência para o cliente no âmbito do processo do trabalho psicológico e psicoterapêutico, como primado de vivência metodológica, no desempenho do psicólogo e do psicoterapeuta, ao longo do processo de seu trabalho.

Um caráter empirista, no sentido especificamente fenomenológico existencial, assim, como caráter metodológico fundamental.

---

10[3] v. em BUBER, Martin – *Elementos do Inter Humano* in BUBER, Martin – Do DIÁLOGO E DO DIALÓGICO. São Paulo, Perspectiva, 1985.

O *empirismo* em si é uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação do conceitual, do teórico11[4].

Aristóteles em seu tratado *De Anima* oferece uma alternativa fundamental, quando propõe -- ao largo do uso de seu método empírico nas ciências naturais -- que a consciência, igualmente, deve ser metodologicamente abordada *empiricamente*. Ou seja, a consciência deve ser metodologicamente abordada empiricamente, na própria vivência de consciência. E não a partir de princípios e pressupostos teóricos.

Ele define, assim, a perspectiva do método de um *empirismo da consciência.*

Brentano12[5] segue a indicação de Aristóteles, e passa a esposar uma metodologia empírica de concepção e abordagem da consciência. Ou seja, uma abordagem da consciência na própria vivência da consciência, sem a mediação do teórico, e do conceitual.

A concepção e o método da Psicologia, assim como o método da Filosofia, passam a ser entendidos, a partir de Brentano, e em sua tradição fenomenológica, como o mesmo método empirista das ciências naturais.

Uma particularidade definidora é a de que Brentano compreende a *intencionalidade da consciência*: a consciência constitui-se como um *campo* em que a correlação sujeito e objeto já pré-existe de um modo indissociável, modo este anterior a qualquer possibilidade de separação, sujeito e objeto são cooriginais em sua intrínseca correlação.

De modo que o empirismo *fenomenativo* da consciência em Brentano só poderia ser um *empirismo do campo da consciência*

---

11[4] LALANDE, A. op. cit.

12[5] ALBERTAZI, L., LIBARDI, M., POLI, R., (Editors) THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO. Dodrecht, Kluwe, 1996.

*intencional* – que se situa, assim, fora da dicotomização sujeito-objeto. E não, evidentemente, um *empirismo objetivista*, característico do empirismo da tradição anglo saxã. Empirismo objetivista este que fundamenta, inclusive, o empirismo do seu *Pragmatismo.*

Empirismo objetivista (não fenomenológico), assim -- e Pragmatismo, nele fundamentado --, que, fora de uma perspectiva da consciência como *campo intencional*, situa-se na perspectiva da dicotomização sujeito-objeto. E, não só: situa-se, enfaticamente, no privilegiamento do objeto no âmbito desta dicotomização.

Questão fundamental esta, uma vez que a Fenomenologia e o *seu empirismo* apontam para um modo de ser ontologicamente fundamental. Modo de ser este que não se dá no âmbito do que podemos entender como a dicotomização sujeito-objeto.

Silvia Pimenta13[6], comentando a perspectiva e o perspectivismo da filosofia de Nietzsche, observa:

> *Não se trata portanto da impossibilidade de atingir uma realidade exterior aos nossos afetos, mas da* ***impossibilidade de distinguir*** **duas ordens** ***de realidade: subjetiva e objetiva, ideal e material, numênica e fenomênica.*** *Trata-se da impossibilidade de transcendência:* ***o que quer que seja "o mundo", o homem é parte integrante dele, e não pode reivindicar a exterioridade que seria necessária para instituir a si mesmo como sujeito e ao mundo como objeto****. O percurso que conduz do homem ao mundo não é uma relação entre sujeito e objeto: sendo o homem uma* parte *do mundo e não uma instância a ele transcendente, a vontade de potência no homem constitui apenas um caso particular da vontade de potência em geral. Curiosamente, a filosofia de Nietzsche se aproxima aqui da concepção parmenidiana da identidade entre ser e pensar: entre o mundo e o ato de interpretar não há afinidade ou adequação, mas* identidade. (Velloso Rocha, 2003. p.65.).

---

13[6] VELLOSO ROCHA, Silvia P., ABISMOS DA SUSPEITA. RJ, Relume Dumará, 2003.

De modo que, especificamente, o empirismo *fenomenológico* não é um empirismo *do objeto*. Mas um empirismo da vivência de consciência.

Da mesma forma, não permite uma *intersubjetividade*. Na medida em que se dá fora da dimensão da dicotomia sujeito-objeto, não dispondo, em seu momento, do sujeito, da mesma forma em que não dispõe de objeto.

Ainda que não se dê no âmbito da dimensão própria à relação sujeito-objeto. A vivência fenomenológica empírica é sempre vivência de *relação*, e tensão de diferença, de alteridade. A dualidade de relação da vivência fenomenológico existencial empírica se dá como a dualização da relação eu-tu.

Quando ocorre a diferenciação sujeito e objeto já não se está mais no modo de ser dialógico da vivência.

Assim, o *empirismo da consciência fenomenal* da fenomenologia da tradição de Brentano é um *empirismo fenomenológico da vivência de consciência intencional*, um empirismo ativo, cujo solo e natureza é radicalmente diferente dos do empirismo objetivista.

Carl Rogers, F. Perls, F. Brentano, F. Nietzsche, Paulo Freire (vale dizer) eram, assim, empiristas. Mas empiristas neste sentido fenomenológico existencial dialógico. E, jamais, empiristas no sentido objetivista do termo.

Caracteristicamente, a crítica teórica encontra algo de vazio e inconsistente na obra desses empiristas. Isto se dá, exatamente, porque eles não são teoréticos. Eles são *empiristas poiéticos.* Que se definem pelo privilégio da vivência de consciência, e da vivência do ato, da ação: da atualização do possível, que só no âmbito do seu *pathos* (*empathia*) pode evidenciar-se, efetivar-se.

Isto não quer dizer que suas concepções não gerem uma teoria, não sustentem, e não se sustentem, em uma teoria. Ou que da vivência de seu método não se possa derivar uma teoria. Muito pelo contrário, a definição de seu método cristaliza-se teoricamente. E teorização pode emergir da vivência de seu método. A característica, não obstante, é a de que a vivência de seu método é a vivência momentânea de um modo não teórico, fenomenal, de sermos. Um modo no qual vivenciamos o possível, e a sua atualização. Ou seja, um modo de sermos no qual o possível é possível, e se desdobra.

Nada contra a teorização anteriormente aos momentos especificamente *empíricos*, e não teóricos. Ou posteriormente.

Carl Rogers, por exemplo, era, definitivamente, um empirista. Um empirista radical. Um empirista da vivência dialógica do inter humano.

Isto é preciso que se entenda, e se explicite.

Mas é necessário que, igualmente, se entenda, e se explicite, que, radicalmente empirista, Carl Rogers nada tinha do empirismo objetivista, do empirismo pragmatista, do empirismo positivista. Por mais que isto não tivesse ficado conceitualmente claro, muitas vezes. E por mais que o confundissem, explicitamente, ou não, muitos de seus seguidores.

Uma coisa é a "empatia" objetivista, com toda uma série de adornos da moda e peduricalhos possíveis. Outra coisa é a empatia na dialogicidade do inter humano, fenomenológico existencial dialógica, e empírica.

Carl Rogers prigilegiava radicalmente a vivência dialógica *empírica*, e *empática – patética*, *peripatética* --, do *encontro* com a pessoa, do encontro com o grupo. Nada de conceitos a intermediar este encontro. Nada de técnicas ou de outros recursos comportamentais. Nada de moralismo ou de pretensões científica, ou cientificistas. Nada de teoria, de teorização, de teorética. O que interessava fundamentalmente a Rogers era a

empiria dos momentos dialógicos de vivência do encontro; o que quer dizer, a *empiria* da vivência da *poiética* da dialógica do encontro. Da vivência *empáthica* da dialógica do possível, e de sua interpretação (desdobramento), atualização, inerentes à empiria da vivência de consciência fenomenal.

As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia primam assim pelo privilegiamento do âmbito vivencial fenômeno-lógico existencial, pelo âmbito da *compreensão*, e do desdobramento do possível que lhe é inerente.

Em essência, a *explicação*, que se diferencia fundamentalmente da *compreensão* (em particular porque *não há explicação que possa levar à compreensão* – Takuan Soho), a *explicação*, é absolutamente secundária para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Se *Freud explica*, primordialmente as abordagens fenomenológicas não estão interessadas na explicação.

Os psicólogos, os terapeutas fenomenológico existenciais, em essência, não *explicam*. Eles *implicam*.

No sentido de que eles não são exteriores e alheios à dialógica alteritativa do encontro inter humano com o cliente. É a esta dialógica que eles querem privilegiar, e a ela pertencer implicativa-mente, compreensivamente.

A arte que eles buscam cultivar é da performação como partícipes no próprio âmbito desta dialógica. Como forma de potencializar a situação do cliente no âmbito de sua própria vivência dialógica, na dialógica da vivência de sua relação com o terapeuta/psicólogo, na dialógica da relação em seu ser-no-mundo.

De modo que ele possa vivenciar compreensivamente, e no desdobramento de sua compreensão, vivência, a sua atualidade e atualização fenomenológico existenciais; suas perspectivas, limites, aporias, e superações.

Compreensão e desdobramento de compreensão; vivência e desdobramento de vivência, como atualização de possibilidades, que em hermenêutica fenomenológico existencial entende-se como *interpretação fenomenológico existencial*.

Classicamente, a *Hermenêutica* é entendida como *a arte da interpretação*. De modo que as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais são, em essência, e propriamente, hermenêuticas fenomenológico existenciais.

Aparentadas da arte, porque a arte é irmã gêmea da existência... A arte é uma ética, est-ética, de afirmação estésica da existência. *Estética* de afirmação vivida da vivida afirmação que é já a potência da existência e da existenciação, em suas perspectivas espontâneas e gratuitas, em seus limites, sofrimentos, superações, alegrias...

Nem teorética, nem prática... poiética. Patética.

---

## 6.
## Algumas questões

Carl Rogers entendia a sua abordagem como sendo uma abordagem fenomenológico existencial14[7]. Entendia que a *tendência atualizante*, que ele preconizava como fonte básica da motivação humana, só operava fenomenologicamente. As condições que ele constituiu como

14[7] ROGERS, Carl, KINGET, M. PSICOTERAPIA E RELAÇÕES HUMANAS. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

condições de criação de um clima terapêutico – quase tão faladas quanto mal entendidas – são condições fenomenológicas. As características do *funcionamento ótimo da personalidade* são características eminentemente fenomenológico existenciais.

Rogers sofreu uma influência importante das psicologias fenomenológico existenciais de Abraham Maslow e de Rollo May, introdutores da psicologia fenomenológico existencial nos EUA, influenciados pelos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, em particular Medrard Boss e Ludwig Binswanger, que buscavam constituir uma psicoterapia fenomenológicas a partir da fenomenologia de Heidegger. O livro *Existence15[8]*, de Boss e Binwanger, dentre outros, publicado originalmente na Europa, teve sua publicação nos EUA patrocinada por Maslow e por May. Rogers fez a revisão da obra.

No entanto, Rogers, de um modo geral, não tematizava de um modo mais sistemático e explícito os fundamentos fenomenológico existenciais de sua abordagem, ainda que teorizasse de um modo bastante significativo. Progressivamente, os escritos de Rogers foram se tornando cada vez menos teorizantes, cada vez mais ensaísticos. Registros dos processos de sua experimentação em psicologia e psicoterapia, em particular no desenvolvimento e vivência de seu modelo de trabalho com grupos.

Certamente que a indisposição de Rogers para um maior aprofundamento teórico advinha de suas influências empiristas.

Mas o propugnador incansável da concepção de empatia no âmbito da psicologia e da psicoterapia não podia ser simplesmente um empirista objetivista. O Carl Rogers que acolheu as concepções fenomenológicas da psicologia organísmica de Kurt Goldstein, como *tendência atualizante, auto-atualização organísmica, avaliação organísmica da consciência,* não podia ser simplesmente um empirista objetivista Rogers não se filiava ao empirismo do

15[8] MAY, Rollo (org.) EXISTENCE.

Pragmatismo, nem ao empirismo anglo saxão, de um modo geral. Não se filiava ao comportamentalismo. Ainda que não estivesse bem desenvolvida a explicitação e o esclarecimento da vinculação de suas concepções à Fenomenologia e ao Existencialismo.

No seu modelo de trabalho com grupos, a partir de 1974, há uma depuração e radicalização das características fenomenológico existenciais de seu modelo. Há uma relativização das idéias de tendência atualizante, e mesmo de *condições terapêuticas* no contexto do grupo, para centrar-se no provimento de condições hermenêuticas para o desdobramento da dialógica do encontro grupal.

O fato, entretanto, é que Rogers pouco tematizou os fundamentos fenomenológicos de suas concepções, ainda que estas se caracterizem de um modo muito específico pela perspectiva fenomenológico existencial.

O fato, entretanto, também, é que a frágil explicitação e desdobramento dos fundamentos fenomenológico existenciais da abordagem rogeriana faz com que suas concepções, e o arcabouço teórico geral de sua abordagem se fragilizem. Gerando dificuldades para a reprodução de seu conhecimento, e formação de novos profissionais a ela aderentes.

Alguns conceitos estão, em função disto, pobremente elaborados. Alguns flagrantemente inconsistentes e superados.

O conceito de *tendência atualizante*, por exemplo. Sua concepção vincula-se a uma perspectiva biológica. Quando as questões pertinentes à terapia, ao trabalho psicológico, à facilitação de grupos, dizem respeito não a uma dimensão biológica, mas à dimensão fenomenológico existencial. A explicitação desta concepção segundo a perspectiva fenomenológico existencial permite a assimilação da tendência atualizante à dimensão do possível, da possibilidade compreensivamente vivida. E a concepção de seu desdobramento à noção de interpretação fenomenológico existencial. E à compreensão do modelo rogeriano como uma

hermenêutica fenomenológico existencial.

Por outro lado, a noção de *compreensão*, na concepção de *compreensão empática* – tão importante na concepção da abordagem rogeriana -- filia-se à concepção de *compreensão* da filosofia da vida de W. Dilthey – a reprodução em mim, um ser vivencial, da vivência de outro ser vivencial. Martin Heidegger foi influenciado por Dilthey, e desdobrou as suas concepções, concebendo a *compreensão* como a própria constituição do sentido, ao nível do ser-no-mundo. Diferentemente da perspectiva de Dilthey, a compreensão desta forma concebida deixa de ter uma concepção objetivista, ou subjetivista, já que a vivência de ser no mundo se dá fora da dicotomização sujeito-objeto. A *compreensão empática* pode assim ser compreendida de um modo mais próprio, em particular no sentido de seu caráter dialógico.

Assim, desvendar as raízes fenomenológico existencial das concepções de Rogers, da abordagem rogeriana, permite uma apuração de seu sentido, uma apuração do sentido das concepções de Rogers. A superação de processos degenerativos da abordagem, e uma continuação da sua produção e reprodução.

---

## 7.
## Concluindo.

O trabalho de Carl Rogers é qualitativamente muito significativo. Ainda que de certas óticas, este significado possa parecer ambíguo. Seu trabalho oferece a concepção e método de uma profícua abordagem de psicologia e de psicoterapia para o trabalho na chamada "clínica" psicológica, no trabalho com grupos, no trabalho no âmbito da psicologia comunitária, da psicologia hospitalar, na psicologia organizacional e do trabalho, na psicologia educacional... Rogers contribui fundamental e diferenciadamente, de um modo teórico e fenomenológico existencial experimental, com a constituição de um modelo fenomenológico existencial experimental de psicologia e de psicoterapia. É, sem dúvida, um gigante neste sentido.

Naturalmente que, nas condições em que ele viveu e

trabalhou, há ambigüidades, imprecisões, equívocos. Alguns, intrínsecos ao empreendimento pioneiro de constituição de um modelo fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia. Alguns, devidos a fatores e conflitos culturais. Outros, devidos às limitações das informações sobre a ontologia, concepção e metodologia fenomenológica, e sobre o existencialismo. Nada disso compromete a substância e importância de sua contribuição, quer seja em termos conceptuais ou em termos metodológicos.

Rogers transita, ao longo de sua vida, e de sua obra, desde âmbito moralista, puritano, religioso; na direção de uma abordagem genuinamente fenomenológico existencial experimental. Ao chegar, por exemplo, à culminância de sua obra, na concepção e experimentação da metodologia fenomenológico existencial experimental empírica do trabalho com grupos.

Teve um influência importante da psicologia acadêmica norte americana, dos livre pensadores norte americanos, como Emerson e Thoreau. Mas encontrou Kierkegaard e Buber já no seminário teológico, anteriormente a sua carreira de psicólogo. Como psicólogo, já, recebe as influências marcantes de Abrahan Maslow e de Rollo May. Estes mediam de um modo importante a chegada até Rogers da psicoterapia fenomenológico existencial européia, dos heidgerianos Boss e Binswanger. Os gestálticos (da Psicologia da Gestalt) chegam, de um modo substancial, através dos seminais trabalhos de Kurt Goldstein e Max Wertheimer, emigrados para os EUA, após uma já longa e profícua vida produtiva dentro da tradição fenomenológica da Psicologia da Gestalt, na Europa. E é fundamental, no desenvolvimento de suas concepções e metodologia, o intercâmbio com Otto Rank, emigrado da Europa, para a Universidade da Pensilvânia. Rank trazia, sobretudo, e mais uma vez, a influência de Nietzsche no desenvolvimento de sua abordagem de psicoterapia. E teve uma substancial influência sobre Rogers.

Se existem imprecisões, impropriedades, equívocos, nas formulações de Rogers, a partir da perspectiva da ontologia e metodologia fenomenológica e existencial, estes podem ser entendidos, como falamos, como conseqüências naturais do pioneirismo de Rogers, e de suas condições culturais, sociais e

históricas específicas.

Afinal, no seu ambiente cultural e acadêmico, fortemente empirista -- num sentido objetivista do termo --, e pragmatista, o que quer dizer igualmente empirista objetivista, Rogers desviou, configurando-se como um empirista substancialmente fenomenológico, e desenvolvendo uma obra, influenciada pelas perspectivas de um Kierkegaard, de um Buber, de um Binswanger, de um Brentano, de um Goldstein, de um Wertheimer, de um Otto Rank, em especial.

Certamente que não era fácil discriminar o caráter empirista da Fenomenologia e do Existencialismo naquele momento nos EUA. Ao mesmo tempo, cabia evitar uma concepção idealista da Fenomenologia, fortemente rejeitada, naturalmente, no âmbito de um empirismo objetivista. Por entre Brentano, Husserl, Heidegger, Sartre, Psicologia da Gestalt, tensões entre o modo americano e europeu de conhecer... não era fácil encontrar um caminho.

Coerentemente, Rogers foi pela via do empirismo, e o empirismo que só podia ser o empirismo fenomenológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia.

No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teoria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodologia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.

O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experimentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de concepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.

Entender a abordagem rogeriana é, certamente, entender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da *focalização*, ou das meras *condições de criação de um clima*

*terapêutico* (ainda que elas sejam importantes).

Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.

Não fazemos justiça a Rogers enquanto não compreendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.

Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre este modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na perplexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.

Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenologia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cultural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, dificultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Maslow, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brentano, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais interessado na experimentação fenomenológico existencial empírica de seu modelo.

A teoria e a teorização são, entretanto, fundamentais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teorético, não teorizante, *em sua vivência*. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da transmissão dele a novas gerações.

A situação assim da teoria, a sedução pela "facilidade" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeriana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüentemente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas concepções e métodos.

Isto não faz jus, naturalmente, à importante e substancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.

O modelo de Rogers contribui efetiva e substancialmente neste sentido.

Resta-nos o desafio de uma compreensão, experimentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenológico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em termos conceituais e metodológicos.

# 1.
# Carl Rogers.
# Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretensioso.

De várias formas. E aqui nos interessa sobretudo no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita.

Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico (Buber), na tradição de Brentano. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da *tendência atualizante*, Carl Rogers já tinha ido, experimentalmente, além; no sentido do logos metódico de um empirismo humanista*, fenemenológico existencial, dialógico, em psicologia e psicoterapia, no âmbito das relações humanas.

Desinvestido de qualquer pressuposto de *condição e desempenho técnicos*, na sua atuação. Destituído de aspirações *científicas* tradicionais. Ou de veleidades *práticas*, e *pragmáticas*. Destituído da crença na efetividade do *teórico* e da teorização, e do *moralismo*, em particular, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas. E, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando naturalmente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

---

* Na tradição do *Humanismo* de filósofos do Século XIX, como Brentano e Nietzsche, que voltavam à Filosofia do Renascimento, e aos gregos pré-socráticos, na recuperação da vivência humana como critério.

Como meio e como via, como *jeito de ser*, do psicólogo e do psicoterapeuta, do educador, da pessoa -- em processos de *co-laboração* na potencialização de metamorfoses, e de estilos existenciais de vida1[1] --, o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, de privilegiamento, e de afirmação experimental, dos momentos de ***dialógica interhumana*** (Buber)**.**

O sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se numa postura de afirmação experimental da *concrescência fenomenológico existencial da existência*, na pontualidade de seus desdobramentos. Consistentemente arraigado em pré condições de respeito radical -- pessoal e metodológico -- pela alteridade, pela diferença, do cliente; e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal. Como imprescindíveis condições do privilegiamento do *encontro*, nesta *dialógica interhumana*. O *encontro c*omo vivência de *momentos de um modo de ser* generativamente existencial, *existenciativo, poiético*.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver -- na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo, à guisa de metodologia -- a obstinação mansa e rítmica de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento, radical, da mera, nua, crua, e simples, *dialógica interhumana*. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas paciente, pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, *o deserto começasse a florescer.* Ou, como dizia John Wood, *até que a orquestra se afinasse*, e estivesse em condições para uma 'performance poiética'.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Carl Rogers, muito freqüentemente, em suas concepções e posturas metodológicas. Mal entendido pelos 'de fora'. E, freqüentemente, mal entendido por muitos dos "de dentro", que assumiam a incorporação de seu modelo.

Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o *simples* pelo *simplório.* Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, *empirismo humanista* , fenomenológico

---

1[1] BUBER, Martin EU E TU. São Paulo, Cortês, 1983.

existencial, dialógico, *na relação inter humana*.

Substituindo por atitudes retóricas, e estereotipadas, ou meramente manipulativas, a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência de confirmação da, e de interação com a, diferença do outro; negando-se à vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil, como tal, à germinação da ação, da criação, da *existenciação*.

Não muito longe, outros, por captarem o modelo rogeriano em fases primitivas, quando ainda havia uma referência importante, e mesmo a aspiração de um certo cientificismo. Com surpresa, os vemos hoje em dia tentando interpretar o modelo rogeriano pela via de um cientificismo pseudo científico. Inscientes, talvez, do finíssimo e precioso trabalho de Rogers na superação não só do cientificismo, mas do próprio paradigma científico em psicologia e psicoterapia, em privilégio do que permite, potencializa e engendra o existencial. Perderam o bonde?

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers. Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de *técnicas*, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, certamente, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela *questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas*, e, portanto, ao nível do método em psicologia e psicoterapia. E compreendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos, essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A *existência*, como observou Heidegger2[2], *resolve-se apenas existencialmente*. E Rogers compreendia muito bem, e profundamente, isto. Da mesma forma que entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre latente, iminente e atual, do abuso da impropriedade de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação, e uma das primeiras

2[2] HEIDEGGER, M. SER Y TIEMPO. México, Fondo de Cultura, 1985.

condições de método, dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido, Rogers, pelos científicos. Que – pertinentemente -- não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados. Nunca entenderam estes, evidentemente, o sentido propriamente fenomenológico existencial de *experimentação.*

Bem antes dos cientificistas pseudo científicos em psicologia -- alguns mesmo dos que se dizendo *rogerianos*, de hoje (pasmem!) --, Rogers entendeu que -- da mesma forma que o paradigma técnico -- o paradigma científico não dava conta do vivido fenomenativo, no qual o possível é possível. Nem se aplicava à, *ato-ação* ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura como sendo da ordem do modo humano de ser da ação *poiética*, e não da ordem do *epistemológico*.

Não é porque é *menos*, que o fenomenológico existencial não é da ordem do científico. É, apenas, porque o científico não dá conta do existencial, que nem mesmo da ordem da realidade é. Quanto mais da ordem da objetividade. Diria pessoa pela boca de uma sua personagem,

> *Estávamos cheias de ser nós. E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade*.3[3]

Bem ao gosto de Nietzsche4[4], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao empistemológico, e epistemofílico, pressuposto científico da *busca de verdades.* Não se conforma às esferas do conhecer, e do conhecimento, e de suas

---

3[3] PESSOA, Fernando – O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS.

4[4] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE. F. GAYA CIENCIA,

vontades.

Não é por outro motivo que *o coração tem razões que a própria razão desconhece* (Pascal); e que *seria enloquecedooooooorrrrr se amor tivesse a ver com verdade...* (Maffesoli). Mas, mais propriamente, o existencial, experimental, a-ventura-se, de um modo essencial, na incerteza, e na improvisação, da potencia criativa, na possibilidade humanamente ontológica da criação da realidade e do verdadeiro.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados. Moralistas que, similar-mente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a *enorme* inutilidade e "desperdício" de tempo e de recursos da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, certamente, de que, em sua especificidade, a existência humana -- eminentemente da ordem do modo de ser do *poiético* -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível deste humano modo de ser que ***não é*** da ordem do modo de ser no qual se dão o *útil* e a *utilidade.* Humano modo de ser, que sem prejuízo do prático e da prática, não é da ordem do modo de ser no qual se dão a prática, o valor do prático e da pragmática.

Ainda que deste fenomenológico existencial *poiético* modo de ser tudo provenha; e, paradoxalmente, provenham, inclusive, em suas especificidades, todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber5[5], com essencial propriedade, o modo humano ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil e da utilidade, como não o é, igualmente, da ordem do modo de ser no qual vigoram os fins e os meios; não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, não é da ordem do modo de ser em que vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; a sua fatalidade; nem mesmo é, como observamos, da ordem do modo de ser que entendemos como *realidade*, no sentido *objetivo* do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teoréticos... Que *resolvem* o mundo em sua abstração... Para os teóricos, Rogers, a *santa incoerência*... Uma verdadeira *metamorfose ambulante*. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos, em uníssono, e estereotipadamente, balançam, desaprovadoramente, a cabeça, diante do paradigma rogeriano.

Sem se precatarem de que, fundamentalmente, Rogers compreendera, em sua efetividade, a distinção específica entre teoria e existência, a distinção entre ação e teoria. Rogers intuíra a distinção entre *explicação* e *compreensão*, e intuíra que *não existe explicação que possa levar à compreensão* (Takuan Soho). E estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana -- com suas questões, com suas crises, superações e crescimento; para lidar com a sua efetiva e específica possibilidade de ação --, é imperativo fazer-se ao largo do teórico, da teoria e da teorização, e direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso (*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...*), e ontológico, modo existencial de sermos. Que é *perfeita* aderência à ação, à incerteza, e ao devir, fenomenais. E que, especificamente, e por definição, e radicalmente, não é da ordem do modo de sermos em que somos teóricos e conceituais, explicativos.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está

---

5[5] BUBER, M. Op. cat.

aí a sua obra escrita. Mas, ainda que se interconectem, e interajam, cada coisa em seu lugar.

Aliás, é de capital importância entender que a *vivência empírica* é, por definição, não teorética; mas que existe uma diferença fundamental entre o empirismo *objetivista*, tradicional na cultura anglo-saxã, e o empirismo *fenomenológico* em termos do teórico, da teoria e da teorização: o empirismo objetivista é radicalmente contrário, e avesso, à teoria e à teorização. O empirismo fenomenológico não é avesso ao teórico, à teoria e à teorização. Ou seja, igualmente para o empirismo fenomenológico, a vivência empírica é caracteristicamente não teorizante, e não se assenta sobre teoria. Mas a teoria pode constituir-se como um outro e relevante momento, a partir da vivência não teórica. Da mesma forma que a teoria pode constituir-se como elemento das condições de sua hermenêutica.

De modo que, desde Brentano, não há, para o empirismo fenomenológico, um preconceito e uma aversão ao teórico, à teoria e a teorização. Eles são possíveis e necessários, desejáveis, ainda que sejam estranhos e heterogêneos com relação aos momentos particulares da vivência empírica. Que, fenomenológica, não comporta a dicotomia do eixo de referência das relações de sujeito-objeto. Da mesma forma que, evidentemente, não poderia privilegiar o pólo objeto desta relação, constituindo-se no campo da objetividade, como objetivista.

O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e com as dificuldades existenciais neste processo de superação; lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia. Rogers entendeu que a atuação, a efetivação, desta potência humana de superação se dá, especificamente, no âmbito do modo de sermos que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Modo de sermos a que ele, seguindo a Goldstein, denominava de *experiência organísmica.* Modo de sermos a que Dilthey e Heidegger, guardando as devidas particularidades, chamavam, respectivamente, de *vivido* e de *ser-no-mundo.* E como atuação do que ele chamava, e entendia, como *tendência atualizante humana.*

No âmbito próprio da vivência momentânea deste modo

fenomenológico de sermos, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, impróprios. Quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de sermos demanda outras habilidades, equivalentes às de um dançante, ou as de um nadador, ou de um artista, em suas atividades próprias.

A questão de Rogers, portanto, era a da experimentação, da definição, e desenvolvimento, de uma concepção e de uma metodologia não teorizantes em psicologia e psicoterapia, no trabalho com grupos, e nas áreas a que ele posteriormente se dedica. Uma metodologia não teorizante, fenomenológico existencial empírica, de vivência, para o cliente, a partir de condições e atuação colaborativa e sinérgica, igualmente fenomenológico existenciais empíricas, por parte do terapeuta, psicólogo, educador. Concepção e metodologia fenomenológico existenciais empíricas, poiéticas, mais aparentada do modo artístico de funcionamento, o que quer dizer, não teorizantes, não técnicas, não moralistas, não científicas, não práticas.

Quanto a sua própria teorização, Rogers, assim como Perls, viu-se preso, e desafiado, portanto, na experimentação e na elaboração experimental da teoria e da teorização, e na elaboração do logos metódico, de uma concepção e metodologia de psicologia e de psicoterapia no âmbito da atuação de um modo de ser,. radicalmente não teórico e não teorizante. Fenomenológico, existencial, empírico. Modo de ser próprio da existência e da existenciação, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; modo de ser próprio à dialógica inter humana, interpessoal, e coletiva.

E, coerente, e concernentemente, a sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos e explicativos, cada vez mais ensaística, à medida que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas, fenomenoativas, do próprio modo de ser da existência. Atitudes cada vez menos explicativas, e teóricas, cada vez mais implicativas e compreensivas.

Rogers sempre privilegiou, como atitude metódica, e

como proposta de vivência para o cliente, a experimentação fenomenológico existencial. A dialógica inter humana entre terapeuta e cliente. A linguagem dialógica inter humana da existência. *Patética.* E, com isso, desdobrou e abriu possibilidades preciosas e muito fecundas para a psicologia, para a psicoterapia, para o trabalho ao nível do humano.

Possibilidades nem sempre compreensíveis, em sua essência e características próprias, a partir de um ponto de vista teórico. Ou de um ponto de vista pragmático.

É fundamental considerar deste ponto de vista a obra teórica de Rogers. A sua evolução à medida que se desenvolve a sua experimentação, a natureza especificamente não teorizante de seu método, e a própria perplexidade da experimentação profissional de uma metodologia, que por existencial, era especificamente empírica, não teórica, não conceitual. Daí o caráter essencial e grandemente aberto de sua obra teórica.

É muito importante considerar que a elaboração do paradigma rogeriano, um paradigma não teorético, e, por isso, *empirista* – neste sentido *fenomenológico existencial dialógico* --, se dá, exatamente, no âmbito cultural hegemônico e forte de um *empirismo.* Mas, especificamente, no âmbito do ***empirismo objetivista***, vigente na cultura norte americana e anglo saxã. Carl Rogers destaca-se, assim, com a contribuição de uma concepção e método de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existenciais empíricos, radicalmente heterogêneos com relação ao empirismo objetivista então predominante.

Tudo isto aponta para questões extremamente importantes, que dizem respeito, por exemplo, ao fato de que, ainda que sua teorização seja importante, o fundamental, em termos da obra de Rogers, não é exatamente a sua teorização, mas a sua metodologia não teorizante. Ou seja, o melhor ponto de vista para a compreensão e a apreciação do paradigma rogeriano não é exatamente o ponto de vista de sua teoria. E, neste sentido, é importante considerar a insuficiência da teorização, mesmo a teorização de Rogers, para captar e expressar teoricamente a especificidade de seu logos metódico. Até porque, ao morrer ele apenas iniciara, experimentalmente, a

definição de sua concepção e metodologia em termos fenomenológico existenciais empíricos.

O mesmo podemos dizer com relação ao ponto de vista científico, com relação ao ponto técnico, com relação ao ponto de vista prático, e com relação ao ponto de vista pragmático. Como pontos de vista inespecíficos e impróprios para a apreensão e compreensão do existencial, do fenomenológico existencial empírico, e, portanto, do paradigma rogeriano.

Como observamos, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que a teoria e a teorização não sejam importantes no seu âmbito, ou que não existe, na sua aprendizagem, na sua reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é o teórico um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas, quando efetiva, no caso do paradigma rogeriano, trata-se da teorização de um paradigma cuja vivência, especificamente não teorizante, é qualitativamente descontínua com o teórico. Da mesma forma que podemos contemplar e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimento e habilidades, que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais, fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos, empíricos enfim.

É interessante observar que Rogers movimentou-se e evoluiu, em termos humanistas, dos contrafortes norte americanos da ciência positivista, e *objetivamente* empirista -- e do moralismo religioso puritano --, em direção ao existencial, ao empírico fenomenológico existencial, corpo-ativo. Em sua trajetória, guardava em si, desde o início, o germe do

fenomenológico, e do *empatético.* Mas esta trajetória careceu de se configurar como uma imensa atividade de desconstrução. Imensa -- não tanto em quantidade como em qualidade -- atividade de desconstrução em psicologia e psicoterapia do paradigma objetivista, do paradigma técnico, do paradigma científico, do paradigma moralista, do paradigma pragmático, e do paradigma prático...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da nua dialógica interhumana – ou *interlógica diahumana* -- de sua empatética, um imenso trabalho de desconstrução, de cascavilhamento e de experimentação fenomenológico existencial já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um *ponto zero*. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empatética.

Podemos ver que, se, por um lado, a sua teoria vai ganhando um caráter despretensiosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia, e mesmo método fenomenológico existencial – ao qual ele vai aderindo de um modo cada vez mais radical; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma *tendência atualizante*, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitações.

## 2.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Na medida em que consideramos a dimensão existencial humana, as suas crises e questões, e as suas resoluções, necessariamente especificamente existenciais, compreendemos que a concepção e a metodologia de Rogers são muito sensíveis e refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou às vezes quase que epidêmica entre os "centrados".

Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método, e a própria concepção e método, de Rogers foram mal compreendidos, ou mesmo desconhecidos. E sua abordagem freqüentemente entendida, ironicamente, como o modelo pronto do objetivismo, ou da pragmática, de uma certa tecnologia da compreensão, adoçada de fragmentos açucarados da retórica de uma imprecisa ideologia dita "humanista".

---

Como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers atualiza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dimensão do existencial, com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano; incompatíveis com a sua empatética. Foram-se, então, na vivência do logos metódico do paradigma rogeriano, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições definidoras específicas de uma *prática.*

Cascavilhando experimentalmente, Rogers buscou as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos

metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade, um dos pilares clássicos de seu paradigma, que marca o seu afastamento do paradigma moralista.

A não diretividade é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da "experienciação". A *empatética -- patética*, *peripatética* -- do privilegiamento dos momentos próprios de vivência (páthica) dos desdobramentos da dialógica do interhumano.

De fato, Carl Rogers efetivamente experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia, e de uma psicologia, fenomenológico existencial. Paradoxalmente, o seu despojamento representava, na verdade, uma apuração experimental, cada vez mais refinada, de condições fenomenológico existenciais de concepção e de método de psicologia e de psicoterapia.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial se afirma e se desdobra, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação; quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância. Como, por, exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um papel inegável, fundamental, e fundador.

Muito importante, pois, atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação das concepções e método de Carl Rogers com surgimento, desenvolvimento e consolidação de uma concepção e metodologia de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais. Coisa efetivamente rara.

Não podemos, naturalmente, deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de um L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da experimentação e caracterização da vivência de metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais. E, neste sentido, empíricas, experimentais, performáticas, e poiético-hermenêuticas.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de ser, atrelou-se aos vieses das psicologias científicas e das psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano e europeu. Desde muito cedo, não obstante, é nítido o movimento de diferenciação do modelo rogeriano com relação ao hegemônico paradigma do empirismo *objetivista* vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual. Crise esta que morre na formulação de condições hermenêuticas do *empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico.* Que se configurava como característica forte da vivência de seu método, em particular da sua última fase.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da Fenomenologia, do Existencialismo, da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com a constituição e desenvolvimento destes.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso *strip tease fenomenativo existencial* da teoria, da prática teorizante e conceitual -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais ***empírico*** *e* ***experimental*** (num sentido fenomenológico e existencial) no que podemos entender como o provimento *empírico e experimental*, por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de *condições hermenêuticas experimentais*, *fenomenológico existenciais,* para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente *interpretar* – num sentido fenomenológico existencial, especificamente --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações,

e resoluções.

Como observamos, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencial, experimentalmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico existencial, e experimentalmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua experimentação, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático e pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, fenomenológico existencial poiético, hermenêutico.

A importância das elaborações de Rogers se dão, principalmente e em especial, não ao nível de sua teorização, mas, como seria de se esperar em uma abordagem *empírica* (não teorética), fenomenológico existencial. Ao nível de sua resoluta experimentação fenomenológico existencial de concepções e condições de método.

Assim, não se pode apreender o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da *tradição de Brentano*, é no desenvolvimento de sua de sua metodologia que reside a sua especificidade, e a sua riqueza.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi, progressivamente, assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento formulação da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers, neste sentido.

Cremos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de *condições hermenêuticas* para o processo *hermenêutico* da *interpretação fenomenológico existencial*,

*empírica* e *experimental*, por parte do cliente. *Interpretação* da força -- da *posse* -- do *possível*, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls – este com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos --, fortemente bafejados, neste sentido, por Buber, e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das concepções e métodos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais, que emergem e florescem em nossos dias, pejadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que, freqüentemente, ela não é notada, ou considerada, ou é meramente incompreendida. Há quem queira diminuí-los... Mas olhando bem, não é pouco, em especial em termos qualitativos, o que eles conseguiram...

Por outro lado, não é raro que se fale de um modo retórico em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, já que ela está em moda, e pode até ser chique, sem nenhuma referência a concepção ou método específicos, e sem referência , ou até negando-se, as importantes e qualitativas contribuições de Rogers e de Perls neste sentido específico. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com a perspectiva de um empirismo aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia.

---

## 3.
## Carl Rogers, o patético.

**Empatético, peripatético.**

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético.* Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos.* Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência.*

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência.* Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de*

*consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*. Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética. Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia.* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética.* Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser

---

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos.* Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos,* do *páthico.* Que na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos.* A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando.* Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática.* A mente reflexiva cede

lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos, a vivência páhtica*, enquanto método de filosofação.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de filosofação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-**peri-**mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos.* E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a ***peri** path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-***peri***-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de

sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia – em-pathia*. E que *Empatia*, especificamente, significa "dentro do pathos".

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de

uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem prática, na verdade uma *poiética.*

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência.* De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética.*

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáhtica.* Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos.* Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético,* é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético,*

*Empatético* e *peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre "o que é que esta pessoa pode?" "O que é que pode este grupo?" "O que podem os seus participantes?" "O que posso eu..."

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que *o possível* -- que nossa atualidade existencial

reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da "confraria" dos *patéticos*, *empatéticos, peripatéticos...*

---

**4.**
**Nem *Teorético*, nem *Prático*.**
**Muito menos *Pragmático***
**O Paradigma Rogeriano.**
**Fenomenológico Existencial: *Poiético*.**

Uma das características mais marcantes e específicas do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, é a de que ele não é da esfera do *prático*, ele não é uma *prática*.

A característica do modo vivencial, fenomenológico existencial, que o paradigma rogeriano preconiza, como modo privilegiado de vivência -- para o cliente, e para o desempenho metodológico do terapeuta, ou psicólogo – se descompromete com, e não privilegia, as características fundamentais do *prático* e da *prática*.Tais como a *ação voluntária*, a *utilidade*, a *hegemonia do princípio de sobrevivência* como critério (mas a *superação)*. O vivencial, fenomenológico existencial, dialógico e poiético, é um modo de sermos no qual dão-se, como vivência, a força do

possível, e da possibilitação, de sua atualização.

Diferentemente do prático e da prática, as características peculiares do modo fenomenológico existencial, poiético e dialógico, são a *ação espontânea* (em contraposição com a ação voluntária, própria à prática), a vivência fora do plano da dicotomização sujeito-objeto; e fora do modo de sermos em que vigora a causalidade, em que vigoram os fins e os meios. São características definidoras, ainda, do modo fenomenológico existencial de sermos a *vivência de superação*, característica e intrínseca à atualização de possibilidades (em contraposição ao predomínio do *princípio de sobrevivência*, à *adaptação* e à *conservação*, característicos do *prático* e da *prática*).

Esta característica não prática do paradigma fenomenológico existencial rogeriano talvez seja um pouco mais sutil, e até mais desconhecida. Uma vez que é mais disseminada a compreensão de que a vivência do paradigma rogeriano, não é da esfera do teórico e da teorização.

Automaticamente assume-se, então, freqüentemente, que o paradigma rogeriano seria da esfera da *prática.* Com o risco de confundi-lo, como freqüentemente ocorre, de um modo articulado teoricamente, ou não, como um modelo pragmático.

**A. O paradigma rogeriano,**
**nem teorético, nem prático; nem pragmático.**
**Fenomenológico existencial dialógico e poiético.**

Fenomenológico existencial dialógico, poiético, caracteristicamente, o paradigma rogeriano, assim, *não é teorético*, e *teorizante* em sua vivência. A Fenomenologia e o Existencialismo privilegiam um modo de vivência, um modo de "consciência", que não é teórico, que se caracteriza como "consciência" pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. É especificamente isto que define o *empirismo* da Fenomenologia, e do existencialismo, da filosofia da vida. O fato de se caracterizarem como abordagens da realidade na própria

vivência fenomenal, pré-reflexiva, pré teórica. E não através da mediação do teórico, da teoria e do conceitual. Enquanto não teorizantes, não conceituais, as abordagens fenomenológico existenciais serão sempre, como tais, *empiristas.*

Vale observar, como observamos, que este *empirismo* é, especificamente, ***um empirismo fenomenológico existencial***, e não o empirismo objetivista, do objetivismo e do pragmatismo.

Vivencial, portanto, o paradigma rogeriano não é, na sua vivência, um paradigma de privilégio da experiência abstrativa, não é um paradigma de privilégio da abstração, de privilégio da reflexão, da teorização.

Não teorético, assim, o paradigma fenomenológico existencial rogeriano é facilmente concebido, de modo algo automático, como sendo então da ordem *da prática*, da ordem de um modo *prático* de sermos.

É fundamental para a compreensão do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, compreendermos que, da mesma forma que a sua vivência não é da ordem da teorização, ela não é, igualmente, da ordem da *prática.* Não é da ordem do *prático*, não é da ordem de uma prática.

O que pode parecer desconcertante, num primeiro momento. Mas, nada mais natural, e específico ao paradigma fenomenológico existencial, ao paradigma rogeriano.

Certamente que esta característica não estava muito clara nas primeiras fases do modelo rogeriano, nem na sua teorização. Mas era muito clara nas fases finais, sendo uma característica fundamental do modelo de trabalho com grupos ou do modelo na relação diádica da última fase de Rogers e companheiros.

É fundamental assim observarmos que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, e de uma concepção e metodologia para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não era da *esfera do teórico* -- já que, como vimos, o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de sermos --, do

ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão de sua concepção e método não era a questão de uma *prática. Ou seja, não era da esfera do modo prático de sermos.*

E isto era e é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do *teórico*, nem da ordem do *prático*, da ordem de uma *prática.*

São, mais especificamente, da ordem do *poiético.* Não *teorético*, não *prático*, em sua vivência, o paradigma rogeriano é eminente e especificamente *poiético.*

O modo de sermos alternativo a uma *teorética* não é, necessária e simplesmente, o modo prático de sermos, a *prática.* Podemos ser, também, e de um modo ontologicamente mais fundamental, de modo fenomenológico existencial *poiético. O* modo de fenomenológico existencial de sermos, no qual, em especial e especificamente, vivenciamos, agenciamos, potencializamos, e consumamos possibilidades.

Intuitivamente, isto estava muito claro para Rogers e seus colaboradores, ainda que não tivessem articulado isto teórica e filosoficamente.

Assim, se, por um lado, a vivência do paradigma rogeriano, seja em grupo ou na relação diádica, não era, e não é, uma vivência de teorização, uma experiência abstrativa (que abstrai o corpo, o vivido, os sentidos); se não era, e não é, assim, uma experiência teorizante, reflexiva, igualmente, não é uma experiência orientada para a *prática*, uma experiência de natureza *prática.* Que, igualmente, se distingue essencial e radicalmente do paradigma *fenomenológico existencial poiético*.

O paradigma rogeriano não é prático, sua vivência não é da ordem da *prática*... Diferente do modo de sermos abstrativo, teorizante, reflexivo; e diferente do modo prático de sermos, a vivência do paradigma rogeriano é, assim, da ordem do fenomenológico existencial poiético: o modo de sermos vivencial (*estético)* no qual propriamente agenciamos, potencializamos, atualizamos e consumamos possibilidades.

Assim é que o modo de vivência, caracteristicamente privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da *prática.* Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Coube a Carl Rogers, em particular na última fase de sua obra, a partir de 1974, a radicalização de um paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia. Tendo, em particular, o campo experimental de vivência do modelo fenomenológico existencial de concepção e de facilitação de grupos.

Ainda que explícito (Rogers, Psicoterapia e Relações Humanas), Carl Rogers não fazia grandes definições teóricas, epistemológicas, ou ontológicas, com relação à natureza fenomenológico existencial de sua abordagem.

Isto decorria certamente da postura tradicionalmente *empirista* que ele compartilhava com o meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas. A questão qualitativamente crítica, não obstante, é a de que, com a Fenomenologia da tradição de Brentano, à qual ele aderiu, o próprio estatuto do *empirismo* se transforma. O *empirismo* que Rogers praticava, especificamente, o empirismo fenomenológico existencial. Enquanto que o *empirismo* que vigorava na cultura norte americana era um empirismo *objetivista.*

O empirismo é, em essência, uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação da teoria. Radicalmente empirista, nesse sentido, segundo a definição de Brentano, a Fenomenologia se distingue, radicalmente, do empirismo objetivista, comum ao meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas, de que Rogers compartilhava. O *empirismo* fenomenológico considera e privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos que se configura fora do modo de sermos no qual vigora a estrutura da relação sujeito-objeto. E que, evidentemente, não assume, nem poderia uma atitude de privilegiamento do objeto.

Rogers e colaboradores profundamente entenderam e praticaram os diferenciais do *empirismo* especificamente *fenomenológico*. Ainda que não o tenham especificamente tematizado teoricamente, era evidente a sua adesão a este. A falta de clareza com relação aos dois tipos de empirismo foi, e é, motivo de vários tipos de confusão.

Decididamente, não obstante, não era um empirismo de tipo objetivista o que praticavam Rogers e colaboradores.

Daí ser de grande interesse elucidarmos as características fundamentais do paradigma fenomenológico existencial, em sua vivência empírica, para compreendermos, vivenciarmos e desdobrarmos o paradigma rogeriano em psicologia e psicoterapia. Em, particular, no que concerne a sua característica fenomenológico existencial poiética. Característica que aparece plenamente no último período da obra de Rogers, em especial na concepção, vivência e metodologia do trabalho com grupos. Na verdade, aparece em toda a concepção e metodologia da abordagem rogeriana, na medida em que o modelo de trabalho com grupos exerce uma influência qualitativamente decisiva nas reformulações concepção e metodologia do trabalho ao nível das relações diádicas, a ponto de John Wood observar que só existia trabalho com grupos na abordagem rogeriana, sendo, especificamente,.o trabalho diádico um "grupo de duas pessoas".

Coerentemente, Carl Rogers adentrou, fenomenológico, existencial experimentalmente, a esfera do *poiético*, como modo privilegiado de vivência e como logos metódico de sua abordagem.

A característica *poiética* do modo fenomenológico existencial de sermos caracteriza-o como um modo natural e particular de sermos no qual, como vivência fenomenal, se dá a *possibilidade*, e o seu desdobramento, a sua atualização.

Peculiarmente, dentre outras características, o modo fenomenológico existencial *poiético* de sermos, que permite a vivência do possível e de sua atualização, dá-se na esfera da *ação espontânea*; e não na esfera da ação voluntária, deliberada, intencional, que caracteriza o prático.

Ou seja, a ação, ao nível do poiético, da vivência da tensão projetativa do possível, e da sua possibilitação, de sua ato-ação, é, especificamente, espontânea, desproposital.

Por outro lado, apesar de ser, assim, o domínio por excelência da vivência do possível, e de sua atualização, a própria vivência *poiética* não é da ordem dos úteis e da utilidade. De modo que, ainda que todos os úteis e suas utilidades sejam produzidos poiéticamente, na vivência poiética, em si, não vigora a utilidade e a utilização, e o valor delas; que são, caracteristicamente da ordem da *prática.*

Esta distinção entre *teórico, prático e poiético* já está presente em Aristóteles, em sua distinção das três áreas de ciência.

O termo *poiese* consagrou-se na Fisiologia e na Medicina, e na Ontologia, quando falamos, por exemplo, em Fisiologia, da *hematopoiese*, designando o processo através do qual, nas células da medula dos ossos largos do corpo, as células do sangue são geradas, criadas, produzidas. *Poiese* tem, assim, este sentido, de geração, de engendramento, de produção.

Em Ontologia podemos falar de *ontopoiese*. Como o processo no qual, através do desdobramento vivencial do possível, engendramos o próprio ser-no-mundo. O *poiético* refere-se assim a este modo vivencial de sermos no qual o possível é possível, e se atualiza, no engendramento de nosso ser-no-mundo, que é criação e recriação, e resolução existenciais.

Carl Rogers concentrou-se, progressivamente, na definição, e na criação, das condições para a vivência fenomenológico existencial poiética, no encontro diádico e no encontro grupal.

No desenvolvimento experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, estas características vão sendo progressivamente radicalizadas, até a constituição, em seu paradigma metodológico, de um privilégio soberano da vivência inter humana fenomenológico existencial espontânea e -- fenomenológico existencial -- experimental, poiética, como elemento central. Ao mesmo tempo em que ele experimenta e busca definir as condições metodológicas de propiciamento

desta vivência no âmbito do processo grupal.

Como Vera Cury apontou, as aprendizagens com a experimentação no desenvolvimento do paradigma de trabalho grupal vai ter uma marcante influência na reelaboração do modelo de trabalho inter individual.

É importante observar que estas características do paradigma rogeriano não negam a existência e a importância da própria da esfera da prática e do prático, em sua dimensão própria. A importância do modo prático de ser. Apenas não generalizam nem supervalorizam o valor do prático na condição do humano. Não o elegem a condição de critério. Entendem o modo fenomenológico existencial humano como nosso modo especificamente ontológico de sermos, o modo especificamente existencial, no qual se dão a existência e o processo de sua resolução; o possível, a possibilidade, e a sua atualização.

Mais que isto, o paradigma fenomenológico existencial assume a perspectiva de que, ainda que não sendo da ordem da prática, é ao nível de sua vivência fenomenológico existencial poiética, dialógica, que constituímos a nós mesmos, e ao mundo que nos diz respeito, aos úteis e a suas utilidades, como atualização de possibilidades, como resolução existencial. Ou seja a esfera da prática, de sua vitalização e revitalização, de sua criação e recriação, depende fundamentalmente da criatividade vivencial do fenomenológico existencial poiético.

De modo que podemos pensar numa eficácia criativa, numa *pragmática*, deste modo não pragmático e fenomenológico existencial poiético de sermos.

**B. Do Pradigma Teorético**

*Era eu o poeta estimulado pela filosofia,*
*não o filósofo interessado pela poesia.*
**F. Pessoa.**

É muito importante atentar para o fato de que não se trata, no paradigma dialógico, fenomenológico existencial poiético, empiricamente fenomenal, de um desapreço pela teoria, pela teorização, e pelo modo teorizante e teorético de ser.

Empirista, significa que o modo de ser privilegiado pelo paradigma fenomenológico existencial será sempre não teorizante em sua vivência.

Mas, ainda que o momento de sua vivência seja, especificamente, assim, não teorizante, e privilegiativo do modo de sermos da vivência pré reflexiva, pré-teorizante, pré-conceitual, a perspectiva fenomenológico existencial não desqualifica a importância do teórico e da teorização, em seu momento próprio.

Apenas busca colocar as coisas em seus devidos lugares: a vivência fenomenal é ontologicamente prioritária, na medida em que especificamente onto***lógica***. Ou seja, o nosso modo próprio de ser em que se constitui o *logos*, o sentido, a emergência fenomenal do sentido, que caracteriza o humano, como vivência do possível e vivência de sua atualização. Modo poiético sermos de geração de nosso ser-no-mundo.

O *teórico* tem a sua diferença e importância próprias, na perspectiva do paradigma fenomenológico -- ainda que este seja especificamente empirista, não teorizante, em sua vivência. Mas o momento da teoria e da teorização, anteriormente ou posteriormente ao momento da vivência fenomenal, tem uma importância própria, e valorizada em suas características e poderes próprios. O fenomenologista valoriza a boa teoria e a boa teorização, e está motivado para estudar toda a teoria efetivamente interessante sobre seus objetos de interesse. Ciente sempre de que o momento hierarquicamente superior é o momento não teorizante, empírico, da vivência fenomenal, dialógica e poiética.

Assim é que o *empirismo* fenomenológico convive de um modo produtivo, sinérgico, com a teoria e com a teorização interessantes.

Isto é diferente da postura anti-teórica, e anti-teorizante,

do empirismo *objetivista*, radicalmente avesso à teoria e a teorização.

Cabe, portanto, uma atenção cuidadosa na distinção, neste sentido, e no sentido de suas peculiaridades e diferenças, entre o ***empirismo fenomenológico*** (que se situa e privilegia um modo de vivência que está fora do modo de ser da relação sujeito objeto; e, muito mais, fora de um modo de ser que, no âmbito da relação sujeito objeto, privilegia o pólo objeto desta relação), e o ***empirismo objetivista.*** Empirismo objetivista que não só privilegia o modo de sermos da relação sujeito-objeto, como privilegia o pólo objeto desta relação, e a sua descrição, supostamente objetiva. Ao tempo em que rejeita e afasta-se. de qualquer forma de teoria ou de teorização.

O que não podemos prescindir, é de que, fenomenológico existencial empirista, ainda que conviva com o interesse da teoria e da teorização, fora de seus momentos específicos, o momento da vivência fenomenológico existencial não é teorizante. Sua característica é a de privilegiar no momento de sua vivência o modo de sermos da "consciência" não teorizante, não reflexiva, não conceitual, pré-conceitual, pré-reflexiva, pré-teorizante.

O modo *teorético* de sermos caracteriza-se pela representação, ou seja a *re-apresentação*, de algo que se *apresenta* enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e especificamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial *teoria* significa *visão de um espetáculo6[1].*

Desta forma, a teoria e a teorização constituem-se, especificamente, como afastamento do modo de ser da vivência, e articula relações explicativas de natureza objetiva.

Alguns elementos, assim, caracterizam o modo teorético

6[1] LALANDE, André **Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

de sermos. Dentre eles:

1. O fato de que, especificamente, o modo teorizante de sermos se configura como um afastamento para com o modo de ser *encarnado* do vivido fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

   O modo teorético de sermos é um modo de ser abstrativo, contemplativo. No qual o vivido, o corpo e os sentidos, ou seja, o especificamente fenomenológico e existencial – e, vale dizer, o especificamente poiético --, estão especificamente abstraídos, em privilégio do *abstrato* do conceito, e do teórico.

   Desnecessário mencionar que o modo de ser fenomenológico existencial é especificamente *encarnado*, pontual e momentaneamente vivido, na vivência imediata de corpo e sentidos. Intuitivo, no sentido fenomenológico existencial, não comporta, na pontualidade de sua vivência, própria a abstração, a mediação conceitual.

2. Uma distinção essencial e definidora é a de que o modo teorético de sermos funda-se na ***explicação***.

   O vivido fenomenológico existencial configura-se como, e especificamente é, ***compreensão***.

   O vivido fenomenológico existencial constitui-se, em especial, como vivência compreensiva, e desdobramento de possibilidade. Desdobramento este que se constitui como a *interpretação*, *interpretação* num sentido especificamente fenomenológico existencial. O que o constitui como um modo *poiético* de sermos.

3. O modo teorético de sermos vigora como articulação de *relações explicativas de causa e efeito*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial, além de dar-se, primária e originariamente, como vivência *compreensiva*, dá-se como vivência pré-compreensiva de possibilidade, como desdobramento, compreensão e consumação de possibilidade. Processo do qual se exclui não só o modo de ser da explicação, como a articulação explicativa de causas e

efeitos.

4. O modo de ser teorético se constitui na experienciação da dicotomização *sujeito-objeto*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial dialógico e poiético, ser-no-mundo, não comporta esta dicotomização sujeito-objeto, ainda que se constitua, na sua momentaneidade, na tensão do âmbito dialógico da relação eu-tu. (BUBER,)

## C. O prático e o pragmático;

A partir desta constatação de que o modelo fenomenológico existencial rogeriano não é da ordem da prática, da mesma forma que não é da ordem do teorético, é interessante observar e compreender algumas características que constituem o paradigma da prática, o prático. Compreender as características fundamentais do paradigma teorético. E as características, e diferenciais, com relação a estes dois, do paradigma fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

Algumas características sobressaem no paradigma prático:

1. O valor prioritário do útil e da utilidade;

2. O valor da utilidade, segundo o princípio de sobrevivência;

3. O *prático,* a prática, tem com referência o valor da utilidade em termos de adaptação e do princípio de sobrevivência;

4. A prática caracteriza-se pela ação voluntária deliberada.

5. A prática se dá no âmbito do modo de sermos da

relação sujeito-objeto.

6. A prática se dá no âmbito do modo de sermos das relações de causa e efeito.

A *prática* exige o *caráter voluntário* e *deliberado* da "ação". E o critério de sua avaliação é o da utilidade. Em particular, da utilidade para a adaptação e para a sobrevivência. Uma característica fundamental do paradigma fenomenológico existencial rogeriano é a da entrega à espontaneidade, a entrega à *ação espontânea* do vivido; ou seja, a entrega à espontaneidade generativa (poiética) do vivido, com sua característica espontaneidade despropositAl de vivência do desdobramento da força do possível, e da performação de sua atualização. De modo que no modo privilegiado por sua vivência, o que vigora é o modo de ser da ação espontânea, e não o modo de ser da ação voluntária e intencional.

Na vivência existencial, não vigoram a utilidade e a utilização, características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consuma-se na *superação*, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

As características do vivencial fenomenológico existencial, privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se enquadram portanto no âmbito do *prático,* e da *prática.* Mas, especificamente, no âmbito do *poiético.*

O *prático7[2]* tem sempre o sentido de *uma atividade voluntária que modifica o ambiente*, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo *prático* de ser vigoram os *úteis* e as *utilidades;* e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

7[2] op. cit.

## D. O fenomenológico existencial poiético.

Sumariando características do nosso modo fenomenológico existencial poiético e dialógico de sermos, cabe dizer, em primeiro lugar, que é ***este*** o nosso modo onto-lógico de sermos, para uma perspectiva fenomenológico existencial.

Em essência (que é existência), somos *sentido* (logos), e ação. Ontologicamente somos *logos* (sentido); ontologicamente somos onto-*lógicos*. Sentido e ação, como atualização sentida, que se dá na vivência do possível, que é própria ao modo fenomenológico existencial dialógico e poiético de sermos.

O sentido, o logos, que continuamente nos constitui, se nos dá como pré-compreensão da força de possibilidade, como compreensão, e desdobramento desta força (interpretação fenomenológico existencial) em criação; ação propriamente dita.

Este modo de sermos é um modo que, ainda que comporte a dualização eu-tu, não comporta a dicotomização sujeito- objeto, própria de nosso modo acontecido, realizado, ôntico, de sermos (Buber,).

Neste modo de sermos, a causalidade não vigora. Ele é imediatamente vivido e vivência. Presença que se desdobra, diria Buber.

Imediato, não comporta a mediação dos meios e dos fins. Seja dos meios e dos fins teóricos, seja a dos meios e dos fins práticos. Ao mesmo tempo, que nada tem do automatismo comportamental.

O modo fenomenológico existencial, enquanto modo de incontornável atualização de possibilidade, é especificamente o modo de dar-se da ação. Mas em seu âmbito, a ação como atualização de força de possibilidade, em sua incerteza, tentatividade, e riscos próprios (experimentação), não é, especificamente, a ação voluntária, deliberada e intencional, característica da prática. A ação, no âmbito da vivência fenomenológico existencial, é, especifica e propriamente, a ação *espontânea* e *experimental* (no sentido fenomenológico existencial). Ou seja a ação propriamente despropositada, tendencialmente desmotivada, ainda que intensamente estésica e estética, .atualizante de possibilidades, criativa.

A ação assim vivida é eminentemente *inconveniente*. Ou

seja, no sentido de que não tem "convênio", não tem contrato, com o real, com a realidade e com acontecido. Ela não serve à adaptação, à conservação, à sobrevivência, uma vez que, em sua *inconveniência*, ela é a própria força da superação e de reordenamento.

Assim, enquanto a prática, por exemplo, está fortemente fundada na utilidade, pautada pelo valor desta para a adaptação e sobrevivência, o fenomenológico existencial poiético atualiza sempre a superação daquilo que a prática busca conservar.

## E. Conclusão.

Caracteristicamente, pois, o paradigma rogeriano não se define na esfera teórica, nem na esfera da prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; de um empreendimento em que o teórico e a teorização sejam relevantes. Da mesma forma, não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano em sua vivência não guarda o caráter de valorização do modo de sermos que permite útil e da utilidade, ou o caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência.

O modo de vivência fenomenal que lhe é próprio, não se dá no eixo da relação de causa e efeito, nem no âmbito da realidade da dicotomia sujeito-objeto.

O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de sermos da vivência do possível, e de sua possibilitação, como superação. Que não é da esfera do modo de sermos que é caracteristicamente da ordem da prática.

A vivência fenomenológico existencial não é da ordem das relações sujeito-objeto, ou da ordem das relações de causa e efeito; não é da ordem do útil e da utilidade, e, ainda que de âmbito eminentemente ativo, a ação em seu âmbito é da ordem da ação espontânea, caracteristicamente despropositada.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, assim, não na *contemplação* do espetáculo do possível acontecido, objetificado na abstração da vivência física de sua atualização. Nem num esforço e desempenho práticos.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica (dicotomia sujeito-objeto) e integrada; vivência que não se situa no âmbito da causalidade das causas e dos efeitos, dos fins e dos meios (Buber); vivência que se centra na performação, do possível e de sua possibilitação, em per-feito; de sua atualização -- como atualização meramente *compreensiva*, ou como atualização *objetivativa*.

É a vivência *empática, (em)patética,* da *ação* -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático. Especificamente vivencial, e poiética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos, não obstante, que este paradigma não tem uma eficácia específica. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica, mais radical, e abrangente, do que a eficácia do teórico, do que a eficácia do prático, e do que a eficácia do comportamental, ao nível do existencial. Ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramentos *poiéticos*, como vividas atualizações despropositativas de possibilidades. Diferente-mente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da "ação" voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

O âmbito do vivencial é, especificamente, o âmbito propriamente da *ação*. Ação que engendra o possível, o novo, e cria. Diferentemente da teorização, da prática, ou do comportamental.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial -– em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e em termos de uma concepção pobremente fenomenológica de c*ompreensão* -–, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido de uma metodologia empírica e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia.

E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls,

ninguém foi fenomenológico existencial experimentalmente tão longe, quantitativa e qualitativamente, quanto Rogers, neste sentido.

---

## 5.
## A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial

Acredito que para entendermos e adequadamente avaliarmos o caráter e a contribuição fenomenológico existencial do paradigma de Carl Rogers, precisamos de um esboço, mesmo que tentativo, naturalmente, de características definidoras de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia.

É interessante observar que, nem Husserl, nem Heidegger, nem a fenomenologia da Psicologia da Gestalt (ainda que esta tenha uma contribuição importante, através das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein), é em **Franz Brentano** que vamos encontrar as raízes seminais da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, tais como elas aparecem em Rogers (e em Perls). O Brentano em cujas concepções e métodos, inclusive, vamos encontrar raízes seminais das concepções das fenomenologias de Husserl, de Heidegger, da fenomenologia da Psicologia da Gestalt, das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein.

Em particular, e muito especialmente, no seu *empirismo especificamente fenomenológico*, e no seu *método aporético*, na sua *apor-ética*, (derivados estes de Aristóteles).

Naturalmente, não podemos esquecer, igualmente, as importantes raízes da *PPFE* (*psicologia e psicoterapias fenomenológico existencial*) na *tradição hermenêutica compreensiva* da *filosofia da vida* de Dilthey. E, daí, o seu prolongamento na

*hermenêutica existencial* de Heidegger; que, ainda que não tenha sido uma influência direta sobre Rogers ou Perls (indireta, sim, via Medard Boss e Ludwig Binswanger), ajuda substancialmente a esclarecer o caráter *interpretativo -- hermenêutico*, no sentido *compreensivo*, fenomenológico existencial, e *poiético* -- da concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Não podemos esquecer, naturalmente, a influência de F. Nietzsche como uma raiz seminal. A influência monumental de sua obra sobre o pensamento ocidental, e, em particular, sobre a intelectualidade e o meio artístico e intelectual alemão e europeu, desde os anos do Século XX anteriores à segunda guerra mundial, e que é o caldo de cultura no qual vicejam o a fenomenologia, o existencialismo, e a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Em especial, a sua influência na constituição do movimento artístico e cultural do *Expressionismo*, que tanto determinou e influenciou o desenvolvimento da concepção e método da *PPFE* (psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais).

Nietzsche também chega, de um modo seminal, a estas abordagens, dentre outras influências, através das idéias psicoterapêuticas de Otto Rank, e das concepções filosóficas fenomenológico existenciais (...) de Martin Buber. Nietzsche exerceu marcante influência no desenvolvimento das idéias de ambos.

Nietzsche contribui, decisivamente, com o seu explícito e enfático apartamento do *pessimismo* que marca a filosofia de Schopenhauer (pessimismo que marcará seminalmente a concepção da Psicanálise). E, através de sua compreensão de que a ***alegria trágica*** é a força maior da existência.

Especialmente, Nietzsche contribuirá com a sua radical postura de afirmação da vida. Com a sua reafirmação do *sentido do trágico* (*a vida merece ser radicalmente afirmada, mesmo quando ela é finitude, e mesmo quando ela é sofrimento...*), condição de potencialização do *retorno da vida*, condição da alegria, *sentido do trágico* recuperado aos gregos pré-socráticos.

Igualmente, Nietzsche contribuirá com o *perspectivismo experimental* de sua concepção do mundo, da verdade, da

existência. Com a sua particular concepção de *experimentação* (radicalmente diferente da concepção científica de *experimentação*), num sentido especificamente fenomenológico existencial, e que caracteriza a sua *Gaya Scienza*, e que decisivamente marcará as concepções rogerianas (e de Perls).

As idéias, concepções e posturas de Buber, elas próprias, tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da concepção e método das *PPFE.* Tiveram uma grande influência sobre as concepções e método de Rogers, e de Perls. Em particular o esclarecimento de Buber acerca da dimensão ontológica do eu-tu, e de sua relevância para a geração e regeneração da existência humana; na reversão do decurso das coisas, do decurso do mundo e da vida coisificados, da fatalidade, e processo substrato da criatividade.

Podemos, assim, sumariar, tentativa e sucintamente (comentamos em seguida), alguns traços distintivos, e fundamentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, extensi-vamente experimentados por Carl Rogers (e por Perls), na vivência e elaboração de suas concepções e métodos.

Comentamos a seguir alguns desses aspectos, em termos de:

1. Ontologia;
2. Epistemologia;
3. Concepção da existência;
4. Concepção da abordagem;
5. Metodologia

**a. Ontologia**

Não pretendo aqui discorrer filosoficamente sobre Ontologias, ou ser exaustivo acerca da questão ontológica das *PPFE* (ainda que esta seja muito importante). Mesmo porque

isto estaria fora de minhas condições. O que quero, antes, é apontar distinções fundamentais, e direções.

O que sobressai, num primeiro momento, é, seguindo a Nietzsche e a Brentano, uma ruptura e diferenciação radicais com relação à perspectiva platônica de cisão do mundo em um "mundo das essências" e um "mundo sensível". O mundo das essências privativo dos desuses e das essências; o mundo sensível, simulacro do mundo das essências em todos os seus aspectos, repetição piorada, pertinente à sensibilidade humana.

---

Para Nietzsche e para Brentano, a cisão não faz sentido. O mundo se dá exclusivamente na sensibilidade, como fenômeno, como vivência.

Esta perspectiva é uma base radical da Fenomenologia da tradição de Brentano, de Nietzsche, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Dada esta perspectiva ontológica da realidade, constituída sempre e exclusivamente como fenômeno -- perspectiva própria à Fenomenologia da tradição de Brentano, e à *filosofia da vida* de Nietzsche --, não podemos nos enganar com o existência dos termos "fenômeno", e "fenomenologia" na terminologia das filosofias de Kant, de Hegel e de Schopenhauer.

Parafraseando Deleuze, não existe compromisso possível entre, de um lado, a Fenomenologia da tradição de Brentano e a filosofia da vida de Nietzsche, e, do outro, as filosofias de Kant, Hegel e Schopenhauer.

Pelo menos no que concerne à perspectiva ontológica básica do mundo como cindido em duas dimensões. Um "mundo fenomenal", da ordem da consciência e do sensível, e um "mundo essencial". Este designado por Kant como "numeno", "mundo em si", "coisa em si"; designado por Hegel de "espírito universal"; ou de "vontade" por Schopenhauer. Em contraposição sempre a uma dimensão fenomenal, consciente, e

inacessível ao mundo essencial.

A Fenomenologia, tal como a designamos modernamente, e tal como ela se constitui como raiz das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, é a Fenomenologia da tradição de Brentano. Que rompendo com a perspectiva desta cisão do mundo em duas dimensões, dá origem às fenomenologias de Husserl, de Heidegger, de Sartre, de M. Ponty, a fenomenologia da psicologia da Gestalt, e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Esta precisão é muito importante. Na medida em que as filosofias de Schopenhauer, de Kant e de Hegel têm uma influência básica na constituição de um outro paradigma de psicologia e de psicoterapia, o paradigma psicanalítico, radicalmente diverso, neste sentido, do paradigma fenomenológico existencial.

## b. Epistemologia

Ao nível de sua vivência, o paradigma fenomenológico existencial não é um paradigma epistemológico, ou seja, um paradigma que privilegie o conhecimento, no sentido da epistemologia formal.

Não que despreze o conhecimento epistemológico, mas a sua vivência característica é mais de natureza de um *desconhecimento*, de uma embriagues; do que da ordem do conhecimento formal, da ordem da lucidez. Como dizia uma colega de Teresina, mais da ordem de uma tomada de inconsciência, do que da ordem da tomada de consciência.

No vivido fenomenológico existencial toleramos, e cúmplice e amigavelmente acolhemos, o confusional organísmico, no qual a consciência lúcida se dissolve. Relativizamos o conhecimento e a consciência lúcidos. Em privilégio da originalidade da vivência fenomenal, pré-

conceitual, dionisíaca, em suas intensidades corpoativas.

Naturalmente que a predominância de cada um dos modos de ser é tendencial. Hora predominando a consciência lúcida, ora a consciência embriagada da vivência corpoativa. Em proporções diversas de mistura a cada momento.

O importante é que, tendencialmente, não predomina, na vivência, o conhecimento lúcido, o conhecimento abstrato, conceitual, teórico, teor-ético e teorizante. De modo que a vivência não se interessa pelo conhecimento, mas mais por este desconhecimento corpoativo, que, ainda que conhecimento, é índice de sua reversão em direção ao organísmico, ao desconhecer mental e mentalizante.

Uma outra questão é a de que o existencial, o fenomenológico existencial, não se dá na dimensão das relações sujeito-objeto. Perspectiva fundamental ao empreendimento epistemológico, como ato de conhecer de um sujeito.

Como se constitui, então, a epistemologia, a filosofia do conhecimento, deste modo de desconhecer, deste modo de ser que é *um drible de corpo* na consciência, e na vontade de saber, é uma questão. Que interessa sobretudo aos científicos.

É importante precatarmo-nos de que, na vivência fenomenal, não estamos na ordem da ciência, mas na ordem da hermenêutica. Base sobre a qual uma ciência pode se assentar, e que, como tal, subordina o empreendimento científico.

A vivência das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não é científica. As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não são científicas, não são da ordem da ciência.

E, se não o são, não é por serem menos – nem mais. Mas apenas em função do fato de que a existência, o existencial e sua resolução, não são da ordem do científico e do epistemológico. *A existência só se resolve existencialmente* (M. Heidegger). E a psicologia e a psicoterapia laboram, em essência, ao nível do existencial. Que não é acessível ao científico, nem ao tecnológico.

Uma ciência humana de uma humanidade não científica?

É um desafio para quem se interessa.

Uma arte da ato-ação no âmbito do inter humano? É possível, e interessante. Por isso uma abordagem fenomenológico existencial vincula-se mais à perspectiva da arte do que à epistemologia da vontade de saber da ciência.

Apesar de não teórica a vivência, a teoria sobre ela é sempre possível, e sempre decorrente. Em particular, como teoria hermenêutica, e não exatamente como teoria científica, e epistemológica.

## c. Expressionismo

O *Expressionismo* foi profundamente influenciado pela *filosofia da vida* de Nietzsche, e desenvolve-se no rico "caldo" de cultura que dá origem à Fenomenologia e ao Existencialismo, e às *PPFE*.

O *Humanismo*, de filósofos do Século XIX, como Kierkegaard, Nietzsche, Brentano, que, para além de Hegel, buscavam resgatar a perspectiva da experiência humana como referência – resgatando as perspectivas de filosofias do Renascimento, e de filósofos gregos --, teve, igualmente uma influência fundamental.

Subjaz ao *Expressionismo* a consciência de que o humano não é da restrição à ordem do real. Como Heidegger viria a colocar, posteriormente, em sua fenomenologia existencial: *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*

Os expressionistas, nas difíceis condições que determinaram a emergência de seu estilo, intuíam isto, de um modo forte. E entendiam que não é no modo da apolínea consciência lúcida, não é o modo da consciência teórica, da consciência reflexiva e conceitual, que nos permitimos a experiência fenomenal do vivido, a experiência da potência do possível, da possibilidade, e de seu desdobramento expressivo,

ontologicamente definidor do humano.

O potente, possível e o seu desdobramento e atualização, ato-ação, ação, vivencia-se, apenas, experiencialmente, fenomenológico existencial-mente, vivencialmente.

E a primeira condição para permitirmo-nos a sua vivência, e a vivência fenomenal de seus desdobramentos, é o destronamento da hegemonia da realidade.

A realidade, como objetividade, o acontecido, a possibilidade realizada, e, por isso, despossibilitada, despossuída, coisificada.

A potência do possível, da possibilidade, impregna a vivência fenomenológico existencial.

A potente possibilidade não é da ordem do real. Meramente porque o *possível* não é *real*, não tem o estatuto da realidade, realizada. Condição maravilhosamente colocada na frase de uma mulher, personagem de prosa de Fernando Pessoa, sobre o momento de um encontro com duas amigas: *Estávamos* ***cheias de sermos nós****. E isso porque* ***sabíamos, com toda a carne de nossa carne, que não éramos uma realidade****.*

Isto os *Expressionistas sabiam de um modo claro.*

De modo que se propuseram em seu estilo a uma vigorosa relativização do princípio de realidade, do positivismo, e da própria realidade.

Desenvolveram, assim, um estilo *performático fenomenológico existencial*, dramático, de produção artística. No qual o artista concentrava-se na vivência fenomenal intuitiva de sua inspiração, buscando concentrá-la. Como uma mola contraída, prestes a soltar-se em distensão. Ou, como a musculatura contraída de uma pantera, prestes ao bote. Configurando-se *performance* expressiva -- na atividade da produção artística -- como ex-pressão corpoativa imediata desta concentração. Toda ela vivenciada fenomenológico existencialmente, ação, atualização de possibilidade. Insubmissa ao real e à realidade. Ao princípio de realidade, e ao positivismo

do real.

A postura expressionista permitiu a expressividade cultural e artística, em particular em, tempos de terríveis opressões, e exerceu uma poderosa influência não só na arte, como na cultura de um modo geral.

Em especial, exerceu uma poderosa influência nas concepções e metodologias das *PPFE*.

Fritz Perls sofreu uma influência direta, na medida em que vivenciou, desde a adolescência, os experimentos de teatro expressionista de Max Reinhardt, na Alemanha.

A influência das concepções. metodologia e estilo do *Expressionismo* espalhou-se por todo o meio artístico e cultural da Europa e dos EUA, nos vários campos das artes. Aparecendo integrado nas concepções e metodologias das *PPFE* a partir dos anos 50. Na medida que, em particular, a questão destas era a da expressividade, a da vivência do vivido fenomenal, como fonte ontológica do humano, como fonte ontológica de geração e de regeneração, de potencialização, de atualização de possibilidades, e de criatividade existencial.

### d. Existencialismo

Tomamos o termo *Existencialismo* aqui no seu sentido mais genérico, que envolve a filosofia da *existenz*, oriunda nas filosofias de S. Kierkegaard, e de F. Nietzsche, e que originam o existencialismo moderno, enquanto movimento filosófico, artístico e cultural; e a literatura *existencialista*, que aparece em particular em obras como a de Albert Camus, e de J-P Sartre.

É interessante observar que, mesmo ao nível do existencialismo, precisamos distinguir entre as várias raízes, e as particularidades que elas determinam.

Assim, é interessante observar que a perspectiva de raiz do existencialismo nas *PPFE*, tais como elas se apresentam, em seu caráter de hermenêuticas fenomenológico existenciais, nas

abordagens de Rogers, e de Perls, provém de um modo importante da *filosofia da vida* de F. Nietzsche.

Ainda que tenham uma contribuição importante das idéias e posturas de S. Kierkegaard, é a particularidade da *filosofia da vida* de F. Nietzsche que constitui aspectos definidores da especificidade de sua concepção e metodologia.

Interessante, ainda, é notar que, na juventude Nietzsche aproximou-se da filosofia de Schopenhauer. Atraía-o sobretudo a possibilidade de que a filosofia de Schopenhauer resgatasse o *sentido do trágico* dos gregos pré-socráticos.

Nietzsche constatou que, de fato, a filosofia de Schopenhauer nada tinha de trágico, e apenas encharcava-se na perspectiva de uma soturna orgia de pessimismo.

Desde então, Nietzsche afasta-se da filosofia de Schopenhauer, no sentido de constituir a sua filosofia como um resgate da perspectiva trágica dos gregos pré-socráticos. Filosofia radicalmente afirmativa da vida, ainda que com o reconhecimento de que vida, finitude e sofrimento, necessariamente se imbricam. E de que a finitude e o sofrimento não são motivos para difamar e negar a vida.

A afirmação da vida, reconhecendo o caráter intrínseco da finitude e do sofrimento, é o que caracteriza o *sentido do trágico nietzscheano.* A *afirmação trágica da vida*, mesmo quando da finitude e do sofrimento, é condição de criação, e de potencialização da vida. De potencialização das forças de seu retorno – retorno que lhe é característico e intrínseco --, condição de promoção de uma super abundâncias de forças de vida, da criatividade e da alegria.

Em Nietzsche, portanto, *o trágico é alegre; é condição da alegria, e da criatividade...*

De modo que não há como confundir, o existencialismo matizado pelo pessimismo schopenhaueriano, com o existencialismo alegre, trágico e potente radicado na filosofia de Nietzsche. Se não podemos dizer que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia otimista – *pessimismo e otimismo, uma questão de néscios*, dizia ele –, podemos dizer que a postura de afirmação da

vida a ela característica, afirmação da vida mesmo quando do *mais negro sofrimento*, é condição da alegria. De promoção de uma superabundância de forças de vida, da potência do retorno da vida, da criatividade, e da alegria.

De modo que não podemos pressupor uma perspectiva pessimista, de viés schopenhaeriano, no existencialismo -- na verdade de raiz nietzscheana -- que dá origem às *PPFE*. Nem Nietzsche, nem o existencialismo de raiz nietzscheana, nem as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais devem a Shopenhauer neste sentido. Como a Psicanálise, por exemplo.

*Humanistas,* Kierkegaard e Nietzsche compartilham a aversão ao universalismo e ao idealismo da filosofia de Hegel. E, em particular, compartilham a aversão à desqualificação da subjetividade e do indivíduo, que é própria ao hegelianismo. Nietzsche acrescentará a sua aversão à valorização das paixões tristes. Rejeitam, assim o hegelianismo, e buscam constituir as suas filosofias como perspectivas, *humanistas,* que têm como referência a experiência humana, a existência e o existencial.

Kierkegaard postou-se, não obstante, numa perspectiva visceralmente religiosa, constituindo um existencialismo religioso. Podemos dizer que se ele rejeita e livra-se de Hegel, não livrar-se-á de Sócrates e de Platão. Alvos maiores, também, da crítica Nietzscheana. Junto com Hegel, e com o cristianismo. As três mortes do sentido do trágico, segundo ele.

De modo que, sem negar a importância e a contribuição da filosofia de Kierkegaard, parece interessante entender que ela é limitada em termos da constituição do sentido das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Histórica e filosoficamente elas devem, em essência, à filosofia de Nietzsche a inspiração de suas peculiaridades fundamentais. Em especial aos poderes de geração e regeneração da existência, de criação e libertação, de sua perspectiva radical de afirmação da vida. O *sim dionisíaco.*

Neste sentido, da inspiração da concepção e do logos metódico das *PPFE*, é interessante constatar a observação nietzscheana de que *A existência não tem 'dentro'. Todo padrão de*

*interiorização é doença* (oriunda esta da repressão da potência, do possível, possibilidade ex-pressiva, intrínseca ao existencial).

A existência é (como devir) a partir de onde e quando ela assim é como tal. (*Caminho por onde há espaço, meu tempo é quando...* – Vinícius). Sua ventura (de vento) é a vivida ventura soprada perenemente pela potência do possível, dada no vivencial, no fenomenal.

De modo que existencialismo, assim entendido, é a afirmação desta ventura. *Vida à ventura*, aventura. Como ousadia, audácia, de afirmação da potência do possível, dado na vivencia *eksistencial*. É a vida da ousadia e da audácia da aventura. Da experimentação, neste sentido, do *estilo experimental de afirmação de uma vida que experimenta* (Nietzsche).

As psicologia e psicoterapias fenomenológico existenciais partem de uma constatação e reconhecimento desta perspectiva existencial. E buscam compreender, definir e constituir, em suas concepções e metodologia, em seus estilos, condições para este modo de vivência, no contexto do trabalho psicológico e psicoterapêutico. Vivência aventuresca, audaciosa, do estilo experimental de uma vida que experimenta, e cria, e potencializa-se, na interpretação de seus possíveis.

Ação, atualização, condições para a atualização de possibilidades inerentes à vivência. Seja atualização ao nível *meramente compreensivo* da vivência do cliente, seja ao nível *compreensivo-objetivativo* de sua experiência, na dialógica inter-humana da relação com o terapeuta ou psicólogo, e na habitualidade de sua vida. O resgate da habitualidade de um estilo ousado e audacioso, aventuresco, com relação ao vivido, à vivência da potência do possível, e à atualização do possível no vivido existencial entranhado.

Fundamental observar que, não raro, este possível é sofrimento, é finitude. Não há compromisso entre o possível e o agradável, entre o vivido e o sucesso. No meio da noite, Nietzsche, em seu *amor fati*, é o farol: *Eu abençôo todo sofrimento... Nada do que é necessário me ofende... O que não mata, fortalece...*"".

O que Nietzsche indica é que a afirmação integral da vida -- *mesmo a afirmação do mais negro sofrimento* -- se não abole a possibilidade do sofrimento, e da finitude – afinal, eles são intrínseco à existência, *podemos sofrer de uma super abundância de forças de vida, ou de uma falta de forças de vida...* – se a afirmação integral da vida não abole o sofrimento e a finitude, potencializa o retorno das forças da vida, como uma super abundância de forças de vida, como criatividade, e alegria.

## e. Concepção da abordagem

Em linhas gerais, a concepção e o método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais assumem uma perspectiva existencialista, tal como estamos descrevendo. Em particular, elas se esmeram em criar condições para a oportunidade (*kairós)* de uma vivência existencial, no âmbito da sessão e do processo dito psicoterapêutico, do trabalho psicológico ou da vivência grupal.

Estas condições envolvem a situação do terapeuta, do psicólogo, numa mesma postura fenomenológico existencial experimental proposta para o cliente.

Trata-se de condições para que o cliente possa se entregar dialogicamente, e inter humanamente compartilhar, a sua entrega à concrescência de sua atualidade e atualização existenciais. De modo que ele possa vivenciar, na sua intensidade própria, os limites, as *aporias*, desta atualidade. O que envolve a vivência dos sofrimentos e finitudes dela decorrentes, mais ou menos agudos, mais ou menos cronificados, mais ou menos intensos. De modo a que possa secretar vivencialmente, fenomenológico existencialmente, os possíveis inerentes à potência da existência, e à superação, na atualização destes possíveis.

Fenomenológico existencial inter humano, no sentido dialógico que Buber descreve, o desempenho do terapeuta esmera-se, e apura-se, em abrir-se para o encontro, e para o

desdobramento do encontro dialógico, com o cliente. Como co-laborativo, na laboração da vivência e das superações deste. Para isso, o terapeuta busca garantir certas condições de possibilidade deste encontro, e de sua performance fenomenológico existencial dialógica.

## f. Metodologia

Rogers foi um dos principais propositores de uma metodologia para o provimento do estilo de uma vivência experimental para o cliente no processo da terapia.

Desde o ataque guerrilheiro na desconstrução do moralismo em psicologia e psicoterapia, com a sua noção, e a valorização da noção, de *não diretividade*; passando pelas condições de criação de um clima terapêutico para o cliente: a *consideração positiva incondicional,* a *compreensão empática,* e a *genuinidade do terapeuta*. Até o estilo fenomenológico existencial empírico e experimental de facilitação de grupos. Neste ínterim a proposição de uma pedagogia fenomenológico existencial empírica e experimental.

Perls, fortemente bafejado pelo Expressionismo -- em especial pela experimentação teatral expressionista do audacioso e ousado teatro expressionista de Max Reinhardt --, desenvolveu o forte sentido de uma dramática expressionista, experimental e inter humanamente dialógica, como metodologia na relação com o cliente. Co-laboração experimental, no processo da laboração existencial experimental da vivência do cliente de sua atualidade e atualização existenciais. Dos limites, das *aporias,* e dos possíveis vivenciados nesta atualidade e atualização. Co-laboração no processo da laboração do cliente na atualização destes possíveis, na superação de seus limites, dos limites de suas finitudes, de seus sofrimentos. Na potencialização de seu processo ativo, de sua criatividade fenomenológico existencial.

A *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial (v.), é uma condição hermenêutica fundamental da metodologia das *PPFE*.

A concepção de *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial, constitui-se na filosofia de F. Nietzsche, em particular no sentido de sua *gaya scienza.*

Enraíza-se consistentemente em toda a perspectiva nietzscheana da realidade e da verdade, como eminentemente *perspectivas*. A necessidade das perspectivas, da sua vivência, e da sua limitação por outras perspectivas.

Brentano, em sua linguagem, fala do caráter especulativo do ser. Que ele aborda através de seu empirismo aporético.

*Poria* origina-se de *poro* (grego), que significa *passagem. A-poria* significa limite, falta de passagem. Tanto para Nietzsche como para Brentano a existência se caracteriza por *aporias*. A evolução até o limite, a *falta de passagem.* Ambos entendem que, no limite da aporia está a possibilidade, e a possibilidade da poiese. Ambos assumem uma ética deliciosamente apor-ética. São *aporiófilos*; *aporiófilos é* o que são.

A *ética* é um modo de proceder.

E a apor-ética deles define-se por privilegiar o fenomenal, o vivido, a perspectiva. Afirmá-los, em suas características, intensidades e intensificações próprias; até o seu limite, a sua aporia.

Este é o ponto próprio onde se detona o possível, como *poiese* (atualização de possíveis). Onde se detonam novas perspectivas, em suas intensidades próprias. Novas perspectivas que limitam as precedentes.

O gozo da intensidade e do fluxo da perspectiva, o gozo do limite de sua aporia, e o gozo da superação, na potência ativa de novas perspectivas. Este o sentido da experimentação existencial.

Sem dúvida que a experimentação é sinônimo de tentativa, de risco. O risco de tentar o possível, sempre latente. A experimentação, não obstante, não é facultativa, é intrínseca à condição existencial humana. Ao gozo e à resolução existencial.

Nietzsche8[1] observaria:

> *Porque o* medo *é a vossa excepção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.*
> *Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem.*

Pessoa colocaria a experimentação fenomenológico existencial, aporética, diríamos, de forma que só Pessoa:

> *Tudo o que me acontece*
> *O que se passa*
> *Ou finda*
> *É como um terraço*
> *Sobre outra coisa ainda*
> *Esta coisa é que é linda.*

Pois bem, os psicólogos e psicoterapeutas são eminentemente *aporéticos*, *aporiófilos*. *Perspectivativos,* e *aporéticos*, *aporiófilos.* Assumem a radicalidade da afirmação do vivido, da afirmação da perspectiva vivida. E estão sempre interessados no limite, na aporia. Empiristas, assumem a vivência do curso, das intensidades e fluxos vividos da perspectiva; assumem e propõem a vivência da aporia, e a sua superação em novas possibilidades.

Como ponto de partida, é como se estivessem sempre perguntando ao cliente, *onde é que está o limite? como é que está o limite? como é que está o sofrimento da finitude vivida? ou não vivida? ou por viver?* E, como Nietzsche, implicitamente dirão sempre: *... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade.*

---

8[1] NIETZSCHE, F. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Mira-Sintra, Europa América, 1978. p.203.

As raízes das concepções e metodologias das *PPFE* vão encontrar uma fonte fecunda, e das mais fundamentais, na filosofia do diálogo e do dialógico, de Martin Buber.

Buber contribui, em particular, pela compreensão do caráter ontológico do vivido fenomenológico existencial experimental, como relação, eu-tu, tal como ele designou.

Para Buber a vivência eu-tu resgata-nos da coisidade e da coisificação do modo eu-isso de sermos da cotidianidade. Existencial, o dialógico fenomenológico, eu-tu, demanda a entrega à concretude da atualidade existencial, em seus limites, finitudes, aporias, potências e sofrimentos. A partir daí pode determinar-se opção e superação. Que nos resgatam do decurso ilimitado do mundo e da vida coisificados.

Estes esclarecimentos de Buber foram fundamentais para a constituição progressiva do estado da arte das concepções e do logos metódico das *PPFE*. Em particular, no sentido do primado da entrega radical à concreude da existência, como abertura para o modo dialógico, eu-tu, de sermos e como estratégia de potencialização e de superação.

Mas, mais que isto, as considerações de Buber sobre o dialógico, o eu-tu, entre as pessoas, *o inter humano*, e os *elementos do inter humano9[2]*, definem a análise de um conjunto de fatores que impedem o desenvolvimento da dialógica do inter humano; ao mesmo tempo em que permitem compreender e definir os elementos que o propiciam. Assim, propiciam o *inter humano*:

1. O privilegiamento do *ser*, ao invés do meramente *parecer.*
2. O privilegiamento do *inter humano*, que não é inerente ao meramente *social.*
3. O privilégio da *conversação genuína*. Ao invés do império do blá, blá, blá.
4. A *presentificação do outro.*
5. O privilégio da pedagógica *abertura*. Ao

9[2] BUBER, M. op. cit.

invés da *imposição* propagandística.

Todas estas, condições de possibilidade da dialógica do inter humano10[3]. Estas indicações de Buber serviram de preciosos guias para a definição do logos metódico do psicólogo e do psicoterapeuta fenomenológico existencial na sua relação com o cliente.

O *empirismo fenomenológico existencial* das *PPFE* é uma de suas características mais fundamentais. Devemo-lo originalmente a Aristóteles, tal como resgatado por Brentano.

Estas abordagens, como já observamos, privilegiam a imediaticidade vivida do desdobramento da dialógica pré-teórica, pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomeno-lógica e existencial. Seja do encontro entre o terapeuta e o cliente, seja a dialógica da vivência, no encontro, de cada um "consigo mesmo". Toda esta dialógica é, eminentemente, *empírica*; *fenomenológico existencial empírica.*

Podemos, assim, entender o primado de um caráter de vivência eminentemente *empirista*, como logos metódico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Como primado de filosofia de vida, como primado de vivência para o cliente no âmbito do processo do trabalho psicológico e psicoterapêutico, como primado de vivência metodológica, no desempenho do psicólogo e do psicoterapeuta, ao longo do processo de seu trabalho.

Um caráter empirista, no sentido especificamente fenomenológico existencial, assim, como caráter metodológico fundamental.

---

10[3] v. em BUBER, Martin – *Elementos do Inter Humano* in BUBER, Martin – Do DIÁLOGO E DO DIALÓGICO. São Paulo, Perspectiva, 1985.

O *empirismo* em si é uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação do conceitual, do teórico11[4].

Aristóteles em seu tratado *De Anima* oferece uma alternativa fundamental, quando propõe -- ao largo do uso de seu método empírico nas ciências naturais -- que a consciência, igualmente, deve ser metodologicamente abordada *empiricamente*. Ou seja, a consciência deve ser metodologicamente abordada empiricamente, na própria vivência de consciência. E não a partir de princípios e pressupostos teóricos.

Ele define, assim, a perspectiva do método de um *empirismo da consciência.*

Brentano12[5] segue a indicação de Aristóteles, e passa a esposar uma metodologia empírica de concepção e abordagem da consciência. Ou seja, uma abordagem da consciência na própria vivência da consciência, sem a mediação do teórico, e do conceitual.

A concepção e o método da Psicologia, assim como o método da Filosofia, passam a ser entendidos, a partir de Brentano, e em sua tradição fenomenológica, como o mesmo método empirista das ciências naturais.

Uma particularidade definidora é a de que Brentano compreende a *intencionalidade da consciência*: a consciência constitui-se como um *campo* em que a correlação sujeito e objeto já pré-existe de um modo indissociável, modo este anterior a qualquer possibilidade de separação, sujeito e objeto são cooriginais em sua intrínseca correlação.

De modo que o empirismo *fenomenativo* da consciência em Brentano só poderia ser um *empirismo do campo da consciência*

---

11[4] LALANDE, A. op. cit.

12[5] ALBERTAZI, L., LIBARDI, M., POLI, R., (Editors) THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO. Dodrecht, Kluwe, 1996.

*intencional* – que se situa, assim, fora da dicotomização sujeito-objeto. E não, evidentemente, um *empirismo objetivista*, característico do empirismo da tradição anglo saxã. Empirismo objetivista este que fundamenta, inclusive, o empirismo do seu *Pragmatismo.*

Empirismo objetivista (não fenomenológico), assim -- e Pragmatismo, nele fundamentado --, que, fora de uma perspectiva da consciência como *campo intencional*, situa-se na perspectiva da dicotomização sujeito-objeto. E, não só: situa-se, enfaticamente, no privilegiamento do objeto no âmbito desta dicotomização.

Questão fundamental esta, uma vez que a Fenomenologia e o *seu empirismo* apontam para um modo de ser ontologicamente fundamental. Modo de ser este que não se dá no âmbito do que podemos entender como a dicotomização sujeito-objeto.

Silvia Pimenta13[6], comentando a perspectiva e o perspectivismo da filosofia de Nietzsche, observa:

> *Não se trata portanto da impossibilidade de atingir uma realidade exterior aos nossos afetos, mas da* ***impossibilidade de distinguir*** **duas ordens** ***de realidade: subjetiva e objetiva, ideal e material, numênica e fenomênica.*** *Trata-se da impossibilidade de transcendência:* ***o que quer que seja "o mundo", o homem é parte integrante dele, e não pode reivindicar a exterioridade que seria necessária para instituir a si mesmo como sujeito e ao mundo como objeto****. O percurso que conduz do homem ao mundo não é uma relação entre sujeito e objeto: sendo o homem uma* parte *do mundo e não uma instância a ele transcendente, a vontade de potência no homem constitui apenas um caso particular da vontade de potência em geral. Curiosamente, a filosofia de Nietzsche se aproxima aqui da concepção parmenidiana da identidade entre ser e pensar: entre o mundo e o ato de interpretar não há afinidade ou adequação, mas* identidade. (Velloso Rocha, 2003. p.65.).

---

13[6] VELLOSO ROCHA, Silvia P., ABISMOS DA SUSPEITA. RJ, Relume Dumará, 2003.

De modo que, especificamente, o empirismo *fenomenológico* não é um empirismo *do objeto*. Mas um empirismo da vivência de consciência.

Da mesma forma, não permite uma *intersubjetividade*. Na medida em que se dá fora da dimensão da dicotomia sujeito-objeto, não dispondo, em seu momento, do sujeito, da mesma forma em que não dispõe de objeto.

Ainda que não se dê no âmbito da dimensão própria à relação sujeito-objeto. A vivência fenomenológica empírica é sempre vivência de *relação*, e tensão de diferença, de alteridade. A dualidade de relação da vivência fenomenológico existencial empírica se dá como a dualização da relação eu-tu.

Quando ocorre a diferenciação sujeito e objeto já não se está mais no modo de ser dialógico da vivência.

Assim, o *empirismo da consciência fenomenal* da fenomenologia da tradição de Brentano é um *empirismo fenomenológico da vivência de consciência intencional*, um empirismo ativo, cujo solo e natureza é radicalmente diferente dos do empirismo objetivista.

Carl Rogers, F. Perls, F. Brentano, F. Nietzsche, Paulo Freire (vale dizer) eram, assim, empiristas. Mas empiristas neste sentido fenomenológico existencial dialógico. E, jamais, empiristas no sentido objetivista do termo.

Caracteristicamente, a crítica teórica encontra algo de vazio e inconsistente na obra desses empiristas. Isto se dá, exatamente, porque eles não são teoréticos. Eles são *empiristas poiéticos.* Que se definem pelo privilégio da vivência de consciência, e da vivência do ato, da ação: da atualização do possível, que só no âmbito do seu *pathos* (*empathia*) pode evidenciar-se, efetivar-se.

Isto não quer dizer que suas concepções não gerem uma teoria, não sustentem, e não se sustentem, em uma teoria. Ou que da vivência de seu método não se possa derivar uma teoria. Muito pelo contrário, a definição de seu método cristaliza-se teoricamente. E teorização pode emergir da vivência de seu método. A característica, não obstante, é a de que a vivência de seu método é a vivência momentânea de um modo não teórico, fenomenal, de sermos. Um modo no qual vivenciamos o possível, e a sua atualização. Ou seja, um modo de sermos no qual o possível é possível, e se desdobra.

Nada contra a teorização anteriormente aos momentos especificamente *empíricos*, e não teóricos. Ou posteriormente.

Carl Rogers, por exemplo, era, definitivamente, um empirista. Um empirista radical. Um empirista da vivência dialógica do inter humano.

Isto é preciso que se entenda, e se explicite.

Mas é necessário que, igualmente, se entenda, e se explicite, que, radicalmente empirista, Carl Rogers nada tinha do empirismo objetivista, do empirismo pragmatista, do empirismo positivista. Por mais que isto não tivesse ficado conceitualmente claro, muitas vezes. E por mais que o confundissem, explicitamente, ou não, muitos de seus seguidores.

Uma coisa é a "empatia" objetivista, com toda uma série de adornos da moda e peduricalhos possíveis. Outra coisa é a empatia na dialogicidade do inter humano, fenomenológico existencial dialógica, e empírica.

Carl Rogers prigilegiava radicalmente a vivência dialógica *empírica*, e *empática – patética*, *peripatética* --, do *encontro* com a pessoa, do encontro com o grupo. Nada de conceitos a intermediar este encontro. Nada de técnicas ou de outros recursos comportamentais. Nada de moralismo ou de pretensões científica, ou cientificistas. Nada de teoria, de teorização, de teorética. O que interessava fundamentalmente a Rogers era a

empiria dos momentos dialógicos de vivência do encontro; o que quer dizer, a *empiria* da vivência da *poiética* da dialógica do encontro. Da vivência *empáthica* da dialógica do possível, e de sua interpretação (desdobramento), atualização, inerentes à empiria da vivência de consciência fenomenal.

As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia primam assim pelo privilegiamento do âmbito vivencial fenômeno-lógico existencial, pelo âmbito da *compreensão*, e do desdobramento do possível que lhe é inerente.

Em essência, a *explicação*, que se diferencia fundamentalmente da *compreensão* (em particular porque *não há explicação que possa levar à compreensão* – Takuan Soho), a *explicação*, é absolutamente secundária para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Se *Freud explica*, primordialmente as abordagens fenomenológicas não estão interessadas na explicação.

Os psicólogos, os terapeutas fenomenológico existenciais, em essência, não *explicam*. Eles *implicam*.

No sentido de que eles não são exteriores e alheios à dialógica alteritativa do encontro inter humano com o cliente. É a esta dialógica que eles querem privilegiar, e a ela pertencer implicativa-mente, compreensivamente.

A arte que eles buscam cultivar é da performação como partícipes no próprio âmbito desta dialógica. Como forma de potencializar a situação do cliente no âmbito de sua própria vivência dialógica, na dialógica da vivência de sua relação com o terapeuta/psicólogo, na dialógica da relação em seu ser-no-mundo.

De modo que ele possa vivenciar compreensivamente, e no desdobramento de sua compreensão, vivência, a sua atualidade e atualização fenomenológico existenciais; suas perspectivas, limites, aporias, e superações.

Compreensão e desdobramento de compreensão; vivência e desdobramento de vivência, como atualização de possibilidades, que em hermenêutica fenomenológico existencial entende-se como *interpretação fenomenológico existencial*.

Classicamente, a *Hermenêutica* é entendida como *a arte da interpretação*. De modo que as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais são, em essência, e propriamente, hermenêuticas fenomenológico existenciais.

Aparentadas da arte, porque a arte é irmã gêmea da existência... A arte é uma ética, est-ética, de afirmação estésica da existência. *Estética* de afirmação vivida da vivida afirmação que é já a potência da existência e da existenciação, em suas perspectivas espontâneas e gratuitas, em seus limites, sofrimentos, superações, alegrias...

Nem teorética, nem prática... poiética. Patética.

---

## 6.
## Algumas questões

Carl Rogers entendia a sua abordagem como sendo uma abordagem fenomenológico existencial14[7]. Entendia que a *tendência atualizante*, que ele preconizava como fonte básica da motivação humana, só operava fenomenologicamente. As condições que ele constituiu como

14[7] ROGERS, Carl, KINGET, M. PSICOTERAPIA E RELAÇÕES HUMANAS. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

condições de criação de um clima terapêutico – quase tão faladas quanto mal entendidas – são condições fenomenológicas. As características do *funcionamento ótimo da personalidade* são características eminentemente fenomenológico existenciais.

Rogers sofreu uma influência importante das psicologias fenomenológico existenciais de Abraham Maslow e de Rollo May, introdutores da psicologia fenomenológico existencial nos EUA, influenciados pelos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, em particular Medrard Boss e Ludwig Binswanger, que buscavam constituir uma psicoterapia fenomenológicas a partir da fenomenologia de Heidegger. O livro *Existence15[8]*, de Boss e Binwanger, dentre outros, publicado originalmente na Europa, teve sua publicação nos EUA patrocinada por Maslow e por May. Rogers fez a revisão da obra.

No entanto, Rogers, de um modo geral, não tematizava de um modo mais sistemático e explícito os fundamentos fenomenológico existenciais de sua abordagem, ainda que teorizasse de um modo bastante significativo. Progressivamente, os escritos de Rogers foram se tornando cada vez menos teorizantes, cada vez mais ensaísticos. Registros dos processos de sua experimentação em psicologia e psicoterapia, em particular no desenvolvimento e vivência de seu modelo de trabalho com grupos.

Certamente que a indisposição de Rogers para um maior aprofundamento teórico advinha de suas influências empiristas.

Mas o propugnador incansável da concepção de empatia no âmbito da psicologia e da psicoterapia não podia ser simplesmente um empirista objetivista. O Carl Rogers que acolheu as concepções fenomenológicas da psicologia organísmica de Kurt Goldstein, como *tendência atualizante, auto-atualização organísmica, avaliação organísmica da consciência,* não podia ser simplesmente um empirista objetivista Rogers não se filiava ao empirismo do

15[8] MAY, Rollo (org.) EXISTENCE.

Pragmatismo, nem ao empirismo anglo saxão, de um modo geral. Não se filiava ao comportamentalismo. Ainda que não estivesse bem desenvolvida a explicitação e o esclarecimento da vinculação de suas concepções à Fenomenologia e ao Existencialismo.

No seu modelo de trabalho com grupos, a partir de 1974, há uma depuração e radicalização das características fenomenológico existenciais de seu modelo. Há uma relativização das idéias de tendência atualizante, e mesmo de *condições terapêuticas* no contexto do grupo, para centrar-se no provimento de condições hermenêuticas para o desdobramento da dialógica do encontro grupal.

O fato, entretanto, é que Rogers pouco tematizou os fundamentos fenomenológicos de suas concepções, ainda que estas se caracterizem de um modo muito específico pela perspectiva fenomenológico existencial.

O fato, entretanto, também, é que a frágil explicitação e desdobramento dos fundamentos fenomenológico existenciais da abordagem rogeriana faz com que suas concepções, e o arcabouço teórico geral de sua abordagem se fragilizem. Gerando dificuldades para a reprodução de seu conhecimento, e formação de novos profissionais a ela aderentes.

Alguns conceitos estão, em função disto, pobremente elaborados. Alguns flagrantemente inconsistentes e superados.

O conceito de *tendência atualizante*, por exemplo. Sua concepção vincula-se a uma perspectiva biológica. Quando as questões pertinentes à terapia, ao trabalho psicológico, à facilitação de grupos, dizem respeito não a uma dimensão biológica, mas à dimensão fenomenológico existencial. A explicitação desta concepção segundo a perspectiva fenomenológico existencial permite a assimilação da tendência atualizante à dimensão do possível, da possibilidade compreensivamente vivida. E a concepção de seu desdobramento à noção de interpretação fenomenológico existencial. E à compreensão do modelo rogeriano como uma

hermenêutica fenomenológico existencial.

Por outro lado, a noção de *compreensão*, na concepção de *compreensão empática* – tão importante na concepção da abordagem rogeriana -- filia-se à concepção de *compreensão* da filosofia da vida de W. Dilthey – a reprodução em mim, um ser vivencial, da vivência de outro ser vivencial. Martin Heidegger foi influenciado por Dilthey, e desdobrou as suas concepções, concebendo a *compreensão* como a própria constituição do sentido, ao nível do ser-no-mundo. Diferentemente da perspectiva de Dilthey, a compreensão desta forma concebida deixa de ter uma concepção objetivista, ou subjetivista, já que a vivência de ser no mundo se dá fora da dicotomização sujeito-objeto. A *compreensão empática* pode assim ser compreendida de um modo mais próprio, em particular no sentido de seu caráter dialógico.

Assim, desvendar as raízes fenomenológico existencial das concepções de Rogers, da abordagem rogeriana, permite uma apuração de seu sentido, uma apuração do sentido das concepções de Rogers. A superação de processos degenerativos da abordagem, e uma continuação da sua produção e reprodução.

---

## 7.
## Concluindo.

O trabalho de Carl Rogers é qualitativamente muito significativo. Ainda que de certas óticas, este significado possa parecer ambíguo. Seu trabalho oferece a concepção e método de uma profícua abordagem de psicologia e de psicoterapia para o trabalho na chamada "clínica" psicológica, no trabalho com grupos, no trabalho no âmbito da psicologia comunitária, da psicologia hospitalar, na psicologia organizacional e do trabalho, na psicologia educacional... Rogers contribui fundamental e diferenciadamente, de um modo teórico e fenomenológico existencial experimental, com a constituição de um modelo fenomenológico existencial experimental de psicologia e de psicoterapia. É, sem dúvida, um gigante neste sentido.

Naturalmente que, nas condições em que ele viveu e

trabalhou, há ambigüidades, imprecisões, equívocos. Alguns, intrínsecos ao empreendimento pioneiro de constituição de um modelo fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia. Alguns, devidos a fatores e conflitos culturais. Outros, devidos às limitações das informações sobre a ontologia, concepção e metodologia fenomenológica, e sobre o existencialismo. Nada disso compromete a substância e importância de sua contribuição, quer seja em termos conceptuais ou em termos metodológicos.

Rogers transita, ao longo de sua vida, e de sua obra, desde âmbito moralista, puritano, religioso; na direção de uma abordagem genuinamente fenomenológico existencial experimental. Ao chegar, por exemplo, à culminância de sua obra, na concepção e experimentação da metodologia fenomenológico existencial experimental empírica do trabalho com grupos.

Teve um influência importante da psicologia acadêmica norte americana, dos livre pensadores norte americanos, como Emerson e Thoreau. Mas encontrou Kierkegaard e Buber já no seminário teológico, anteriormente a sua carreira de psicólogo. Como psicólogo, já, recebe as influências marcantes de Abrahan Maslow e de Rollo May. Estes mediam de um modo importante a chegada até Rogers da psicoterapia fenomenológico existencial européia, dos heidgerianos Boss e Binswanger. Os gestálticos (da Psicologia da Gestalt) chegam, de um modo substancial, através dos seminais trabalhos de Kurt Goldstein e Max Wertheimer, emigrados para os EUA, após uma já longa e profícua vida produtiva dentro da tradição fenomenológica da Psicologia da Gestalt, na Europa. E é fundamental, no desenvolvimento de suas concepções e metodologia, o intercâmbio com Otto Rank, emigrado da Europa, para a Universidade da Pensilvânia. Rank trazia, sobretudo, e mais uma vez, a influência de Nietzsche no desenvolvimento de sua abordagem de psicoterapia. E teve uma substancial influência sobre Rogers.

Se existem imprecisões, impropriedades, equívocos, nas formulações de Rogers, a partir da perspectiva da ontologia e metodologia fenomenológica e existencial, estes podem ser entendidos, como falamos, como conseqüências naturais do pioneirismo de Rogers, e de suas condições culturais, sociais e

históricas específicas.

Afinal, no seu ambiente cultural e acadêmico, fortemente empirista -- num sentido objetivista do termo --, e pragmatista, o que quer dizer igualmente empirista objetivista, Rogers desviou, configurando-se como um empirista substancialmente fenomenológico, e desenvolvendo uma obra, influenciada pelas perspectivas de um Kierkegaard, de um Buber, de um Binswanger, de um Brentano, de um Goldstein, de um Wertheimer, de um Otto Rank, em especial.

Certamente que não era fácil discriminar o caráter empirista da Fenomenologia e do Existencialismo naquele momento nos EUA. Ao mesmo tempo, cabia evitar uma concepção idealista da Fenomenologia, fortemente rejeitada, naturalmente, no âmbito de um empirismo objetivista. Por entre Brentano, Husserl, Heidegger, Sartre, Psicologia da Gestalt, tensões entre o modo americano e europeu de conhecer... não era fácil encontrar um caminho.

Coerentemente, Rogers foi pela via do empirismo, e o empirismo que só podia ser o empirismo fenomenológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia.

No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teoria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodologia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.

O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experimentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de concepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.

Entender a abordagem rogeriana é, certamente, entender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da *focalização*, ou das meras *condições de criação de um clima*

*terapêutico* (ainda que elas sejam importantes).

Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.

Não fazemos justiça a Rogers enquanto não compreendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.

Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre este modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na perplexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.

Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenologia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cultural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, dificultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Maslow, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brentano, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais interessado na experimentação fenomenológico existencial empírica de seu modelo.

A teoria e a teorização são, entretanto, fundamentais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teorético, não teorizante, *em sua vivência*. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da transmissão dele a novas gerações.

A situação assim da teoria, a sedução pela "facilidade" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeriana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüentemente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas concepções e métodos.

Isto não faz jus, naturalmente, à importante e substancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.

O modelo de Rogers contribui efetiva e substancialmente neste sentido.

Resta-nos o desafio de uma compreensão, experimentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenológico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em termos conceituais e metodológicos.

# 1.
# Carl Rogers.
# Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretensioso.

De várias formas. E aqui nos interessa sobretudo no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita.

Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico (Buber), na tradição de Brentano. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da *tendência atualizante*, Carl Rogers já tinha ido, experimentalmente, além; no sentido do logos metódico de um empirismo humanista*, fenemenológico existencial, dialógico, em psicologia e psicoterapia, no âmbito das relações humanas.

Desinvestido de qualquer pressuposto de *condição e desempenho técnicos*, na sua atuação. Destituído de aspirações *científicas* tradicionais. Ou de veleidades *práticas*, e *pragmáticas*. Destituído da crença na efetividade do *teórico* e da teorização, e do *moralismo*, em particular, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas. E, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando naturalmente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

---

* Na tradição do *Humanismo* de filósofos do Século XIX, como Brentano e Nietzsche, que voltavam à Filosofia do Renascimento, e aos gregos pré-socráticos, na recuperação da vivência humana como critério.

Como meio e como via, como *jeito de ser*, do psicólogo e do psicoterapeuta, do educador, da pessoa -- em processos de *co-laboração* na potencialização de metamorfoses, e de estilos existenciais de vida1[1] --, o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, de privilegiamento, e de afirmação experimental, dos momentos de ***dialógica interhumana*** (Buber)**.**

O sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se numa postura de afirmação experimental da *concrescência fenomenológico existencial da existência*, na pontualidade de seus desdobramentos. Consistentemente arraigado em pré condições de respeito radical -- pessoal e metodológico -- pela alteridade, pela diferença, do cliente; e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal. Como imprescindíveis condições do privilegiamento do *encontro*, nesta *dialógica interhumana*. O *encontro c*omo vivência de *momentos de um modo de ser* generativamente existencial, *existenciativo, poiético*.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver -- na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo, à guisa de metodologia -- a obstinação mansa e rítmica de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento, radical, da mera, nua, crua, e simples, *dialógica interhumana*. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas paciente, pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, *o deserto começasse a florescer.* Ou, como dizia John Wood, *até que a orquestra se afinasse*, e estivesse em condições para uma 'performance poiética'.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Carl Rogers, muito freqüentemente, em suas concepções e posturas metodológicas. Mal entendido pelos 'de fora'. E, freqüentemente, mal entendido por muitos dos "de dentro", que assumiam a incorporação de seu modelo.

Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o *simples* pelo *simplório.* Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, *empirismo humanista* , fenomenológico

---

1[1] BUBER, Martin EU E TU. São Paulo, Cortês, 1983.

existencial, dialógico, *na relação inter humana*.

Substituindo por atitudes retóricas, e estereotipadas, ou meramente manipulativas, a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência de confirmação da, e de interação com a, diferença do outro; negando-se à vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil, como tal, à germinação da ação, da criação, da *existenciação*.

Não muito longe, outros, por captarem o modelo rogeriano em fases primitivas, quando ainda havia uma referência importante, e mesmo a aspiração de um certo cientificismo. Com surpresa, os vemos hoje em dia tentando interpretar o modelo rogeriano pela via de um cientificismo pseudo científico. Inscientes, talvez, do finíssimo e precioso trabalho de Rogers na superação não só do cientificismo, mas do próprio paradigma científico em psicologia e psicoterapia, em privilégio do que permite, potencializa e engendra o existencial. Perderam o bonde?

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers. Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de *técnicas*, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, certamente, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela *questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas*, e, portanto, ao nível do método em psicologia e psicoterapia. E compreendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos, essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A *existência*, como observou Heidegger2[2], *resolve-se apenas existencialmente*. E Rogers compreendia muito bem, e profundamente, isto. Da mesma forma que entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre latente, iminente e atual, do abuso da impropriedade de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação, e uma das primeiras

2[2] HEIDEGGER, M. SER Y TIEMPO. México, Fondo de Cultura, 1985.

condições de método, dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido, Rogers, pelos científicos. Que – pertinentemente -- não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados. Nunca entenderam estes, evidentemente, o sentido propriamente fenomenológico existencial de *experimentação.*

Bem antes dos cientificistas pseudo científicos em psicologia -- alguns mesmo dos que se dizendo *rogerianos*, de hoje (pasmem!) --, Rogers entendeu que -- da mesma forma que o paradigma técnico -- o paradigma científico não dava conta do vivido fenomenativo, no qual o possível é possível. Nem se aplicava à, *ato-ação* ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura como sendo da ordem do modo humano de ser da ação *poiética*, e não da ordem do *epistemológico*.

Não é porque é *menos*, que o fenomenológico existencial não é da ordem do científico. É, apenas, porque o científico não dá conta do existencial, que nem mesmo da ordem da realidade é. Quanto mais da ordem da objetividade. Diria pessoa pela boca de uma sua personagem,

> *Estávamos cheias de ser nós. E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade*.3[3]

Bem ao gosto de Nietzsche4[4], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao empistemológico, e epistemofílico, pressuposto científico da *busca de verdades.* Não se conforma às esferas do conhecer, e do conhecimento, e de suas

---

3[3] PESSOA, Fernando – O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS.

4[4] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE. F. GAYA CIENCIA,

vontades.

Não é por outro motivo que *o coração tem razões que a própria razão desconhece* (Pascal); e que *seria enloquecedooooooorrrrr se amor tivesse a ver com verdade...* (Maffesoli). Mas, mais propriamente, o existencial, experimental, a-ventura-se, de um modo essencial, na incerteza, e na improvisação, da potencia criativa, na possibilidade humanamente ontológica da criação da realidade e do verdadeiro.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados. Moralistas que, similar-mente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a *enorme* inutilidade e "desperdício" de tempo e de recursos da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, certamente, de que, em sua especificidade, a existência humana -- eminentemente da ordem do modo de ser do *poiético* -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível deste humano modo de ser que ***não é*** da ordem do modo de ser no qual se dão o *útil* e a *utilidade.* Humano modo de ser, que sem prejuízo do prático e da prática, não é da ordem do modo de ser no qual se dão a prática, o valor do prático e da pragmática.

Ainda que deste fenomenológico existencial *poiético* modo de ser tudo provenha; e, paradoxalmente, provenham, inclusive, em suas especificidades, todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber5[5], com essencial propriedade, o modo humano ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil e da utilidade, como não o é, igualmente, da ordem do modo de ser no qual vigoram os fins e os meios; não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, não é da ordem do modo de ser em que vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; a sua fatalidade; nem mesmo é, como observamos, da ordem do modo de ser que entendemos como *realidade*, no sentido *objetivo* do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teoréticos... Que *resolvem* o mundo em sua abstração... Para os teóricos, Rogers, a *santa incoerência*... Uma verdadeira *metamorfose ambulante*. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos, em uníssono, e estereotipadamente, balançam, desaprovadoramente, a cabeça, diante do paradigma rogeriano.

Sem se precatarem de que, fundamentalmente, Rogers compreendera, em sua efetividade, a distinção específica entre teoria e existência, a distinção entre ação e teoria. Rogers intuíra a distinção entre *explicação* e *compreensão*, e intuíra que *não existe explicação que possa levar à compreensão* (Takuan Soho). E estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana -- com suas questões, com suas crises, superações e crescimento; para lidar com a sua efetiva e específica possibilidade de ação --, é imperativo fazer-se ao largo do teórico, da teoria e da teorização, e direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso (*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...*), e ontológico, modo existencial de sermos. Que é *perfeita* aderência à ação, à incerteza, e ao devir, fenomenais. E que, especificamente, e por definição, e radicalmente, não é da ordem do modo de sermos em que somos teóricos e conceituais, explicativos.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está

---

5[5] BUBER, M. Op. cat.

aí a sua obra escrita. Mas, ainda que se interconectem, e interajam, cada coisa em seu lugar.

Aliás, é de capital importância entender que a *vivência empírica* é, por definição, não teorética; mas que existe uma diferença fundamental entre o empirismo *objetivista*, tradicional na cultura anglo-saxã, e o empirismo *fenomenológico* em termos do teórico, da teoria e da teorização: o empirismo objetivista é radicalmente contrário, e avesso, à teoria e à teorização. O empirismo fenomenológico não é avesso ao teórico, à teoria e à teorização. Ou seja, igualmente para o empirismo fenomenológico, a vivência empírica é caracteristicamente não teorizante, e não se assenta sobre teoria. Mas a teoria pode constituir-se como um outro e relevante momento, a partir da vivência não teórica. Da mesma forma que a teoria pode constituir-se como elemento das condições de sua hermenêutica.

De modo que, desde Brentano, não há, para o empirismo fenomenológico, um preconceito e uma aversão ao teórico, à teoria e a teorização. Eles são possíveis e necessários, desejáveis, ainda que sejam estranhos e heterogêneos com relação aos momentos particulares da vivência empírica. Que, fenomenológica, não comporta a dicotomia do eixo de referência das relações de sujeito-objeto. Da mesma forma que, evidentemente, não poderia privilegiar o pólo objeto desta relação, constituindo-se no campo da objetividade, como objetivista.

O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e com as dificuldades existenciais neste processo de superação; lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia. Rogers entendeu que a atuação, a efetivação, desta potência humana de superação se dá, especificamente, no âmbito do modo de sermos que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Modo de sermos a que ele, seguindo a Goldstein, denominava de *experiência organísmica.* Modo de sermos a que Dilthey e Heidegger, guardando as devidas particularidades, chamavam, respectivamente, de *vivido* e de *ser-no-mundo.* E como atuação do que ele chamava, e entendia, como *tendência atualizante humana.*

No âmbito próprio da vivência momentânea deste modo

fenomenológico de sermos, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, impróprios. Quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de sermos demanda outras habilidades, equivalentes às de um dançante, ou as de um nadador, ou de um artista, em suas atividades próprias.

A questão de Rogers, portanto, era a da experimentação, da definição, e desenvolvimento, de uma concepção e de uma metodologia não teorizantes em psicologia e psicoterapia, no trabalho com grupos, e nas áreas a que ele posteriormente se dedica. Uma metodologia não teorizante, fenomenológico existencial empírica, de vivência, para o cliente, a partir de condições e atuação colaborativa e sinérgica, igualmente fenomenológico existenciais empíricas, por parte do terapeuta, psicólogo, educador. Concepção e metodologia fenomenológico existenciais empíricas, poiéticas, mais aparentada do modo artístico de funcionamento, o que quer dizer, não teorizantes, não técnicas, não moralistas, não científicas, não práticas.

Quanto a sua própria teorização, Rogers, assim como Perls, viu-se preso, e desafiado, portanto, na experimentação e na elaboração experimental da teoria e da teorização, e na elaboração do logos metódico, de uma concepção e metodologia de psicologia e de psicoterapia no âmbito da atuação de um modo de ser,. radicalmente não teórico e não teorizante. Fenomenológico, existencial, empírico. Modo de ser próprio da existência e da existenciação, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; modo de ser próprio à dialógica inter humana, interpessoal, e coletiva.

E, coerente, e concernentemente, a sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos e explicativos, cada vez mais ensaística, à medida que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas, fenomenoativas, do próprio modo de ser da existência. Atitudes cada vez menos explicativas, e teóricas, cada vez mais implicativas e compreensivas.

Rogers sempre privilegiou, como atitude metódica, e

como proposta de vivência para o cliente, a experimentação fenomenológico existencial. A dialógica inter humana entre terapeuta e cliente. A linguagem dialógica inter humana da existência. *Patética.* E, com isso, desdobrou e abriu possibilidades preciosas e muito fecundas para a psicologia, para a psicoterapia, para o trabalho ao nível do humano.

Possibilidades nem sempre compreensíveis, em sua essência e características próprias, a partir de um ponto de vista teórico. Ou de um ponto de vista pragmático.

É fundamental considerar deste ponto de vista a obra teórica de Rogers. A sua evolução à medida que se desenvolve a sua experimentação, a natureza especificamente não teorizante de seu método, e a própria perplexidade da experimentação profissional de uma metodologia, que por existencial, era especificamente empírica, não teórica, não conceitual. Daí o caráter essencial e grandemente aberto de sua obra teórica.

É muito importante considerar que a elaboração do paradigma rogeriano, um paradigma não teorético, e, por isso, *empirista* – neste sentido *fenomenológico existencial dialógico* --, se dá, exatamente, no âmbito cultural hegemônico e forte de um *empirismo.* Mas, especificamente, no âmbito do ***empirismo objetivista***, vigente na cultura norte americana e anglo saxã. Carl Rogers destaca-se, assim, com a contribuição de uma concepção e método de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existenciais empíricos, radicalmente heterogêneos com relação ao empirismo objetivista então predominante.

Tudo isto aponta para questões extremamente importantes, que dizem respeito, por exemplo, ao fato de que, ainda que sua teorização seja importante, o fundamental, em termos da obra de Rogers, não é exatamente a sua teorização, mas a sua metodologia não teorizante. Ou seja, o melhor ponto de vista para a compreensão e a apreciação do paradigma rogeriano não é exatamente o ponto de vista de sua teoria. E, neste sentido, é importante considerar a insuficiência da teorização, mesmo a teorização de Rogers, para captar e expressar teoricamente a especificidade de seu logos metódico. Até porque, ao morrer ele apenas iniciara, experimentalmente, a

definição de sua concepção e metodologia em termos fenomenológico existenciais empíricos.

O mesmo podemos dizer com relação ao ponto de vista científico, com relação ao ponto técnico, com relação ao ponto de vista prático, e com relação ao ponto de vista pragmático. Como pontos de vista inespecíficos e impróprios para a apreensão e compreensão do existencial, do fenomenológico existencial empírico, e, portanto, do paradigma rogeriano.

Como observamos, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que a teoria e a teorização não sejam importantes no seu âmbito, ou que não existe, na sua aprendizagem, na sua reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é o teórico um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas, quando efetiva, no caso do paradigma rogeriano, trata-se da teorização de um paradigma cuja vivência, especificamente não teorizante, é qualitativamente descontínua com o teórico. Da mesma forma que podemos contemplar e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimento e habilidades, que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais, fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos, empíricos enfim.

É interessante observar que Rogers movimentou-se e evoluiu, em termos humanistas, dos contrafortes norte americanos da ciência positivista, e *objetivamente* empirista -- e do moralismo religioso puritano --, em direção ao existencial, ao empírico fenomenológico existencial, corpo-ativo. Em sua trajetória, guardava em si, desde o início, o germe do

fenomenológico, e do *empatético.* Mas esta trajetória careceu de se configurar como uma imensa atividade de desconstrução. Imensa -- não tanto em quantidade como em qualidade -- atividade de desconstrução em psicologia e psicoterapia do paradigma objetivista, do paradigma técnico, do paradigma científico, do paradigma moralista, do paradigma pragmático, e do paradigma prático...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da nua dialógica interhumana – ou *interlógica diahumana* -- de sua empatética, um imenso trabalho de desconstrução, de cascavilhamento e de experimentação fenomenológico existencial já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um *ponto zero*. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empatética.

Podemos ver que, se, por um lado, a sua teoria vai ganhando um caráter despretensiosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia, e mesmo método fenomenológico existencial – ao qual ele vai aderindo de um modo cada vez mais radical; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma *tendência atualizante*, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitações.

## 2.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Na medida em que consideramos a dimensão existencial humana, as suas crises e questões, e as suas resoluções, necessariamente especificamente existenciais, compreendemos que a concepção e a metodologia de Rogers são muito sensíveis e refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou às vezes quase que epidêmica entre os "centrados".

Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método, e a própria concepção e método, de Rogers foram mal compreendidos, ou mesmo desconhecidos. E sua abordagem freqüentemente entendida, ironicamente, como o modelo pronto do objetivismo, ou da pragmática, de uma certa tecnologia da compreensão, adoçada de fragmentos açucarados da retórica de uma imprecisa ideologia dita "humanista".

---

Como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers atualiza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dimensão do existencial, com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano; incompatíveis com a sua empatética. Foram-se, então, na vivência do logos metódico do paradigma rogeriano, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições definidoras específicas de uma *prática.*

Cascavilhando experimentalmente, Rogers buscou as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos

metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade, um dos pilares clássicos de seu paradigma, que marca o seu afastamento do paradigma moralista.

A não diretividade é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da "experienciação". A *empatética -- patética*, *peripatética* -- do privilegiamento dos momentos próprios de vivência (páthica) dos desdobramentos da dialógica do interhumano.

De fato, Carl Rogers efetivamente experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia, e de uma psicologia, fenomenológico existencial. Paradoxalmente, o seu despojamento representava, na verdade, uma apuração experimental, cada vez mais refinada, de condições fenomenológico existenciais de concepção e de método de psicologia e de psicoterapia.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial se afirma e se desdobra, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação; quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância. Como, por, exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um papel inegável, fundamental, e fundador.

Muito importante, pois, atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação das concepções e método de Carl Rogers com surgimento, desenvolvimento e consolidação de uma concepção e metodologia de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais. Coisa efetivamente rara.

Não podemos, naturalmente, deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de um L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da experimentação e caracterização da vivência de metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais. E, neste sentido, empíricas, experimentais, performáticas, e poiético-hermenêuticas.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de ser, atrelou-se aos vieses das psicologias científicas e das psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano e europeu. Desde muito cedo, não obstante, é nítido o movimento de diferenciação do modelo rogeriano com relação ao hegemônico paradigma do empirismo *objetivista* vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual. Crise esta que morre na formulação de condições hermenêuticas do *empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico.* Que se configurava como característica forte da vivência de seu método, em particular da sua última fase.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da Fenomenologia, do Existencialismo, da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com a constituição e desenvolvimento destes.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso *strip tease fenomenativo existencial* da teoria, da prática teorizante e conceitual -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais ***empírico*** *e* ***experimental*** (num sentido fenomenológico e existencial) no que podemos entender como o provimento *empírico e experimental*, por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de *condições hermenêuticas experimentais*, *fenomenológico existenciais,* para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente *interpretar* – num sentido fenomenológico existencial, especificamente --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações,

e resoluções.

Como observamos, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencial, experimentalmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico existencial, e experimentalmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua experimentação, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático e pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, fenomenológico existencial poiético, hermenêutico.

A importância das elaborações de Rogers se dão, principalmente e em especial, não ao nível de sua teorização, mas, como seria de se esperar em uma abordagem *empírica* (não teorética), fenomenológico existencial. Ao nível de sua resoluta experimentação fenomenológico existencial de concepções e condições de método.

Assim, não se pode apreender o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da *tradição de Brentano*, é no desenvolvimento de sua de sua metodologia que reside a sua especificidade, e a sua riqueza.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi, progressivamente, assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento formulação da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers, neste sentido.

Cremos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de *condições hermenêuticas* para o processo *hermenêutico* da *interpretação fenomenológico existencial*,

*empírica* e *experimental*, por parte do cliente. *Interpretação* da força -- da *posse* -- do *possível*, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls – este com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos --, fortemente bafejados, neste sentido, por Buber, e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das concepções e métodos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais, que emergem e florescem em nossos dias, pejadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que, freqüentemente, ela não é notada, ou considerada, ou é meramente incompreendida. Há quem queira diminuí-los... Mas olhando bem, não é pouco, em especial em termos qualitativos, o que eles conseguiram...

Por outro lado, não é raro que se fale de um modo retórico em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, já que ela está em moda, e pode até ser chique, sem nenhuma referência a concepção ou método específicos, e sem referência , ou até negando-se, as importantes e qualitativas contribuições de Rogers e de Perls neste sentido específico. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com a perspectiva de um empirismo aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia.

---

## 3.
## Carl Rogers, o patético.

**Empatético, peripatético.**

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético.* Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos.* Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência.*

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência.* Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de*

*consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*. Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética. Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia.* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética.* Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser

---

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos.* Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos,* do *páthico.* Que na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos.* A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando.* Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática.* A mente reflexiva cede

lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos, a vivência páhtica*, enquanto método de filosofação.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de filosofação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-**peri-**mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos.* E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a ***peri** path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-***peri***-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de

sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia – em-pathia*. E que *Empatia*, especificamente, significa "dentro do pathos".

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de

uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem prática, na verdade uma *poiética.*

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência.* De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética.*

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáhtica.* Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos.* Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético,* é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético,*

*Empatético* e *peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre "o que é que esta pessoa pode?" "O que é que pode este grupo?" "O que podem os seus participantes?" "O que posso eu..."

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que *o possível* -- que nossa atualidade existencial

reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da "confraria" dos *patéticos*, *empatéticos, peripatéticos...*

---

**4.**
**Nem *Teorético*, nem *Prático*.**
**Muito menos *Pragmático***
**O Paradigma Rogeriano.**
**Fenomenológico Existencial: *Poiético*.**

Uma das características mais marcantes e específicas do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, é a de que ele não é da esfera do *prático*, ele não é uma *prática*.

A característica do modo vivencial, fenomenológico existencial, que o paradigma rogeriano preconiza, como modo privilegiado de vivência -- para o cliente, e para o desempenho metodológico do terapeuta, ou psicólogo – se descompromete com, e não privilegia, as características fundamentais do *prático* e da *prática*.Tais como a *ação voluntária*, a *utilidade*, a *hegemonia do princípio de sobrevivência* como critério (mas a *superação)*. O vivencial, fenomenológico existencial, dialógico e poiético, é um modo de sermos no qual dão-se, como vivência, a força do

possível, e da possibilitação, de sua atualização.

Diferentemente do prático e da prática, as características peculiares do modo fenomenológico existencial, poiético e dialógico, são a *ação espontânea* (em contraposição com a ação voluntária, própria à prática), a vivência fora do plano da dicotomização sujeito-objeto; e fora do modo de sermos em que vigora a causalidade, em que vigoram os fins e os meios. São características definidoras, ainda, do modo fenomenológico existencial de sermos a *vivência de superação*, característica e intrínseca à atualização de possibilidades (em contraposição ao predomínio do *princípio de sobrevivência*, à *adaptação* e à *conservação*, característicos do *prático* e da *prática*).

Esta característica não prática do paradigma fenomenológico existencial rogeriano talvez seja um pouco mais sutil, e até mais desconhecida. Uma vez que é mais disseminada a compreensão de que a vivência do paradigma rogeriano, não é da esfera do teórico e da teorização.

Automaticamente assume-se, então, freqüentemente, que o paradigma rogeriano seria da esfera da *prática.* Com o risco de confundi-lo, como freqüentemente ocorre, de um modo articulado teoricamente, ou não, como um modelo pragmático.

**A. O paradigma rogeriano,**
**nem teorético, nem prático; nem pragmático.**
**Fenomenológico existencial dialógico e poiético.**

Fenomenológico existencial dialógico, poiético, caracteristicamente, o paradigma rogeriano, assim, *não é teorético*, e *teorizante* em sua vivência. A Fenomenologia e o Existencialismo privilegiam um modo de vivência, um modo de "consciência", que não é teórico, que se caracteriza como "consciência" pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. É especificamente isto que define o *empirismo* da Fenomenologia, e do existencialismo, da filosofia da vida. O fato de se caracterizarem como abordagens da realidade na própria

vivência fenomenal, pré-reflexiva, pré teórica. E não através da mediação do teórico, da teoria e do conceitual. Enquanto não teorizantes, não conceituais, as abordagens fenomenológico existenciais serão sempre, como tais, *empiristas.*

Vale observar, como observamos, que este *empirismo* é, especificamente, ***um empirismo fenomenológico existencial***, e não o empirismo objetivista, do objetivismo e do pragmatismo.

Vivencial, portanto, o paradigma rogeriano não é, na sua vivência, um paradigma de privilégio da experiência abstrativa, não é um paradigma de privilégio da abstração, de privilégio da reflexão, da teorização.

Não teorético, assim, o paradigma fenomenológico existencial rogeriano é facilmente concebido, de modo algo automático, como sendo então da ordem *da prática*, da ordem de um modo *prático* de sermos.

É fundamental para a compreensão do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, compreendermos que, da mesma forma que a sua vivência não é da ordem da teorização, ela não é, igualmente, da ordem da *prática.* Não é da ordem do *prático*, não é da ordem de uma prática.

O que pode parecer desconcertante, num primeiro momento. Mas, nada mais natural, e específico ao paradigma fenomenológico existencial, ao paradigma rogeriano.

Certamente que esta característica não estava muito clara nas primeiras fases do modelo rogeriano, nem na sua teorização. Mas era muito clara nas fases finais, sendo uma característica fundamental do modelo de trabalho com grupos ou do modelo na relação diádica da última fase de Rogers e companheiros.

É fundamental assim observarmos que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, e de uma concepção e metodologia para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não era da *esfera do teórico* -- já que, como vimos, o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de sermos --, do

ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão de sua concepção e método não era a questão de uma *prática. Ou seja, não era da esfera do modo prático de sermos.*

E isto era e é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do *teórico*, nem da ordem do *prático*, da ordem de uma *prática.*

São, mais especificamente, da ordem do *poiético.* Não *teorético*, não *prático*, em sua vivência, o paradigma rogeriano é eminente e especificamente *poiético.*

O modo de sermos alternativo a uma *teorética* não é, necessária e simplesmente, o modo prático de sermos, a *prática.* Podemos ser, também, e de um modo ontologicamente mais fundamental, de modo fenomenológico existencial *poiético. O* modo de fenomenológico existencial de sermos, no qual, em especial e especificamente, vivenciamos, agenciamos, potencializamos, e consumamos possibilidades.

Intuitivamente, isto estava muito claro para Rogers e seus colaboradores, ainda que não tivessem articulado isto teórica e filosoficamente.

Assim, se, por um lado, a vivência do paradigma rogeriano, seja em grupo ou na relação diádica, não era, e não é, uma vivência de teorização, uma experiência abstrativa (que abstrai o corpo, o vivido, os sentidos); se não era, e não é, assim, uma experiência teorizante, reflexiva, igualmente, não é uma experiência orientada para a *prática*, uma experiência de natureza *prática.* Que, igualmente, se distingue essencial e radicalmente do paradigma *fenomenológico existencial poiético*.

O paradigma rogeriano não é prático, sua vivência não é da ordem da *prática*... Diferente do modo de sermos abstrativo, teorizante, reflexivo; e diferente do modo prático de sermos, a vivência do paradigma rogeriano é, assim, da ordem do fenomenológico existencial poiético: o modo de sermos vivencial (*estético)* no qual propriamente agenciamos, potencializamos, atualizamos e consumamos possibilidades.

Assim é que o modo de vivência, caracteristicamente privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da *prática.* Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Coube a Carl Rogers, em particular na última fase de sua obra, a partir de 1974, a radicalização de um paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia. Tendo, em particular, o campo experimental de vivência do modelo fenomenológico existencial de concepção e de facilitação de grupos.

Ainda que explícito (Rogers, Psicoterapia e Relações Humanas), Carl Rogers não fazia grandes definições teóricas, epistemológicas, ou ontológicas, com relação à natureza fenomenológico existencial de sua abordagem.

Isto decorria certamente da postura tradicionalmente *empirista* que ele compartilhava com o meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas. A questão qualitativamente crítica, não obstante, é a de que, com a Fenomenologia da tradição de Brentano, à qual ele aderiu, o próprio estatuto do *empirismo* se transforma. O *empirismo* que Rogers praticava, especificamente, o empirismo fenomenológico existencial. Enquanto que o *empirismo* que vigorava na cultura norte americana era um empirismo *objetivista.*

O empirismo é, em essência, uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação da teoria. Radicalmente empirista, nesse sentido, segundo a definição de Brentano, a Fenomenologia se distingue, radicalmente, do empirismo objetivista, comum ao meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas, de que Rogers compartilhava. O *empirismo* fenomenológico considera e privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos que se configura fora do modo de sermos no qual vigora a estrutura da relação sujeito-objeto. E que, evidentemente, não assume, nem poderia uma atitude de privilegiamento do objeto.

Rogers e colaboradores profundamente entenderam e praticaram os diferenciais do *empirismo* especificamente *fenomenológico*. Ainda que não o tenham especificamente tematizado teoricamente, era evidente a sua adesão a este. A falta de clareza com relação aos dois tipos de empirismo foi, e é, motivo de vários tipos de confusão.

Decididamente, não obstante, não era um empirismo de tipo objetivista o que praticavam Rogers e colaboradores.

Daí ser de grande interesse elucidarmos as características fundamentais do paradigma fenomenológico existencial, em sua vivência empírica, para compreendermos, vivenciarmos e desdobrarmos o paradigma rogeriano em psicologia e psicoterapia. Em, particular, no que concerne a sua característica fenomenológico existencial poiética. Característica que aparece plenamente no último período da obra de Rogers, em especial na concepção, vivência e metodologia do trabalho com grupos. Na verdade, aparece em toda a concepção e metodologia da abordagem rogeriana, na medida em que o modelo de trabalho com grupos exerce uma influência qualitativamente decisiva nas reformulações concepção e metodologia do trabalho ao nível das relações diádicas, a ponto de John Wood observar que só existia trabalho com grupos na abordagem rogeriana, sendo, especificamente,.o trabalho diádico um "grupo de duas pessoas".

Coerentemente, Carl Rogers adentrou, fenomenológico, existencial experimentalmente, a esfera do *poiético*, como modo privilegiado de vivência e como logos metódico de sua abordagem.

A característica *poiética* do modo fenomenológico existencial de sermos caracteriza-o como um modo natural e particular de sermos no qual, como vivência fenomenal, se dá a *possibilidade*, e o seu desdobramento, a sua atualização.

Peculiarmente, dentre outras características, o modo fenomenológico existencial *poiético* de sermos, que permite a vivência do possível e de sua atualização, dá-se na esfera da *ação espontânea*; e não na esfera da ação voluntária, deliberada, intencional, que caracteriza o prático.

Ou seja, a ação, ao nível do poiético, da vivência da tensão projetativa do possível, e da sua possibilitação, de sua ato-ação, é, especificamente, espontânea, desproposital.

Por outro lado, apesar de ser, assim, o domínio por excelência da vivência do possível, e de sua atualização, a própria vivência *poiética* não é da ordem dos úteis e da utilidade. De modo que, ainda que todos os úteis e suas utilidades sejam produzidos poiéticamente, na vivência poiética, em si, não vigora a utilidade e a utilização, e o valor delas; que são, caracteristicamente da ordem da *prática.*

Esta distinção entre *teórico, prático e poiético* já está presente em Aristóteles, em sua distinção das três áreas de ciência.

O termo *poiese* consagrou-se na Fisiologia e na Medicina, e na Ontologia, quando falamos, por exemplo, em Fisiologia, da *hematopoiese*, designando o processo através do qual, nas células da medula dos ossos largos do corpo, as células do sangue são geradas, criadas, produzidas. *Poiese* tem, assim, este sentido, de geração, de engendramento, de produção.

Em Ontologia podemos falar de *ontopoiese*. Como o processo no qual, através do desdobramento vivencial do possível, engendramos o próprio ser-no-mundo. O *poiético* refere-se assim a este modo vivencial de sermos no qual o possível é possível, e se atualiza, no engendramento de nosso ser-no-mundo, que é criação e recriação, e resolução existenciais.

Carl Rogers concentrou-se, progressivamente, na definição, e na criação, das condições para a vivência fenomenológico existencial poiética, no encontro diádico e no encontro grupal.

No desenvolvimento experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, estas características vão sendo progressivamente radicalizadas, até a constituição, em seu paradigma metodológico, de um privilégio soberano da vivência inter humana fenomenológico existencial espontânea e -- fenomenológico existencial -- experimental, poiética, como elemento central. Ao mesmo tempo em que ele experimenta e busca definir as condições metodológicas de propiciamento

desta vivência no âmbito do processo grupal.

Como Vera Cury apontou, as aprendizagens com a experimentação no desenvolvimento do paradigma de trabalho grupal vai ter uma marcante influência na reelaboração do modelo de trabalho inter individual.

É importante observar que estas características do paradigma rogeriano não negam a existência e a importância da própria da esfera da prática e do prático, em sua dimensão própria. A importância do modo prático de ser. Apenas não generalizam nem supervalorizam o valor do prático na condição do humano. Não o elegem a condição de critério. Entendem o modo fenomenológico existencial humano como nosso modo especificamente ontológico de sermos, o modo especificamente existencial, no qual se dão a existência e o processo de sua resolução; o possível, a possibilidade, e a sua atualização.

Mais que isto, o paradigma fenomenológico existencial assume a perspectiva de que, ainda que não sendo da ordem da prática, é ao nível de sua vivência fenomenológico existencial poiética, dialógica, que constituímos a nós mesmos, e ao mundo que nos diz respeito, aos úteis e a suas utilidades, como atualização de possibilidades, como resolução existencial. Ou seja a esfera da prática, de sua vitalização e revitalização, de sua criação e recriação, depende fundamentalmente da criatividade vivencial do fenomenológico existencial poiético.

De modo que podemos pensar numa eficácia criativa, numa *pragmática*, deste modo não pragmático e fenomenológico existencial poiético de sermos.

**B. Do Pradigma Teorético**

*Era eu o poeta estimulado pela filosofia,*
*não o filósofo interessado pela poesia.*
**F. Pessoa.**

É muito importante atentar para o fato de que não se trata, no paradigma dialógico, fenomenológico existencial poiético, empiricamente fenomenal, de um desapreço pela teoria, pela teorização, e pelo modo teorizante e teorético de ser.

Empirista, significa que o modo de ser privilegiado pelo paradigma fenomenológico existencial será sempre não teorizante em sua vivência.

Mas, ainda que o momento de sua vivência seja, especificamente, assim, não teorizante, e privilegiativo do modo de sermos da vivência pré reflexiva, pré-teorizante, pré-conceitual, a perspectiva fenomenológico existencial não desqualifica a importância do teórico e da teorização, em seu momento próprio.

Apenas busca colocar as coisas em seus devidos lugares: a vivência fenomenal é ontologicamente prioritária, na medida em que especificamente onto***lógica***. Ou seja, o nosso modo próprio de ser em que se constitui o *logos*, o sentido, a emergência fenomenal do sentido, que caracteriza o humano, como vivência do possível e vivência de sua atualização. Modo poiético sermos de geração de nosso ser-no-mundo.

O *teórico* tem a sua diferença e importância próprias, na perspectiva do paradigma fenomenológico -- ainda que este seja especificamente empirista, não teorizante, em sua vivência. Mas o momento da teoria e da teorização, anteriormente ou posteriormente ao momento da vivência fenomenal, tem uma importância própria, e valorizada em suas características e poderes próprios. O fenomenologista valoriza a boa teoria e a boa teorização, e está motivado para estudar toda a teoria efetivamente interessante sobre seus objetos de interesse. Ciente sempre de que o momento hierarquicamente superior é o momento não teorizante, empírico, da vivência fenomenal, dialógica e poiética.

Assim é que o *empirismo* fenomenológico convive de um modo produtivo, sinérgico, com a teoria e com a teorização interessantes.

Isto é diferente da postura anti-teórica, e anti-teorizante,

do empirismo *objetivista*, radicalmente avesso à teoria e a teorização.

Cabe, portanto, uma atenção cuidadosa na distinção, neste sentido, e no sentido de suas peculiaridades e diferenças, entre o ***empirismo fenomenológico*** (que se situa e privilegia um modo de vivência que está fora do modo de ser da relação sujeito objeto; e, muito mais, fora de um modo de ser que, no âmbito da relação sujeito objeto, privilegia o pólo objeto desta relação), e o ***empirismo objetivista.*** Empirismo objetivista que não só privilegia o modo de sermos da relação sujeito-objeto, como privilegia o pólo objeto desta relação, e a sua descrição, supostamente objetiva. Ao tempo em que rejeita e afasta-se. de qualquer forma de teoria ou de teorização.

O que não podemos prescindir, é de que, fenomenológico existencial empirista, ainda que conviva com o interesse da teoria e da teorização, fora de seus momentos específicos, o momento da vivência fenomenológico existencial não é teorizante. Sua característica é a de privilegiar no momento de sua vivência o modo de sermos da "consciência" não teorizante, não reflexiva, não conceitual, pré-conceitual, pré-reflexiva, pré-teorizante.

O modo *teorético* de sermos caracteriza-se pela representação, ou seja a *re-apresentação*, de algo que se *apresenta* enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e especificamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial *teoria* significa *visão de um espetáculo6[1].*

Desta forma, a teoria e a teorização constituem-se, especificamente, como afastamento do modo de ser da vivência, e articula relações explicativas de natureza objetiva.

Alguns elementos, assim, caracterizam o modo teorético

6[1] LALANDE, André **Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

de sermos. Dentre eles:

1. O fato de que, especificamente, o modo teorizante de sermos se configura como um afastamento para com o modo de ser *encarnado* do vivido fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

   O modo teorético de sermos é um modo de ser abstrativo, contemplativo. No qual o vivido, o corpo e os sentidos, ou seja, o especificamente fenomenológico e existencial – e, vale dizer, o especificamente poiético --, estão especificamente abstraídos, em privilégio do *abstrato* do conceito, e do teórico.

   Desnecessário mencionar que o modo de ser fenomenológico existencial é especificamente *encarnado*, pontual e momentaneamente vivido, na vivência imediata de corpo e sentidos. Intuitivo, no sentido fenomenológico existencial, não comporta, na pontualidade de sua vivência, própria a abstração, a mediação conceitual.

2. Uma distinção essencial e definidora é a de que o modo teorético de sermos funda-se na ***explicação***.

   O vivido fenomenológico existencial configura-se como, e especificamente é, ***compreensão***.

   O vivido fenomenológico existencial constitui-se, em especial, como vivência compreensiva, e desdobramento de possibilidade. Desdobramento este que se constitui como a *interpretação*, *interpretação* num sentido especificamente fenomenológico existencial. O que o constitui como um modo *poiético* de sermos.

3. O modo teorético de sermos vigora como articulação de *relações explicativas de causa e efeito*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial, além de dar-se, primária e originariamente, como vivência *compreensiva*, dá-se como vivência pré-compreensiva de possibilidade, como desdobramento, compreensão e consumação de possibilidade. Processo do qual se exclui não só o modo de ser da explicação, como a articulação explicativa de causas e

efeitos.

4. O modo de ser teorético se constitui na experienciação da dicotomização *sujeito-objeto*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial dialógico e poiético, ser-no-mundo, não comporta esta dicotomização sujeito-objeto, ainda que se constitua, na sua momentaneidade, na tensão do âmbito dialógico da relação eu-tu. (BUBER,)

## C. O prático e o pragmático;

A partir desta constatação de que o modelo fenomenológico existencial rogeriano não é da ordem da prática, da mesma forma que não é da ordem do teorético, é interessante observar e compreender algumas características que constituem o paradigma da prática, o prático. Compreender as características fundamentais do paradigma teorético. E as características, e diferenciais, com relação a estes dois, do paradigma fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

Algumas características sobressaem no paradigma prático:

1. O valor prioritário do útil e da utilidade;

2. O valor da utilidade, segundo o princípio de sobrevivência;

3. O *prático,* a prática, tem com referência o valor da utilidade em termos de adaptação e do princípio de sobrevivência;

4. A prática caracteriza-se pela ação voluntária deliberada.

5. A prática se dá no âmbito do modo de sermos da

relação sujeito-objeto.

6. A prática se dá no âmbito do modo de sermos das relações de causa e efeito.

A *prática* exige o *caráter voluntário* e *deliberado* da "ação". E o critério de sua avaliação é o da utilidade. Em particular, da utilidade para a adaptação e para a sobrevivência. Uma característica fundamental do paradigma fenomenológico existencial rogeriano é a da entrega à espontaneidade, a entrega à *ação espontânea* do vivido; ou seja, a entrega à espontaneidade generativa (poiética) do vivido, com sua característica espontaneidade despropositAl de vivência do desdobramento da força do possível, e da performação de sua atualização. De modo que no modo privilegiado por sua vivência, o que vigora é o modo de ser da ação espontânea, e não o modo de ser da ação voluntária e intencional.

Na vivência existencial, não vigoram a utilidade e a utilização, características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consuma-se na *superação*, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

As características do vivencial fenomenológico existencial, privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se enquadram portanto no âmbito do *prático,* e da *prática.* Mas, especificamente, no âmbito do *poiético.*

O *prático7[2]* tem sempre o sentido de *uma atividade voluntária que modifica o ambiente*, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo *prático* de ser vigoram os *úteis* e as *utilidades;* e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

7[2] op. cit.

## D. O fenomenológico existencial poiético.

Sumariando características do nosso modo fenomenológico existencial poiético e dialógico de sermos, cabe dizer, em primeiro lugar, que é ***este*** o nosso modo onto-lógico de sermos, para uma perspectiva fenomenológico existencial.

Em essência (que é existência), somos *sentido* (logos), e ação. Ontologicamente somos *logos* (sentido); ontologicamente somos onto-*lógicos*. Sentido e ação, como atualização sentida, que se dá na vivência do possível, que é própria ao modo fenomenológico existencial dialógico e poiético de sermos.

O sentido, o logos, que continuamente nos constitui, se nos dá como pré-compreensão da força de possibilidade, como compreensão, e desdobramento desta força (interpretação fenomenológico existencial) em criação; ação propriamente dita.

Este modo de sermos é um modo que, ainda que comporte a dualização eu-tu, não comporta a dicotomização sujeito- objeto, própria de nosso modo acontecido, realizado, ôntico, de sermos (Buber,).

Neste modo de sermos, a causalidade não vigora. Ele é imediatamente vivido e vivência. Presença que se desdobra, diria Buber.

Imediato, não comporta a mediação dos meios e dos fins. Seja dos meios e dos fins teóricos, seja a dos meios e dos fins práticos. Ao mesmo tempo, que nada tem do automatismo comportamental.

O modo fenomenológico existencial, enquanto modo de incontornável atualização de possibilidade, é especificamente o modo de dar-se da ação. Mas em seu âmbito, a ação como atualização de força de possibilidade, em sua incerteza, tentatividade, e riscos próprios (experimentação), não é, especificamente, a ação voluntária, deliberada e intencional, característica da prática. A ação, no âmbito da vivência fenomenológico existencial, é, especifica e propriamente, a ação *espontânea* e *experimental* (no sentido fenomenológico existencial). Ou seja a ação propriamente despropositada, tendencialmente desmotivada, ainda que intensamente estésica e estética, .atualizante de possibilidades, criativa.

A ação assim vivida é eminentemente *inconveniente*. Ou

seja, no sentido de que não tem "convênio", não tem contrato, com o real, com a realidade e com acontecido. Ela não serve à adaptação, à conservação, à sobrevivência, uma vez que, em sua *inconveniência*, ela é a própria força da superação e de reordenamento.

Assim, enquanto a prática, por exemplo, está fortemente fundada na utilidade, pautada pelo valor desta para a adaptação e sobrevivência, o fenomenológico existencial poiético atualiza sempre a superação daquilo que a prática busca conservar.

## E. Conclusão.

Caracteristicamente, pois, o paradigma rogeriano não se define na esfera teórica, nem na esfera da prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; de um empreendimento em que o teórico e a teorização sejam relevantes. Da mesma forma, não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano em sua vivência não guarda o caráter de valorização do modo de sermos que permite útil e da utilidade, ou o caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência.

O modo de vivência fenomenal que lhe é próprio, não se dá no eixo da relação de causa e efeito, nem no âmbito da realidade da dicotomia sujeito-objeto.

O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de sermos da vivência do possível, e de sua possibilitação, como superação. Que não é da esfera do modo de sermos que é caracteristicamente da ordem da prática.

A vivência fenomenológico existencial não é da ordem das relações sujeito-objeto, ou da ordem das relações de causa e efeito; não é da ordem do útil e da utilidade, e, ainda que de âmbito eminentemente ativo, a ação em seu âmbito é da ordem da ação espontânea, caracteristicamente despropositada.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, assim, não na *contemplação* do espetáculo do possível acontecido, objetificado na abstração da vivência física de sua atualização. Nem num esforço e desempenho práticos.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica (dicotomia sujeito-objeto) e integrada; vivência que não se situa no âmbito da causalidade das causas e dos efeitos, dos fins e dos meios (Buber); vivência que se centra na performação, do possível e de sua possibilitação, em per-feito; de sua atualização -- como atualização meramente *compreensiva*, ou como atualização *objetivativa*.

É a vivência *empática, (em)patética,* da *ação* -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático. Especificamente vivencial, e poiética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos, não obstante, que este paradigma não tem uma eficácia específica. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica, mais radical, e abrangente, do que a eficácia do teórico, do que a eficácia do prático, e do que a eficácia do comportamental, ao nível do existencial. Ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramentos *poiéticos*, como vividas atualizações despropositativas de possibilidades. Diferente-mente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da "ação" voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

O âmbito do vivencial é, especificamente, o âmbito propriamente da *ação*. Ação que engendra o possível, o novo, e cria. Diferentemente da teorização, da prática, ou do comportamental.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial -– em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e em termos de uma concepção pobremente fenomenológica de c*ompreensão* -–, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido de uma metodologia empírica e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia.

E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls,

ninguém foi fenomenológico existencial experimentalmente tão longe, quantitativa e qualitativamente, quanto Rogers, neste sentido.

---

## 5.
## A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial

Acredito que para entendermos e adequadamente avaliarmos o caráter e a contribuição fenomenológico existencial do paradigma de Carl Rogers, precisamos de um esboço, mesmo que tentativo, naturalmente, de características definidoras de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia.

É interessante observar que, nem Husserl, nem Heidegger, nem a fenomenologia da Psicologia da Gestalt (ainda que esta tenha uma contribuição importante, através das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein), é em **Franz Brentano** que vamos encontrar as raízes seminais da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, tais como elas aparecem em Rogers (e em Perls). O Brentano em cujas concepções e métodos, inclusive, vamos encontrar raízes seminais das concepções das fenomenologias de Husserl, de Heidegger, da fenomenologia da Psicologia da Gestalt, das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein.

Em particular, e muito especialmente, no seu *empirismo especificamente fenomenológico*, e no seu *método aporético*, na sua *apor-ética*, (derivados estes de Aristóteles).

Naturalmente, não podemos esquecer, igualmente, as importantes raízes da *PPFE* (*psicologia e psicoterapias fenomenológico existencial*) na *tradição hermenêutica compreensiva* da *filosofia da vida* de Dilthey. E, daí, o seu prolongamento na

*hermenêutica existencial* de Heidegger; que, ainda que não tenha sido uma influência direta sobre Rogers ou Perls (indireta, sim, via Medard Boss e Ludwig Binswanger), ajuda substancialmente a esclarecer o caráter *interpretativo -- hermenêutico*, no sentido *compreensivo*, fenomenológico existencial, e *poiético* -- da concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Não podemos esquecer, naturalmente, a influência de F. Nietzsche como uma raiz seminal. A influência monumental de sua obra sobre o pensamento ocidental, e, em particular, sobre a intelectualidade e o meio artístico e intelectual alemão e europeu, desde os anos do Século XX anteriores à segunda guerra mundial, e que é o caldo de cultura no qual vicejam o a fenomenologia, o existencialismo, e a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Em especial, a sua influência na constituição do movimento artístico e cultural do *Expressionismo*, que tanto determinou e influenciou o desenvolvimento da concepção e método da *PPFE* (psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais).

Nietzsche também chega, de um modo seminal, a estas abordagens, dentre outras influências, através das idéias psicoterapêuticas de Otto Rank, e das concepções filosóficas fenomenológico existenciais (...) de Martin Buber. Nietzsche exerceu marcante influência no desenvolvimento das idéias de ambos.

Nietzsche contribui, decisivamente, com o seu explícito e enfático apartamento do *pessimismo* que marca a filosofia de Schopenhauer (pessimismo que marcará seminalmente a concepção da Psicanálise). E, através de sua compreensão de que a ***alegria trágica*** é a força maior da existência.

Especialmente, Nietzsche contribuirá com a sua radical postura de afirmação da vida. Com a sua reafirmação do *sentido do trágico* (*a vida merece ser radicalmente afirmada, mesmo quando ela é finitude, e mesmo quando ela é sofrimento...*), condição de potencialização do *retorno da vida*, condição da alegria, *sentido do trágico* recuperado aos gregos pré-socráticos.

Igualmente, Nietzsche contribuirá com o *perspectivismo experimental* de sua concepção do mundo, da verdade, da

existência. Com a sua particular concepção de *experimentação* (radicalmente diferente da concepção científica de *experimentação*), num sentido especificamente fenomenológico existencial, e que caracteriza a sua *Gaya Scienza*, e que decisivamente marcará as concepções rogerianas (e de Perls).

As idéias, concepções e posturas de Buber, elas próprias, tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da concepção e método das *PPFE.* Tiveram uma grande influência sobre as concepções e método de Rogers, e de Perls. Em particular o esclarecimento de Buber acerca da dimensão ontológica do eu-tu, e de sua relevância para a geração e regeneração da existência humana; na reversão do decurso das coisas, do decurso do mundo e da vida coisificados, da fatalidade, e processo substrato da criatividade.

Podemos, assim, sumariar, tentativa e sucintamente (comentamos em seguida), alguns traços distintivos, e fundamentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, extensi-vamente experimentados por Carl Rogers (e por Perls), na vivência e elaboração de suas concepções e métodos.

Comentamos a seguir alguns desses aspectos, em termos de:

1. Ontologia;
2. Epistemologia;
3. Concepção da existência;
4. Concepção da abordagem;
5. Metodologia

**a. Ontologia**

Não pretendo aqui discorrer filosoficamente sobre Ontologias, ou ser exaustivo acerca da questão ontológica das *PPFE* (ainda que esta seja muito importante). Mesmo porque

isto estaria fora de minhas condições. O que quero, antes, é apontar distinções fundamentais, e direções.

O que sobressai, num primeiro momento, é, seguindo a Nietzsche e a Brentano, uma ruptura e diferenciação radicais com relação à perspectiva platônica de cisão do mundo em um "mundo das essências" e um "mundo sensível". O mundo das essências privativo dos desuses e das essências; o mundo sensível, simulacro do mundo das essências em todos os seus aspectos, repetição piorada, pertinente à sensibilidade humana.

---

Para Nietzsche e para Brentano, a cisão não faz sentido. O mundo se dá exclusivamente na sensibilidade, como fenômeno, como vivência.

Esta perspectiva é uma base radical da Fenomenologia da tradição de Brentano, de Nietzsche, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Dada esta perspectiva ontológica da realidade, constituída sempre e exclusivamente como fenômeno -- perspectiva própria à Fenomenologia da tradição de Brentano, e à *filosofia da vida* de Nietzsche --, não podemos nos enganar com o existência dos termos "fenômeno", e "fenomenologia" na terminologia das filosofias de Kant, de Hegel e de Schopenhauer.

Parafraseando Deleuze, não existe compromisso possível entre, de um lado, a Fenomenologia da tradição de Brentano e a filosofia da vida de Nietzsche, e, do outro, as filosofias de Kant, Hegel e Schopenhauer.

Pelo menos no que concerne à perspectiva ontológica básica do mundo como cindido em duas dimensões. Um "mundo fenomenal", da ordem da consciência e do sensível, e um "mundo essencial". Este designado por Kant como "numeno", "mundo em si", "coisa em si"; designado por Hegel de "espírito universal"; ou de "vontade" por Schopenhauer. Em contraposição sempre a uma dimensão fenomenal, consciente, e

inacessível ao mundo essencial.

A Fenomenologia, tal como a designamos modernamente, e tal como ela se constitui como raiz das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, é a Fenomenologia da tradição de Brentano. Que rompendo com a perspectiva desta cisão do mundo em duas dimensões, dá origem às fenomenologias de Husserl, de Heidegger, de Sartre, de M. Ponty, a fenomenologia da psicologia da Gestalt, e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Esta precisão é muito importante. Na medida em que as filosofias de Schopenhauer, de Kant e de Hegel têm uma influência básica na constituição de um outro paradigma de psicologia e de psicoterapia, o paradigma psicanalítico, radicalmente diverso, neste sentido, do paradigma fenomenológico existencial.

## b. Epistemologia

Ao nível de sua vivência, o paradigma fenomenológico existencial não é um paradigma epistemológico, ou seja, um paradigma que privilegie o conhecimento, no sentido da epistemologia formal.

Não que despreze o conhecimento epistemológico, mas a sua vivência característica é mais de natureza de um *desconhecimento*, de uma embriagues; do que da ordem do conhecimento formal, da ordem da lucidez. Como dizia uma colega de Teresina, mais da ordem de uma tomada de inconsciência, do que da ordem da tomada de consciência.

No vivido fenomenológico existencial toleramos, e cúmplice e amigavelmente acolhemos, o confusional organísmico, no qual a consciência lúcida se dissolve. Relativizamos o conhecimento e a consciência lúcidos. Em privilégio da originalidade da vivência fenomenal, pré-

conceitual, dionisíaca, em suas intensidades corpoativas.

Naturalmente que a predominância de cada um dos modos de ser é tendencial. Hora predominando a consciência lúcida, ora a consciência embriagada da vivência corpoativa. Em proporções diversas de mistura a cada momento.

O importante é que, tendencialmente, não predomina, na vivência, o conhecimento lúcido, o conhecimento abstrato, conceitual, teórico, teor-ético e teorizante. De modo que a vivência não se interessa pelo conhecimento, mas mais por este desconhecimento corpoativo, que, ainda que conhecimento, é índice de sua reversão em direção ao organísmico, ao desconhecer mental e mentalizante.

Uma outra questão é a de que o existencial, o fenomenológico existencial, não se dá na dimensão das relações sujeito-objeto. Perspectiva fundamental ao empreendimento epistemológico, como ato de conhecer de um sujeito.

Como se constitui, então, a epistemologia, a filosofia do conhecimento, deste modo de desconhecer, deste modo de ser que é *um drible de corpo* na consciência, e na vontade de saber, é uma questão. Que interessa sobretudo aos científicos.

É importante precatarmo-nos de que, na vivência fenomenal, não estamos na ordem da ciência, mas na ordem da hermenêutica. Base sobre a qual uma ciência pode se assentar, e que, como tal, subordina o empreendimento científico.

A vivência das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não é científica. As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não são científicas, não são da ordem da ciência.

E, se não o são, não é por serem menos – nem mais. Mas apenas em função do fato de que a existência, o existencial e sua resolução, não são da ordem do científico e do epistemológico. *A existência só se resolve existencialmente* (M. Heidegger). E a psicologia e a psicoterapia laboram, em essência, ao nível do existencial. Que não é acessível ao científico, nem ao tecnológico.

Uma ciência humana de uma humanidade não científica?

É um desafio para quem se interessa.

Uma arte da ato-ação no âmbito do inter humano? É possível, e interessante. Por isso uma abordagem fenomenológico existencial vincula-se mais à perspectiva da arte do que à epistemologia da vontade de saber da ciência.

Apesar de não teórica a vivência, a teoria sobre ela é sempre possível, e sempre decorrente. Em particular, como teoria hermenêutica, e não exatamente como teoria científica, e epistemológica.

## c. Expressionismo

O *Expressionismo* foi profundamente influenciado pela *filosofia da vida* de Nietzsche, e desenvolve-se no rico "caldo" de cultura que dá origem à Fenomenologia e ao Existencialismo, e às *PPFE*.

O *Humanismo*, de filósofos do Século XIX, como Kierkegaard, Nietzsche, Brentano, que, para além de Hegel, buscavam resgatar a perspectiva da experiência humana como referência – resgatando as perspectivas de filosofias do Renascimento, e de filósofos gregos --, teve, igualmente uma influência fundamental.

Subjaz ao *Expressionismo* a consciência de que o humano não é da restrição à ordem do real. Como Heidegger viria a colocar, posteriormente, em sua fenomenologia existencial: *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*

Os expressionistas, nas difíceis condições que determinaram a emergência de seu estilo, intuíam isto, de um modo forte. E entendiam que não é no modo da apolínea consciência lúcida, não é o modo da consciência teórica, da consciência reflexiva e conceitual, que nos permitimos a experiência fenomenal do vivido, a experiência da potência do possível, da possibilidade, e de seu desdobramento expressivo,

ontologicamente definidor do humano.

O potente, possível e o seu desdobramento e atualização, ato-ação, ação, vivencia-se, apenas, experiencialmente, fenomenológico existencial-mente, vivencialmente.

E a primeira condição para permitirmo-nos a sua vivência, e a vivência fenomenal de seus desdobramentos, é o destronamento da hegemonia da realidade.

A realidade, como objetividade, o acontecido, a possibilidade realizada, e, por isso, despossibilitada, despossuída, coisificada.

A potência do possível, da possibilidade, impregna a vivência fenomenológico existencial.

A potente possibilidade não é da ordem do real. Meramente porque o *possível* não é *real*, não tem o estatuto da realidade, realizada. Condição maravilhosamente colocada na frase de uma mulher, personagem de prosa de Fernando Pessoa, sobre o momento de um encontro com duas amigas: *Estávamos* ***cheias de sermos nós****. E isso porque* ***sabíamos, com toda a carne de nossa carne, que não éramos uma realidade****.*

Isto os *Expressionistas sabiam de um modo claro.*

De modo que se propuseram em seu estilo a uma vigorosa relativização do princípio de realidade, do positivismo, e da própria realidade.

Desenvolveram, assim, um estilo *performático fenomenológico existencial*, dramático, de produção artística. No qual o artista concentrava-se na vivência fenomenal intuitiva de sua inspiração, buscando concentrá-la. Como uma mola contraída, prestes a soltar-se em distensão. Ou, como a musculatura contraída de uma pantera, prestes ao bote. Configurando-se *performance* expressiva -- na atividade da produção artística -- como ex-pressão corpoativa imediata desta concentração. Toda ela vivenciada fenomenológico existencialmente, ação, atualização de possibilidade. Insubmissa ao real e à realidade. Ao princípio de realidade, e ao positivismo

do real.

A postura expressionista permitiu a expressividade cultural e artística, em particular em, tempos de terríveis opressões, e exerceu uma poderosa influência não só na arte, como na cultura de um modo geral.

Em especial, exerceu uma poderosa influência nas concepções e metodologias das *PPFE*.

Fritz Perls sofreu uma influência direta, na medida em que vivenciou, desde a adolescência, os experimentos de teatro expressionista de Max Reinhardt, na Alemanha.

A influência das concepções. metodologia e estilo do *Expressionismo* espalhou-se por todo o meio artístico e cultural da Europa e dos EUA, nos vários campos das artes. Aparecendo integrado nas concepções e metodologias das *PPFE* a partir dos anos 50. Na medida que, em particular, a questão destas era a da expressividade, a da vivência do vivido fenomenal, como fonte ontológica do humano, como fonte ontológica de geração e de regeneração, de potencialização, de atualização de possibilidades, e de criatividade existencial.

### d. Existencialismo

Tomamos o termo *Existencialismo* aqui no seu sentido mais genérico, que envolve a filosofia da *existenz*, oriunda nas filosofias de S. Kierkegaard, e de F. Nietzsche, e que originam o existencialismo moderno, enquanto movimento filosófico, artístico e cultural; e a literatura *existencialista*, que aparece em particular em obras como a de Albert Camus, e de J-P Sartre.

É interessante observar que, mesmo ao nível do existencialismo, precisamos distinguir entre as várias raízes, e as particularidades que elas determinam.

Assim, é interessante observar que a perspectiva de raiz do existencialismo nas *PPFE*, tais como elas se apresentam, em seu caráter de hermenêuticas fenomenológico existenciais, nas

abordagens de Rogers, e de Perls, provém de um modo importante da *filosofia da vida* de F. Nietzsche.

Ainda que tenham uma contribuição importante das idéias e posturas de S. Kierkegaard, é a particularidade da *filosofia da vida* de F. Nietzsche que constitui aspectos definidores da especificidade de sua concepção e metodologia.

Interessante, ainda, é notar que, na juventude Nietzsche aproximou-se da filosofia de Schopenhauer. Atraía-o sobretudo a possibilidade de que a filosofia de Schopenhauer resgatasse o *sentido do trágico* dos gregos pré-socráticos.

Nietzsche constatou que, de fato, a filosofia de Schopenhauer nada tinha de trágico, e apenas encharcava-se na perspectiva de uma soturna orgia de pessimismo.

Desde então, Nietzsche afasta-se da filosofia de Schopenhauer, no sentido de constituir a sua filosofia como um resgate da perspectiva trágica dos gregos pré-socráticos. Filosofia radicalmente afirmativa da vida, ainda que com o reconhecimento de que vida, finitude e sofrimento, necessariamente se imbricam. E de que a finitude e o sofrimento não são motivos para difamar e negar a vida.

A afirmação da vida, reconhecendo o caráter intrínseco da finitude e do sofrimento, é o que caracteriza o *sentido do trágico nietzscheano.* A *afirmação trágica da vida*, mesmo quando da finitude e do sofrimento, é condição de criação, e de potencialização da vida. De potencialização das forças de seu retorno – retorno que lhe é característico e intrínseco --, condição de promoção de uma super abundâncias de forças de vida, da criatividade e da alegria.

Em Nietzsche, portanto, *o trágico é alegre; é condição da alegria, e da criatividade...*

De modo que não há como confundir, o existencialismo matizado pelo pessimismo schopenhaueriano, com o existencialismo alegre, trágico e potente radicado na filosofia de Nietzsche. Se não podemos dizer que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia otimista – *pessimismo e otimismo, uma questão de néscios*, dizia ele –, podemos dizer que a postura de afirmação da

vida a ela característica, afirmação da vida mesmo quando do *mais negro sofrimento*, é condição da alegria. De promoção de uma superabundância de forças de vida, da potência do retorno da vida, da criatividade, e da alegria.

De modo que não podemos pressupor uma perspectiva pessimista, de viés schopenhaeriano, no existencialismo -- na verdade de raiz nietzscheana -- que dá origem às *PPFE*. Nem Nietzsche, nem o existencialismo de raiz nietzscheana, nem as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais devem a Shopenhauer neste sentido. Como a Psicanálise, por exemplo.

*Humanistas,* Kierkegaard e Nietzsche compartilham a aversão ao universalismo e ao idealismo da filosofia de Hegel. E, em particular, compartilham a aversão à desqualificação da subjetividade e do indivíduo, que é própria ao hegelianismo. Nietzsche acrescentará a sua aversão à valorização das paixões tristes. Rejeitam, assim o hegelianismo, e buscam constituir as suas filosofias como perspectivas, *humanistas,* que têm como referência a experiência humana, a existência e o existencial.

Kierkegaard postou-se, não obstante, numa perspectiva visceralmente religiosa, constituindo um existencialismo religioso. Podemos dizer que se ele rejeita e livra-se de Hegel, não livrar-se-á de Sócrates e de Platão. Alvos maiores, também, da crítica Nietzscheana. Junto com Hegel, e com o cristianismo. As três mortes do sentido do trágico, segundo ele.

De modo que, sem negar a importância e a contribuição da filosofia de Kierkegaard, parece interessante entender que ela é limitada em termos da constituição do sentido das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Histórica e filosoficamente elas devem, em essência, à filosofia de Nietzsche a inspiração de suas peculiaridades fundamentais. Em especial aos poderes de geração e regeneração da existência, de criação e libertação, de sua perspectiva radical de afirmação da vida. O *sim dionisíaco.*

Neste sentido, da inspiração da concepção e do logos metódico das *PPFE*, é interessante constatar a observação nietzscheana de que *A existência não tem 'dentro'. Todo padrão de*

*interiorização é doença* (oriunda esta da repressão da potência, do possível, possibilidade ex-pressiva, intrínseca ao existencial).

A existência é (como devir) a partir de onde e quando ela assim é como tal. (*Caminho por onde há espaço, meu tempo é quando...* – Vinícius). Sua ventura (de vento) é a vivida ventura soprada perenemente pela potência do possível, dada no vivencial, no fenomenal.

De modo que existencialismo, assim entendido, é a afirmação desta ventura. *Vida à ventura*, aventura. Como ousadia, audácia, de afirmação da potência do possível, dado na vivencia *eksistencial*. É a vida da ousadia e da audácia da aventura. Da experimentação, neste sentido, do *estilo experimental de afirmação de uma vida que experimenta* (Nietzsche).

As psicologia e psicoterapias fenomenológico existenciais partem de uma constatação e reconhecimento desta perspectiva existencial. E buscam compreender, definir e constituir, em suas concepções e metodologia, em seus estilos, condições para este modo de vivência, no contexto do trabalho psicológico e psicoterapêutico. Vivência aventuresca, audaciosa, do estilo experimental de uma vida que experimenta, e cria, e potencializa-se, na interpretação de seus possíveis.

Ação, atualização, condições para a atualização de possibilidades inerentes à vivência. Seja atualização ao nível *meramente compreensivo* da vivência do cliente, seja ao nível *compreensivo-objetivativo* de sua experiência, na dialógica inter-humana da relação com o terapeuta ou psicólogo, e na habitualidade de sua vida. O resgate da habitualidade de um estilo ousado e audacioso, aventuresco, com relação ao vivido, à vivência da potência do possível, e à atualização do possível no vivido existencial entranhado.

Fundamental observar que, não raro, este possível é sofrimento, é finitude. Não há compromisso entre o possível e o agradável, entre o vivido e o sucesso. No meio da noite, Nietzsche, em seu *amor fati*, é o farol: *Eu abençôo todo sofrimento... Nada do que é necessário me ofende... O que não mata, fortalece...*"".

O que Nietzsche indica é que a afirmação integral da vida -- *mesmo a afirmação do mais negro sofrimento* -- se não abole a possibilidade do sofrimento, e da finitude – afinal, eles são intrínseco à existência, *podemos sofrer de uma super abundância de forças de vida, ou de uma falta de forças de vida...* – se a afirmação integral da vida não abole o sofrimento e a finitude, potencializa o retorno das forças da vida, como uma super abundância de forças de vida, como criatividade, e alegria.

## e. Concepção da abordagem

Em linhas gerais, a concepção e o método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais assumem uma perspectiva existencialista, tal como estamos descrevendo. Em particular, elas se esmeram em criar condições para a oportunidade (*kairós)* de uma vivência existencial, no âmbito da sessão e do processo dito psicoterapêutico, do trabalho psicológico ou da vivência grupal.

Estas condições envolvem a situação do terapeuta, do psicólogo, numa mesma postura fenomenológico existencial experimental proposta para o cliente.

Trata-se de condições para que o cliente possa se entregar dialogicamente, e inter humanamente compartilhar, a sua entrega à concrescência de sua atualidade e atualização existenciais. De modo que ele possa vivenciar, na sua intensidade própria, os limites, as *aporias*, desta atualidade. O que envolve a vivência dos sofrimentos e finitudes dela decorrentes, mais ou menos agudos, mais ou menos cronificados, mais ou menos intensos. De modo a que possa secretar vivencialmente, fenomenológico existencialmente, os possíveis inerentes à potência da existência, e à superação, na atualização destes possíveis.

Fenomenológico existencial inter humano, no sentido dialógico que Buber descreve, o desempenho do terapeuta esmera-se, e apura-se, em abrir-se para o encontro, e para o

desdobramento do encontro dialógico, com o cliente. Como co-laborativo, na laboração da vivência e das superações deste. Para isso, o terapeuta busca garantir certas condições de possibilidade deste encontro, e de sua performance fenomenológico existencial dialógica.

## f. Metodologia

Rogers foi um dos principais propositores de uma metodologia para o provimento do estilo de uma vivência experimental para o cliente no processo da terapia.

Desde o ataque guerrilheiro na desconstrução do moralismo em psicologia e psicoterapia, com a sua noção, e a valorização da noção, de *não diretividade*; passando pelas condições de criação de um clima terapêutico para o cliente: a *consideração positiva incondicional,* a *compreensão empática,* e a *genuinidade do terapeuta*. Até o estilo fenomenológico existencial empírico e experimental de facilitação de grupos. Neste ínterim a proposição de uma pedagogia fenomenológico existencial empírica e experimental.

Perls, fortemente bafejado pelo Expressionismo -- em especial pela experimentação teatral expressionista do audacioso e ousado teatro expressionista de Max Reinhardt --, desenvolveu o forte sentido de uma dramática expressionista, experimental e inter humanamente dialógica, como metodologia na relação com o cliente. Co-laboração experimental, no processo da laboração existencial experimental da vivência do cliente de sua atualidade e atualização existenciais. Dos limites, das *aporias,* e dos possíveis vivenciados nesta atualidade e atualização. Co-laboração no processo da laboração do cliente na atualização destes possíveis, na superação de seus limites, dos limites de suas finitudes, de seus sofrimentos. Na potencialização de seu processo ativo, de sua criatividade fenomenológico existencial.

A *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial (v.), é uma condição hermenêutica fundamental da metodologia das *PPFE*.

A concepção de *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial, constitui-se na filosofia de F. Nietzsche, em particular no sentido de sua *gaya scienza.*

Enraíza-se consistentemente em toda a perspectiva nietzscheana da realidade e da verdade, como eminentemente *perspectivas*. A necessidade das perspectivas, da sua vivência, e da sua limitação por outras perspectivas.

Brentano, em sua linguagem, fala do caráter especulativo do ser. Que ele aborda através de seu empirismo aporético.

*Poria* origina-se de *poro* (grego), que significa *passagem. A-poria* significa limite, falta de passagem. Tanto para Nietzsche como para Brentano a existência se caracteriza por *aporias*. A evolução até o limite, a *falta de passagem.* Ambos entendem que, no limite da aporia está a possibilidade, e a possibilidade da poiese. Ambos assumem uma ética deliciosamente apor-ética. São *aporiófilos*; *aporiófilos é* o que são.

A *ética* é um modo de proceder.

E a apor-ética deles define-se por privilegiar o fenomenal, o vivido, a perspectiva. Afirmá-los, em suas características, intensidades e intensificações próprias; até o seu limite, a sua aporia.

Este é o ponto próprio onde se detona o possível, como *poiese* (atualização de possíveis). Onde se detonam novas perspectivas, em suas intensidades próprias. Novas perspectivas que limitam as precedentes.

O gozo da intensidade e do fluxo da perspectiva, o gozo do limite de sua aporia, e o gozo da superação, na potência ativa de novas perspectivas. Este o sentido da experimentação existencial.

Sem dúvida que a experimentação é sinônimo de tentativa, de risco. O risco de tentar o possível, sempre latente. A experimentação, não obstante, não é facultativa, é intrínseca à condição existencial humana. Ao gozo e à resolução existencial.

Nietzsche8[1] observaria:

> *Porque o* medo *é a vossa excepção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.*
> *Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem.*

Pessoa colocaria a experimentação fenomenológico existencial, aporética, diríamos, de forma que só Pessoa:

> *Tudo o que me acontece*
> *O que se passa*
> *Ou finda*
> *É como um terraço*
> *Sobre outra coisa ainda*
> *Esta coisa é que é linda.*

Pois bem, os psicólogos e psicoterapeutas são eminentemente *aporéticos*, *aporiófilos*. *Perspectivativos,* e *aporéticos*, *aporiófilos.* Assumem a radicalidade da afirmação do vivido, da afirmação da perspectiva vivida. E estão sempre interessados no limite, na aporia. Empiristas, assumem a vivência do curso, das intensidades e fluxos vividos da perspectiva; assumem e propõem a vivência da aporia, e a sua superação em novas possibilidades.

Como ponto de partida, é como se estivessem sempre perguntando ao cliente, *onde é que está o limite? como é que está o limite? como é que está o sofrimento da finitude vivida? ou não vivida? ou por viver?* E, como Nietzsche, implicitamente dirão sempre: *... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade.*

---

8[1] NIETZSCHE, F. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Mira-Sintra, Europa América, 1978. p.203.

As raízes das concepções e metodologias das *PPFE* vão encontrar uma fonte fecunda, e das mais fundamentais, na filosofia do diálogo e do dialógico, de Martin Buber.

Buber contribui, em particular, pela compreensão do caráter ontológico do vivido fenomenológico existencial experimental, como relação, eu-tu, tal como ele designou.

Para Buber a vivência eu-tu resgata-nos da coisidade e da coisificação do modo eu-isso de sermos da cotidianidade. Existencial, o dialógico fenomenológico, eu-tu, demanda a entrega à concretude da atualidade existencial, em seus limites, finitudes, aporias, potências e sofrimentos. A partir daí pode determinar-se opção e superação. Que nos resgatam do decurso ilimitado do mundo e da vida coisificados.

Estes esclarecimentos de Buber foram fundamentais para a constituição progressiva do estado da arte das concepções e do logos metódico das *PPFE*. Em particular, no sentido do primado da entrega radical à concreude da existência, como abertura para o modo dialógico, eu-tu, de sermos e como estratégia de potencialização e de superação.

Mas, mais que isto, as considerações de Buber sobre o dialógico, o eu-tu, entre as pessoas, *o inter humano*, e os *elementos do inter humano9[2]*, definem a análise de um conjunto de fatores que impedem o desenvolvimento da dialógica do inter humano; ao mesmo tempo em que permitem compreender e definir os elementos que o propiciam. Assim, propiciam o *inter humano*:

1. O privilegiamento do *ser*, ao invés do meramente *parecer.*
2. O privilegiamento do *inter humano*, que não é inerente ao meramente *social.*
3. O privilégio da *conversação genuína*. Ao invés do império do blá, blá, blá.
4. A *presentificação do outro.*
5. O privilégio da pedagógica *abertura*. Ao

9[2] BUBER, M. op. cit.

invés da *imposição* propagandística.

Todas estas, condições de possibilidade da dialógica do inter humano10[3]. Estas indicações de Buber serviram de preciosos guias para a definição do logos metódico do psicólogo e do psicoterapeuta fenomenológico existencial na sua relação com o cliente.

O *empirismo fenomenológico existencial* das *PPFE* é uma de suas características mais fundamentais. Devemo-lo originalmente a Aristóteles, tal como resgatado por Brentano.

Estas abordagens, como já observamos, privilegiam a imediaticidade vivida do desdobramento da dialógica pré-teórica, pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomeno-lógica e existencial. Seja do encontro entre o terapeuta e o cliente, seja a dialógica da vivência, no encontro, de cada um "consigo mesmo". Toda esta dialógica é, eminentemente, *empírica*; *fenomenológico existencial empírica.*

Podemos, assim, entender o primado de um caráter de vivência eminentemente *empirista*, como logos metódico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Como primado de filosofia de vida, como primado de vivência para o cliente no âmbito do processo do trabalho psicológico e psicoterapêutico, como primado de vivência metodológica, no desempenho do psicólogo e do psicoterapeuta, ao longo do processo de seu trabalho.

Um caráter empirista, no sentido especificamente fenomenológico existencial, assim, como caráter metodológico fundamental.

---

10[3] v. em BUBER, Martin – *Elementos do Inter Humano* in BUBER, Martin – Do DIÁLOGO E DO DIALÓGICO. São Paulo, Perspectiva, 1985.

O *empirismo* em si é uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação do conceitual, do teórico11[4].

Aristóteles em seu tratado *De Anima* oferece uma alternativa fundamental, quando propõe -- ao largo do uso de seu método empírico nas ciências naturais -- que a consciência, igualmente, deve ser metodologicamente abordada *empiricamente*. Ou seja, a consciência deve ser metodologicamente abordada empiricamente, na própria vivência de consciência. E não a partir de princípios e pressupostos teóricos.

Ele define, assim, a perspectiva do método de um *empirismo da consciência.*

Brentano12[5] segue a indicação de Aristóteles, e passa a esposar uma metodologia empírica de concepção e abordagem da consciência. Ou seja, uma abordagem da consciência na própria vivência da consciência, sem a mediação do teórico, e do conceitual.

A concepção e o método da Psicologia, assim como o método da Filosofia, passam a ser entendidos, a partir de Brentano, e em sua tradição fenomenológica, como o mesmo método empirista das ciências naturais.

Uma particularidade definidora é a de que Brentano compreende a *intencionalidade da consciência*: a consciência constitui-se como um *campo* em que a correlação sujeito e objeto já pré-existe de um modo indissociável, modo este anterior a qualquer possibilidade de separação, sujeito e objeto são cooriginais em sua intrínseca correlação.

De modo que o empirismo *fenomenativo* da consciência em Brentano só poderia ser um *empirismo do campo da consciência*

---

11[4] LALANDE, A. op. cit.

12[5] ALBERTAZI, L., LIBARDI, M., POLI, R., (Editors) THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO. Dodrecht, Kluwe, 1996.

*intencional* – que se situa, assim, fora da dicotomização sujeito-objeto. E não, evidentemente, um *empirismo objetivista*, característico do empirismo da tradição anglo saxã. Empirismo objetivista este que fundamenta, inclusive, o empirismo do seu *Pragmatismo.*

Empirismo objetivista (não fenomenológico), assim -- e Pragmatismo, nele fundamentado --, que, fora de uma perspectiva da consciência como *campo intencional*, situa-se na perspectiva da dicotomização sujeito-objeto. E, não só: situa-se, enfaticamente, no privilegiamento do objeto no âmbito desta dicotomização.

Questão fundamental esta, uma vez que a Fenomenologia e o *seu empirismo* apontam para um modo de ser ontologicamente fundamental. Modo de ser este que não se dá no âmbito do que podemos entender como a dicotomização sujeito-objeto.

Silvia Pimenta13[6], comentando a perspectiva e o perspectivismo da filosofia de Nietzsche, observa:

> *Não se trata portanto da impossibilidade de atingir uma realidade exterior aos nossos afetos, mas da* ***impossibilidade de distinguir*** **duas ordens** ***de realidade: subjetiva e objetiva, ideal e material, numênica e fenomênica.*** *Trata-se da impossibilidade de transcendência:* ***o que quer que seja "o mundo", o homem é parte integrante dele, e não pode reivindicar a exterioridade que seria necessária para instituir a si mesmo como sujeito e ao mundo como objeto****. O percurso que conduz do homem ao mundo não é uma relação entre sujeito e objeto: sendo o homem uma* parte *do mundo e não uma instância a ele transcendente, a vontade de potência no homem constitui apenas um caso particular da vontade de potência em geral. Curiosamente, a filosofia de Nietzsche se aproxima aqui da concepção parmenidiana da identidade entre ser e pensar: entre o mundo e o ato de interpretar não há afinidade ou adequação, mas* identidade. (Velloso Rocha, 2003. p.65.).

---

13[6] VELLOSO ROCHA, Silvia P., ABISMOS DA SUSPEITA. RJ, Relume Dumará, 2003.

De modo que, especificamente, o empirismo *fenomenológico* não é um empirismo *do objeto*. Mas um empirismo da vivência de consciência.

Da mesma forma, não permite uma *intersubjetividade*. Na medida em que se dá fora da dimensão da dicotomia sujeito-objeto, não dispondo, em seu momento, do sujeito, da mesma forma em que não dispõe de objeto.

Ainda que não se dê no âmbito da dimensão própria à relação sujeito-objeto. A vivência fenomenológica empírica é sempre vivência de *relação*, e tensão de diferença, de alteridade. A dualidade de relação da vivência fenomenológico existencial empírica se dá como a dualização da relação eu-tu.

Quando ocorre a diferenciação sujeito e objeto já não se está mais no modo de ser dialógico da vivência.

Assim, o *empirismo da consciência fenomenal* da fenomenologia da tradição de Brentano é um *empirismo fenomenológico da vivência de consciência intencional*, um empirismo ativo, cujo solo e natureza é radicalmente diferente dos do empirismo objetivista.

Carl Rogers, F. Perls, F. Brentano, F. Nietzsche, Paulo Freire (vale dizer) eram, assim, empiristas. Mas empiristas neste sentido fenomenológico existencial dialógico. E, jamais, empiristas no sentido objetivista do termo.

Caracteristicamente, a crítica teórica encontra algo de vazio e inconsistente na obra desses empiristas. Isto se dá, exatamente, porque eles não são teoréticos. Eles são *empiristas poiéticos.* Que se definem pelo privilégio da vivência de consciência, e da vivência do ato, da ação: da atualização do possível, que só no âmbito do seu *pathos* (*empathia*) pode evidenciar-se, efetivar-se.

Isto não quer dizer que suas concepções não gerem uma teoria, não sustentem, e não se sustentem, em uma teoria. Ou que da vivência de seu método não se possa derivar uma teoria. Muito pelo contrário, a definição de seu método cristaliza-se teoricamente. E teorização pode emergir da vivência de seu método. A característica, não obstante, é a de que a vivência de seu método é a vivência momentânea de um modo não teórico, fenomenal, de sermos. Um modo no qual vivenciamos o possível, e a sua atualização. Ou seja, um modo de sermos no qual o possível é possível, e se desdobra.

Nada contra a teorização anteriormente aos momentos especificamente *empíricos*, e não teóricos. Ou posteriormente.

Carl Rogers, por exemplo, era, definitivamente, um empirista. Um empirista radical. Um empirista da vivência dialógica do inter humano.

Isto é preciso que se entenda, e se explicite.

Mas é necessário que, igualmente, se entenda, e se explicite, que, radicalmente empirista, Carl Rogers nada tinha do empirismo objetivista, do empirismo pragmatista, do empirismo positivista. Por mais que isto não tivesse ficado conceitualmente claro, muitas vezes. E por mais que o confundissem, explicitamente, ou não, muitos de seus seguidores.

Uma coisa é a "empatia" objetivista, com toda uma série de adornos da moda e peduricalhos possíveis. Outra coisa é a empatia na dialogicidade do inter humano, fenomenológico existencial dialógica, e empírica.

Carl Rogers prigilegiava radicalmente a vivência dialógica *empírica*, e *empática – patética*, *peripatética* --, do *encontro* com a pessoa, do encontro com o grupo. Nada de conceitos a intermediar este encontro. Nada de técnicas ou de outros recursos comportamentais. Nada de moralismo ou de pretensões científica, ou cientificistas. Nada de teoria, de teorização, de teorética. O que interessava fundamentalmente a Rogers era a

empiria dos momentos dialógicos de vivência do encontro; o que quer dizer, a *empiria* da vivência da *poiética* da dialógica do encontro. Da vivência *empáthica* da dialógica do possível, e de sua interpretação (desdobramento), atualização, inerentes à empiria da vivência de consciência fenomenal.

As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia primam assim pelo privilegiamento do âmbito vivencial fenômeno-lógico existencial, pelo âmbito da *compreensão*, e do desdobramento do possível que lhe é inerente.

Em essência, a *explicação*, que se diferencia fundamentalmente da *compreensão* (em particular porque *não há explicação que possa levar à compreensão* – Takuan Soho), a *explicação*, é absolutamente secundária para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Se *Freud explica*, primordialmente as abordagens fenomenológicas não estão interessadas na explicação.

Os psicólogos, os terapeutas fenomenológico existenciais, em essência, não *explicam*. Eles *implicam*.

No sentido de que eles não são exteriores e alheios à dialógica alteritativa do encontro inter humano com o cliente. É a esta dialógica que eles querem privilegiar, e a ela pertencer implicativa-mente, compreensivamente.

A arte que eles buscam cultivar é da performação como partícipes no próprio âmbito desta dialógica. Como forma de potencializar a situação do cliente no âmbito de sua própria vivência dialógica, na dialógica da vivência de sua relação com o terapeuta/psicólogo, na dialógica da relação em seu ser-no-mundo.

De modo que ele possa vivenciar compreensivamente, e no desdobramento de sua compreensão, vivência, a sua atualidade e atualização fenomenológico existenciais; suas perspectivas, limites, aporias, e superações.

Compreensão e desdobramento de compreensão; vivência e desdobramento de vivência, como atualização de possibilidades, que em hermenêutica fenomenológico existencial entende-se como *interpretação fenomenológico existencial*.

Classicamente, a *Hermenêutica* é entendida como *a arte da interpretação*. De modo que as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais são, em essência, e propriamente, hermenêuticas fenomenológico existenciais.

Aparentadas da arte, porque a arte é irmã gêmea da existência... A arte é uma ética, est-ética, de afirmação estésica da existência. *Estética* de afirmação vivida da vivida afirmação que é já a potência da existência e da existenciação, em suas perspectivas espontâneas e gratuitas, em seus limites, sofrimentos, superações, alegrias...

Nem teorética, nem prática... poiética. Patética.

---

## 6.
## Algumas questões

Carl Rogers entendia a sua abordagem como sendo uma abordagem fenomenológico existencial14[7]. Entendia que a *tendência atualizante*, que ele preconizava como fonte básica da motivação humana, só operava fenomenologicamente. As condições que ele constituiu como

14[7] ROGERS, Carl, KINGET, M. PSICOTERAPIA E RELAÇÕES HUMANAS. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

condições de criação de um clima terapêutico – quase tão faladas quanto mal entendidas – são condições fenomenológicas. As características do *funcionamento ótimo da personalidade* são características eminentemente fenomenológico existenciais.

Rogers sofreu uma influência importante das psicologias fenomenológico existenciais de Abraham Maslow e de Rollo May, introdutores da psicologia fenomenológico existencial nos EUA, influenciados pelos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, em particular Medrard Boss e Ludwig Binswanger, que buscavam constituir uma psicoterapia fenomenológicas a partir da fenomenologia de Heidegger. O livro *Existence15[8]*, de Boss e Binwanger, dentre outros, publicado originalmente na Europa, teve sua publicação nos EUA patrocinada por Maslow e por May. Rogers fez a revisão da obra.

No entanto, Rogers, de um modo geral, não tematizava de um modo mais sistemático e explícito os fundamentos fenomenológico existenciais de sua abordagem, ainda que teorizasse de um modo bastante significativo. Progressivamente, os escritos de Rogers foram se tornando cada vez menos teorizantes, cada vez mais ensaísticos. Registros dos processos de sua experimentação em psicologia e psicoterapia, em particular no desenvolvimento e vivência de seu modelo de trabalho com grupos.

Certamente que a indisposição de Rogers para um maior aprofundamento teórico advinha de suas influências empiristas.

Mas o propugnador incansável da concepção de empatia no âmbito da psicologia e da psicoterapia não podia ser simplesmente um empirista objetivista. O Carl Rogers que acolheu as concepções fenomenológicas da psicologia organísmica de Kurt Goldstein, como *tendência atualizante, auto-atualização organísmica, avaliação organísmica da consciência,* não podia ser simplesmente um empirista objetivista Rogers não se filiava ao empirismo do

15[8] MAY, Rollo (org.) EXISTENCE.

Pragmatismo, nem ao empirismo anglo saxão, de um modo geral. Não se filiava ao comportamentalismo. Ainda que não estivesse bem desenvolvida a explicitação e o esclarecimento da vinculação de suas concepções à Fenomenologia e ao Existencialismo.

No seu modelo de trabalho com grupos, a partir de 1974, há uma depuração e radicalização das características fenomenológico existenciais de seu modelo. Há uma relativização das idéias de tendência atualizante, e mesmo de *condições terapêuticas* no contexto do grupo, para centrar-se no provimento de condições hermenêuticas para o desdobramento da dialógica do encontro grupal.

O fato, entretanto, é que Rogers pouco tematizou os fundamentos fenomenológicos de suas concepções, ainda que estas se caracterizem de um modo muito específico pela perspectiva fenomenológico existencial.

O fato, entretanto, também, é que a frágil explicitação e desdobramento dos fundamentos fenomenológico existenciais da abordagem rogeriana faz com que suas concepções, e o arcabouço teórico geral de sua abordagem se fragilizem. Gerando dificuldades para a reprodução de seu conhecimento, e formação de novos profissionais a ela aderentes.

Alguns conceitos estão, em função disto, pobremente elaborados. Alguns flagrantemente inconsistentes e superados.

O conceito de *tendência atualizante*, por exemplo. Sua concepção vincula-se a uma perspectiva biológica. Quando as questões pertinentes à terapia, ao trabalho psicológico, à facilitação de grupos, dizem respeito não a uma dimensão biológica, mas à dimensão fenomenológico existencial. A explicitação desta concepção segundo a perspectiva fenomenológico existencial permite a assimilação da tendência atualizante à dimensão do possível, da possibilidade compreensivamente vivida. E a concepção de seu desdobramento à noção de interpretação fenomenológico existencial. E à compreensão do modelo rogeriano como uma

hermenêutica fenomenológico existencial.

Por outro lado, a noção de *compreensão*, na concepção de *compreensão empática* – tão importante na concepção da abordagem rogeriana -- filia-se à concepção de *compreensão* da filosofia da vida de W. Dilthey – a reprodução em mim, um ser vivencial, da vivência de outro ser vivencial. Martin Heidegger foi influenciado por Dilthey, e desdobrou as suas concepções, concebendo a *compreensão* como a própria constituição do sentido, ao nível do ser-no-mundo. Diferentemente da perspectiva de Dilthey, a compreensão desta forma concebida deixa de ter uma concepção objetivista, ou subjetivista, já que a vivência de ser no mundo se dá fora da dicotomização sujeito-objeto. A *compreensão empática* pode assim ser compreendida de um modo mais próprio, em particular no sentido de seu caráter dialógico.

Assim, desvendar as raízes fenomenológico existencial das concepções de Rogers, da abordagem rogeriana, permite uma apuração de seu sentido, uma apuração do sentido das concepções de Rogers. A superação de processos degenerativos da abordagem, e uma continuação da sua produção e reprodução.

---

## 7.
## Concluindo.

O trabalho de Carl Rogers é qualitativamente muito significativo. Ainda que de certas óticas, este significado possa parecer ambíguo. Seu trabalho oferece a concepção e método de uma profícua abordagem de psicologia e de psicoterapia para o trabalho na chamada "clínica" psicológica, no trabalho com grupos, no trabalho no âmbito da psicologia comunitária, da psicologia hospitalar, na psicologia organizacional e do trabalho, na psicologia educacional... Rogers contribui fundamental e diferenciadamente, de um modo teórico e fenomenológico existencial experimental, com a constituição de um modelo fenomenológico existencial experimental de psicologia e de psicoterapia. É, sem dúvida, um gigante neste sentido.

Naturalmente que, nas condições em que ele viveu e

trabalhou, há ambigüidades, imprecisões, equívocos. Alguns, intrínsecos ao empreendimento pioneiro de constituição de um modelo fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia. Alguns, devidos a fatores e conflitos culturais. Outros, devidos às limitações das informações sobre a ontologia, concepção e metodologia fenomenológica, e sobre o existencialismo. Nada disso compromete a substância e importância de sua contribuição, quer seja em termos conceptuais ou em termos metodológicos.

Rogers transita, ao longo de sua vida, e de sua obra, desde âmbito moralista, puritano, religioso; na direção de uma abordagem genuinamente fenomenológico existencial experimental. Ao chegar, por exemplo, à culminância de sua obra, na concepção e experimentação da metodologia fenomenológico existencial experimental empírica do trabalho com grupos.

Teve um influência importante da psicologia acadêmica norte americana, dos livre pensadores norte americanos, como Emerson e Thoreau. Mas encontrou Kierkegaard e Buber já no seminário teológico, anteriormente a sua carreira de psicólogo. Como psicólogo, já, recebe as influências marcantes de Abrahan Maslow e de Rollo May. Estes mediam de um modo importante a chegada até Rogers da psicoterapia fenomenológico existencial européia, dos heidgerianos Boss e Binswanger. Os gestálticos (da Psicologia da Gestalt) chegam, de um modo substancial, através dos seminais trabalhos de Kurt Goldstein e Max Wertheimer, emigrados para os EUA, após uma já longa e profícua vida produtiva dentro da tradição fenomenológica da Psicologia da Gestalt, na Europa. E é fundamental, no desenvolvimento de suas concepções e metodologia, o intercâmbio com Otto Rank, emigrado da Europa, para a Universidade da Pensilvânia. Rank trazia, sobretudo, e mais uma vez, a influência de Nietzsche no desenvolvimento de sua abordagem de psicoterapia. E teve uma substancial influência sobre Rogers.

Se existem imprecisões, impropriedades, equívocos, nas formulações de Rogers, a partir da perspectiva da ontologia e metodologia fenomenológica e existencial, estes podem ser entendidos, como falamos, como conseqüências naturais do pioneirismo de Rogers, e de suas condições culturais, sociais e

históricas específicas.

Afinal, no seu ambiente cultural e acadêmico, fortemente empirista -- num sentido objetivista do termo --, e pragmatista, o que quer dizer igualmente empirista objetivista, Rogers desviou, configurando-se como um empirista substancialmente fenomenológico, e desenvolvendo uma obra, influenciada pelas perspectivas de um Kierkegaard, de um Buber, de um Binswanger, de um Brentano, de um Goldstein, de um Wertheimer, de um Otto Rank, em especial.

Certamente que não era fácil discriminar o caráter empirista da Fenomenologia e do Existencialismo naquele momento nos EUA. Ao mesmo tempo, cabia evitar uma concepção idealista da Fenomenologia, fortemente rejeitada, naturalmente, no âmbito de um empirismo objetivista. Por entre Brentano, Husserl, Heidegger, Sartre, Psicologia da Gestalt, tensões entre o modo americano e europeu de conhecer... não era fácil encontrar um caminho.

Coerentemente, Rogers foi pela via do empirismo, e o empirismo que só podia ser o empirismo fenomenológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia.

No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teoria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodologia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.

O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experimentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de concepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.

Entender a abordagem rogeriana é, certamente, entender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da *focalização*, ou das meras *condições de criação de um clima*

*terapêutico* (ainda que elas sejam importantes).

Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.

Não fazemos justiça a Rogers enquanto não compreendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.

Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre este modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na perplexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.

Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenologia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cultural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, dificultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Maslow, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brentano, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais interessado na experimentação fenomenológico existencial empírica de seu modelo.

A teoria e a teorização são, entretanto, fundamentais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teorético, não teorizante, *em sua vivência*. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da transmissão dele a novas gerações.

A situação assim da teoria, a sedução pela "facilidade" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeriana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüentemente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas concepções e métodos.

Isto não faz jus, naturalmente, à importante e substancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.

O modelo de Rogers contribui efetiva e substancialmente neste sentido.

Resta-nos o desafio de uma compreensão, experimentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenológico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em termos conceituais e metodológicos.

# 1.
# Carl Rogers.
# Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretensioso.

De várias formas. E aqui nos interessa sobretudo no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita.

Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico (Buber), na tradição de Brentano. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da *tendência atualizante*, Carl Rogers já tinha ido, experimentalmente, além; no sentido do logos metódico de um empirismo humanista*, fenemenológico existencial, dialógico, em psicologia e psicoterapia, no âmbito das relações humanas.

Desinvestido de qualquer pressuposto de *condição e desempenho técnicos*, na sua atuação. Destituído de aspirações *científicas* tradicionais. Ou de veleidades *práticas*, e *pragmáticas*. Destituído da crença na efetividade do *teórico* e da teorização, e do *moralismo*, em particular, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas. E, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando naturalmente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

---

* Na tradição do *Humanismo* de filósofos do Século XIX, como Brentano e Nietzsche, que voltavam à Filosofia do Renascimento, e aos gregos pré-socráticos, na recuperação da vivência humana como critério.

Como meio e como via, como *jeito de ser*, do psicólogo e do psicoterapeuta, do educador, da pessoa -- em processos de *co-laboração* na potencialização de metamorfoses, e de estilos existenciais de vida1[1] --, o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, de privilegiamento, e de afirmação experimental, dos momentos de ***dialógica interhumana*** (Buber)**.**

O sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se numa postura de afirmação experimental da *concrescência fenomenológico existencial da existência*, na pontualidade de seus desdobramentos. Consistentemente arraigado em pré condições de respeito radical -- pessoal e metodológico -- pela alteridade, pela diferença, do cliente; e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal. Como imprescindíveis condições do privilegiamento do *encontro*, nesta *dialógica interhumana*. O *encontro c*omo vivência de *momentos de um modo de ser* generativamente existencial, *existenciativo, poiético*.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver -- na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo, à guisa de metodologia -- a obstinação mansa e rítmica de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento, radical, da mera, nua, crua, e simples, *dialógica interhumana*. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas paciente, pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, *o deserto começasse a florescer.* Ou, como dizia John Wood, *até que a orquestra se afinasse*, e estivesse em condições para uma 'performance poiética'.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Carl Rogers, muito freqüentemente, em suas concepções e posturas metodológicas. Mal entendido pelos 'de fora'. E, freqüentemente, mal entendido por muitos dos "de dentro", que assumiam a incorporação de seu modelo.

Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o *simples* pelo *simplório.* Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, *empirismo humanista* , fenomenológico

---

1[1] BUBER, Martin EU E TU. São Paulo, Cortês, 1983.

existencial, dialógico, *na relação inter humana*.

Substituindo por atitudes retóricas, e estereotipadas, ou meramente manipulativas, a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência de confirmação da, e de interação com a, diferença do outro; negando-se à vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil, como tal, à germinação da ação, da criação, da *existenciação*.

Não muito longe, outros, por captarem o modelo rogeriano em fases primitivas, quando ainda havia uma referência importante, e mesmo a aspiração de um certo cientificismo. Com surpresa, os vemos hoje em dia tentando interpretar o modelo rogeriano pela via de um cientificismo pseudo científico. Inscientes, talvez, do finíssimo e precioso trabalho de Rogers na superação não só do cientificismo, mas do próprio paradigma científico em psicologia e psicoterapia, em privilégio do que permite, potencializa e engendra o existencial. Perderam o bonde?

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers. Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de *técnicas*, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, certamente, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela *questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas*, e, portanto, ao nível do método em psicologia e psicoterapia. E compreendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos, essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A *existência*, como observou Heidegger2[2], *resolve-se apenas existencialmente*. E Rogers compreendia muito bem, e profundamente, isto. Da mesma forma que entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre latente, iminente e atual, do abuso da impropriedade de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação, e uma das primeiras

2[2] HEIDEGGER, M. SER Y TIEMPO. México, Fondo de Cultura, 1985.

condições de método, dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido, Rogers, pelos científicos. Que – pertinentemente -- não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados. Nunca entenderam estes, evidentemente, o sentido propriamente fenomenológico existencial de *experimentação.*

Bem antes dos cientificistas pseudo científicos em psicologia -- alguns mesmo dos que se dizendo *rogerianos*, de hoje (pasmem!) --, Rogers entendeu que -- da mesma forma que o paradigma técnico -- o paradigma científico não dava conta do vivido fenomenativo, no qual o possível é possível. Nem se aplicava à, *ato-ação* ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura como sendo da ordem do modo humano de ser da ação *poiética*, e não da ordem do *epistemológico*.

Não é porque é *menos*, que o fenomenológico existencial não é da ordem do científico. É, apenas, porque o científico não dá conta do existencial, que nem mesmo da ordem da realidade é. Quanto mais da ordem da objetividade. Diria pessoa pela boca de uma sua personagem,

> *Estávamos cheias de ser nós. E isso porque sabíamos, com toda carne de nossa carne, que não éramos uma realidade*.3[3]

Bem ao gosto de Nietzsche4[4], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao empistemológico, e epistemofílico, pressuposto científico da *busca de verdades.* Não se conforma às esferas do conhecer, e do conhecimento, e de suas

---

3[3] PESSOA, Fernando – O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS.

4[4] MACHADO, Roberto NIETZSCHE E A VERDADE. F. GAYA CIENCIA,

vontades.

Não é por outro motivo que *o coração tem razões que a própria razão desconhece* (Pascal); e que *seria enloquecedooooooorrrrr se amor tivesse a ver com verdade...* (Maffesoli). Mas, mais propriamente, o existencial, experimental, a-ventura-se, de um modo essencial, na incerteza, e na improvisação, da potencia criativa, na possibilidade humanamente ontológica da criação da realidade e do verdadeiro.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados. Moralistas que, similar-mente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a *enorme* inutilidade e "desperdício" de tempo e de recursos da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, certamente, de que, em sua especificidade, a existência humana -- eminentemente da ordem do modo de ser do *poiético* -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível deste humano modo de ser que ***não é*** da ordem do modo de ser no qual se dão o *útil* e a *utilidade.* Humano modo de ser, que sem prejuízo do prático e da prática, não é da ordem do modo de ser no qual se dão a prática, o valor do prático e da pragmática.

Ainda que deste fenomenológico existencial *poiético* modo de ser tudo provenha; e, paradoxalmente, provenham, inclusive, em suas especificidades, todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber5[5], com essencial propriedade, o modo humano ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil e da utilidade, como não o é, igualmente, da ordem do modo de ser no qual vigoram os fins e os meios; não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, não é da ordem do modo de ser em que vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; a sua fatalidade; nem mesmo é, como observamos, da ordem do modo de ser que entendemos como *realidade*, no sentido *objetivo* do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teoréticos... Que *resolvem* o mundo em sua abstração... Para os teóricos, Rogers, a *santa incoerência*... Uma verdadeira *metamorfose ambulante*. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos, em uníssono, e estereotipadamente, balançam, desaprovadoramente, a cabeça, diante do paradigma rogeriano.

Sem se precatarem de que, fundamentalmente, Rogers compreendera, em sua efetividade, a distinção específica entre teoria e existência, a distinção entre ação e teoria. Rogers intuíra a distinção entre *explicação* e *compreensão*, e intuíra que *não existe explicação que possa levar à compreensão* (Takuan Soho). E estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana -- com suas questões, com suas crises, superações e crescimento; para lidar com a sua efetiva e específica possibilidade de ação --, é imperativo fazer-se ao largo do teórico, da teoria e da teorização, e direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso (*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...*), e ontológico, modo existencial de sermos. Que é *perfeita* aderência à ação, à incerteza, e ao devir, fenomenais. E que, especificamente, e por definição, e radicalmente, não é da ordem do modo de sermos em que somos teóricos e conceituais, explicativos.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está

---

5[5] BUBER, M. Op. cat.

aí a sua obra escrita. Mas, ainda que se interconectem, e interajam, cada coisa em seu lugar.

Aliás, é de capital importância entender que a *vivência empírica* é, por definição, não teorética; mas que existe uma diferença fundamental entre o empirismo *objetivista*, tradicional na cultura anglo-saxã, e o empirismo *fenomenológico* em termos do teórico, da teoria e da teorização: o empirismo objetivista é radicalmente contrário, e avesso, à teoria e à teorização. O empirismo fenomenológico não é avesso ao teórico, à teoria e à teorização. Ou seja, igualmente para o empirismo fenomenológico, a vivência empírica é caracteristicamente não teorizante, e não se assenta sobre teoria. Mas a teoria pode constituir-se como um outro e relevante momento, a partir da vivência não teórica. Da mesma forma que a teoria pode constituir-se como elemento das condições de sua hermenêutica.

De modo que, desde Brentano, não há, para o empirismo fenomenológico, um preconceito e uma aversão ao teórico, à teoria e a teorização. Eles são possíveis e necessários, desejáveis, ainda que sejam estranhos e heterogêneos com relação aos momentos particulares da vivência empírica. Que, fenomenológica, não comporta a dicotomia do eixo de referência das relações de sujeito-objeto. Da mesma forma que, evidentemente, não poderia privilegiar o pólo objeto desta relação, constituindo-se no campo da objetividade, como objetivista.

O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e com as dificuldades existenciais neste processo de superação; lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia. Rogers entendeu que a atuação, a efetivação, desta potência humana de superação se dá, especificamente, no âmbito do modo de sermos que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Modo de sermos a que ele, seguindo a Goldstein, denominava de *experiência organísmica.* Modo de sermos a que Dilthey e Heidegger, guardando as devidas particularidades, chamavam, respectivamente, de *vivido* e de *ser-no-mundo.* E como atuação do que ele chamava, e entendia, como *tendência atualizante humana.*

No âmbito próprio da vivência momentânea deste modo

fenomenológico de sermos, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, impróprios. Quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de sermos demanda outras habilidades, equivalentes às de um dançante, ou as de um nadador, ou de um artista, em suas atividades próprias.

A questão de Rogers, portanto, era a da experimentação, da definição, e desenvolvimento, de uma concepção e de uma metodologia não teorizantes em psicologia e psicoterapia, no trabalho com grupos, e nas áreas a que ele posteriormente se dedica. Uma metodologia não teorizante, fenomenológico existencial empírica, de vivência, para o cliente, a partir de condições e atuação colaborativa e sinérgica, igualmente fenomenológico existenciais empíricas, por parte do terapeuta, psicólogo, educador. Concepção e metodologia fenomenológico existenciais empíricas, poiéticas, mais aparentada do modo artístico de funcionamento, o que quer dizer, não teorizantes, não técnicas, não moralistas, não científicas, não práticas.

Quanto a sua própria teorização, Rogers, assim como Perls, viu-se preso, e desafiado, portanto, na experimentação e na elaboração experimental da teoria e da teorização, e na elaboração do logos metódico, de uma concepção e metodologia de psicologia e de psicoterapia no âmbito da atuação de um modo de ser,. radicalmente não teórico e não teorizante. Fenomenológico, existencial, empírico. Modo de ser próprio da existência e da existenciação, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; modo de ser próprio à dialógica inter humana, interpessoal, e coletiva.

E, coerente, e concernentemente, a sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos e explicativos, cada vez mais ensaística, à medida que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas, fenomenoativas, do próprio modo de ser da existência. Atitudes cada vez menos explicativas, e teóricas, cada vez mais implicativas e compreensivas.

Rogers sempre privilegiou, como atitude metódica, e

como proposta de vivência para o cliente, a experimentação fenomenológico existencial. A dialógica inter humana entre terapeuta e cliente. A linguagem dialógica inter humana da existência. *Patética.* E, com isso, desdobrou e abriu possibilidades preciosas e muito fecundas para a psicologia, para a psicoterapia, para o trabalho ao nível do humano.

Possibilidades nem sempre compreensíveis, em sua essência e características próprias, a partir de um ponto de vista teórico. Ou de um ponto de vista pragmático.

É fundamental considerar deste ponto de vista a obra teórica de Rogers. A sua evolução à medida que se desenvolve a sua experimentação, a natureza especificamente não teorizante de seu método, e a própria perplexidade da experimentação profissional de uma metodologia, que por existencial, era especificamente empírica, não teórica, não conceitual. Daí o caráter essencial e grandemente aberto de sua obra teórica.

É muito importante considerar que a elaboração do paradigma rogeriano, um paradigma não teorético, e, por isso, *empirista* – neste sentido *fenomenológico existencial dialógico* --, se dá, exatamente, no âmbito cultural hegemônico e forte de um *empirismo.* Mas, especificamente, no âmbito do ***empirismo objetivista***, vigente na cultura norte americana e anglo saxã. Carl Rogers destaca-se, assim, com a contribuição de uma concepção e método de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existenciais empíricos, radicalmente heterogêneos com relação ao empirismo objetivista então predominante.

Tudo isto aponta para questões extremamente importantes, que dizem respeito, por exemplo, ao fato de que, ainda que sua teorização seja importante, o fundamental, em termos da obra de Rogers, não é exatamente a sua teorização, mas a sua metodologia não teorizante. Ou seja, o melhor ponto de vista para a compreensão e a apreciação do paradigma rogeriano não é exatamente o ponto de vista de sua teoria. E, neste sentido, é importante considerar a insuficiência da teorização, mesmo a teorização de Rogers, para captar e expressar teoricamente a especificidade de seu logos metódico. Até porque, ao morrer ele apenas iniciara, experimentalmente, a

definição de sua concepção e metodologia em termos fenomenológico existenciais empíricos.

O mesmo podemos dizer com relação ao ponto de vista científico, com relação ao ponto técnico, com relação ao ponto de vista prático, e com relação ao ponto de vista pragmático. Como pontos de vista inespecíficos e impróprios para a apreensão e compreensão do existencial, do fenomenológico existencial empírico, e, portanto, do paradigma rogeriano.

Como observamos, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que a teoria e a teorização não sejam importantes no seu âmbito, ou que não existe, na sua aprendizagem, na sua reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é o teórico um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas, quando efetiva, no caso do paradigma rogeriano, trata-se da teorização de um paradigma cuja vivência, especificamente não teorizante, é qualitativamente descontínua com o teórico. Da mesma forma que podemos contemplar e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimento e habilidades, que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais, fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos, empíricos enfim.

É interessante observar que Rogers movimentou-se e evoluiu, em termos humanistas, dos contrafortes norte americanos da ciência positivista, e *objetivamente* empirista -- e do moralismo religioso puritano --, em direção ao existencial, ao empírico fenomenológico existencial, corpo-ativo. Em sua trajetória, guardava em si, desde o início, o germe do

fenomenológico, e do *empatético.* Mas esta trajetória careceu de se configurar como uma imensa atividade de desconstrução. Imensa -- não tanto em quantidade como em qualidade -- atividade de desconstrução em psicologia e psicoterapia do paradigma objetivista, do paradigma técnico, do paradigma científico, do paradigma moralista, do paradigma pragmático, e do paradigma prático...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da nua dialógica interhumana – ou *interlógica diahumana* -- de sua empatética, um imenso trabalho de desconstrução, de cascavilhamento e de experimentação fenomenológico existencial já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um *ponto zero*. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empatética.

Podemos ver que, se, por um lado, a sua teoria vai ganhando um caráter despretensiosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia, e mesmo método fenomenológico existencial – ao qual ele vai aderindo de um modo cada vez mais radical; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma *tendência atualizante*, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitações.

## 2.
## Carl Rogers.
## Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Na medida em que consideramos a dimensão existencial humana, as suas crises e questões, e as suas resoluções, necessariamente especificamente existenciais, compreendemos que a concepção e a metodologia de Rogers são muito sensíveis e refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou às vezes quase que epidêmica entre os "centrados".

Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método, e a própria concepção e método, de Rogers foram mal compreendidos, ou mesmo desconhecidos. E sua abordagem freqüentemente entendida, ironicamente, como o modelo pronto do objetivismo, ou da pragmática, de uma certa tecnologia da compreensão, adoçada de fragmentos açucarados da retórica de uma imprecisa ideologia dita "humanista".

---

Como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers atualiza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dimensão do existencial, com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano; incompatíveis com a sua empatética. Foram-se, então, na vivência do logos metódico do paradigma rogeriano, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições definidoras específicas de uma *prática.*

Cascavilhando experimentalmente, Rogers buscou as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos

metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade, um dos pilares clássicos de seu paradigma, que marca o seu afastamento do paradigma moralista.

A não diretividade é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da "experienciação". A *empatética -- patética*, *peripatética* -- do privilegiamento dos momentos próprios de vivência (páthica) dos desdobramentos da dialógica do interhumano.

De fato, Carl Rogers efetivamente experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia, e de uma psicologia, fenomenológico existencial. Paradoxalmente, o seu despojamento representava, na verdade, uma apuração experimental, cada vez mais refinada, de condições fenomenológico existenciais de concepção e de método de psicologia e de psicoterapia.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial se afirma e se desdobra, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação; quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância. Como, por, exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um papel inegável, fundamental, e fundador.

Muito importante, pois, atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação das concepções e método de Carl Rogers com surgimento, desenvolvimento e consolidação de uma concepção e metodologia de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais. Coisa efetivamente rara.

Não podemos, naturalmente, deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de um L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da experimentação e caracterização da vivência de metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais. E, neste sentido, empíricas, experimentais, performáticas, e poiético-hermenêuticas.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de ser, atrelou-se aos vieses das psicologias científicas e das psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano e europeu. Desde muito cedo, não obstante, é nítido o movimento de diferenciação do modelo rogeriano com relação ao hegemônico paradigma do empirismo *objetivista* vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual. Crise esta que morre na formulação de condições hermenêuticas do *empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico.* Que se configurava como característica forte da vivência de seu método, em particular da sua última fase.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da Fenomenologia, do Existencialismo, da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com a constituição e desenvolvimento destes.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso *strip tease fenomenativo existencial* da teoria, da prática teorizante e conceitual -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais ***empírico*** *e* ***experimental*** (num sentido fenomenológico e existencial) no que podemos entender como o provimento *empírico e experimental*, por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de *condições hermenêuticas experimentais*, *fenomenológico existenciais,* para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente *interpretar* – num sentido fenomenológico existencial, especificamente --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações,

e resoluções.

Como observamos, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencial, experimentalmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico existencial, e experimentalmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua experimentação, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático e pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, fenomenológico existencial poiético, hermenêutico.

A importância das elaborações de Rogers se dão, principalmente e em especial, não ao nível de sua teorização, mas, como seria de se esperar em uma abordagem *empírica* (não teorética), fenomenológico existencial. Ao nível de sua resoluta experimentação fenomenológico existencial de concepções e condições de método.

Assim, não se pode apreender o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da *tradição de Brentano*, é no desenvolvimento de sua de sua metodologia que reside a sua especificidade, e a sua riqueza.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi, progressivamente, assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento formulação da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers, neste sentido.

Cremos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de *condições hermenêuticas* para o processo *hermenêutico* da *interpretação fenomenológico existencial*,

*empírica* e *experimental*, por parte do cliente. *Interpretação* da força -- da *posse* -- do *possível*, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls – este com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos --, fortemente bafejados, neste sentido, por Buber, e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das concepções e métodos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais, que emergem e florescem em nossos dias, pejadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que, freqüentemente, ela não é notada, ou considerada, ou é meramente incompreendida. Há quem queira diminuí-los... Mas olhando bem, não é pouco, em especial em termos qualitativos, o que eles conseguiram...

Por outro lado, não é raro que se fale de um modo retórico em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, já que ela está em moda, e pode até ser chique, sem nenhuma referência a concepção ou método específicos, e sem referência , ou até negando-se, as importantes e qualitativas contribuições de Rogers e de Perls neste sentido específico. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com a perspectiva de um empirismo aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia.

---

## 3.
## Carl Rogers, o patético.

**Empatético, peripatético.**

Creio que é muito necessário, e até urgente, e fundamental, compreender e definir o sentido do *logos* metódico do modelo de Carl Rogers como eminentemente *patético.* Creio que ele, Carl Rogers, muito apreciaria ser desta forma entendido. Na verdade, creio que, pela compreensão de uma *patética* podemos compreender o sentido essencial do *logos metódico* do modelo de Carl Rogers, esclarecê-lo e desdobrá-lo. De resto, o que não é pouco, estaremos compreendendo iguais qualidades da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial.

Eu, por certo, não utilizaria termos possivelmente chocantes para o senso comum, se não estivesse convencido do profundo interesse, neste sentido, de sua utilização.

Naturalmente que alguma *operação de limpeza* e de esclarecimento precisa ser feita, acerca destes termos, antes de prosseguirmos no argumento. Limpeza, certamente. Porque nenhuma palavra, talvez, tenha sido tão pesadamente torcida e distorcida, difamada e degradada quanto à palavra *pathos.* Na cultura contemporânea, o termo *pathos* lembra a condição de um rei destronado, em desgraça. *Pathos*, na verdade, expressa o *modo de sermos*, no qual vigoram, em seus plenos e efetivos poderes, eminentemente ativos, o afetivo, a emoção, o corpo, o sentido, os sentidos; o *vivido*, no sentido da vida vivida em sua imediaticidade. Pré-conceitual, pré-reflexiva, não teórica, não prática, não técnica, não comportamental, *poiética*. Caracteriza o que Buber chamou de *modo de ser eu-tu*; a vivência que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*; a dimensão de ser que Dilthey caracterizou como *vivido*, *vivência.*

Ou seja, esse modo de sermos da 'vida vivida em sua imediaticidade aparescente', existencialmente fenomenal, ativa e criativa, potente de possível. Modo diverso do modo de sermos no qual vigoram a mediação do conceitual, da teoria, da moral, do científico, do técnico, do prático, do comportamento, da memória, da história.

Esse modo *pático* de sermos. Que, nas suas tonalidades de embriagues, mais se configura como um *drible de corpo na consciência.* Do que plena e lúcida consciência. Dionisiacamente, sempre, mais uma *tomada de inconsciência*, do que uma *tomada de*

*consciência*.

Este modo de sermos, fundamental, imprescindível, ontológico e ontogênico. No qual *subpercebemos* propriamente, vivemos em sua qualidade própria, o *possível*, a *possibilidade*. E acolhemos e acalentamos a sua potencialização, o seu desdobramento, e *ato ação*. Este modo de sermos que é prerrogativa ontológica nossa de mergulho no *Ser*, na potência, no eterno retorno da força. Existencialmente, momento de uma *ins-pir-ação*. Meramente porque nele, e só nele, o possível, a possibilidade da superação, que qualificam o humano, são possíveis e se desdobram.

Estas são qualidades do *pathos*, enquanto modo humano de ser. E o sentido de uma ética, um modo de proceder, que o privilegia. O sentido de uma *pathética. Path Ética*. Ou seja, de uma ética que privilegia as qualidades de um *modo páthico de ser*.

Pois bem. Na medida em que o corpo foi desqualificado, no decorrer do desenvolvimento socrático-platônico da civilização ocidental; na medida em que o possível e a força, a potência, foram abominados, o *pathos*, que é corpo ativo, e morada e agência do possível, a dimensão do possível que constitui o nosso ser, e de sua atualização, o *pathos* foi, igual e concomitantemente abominado. A palavra (*pathos*), o conceito, este modo de sermos, foram virulentamente assacados, massacrados, torcidos e distorcidos, difamados, degenerados... Até representarem, e intensa e predominantemente conotarem, o sentido de doença, na concepção de *patologia.* Ou de "doença" mental, em sua mais soturna apropriação pelo ressentimento, na expressão *psicopatologia**...

Foi necessário o Humanismo da filosofia européia do Século XIX, na sua volta ao Renascimento e à antiguidade grega; foi necessário Nietzsche, e a Fenomenologia, para resgatar o sentido e o valor do corpo, do vivido e dos sentidos. Para resgatar o valor do *pathos*, e de uma *path-ética.* Para que se pudesse afirmar e resgatar o *pathos*, o modo de ser da vivência pática, como um valor.

Até que se pudesse entender que este modo *pático* de ser

---

* Na verdade, aí, um predomínio do sentido latino do termo, de *sofrente*, *paciente*, que amálgama ao sentido grego original.

faz parte de nosso ser, faz parte de nossa saúde, e é, não só, a fonte desta saúde, como a fonte de nosso ser. Fonte seminal de geração e regeneração de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito. Aos quais podemos criar e recriar, gerar e regenerar, na medida em que aceitamos e integramos, em que afirmamos, em que vivenciamos na sua propriedade o nosso modo *páthico* de ser. Que, de resto, só pode ser extinto muito depois que estivermos, nós mesmos, extintos. Isto por um motivo muito simples, e comum a todos nós: somos seres do possível, e é especificamente nesse modo *páthico* de ser que o possível é possível, e se desdobra.

Na verdade, é a restrição, em nossa vida, desse modo *páthico*, o seu sufocamento, na reiteração excludente dos ditames e limites da hegemonia da consciência lúcida, calculativa, asséptica, repetitiva, medíocre, obsessiva; a restrição e sufocamento do *páthico* na hegemonia do limite, do individual e da individualidade, que é a base para o que metaforicamente podemos chamar de "doença", num sentido existencial, e para todos os distúrbios somáticos que podem daí decorrer.

Patéticos sempre houve. Aqueles que entendiam a loucura da interdição de nosso modo *páthico* de ser, imolado no altar da vontade de abstração, da racionalidade conceitual, da abstração do corpo e dos sentidos da vida vivida em sua imediaticidade. Vontade que mal se escondia e se esconde como má vontade para com tudo que é vivo, e que de vida palpita. *Patéticos* que assumiram uma *ética do pathos.* Ou seja, um modo de proceder que não exclui a afirmação do *pathos,* do *páthico.* Que na verdade o privilegia como modo ontológico de sermos.

Os pré socráticos, que privilegiavam o corpo, o vivido e os sentidos, assumiam uma perspectiva de privilegiamento do *pathos.* A escola filosófica de Aristóteles ficou conhecida como escola dos *peripatéticos*.

Normalmente, quando se indaga o que significa termo *peripatético*, responde-se, apressada e sumariamente, que ele designa o fato de que os filósofos desta escola *filosofavam andando.* Daí, diz-se, este termo como designação (!?).

Esta "explicação" sumária deixa de fora o sentido maior. De que, à medida que se caminha, a abstração mental, a mente reflexiva, conceitual e calculativa, cede progressivamente lugar ao modo de ser de uma vivência *pática.* A mente reflexiva cede

lugar a uma acentuação do *pathos*. De modo que o que os filósofos *peri-path-éticos* buscavam era esta acentuação do *pathos*, e a *filosofação* a partir desta vivência acentuada do *pathos*.

*Patéticos*, então, na medida em que assumiam uma ética, um modo de proceder, que privilegiava o *pathos, a vivência páhtica*, enquanto método de filosofação.

Mais que isso, *peri path éticos*, na medida em que não apenas privilegiavam a vivência *páthica* como método, mas assumiam uma atitude ativa de afirmação, e ativo mergulho, no modo *pático* de ser como estilo de filosofação. Uma querência pelo risco e pela tentativa *poiética* de atualização de seus possíveis. Daí também o sentido de *ex-**peri-**mentação*, num sentido fenomenológico existencial.

Aristóteles, seus colegas e discípulos, eram, assim, *peripatéticos.* E propriamente pode-se, assim, dizer que fizeram escola. Não só *patéticos*, como *peripatéticos*, o foram também, dentre outros, Brentano, Nietzsche, o Expressionismo e os expressionistas, Heidegger...

De modo que quando descobriram como método não só a *path ética*, mas, em específico, a ***peri** path ética*, como modo privilegiado de ser, para o terapeuta e para o cliente, os psicoterapeutas fenomenológico existenciais, como Carl Rogers e F. Perls, não só não estavam sendo exatamente originais, como estavam em muito boa companhia...

Começou lentamente, com a qualitativa contribuição de C. G. Jung e de Otto Rank, e Sandor Ferenczi, que entenderam que a psicoterapia não tinha a ver com o tecnicismo inerente a um modelo objetivista, o modelo médico, em particular, que preconizava a intervenção de um sujeito, o psicoterapeuta, sobre um objeto, paciente. Evoluiu com as mudanças paradigmáticas dos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, como M. Boss e L. Binswanger, e os psicoterapeutas relacionais, que enfatizavam a imediaticidade da relação inter humana como elemento fundamental do processo terapêutico. Até desaguar nos modelos *peripatéticos* das abordagens de Carl Rogers e de Fritz Perls. Ambos preconizando, e buscando criar condições para o, *patético* mergulho ex-***peri***-mental do cliente, mergulho efetivamente *peripatético*, como recurso fundamental do *logos* metódico de seus modelos.

Concomitantemente, vale observar que, a preconização de uma vivência *peripatética* para o cliente, a partir dos vetores de

sua atualidade e atualização existenciais (e não de uma experiência moralista, científica, técnica ou teorizante), como recurso fundamental de método psicoterapêutico e psicológico, é acompanhada por igual prescrição de disposição metodológica para o terapeuta. Uma disposição fenomenológico existencial experimental, *peripathética*, como disposição metodológica hábil a facilitar e a potencializar a vivência e desdobramento da vivência do cliente.

Não podemos dizer que Carl Rogers tivesse, ao tempo de sua morte, uma articulação teórica, ou consciência plenas, do alcance de suas intuições peripatéticas. Mas podemos certamente dizer que é ele que vai mais longe na preconização e na prática da vivência *peripatética* como logos metódico de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Muito particularmente, em especial, porque ninguém certamente, como Rogers, percebeu, e amplamente exercitou, de um modo preponderantemente empírico, o poder *pático*, o poder de propiciamento *peripático* do grupo, como ambiência terapêutica, de trabalho psicológico e de crescimento humano. A vivência do processo grupal, e de seus desdobramentos vivenciais, como ambiência propícia para a vivência *peripatética*, e suas implicações, como modo de ser no âmbito dialógico no qual o possível é possível e se desdobra.

Se podemos dizer que Rogers não tinha uma consciência plena, e, em particular, uma articulação teórica cabal, do alcance de suas intuições, não podemos deixar de ressaltar que, desde o início, suas intuições eram neste sentido distintas. O que se configura muito claramente a partir do momento em que ele passa a falar de *empatia – em-pathia*. E que *Empatia*, especificamente, significa "dentro do pathos".

Como formulador de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia, Rogers opera um verdadeiro *striptease* de concepção e método, em direção a uma preconização da vivência *pática* como ambiência e recurso psicoterapêutico. Preconização amplamente protagonizada experimental e empiricamente por ele próprio, seja ao nível da vivência da prática da psicoterapia individual, seja ao nível da vivência grupal.

Rogers vai abrindo mão, enquanto psicólogo, enquanto psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo -- e libertando o cliente --, de uma concepção e de uma prática técnicas, de uma concepção e de uma prática científicas, de uma concepção e de

uma prática moralistas, de uma concepção e de uma prática realistas. Como característica de prática e de concepção de si próprio enquanto psicólogo, psicoterapeuta, e enquanto facilitador de grupo.

Rogers vai abrindo mão de um desempenho moralista, de um desempenho técnico, de um desempenho reflexivo, de um desempenho científico, ou cientificamente assentado, e mesmo desempenho prático, em direção ao privilegiamento de uma vivência *páthica*, de uma *path-ética*, *em-pathética*, na verdade *peripathética*. Nem *teoria* nem prática, na verdade uma *poiética.*

Não é outro o reconhecimento que ele faz do valor de saúde no exercício da *liberdade experiencial*, da *avaliação organísmica da experiência.* De resto já preconizadas por F. Nietzsche.

Rogers evoluiu decidida e alegremente no sentido de um modelo que se esmerava em criar condições para que o cliente pudesse dar-se aos influxos de sua experiência organísmica, aos influxos dos poderes de sua atualização e avaliação organísmicas, no âmbito de uma vivência *páthica*. Isto é o que podemos entender como uma *patética. Peripathética.*

O Rogers que encontramos na segunda metade da década de setenta, até o final de sua vida, é um Rogers imerso no privilegiamento da vivência peripatética no contexto da vivência grupal.

Evidentemente que existe em Rogers uma consideração substancial sobre o método do terapeuta, sobre o seu modo de ser e de proceder na criação das condições para que a vivência *páthica* do cliente possa ser privilegiada. E, na verdade, o que Rogers propõe, no essencial, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupos, é o modo de ser da vivência *páthica*, *empáhtica.* Rogers propõe, em essência, um terapeuta, um facilitador de grupos, *em-páticos.* Que privilegiem se situar, nos melhores momentos de vivência de seu *logos* metódico, dentro de sua vivência *páthica*, como modo de ser do terapeuta e do facilitador de grupo. Modo de ser este que pode potencializar a vivência *páthica* do cliente e dos membros do grupo, o modo próprio à atualização de seus possíveis.

*Patético, Empatético, Peripatético,* é o modo de ser privilegiado pelo terapeuta e pelo facilitador de grupo que adota o modelo rogeriano, seguindo o caráter e o estilo *patético,*

*Empatético* e *peripatético* de seu preconizador.

Foi ousado, muito ousado, Carl Rogers, abrindo mão dos sisudos referenciais da ciência de antanho, dos poderes e pseudo poderes que esta faculta, dos poderes que permitem a postura técnica, a postura teorizante, a postura moralista, e mesmo e em especial, os valores da prática --, mesmo sem ver claramente o outro lado da travessia.

Hoje, podemos claramente entender que a ciência, o científico, o técnico, o teórico, o prático, o moralista, não dão conta da laboração ao nível do existencial, não dão conta da existência, na projetatividade do possível e da possibilitação a ela imanentes.

Numa imagem ainda insuficiente, podemos dizer que a relação da ciência com a existência é análoga ao pegar em pétalas com luvas de siderúrgica. O técnico constitui-se como uma acentuação, ainda, da discrepância. Na medida em que se configura como aplicação do conhecimento científico.

Rogers entendeu isto claramente. E, ainda que não o tivesse articulado teoricamente, fez os movimentos decisivos para definir e constituir a prática da psicologia, da psicoterapia, da facilitação de grupos, no âmbito própria e especificamente da hermenêutica fenomenológico existencial. Diante das insuficiências e inespecificidades da ciência, da técnica e do moralismo, em relação à existência e ao processo de sua atualização.

Limitações e insuficiências na articulação teórica, ainda que carentes de superação, não impediram Rogers, não obstante, de experimentar amplamente, ao nível da prática empírica, o modo de privilegiamento do *pathos*, a *patética*, *peripatética*, a ética, como modo de procedimento, de uma hermenêutica fenomenológico existencial, no âmbito da psicologia, da psicoterapia e da facilitação de grupos.

Em particular porque este modo de procedimento é o modo próprio e hábil para que experimentalmente se possa engendrar respostas para questões sobre "o que é que esta pessoa pode?" "O que é que pode este grupo?" "O que podem os seus participantes?" "O que posso eu..."

Na medida em que descobrimos e redescobrimos que é ao modo de ser de uma *ex peri path ética* que *o possível* -- que nossa atualidade existencial

reivindica, solicita, ou desesperadamente demanda – que o possível é efetivamente possível, e se desdobra. Possibilita-se.

Temos a descortinar-se diante de nós os primórdios e toda uma história possível, teórica e prática, teórica e empírica, *poiético* empírica, da psicologia, da psicoterapia, e da facilitação de grupos, pertinente a um paradigma *peripatético*, um paradigma fenomenológico existencial hermenêutico.

E temos a saudar, efetivamente, um grande e sincero pioneiro, com suas ousadas experimentações. O Dr. Carl R. Rogers, um membro distinto da "confraria" dos *patéticos*, *empatéticos, peripatéticos...*

---

**4.**
**Nem *Teorético*, nem *Prático*.**
**Muito menos *Pragmático***
**O Paradigma Rogeriano.**
**Fenomenológico Existencial: *Poiético*.**

Uma das características mais marcantes e específicas do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, é a de que ele não é da esfera do *prático*, ele não é uma *prática*.

A característica do modo vivencial, fenomenológico existencial, que o paradigma rogeriano preconiza, como modo privilegiado de vivência -- para o cliente, e para o desempenho metodológico do terapeuta, ou psicólogo – se descompromete com, e não privilegia, as características fundamentais do *prático* e da *prática*.Tais como a *ação voluntária*, a *utilidade*, a *hegemonia do princípio de sobrevivência* como critério (mas a *superação)*. O vivencial, fenomenológico existencial, dialógico e poiético, é um modo de sermos no qual dão-se, como vivência, a força do

possível, e da possibilitação, de sua atualização.

Diferentemente do prático e da prática, as características peculiares do modo fenomenológico existencial, poiético e dialógico, são a *ação espontânea* (em contraposição com a ação voluntária, própria à prática), a vivência fora do plano da dicotomização sujeito-objeto; e fora do modo de sermos em que vigora a causalidade, em que vigoram os fins e os meios. São características definidoras, ainda, do modo fenomenológico existencial de sermos a *vivência de superação*, característica e intrínseca à atualização de possibilidades (em contraposição ao predomínio do *princípio de sobrevivência*, à *adaptação* e à *conservação*, característicos do *prático* e da *prática*).

Esta característica não prática do paradigma fenomenológico existencial rogeriano talvez seja um pouco mais sutil, e até mais desconhecida. Uma vez que é mais disseminada a compreensão de que a vivência do paradigma rogeriano, não é da esfera do teórico e da teorização.

Automaticamente assume-se, então, freqüentemente, que o paradigma rogeriano seria da esfera da *prática.* Com o risco de confundi-lo, como freqüentemente ocorre, de um modo articulado teoricamente, ou não, como um modelo pragmático.

**A. O paradigma rogeriano,**
**nem teorético, nem prático; nem pragmático.**
**Fenomenológico existencial dialógico e poiético.**

Fenomenológico existencial dialógico, poiético, caracteristicamente, o paradigma rogeriano, assim, *não é teorético*, e *teorizante* em sua vivência. A Fenomenologia e o Existencialismo privilegiam um modo de vivência, um modo de "consciência", que não é teórico, que se caracteriza como "consciência" pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica. É especificamente isto que define o *empirismo* da Fenomenologia, e do existencialismo, da filosofia da vida. O fato de se caracterizarem como abordagens da realidade na própria

vivência fenomenal, pré-reflexiva, pré teórica. E não através da mediação do teórico, da teoria e do conceitual. Enquanto não teorizantes, não conceituais, as abordagens fenomenológico existenciais serão sempre, como tais, *empiristas.*

Vale observar, como observamos, que este *empirismo* é, especificamente, ***um empirismo fenomenológico existencial***, e não o empirismo objetivista, do objetivismo e do pragmatismo.

Vivencial, portanto, o paradigma rogeriano não é, na sua vivência, um paradigma de privilégio da experiência abstrativa, não é um paradigma de privilégio da abstração, de privilégio da reflexão, da teorização.

Não teorético, assim, o paradigma fenomenológico existencial rogeriano é facilmente concebido, de modo algo automático, como sendo então da ordem *da prática*, da ordem de um modo *prático* de sermos.

É fundamental para a compreensão do paradigma rogeriano, do paradigma fenomenológico existencial, compreendermos que, da mesma forma que a sua vivência não é da ordem da teorização, ela não é, igualmente, da ordem da *prática.* Não é da ordem do *prático*, não é da ordem de uma prática.

O que pode parecer desconcertante, num primeiro momento. Mas, nada mais natural, e específico ao paradigma fenomenológico existencial, ao paradigma rogeriano.

Certamente que esta característica não estava muito clara nas primeiras fases do modelo rogeriano, nem na sua teorização. Mas era muito clara nas fases finais, sendo uma característica fundamental do modelo de trabalho com grupos ou do modelo na relação diádica da última fase de Rogers e companheiros.

É fundamental assim observarmos que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, e de uma concepção e metodologia para a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não era da *esfera do teórico* -- já que, como vimos, o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de sermos --, do

ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão de sua concepção e método não era a questão de uma *prática. Ou seja, não era da esfera do modo prático de sermos.*

E isto era e é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do *teórico*, nem da ordem do *prático*, da ordem de uma *prática.*

São, mais especificamente, da ordem do *poiético.* Não *teorético*, não *prático*, em sua vivência, o paradigma rogeriano é eminente e especificamente *poiético.*

O modo de sermos alternativo a uma *teorética* não é, necessária e simplesmente, o modo prático de sermos, a *prática.* Podemos ser, também, e de um modo ontologicamente mais fundamental, de modo fenomenológico existencial *poiético. O* modo de fenomenológico existencial de sermos, no qual, em especial e especificamente, vivenciamos, agenciamos, potencializamos, e consumamos possibilidades.

Intuitivamente, isto estava muito claro para Rogers e seus colaboradores, ainda que não tivessem articulado isto teórica e filosoficamente.

Assim, se, por um lado, a vivência do paradigma rogeriano, seja em grupo ou na relação diádica, não era, e não é, uma vivência de teorização, uma experiência abstrativa (que abstrai o corpo, o vivido, os sentidos); se não era, e não é, assim, uma experiência teorizante, reflexiva, igualmente, não é uma experiência orientada para a *prática*, uma experiência de natureza *prática.* Que, igualmente, se distingue essencial e radicalmente do paradigma *fenomenológico existencial poiético*.

O paradigma rogeriano não é prático, sua vivência não é da ordem da *prática*... Diferente do modo de sermos abstrativo, teorizante, reflexivo; e diferente do modo prático de sermos, a vivência do paradigma rogeriano é, assim, da ordem do fenomenológico existencial poiético: o modo de sermos vivencial (*estético)* no qual propriamente agenciamos, potencializamos, atualizamos e consumamos possibilidades.

Assim é que o modo de vivência, caracteristicamente privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da *prática.* Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Coube a Carl Rogers, em particular na última fase de sua obra, a partir de 1974, a radicalização de um paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia. Tendo, em particular, o campo experimental de vivência do modelo fenomenológico existencial de concepção e de facilitação de grupos.

Ainda que explícito (Rogers, Psicoterapia e Relações Humanas), Carl Rogers não fazia grandes definições teóricas, epistemológicas, ou ontológicas, com relação à natureza fenomenológico existencial de sua abordagem.

Isto decorria certamente da postura tradicionalmente *empirista* que ele compartilhava com o meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas. A questão qualitativamente crítica, não obstante, é a de que, com a Fenomenologia da tradição de Brentano, à qual ele aderiu, o próprio estatuto do *empirismo* se transforma. O *empirismo* que Rogers praticava, especificamente, o empirismo fenomenológico existencial. Enquanto que o *empirismo* que vigorava na cultura norte americana era um empirismo *objetivista.*

O empirismo é, em essência, uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação da teoria. Radicalmente empirista, nesse sentido, segundo a definição de Brentano, a Fenomenologia se distingue, radicalmente, do empirismo objetivista, comum ao meio da cultura, da filosofia e da ciência norte americanas, de que Rogers compartilhava. O *empirismo* fenomenológico considera e privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos que se configura fora do modo de sermos no qual vigora a estrutura da relação sujeito-objeto. E que, evidentemente, não assume, nem poderia uma atitude de privilegiamento do objeto.

Rogers e colaboradores profundamente entenderam e praticaram os diferenciais do *empirismo* especificamente *fenomenológico*. Ainda que não o tenham especificamente tematizado teoricamente, era evidente a sua adesão a este. A falta de clareza com relação aos dois tipos de empirismo foi, e é, motivo de vários tipos de confusão.

Decididamente, não obstante, não era um empirismo de tipo objetivista o que praticavam Rogers e colaboradores.

Daí ser de grande interesse elucidarmos as características fundamentais do paradigma fenomenológico existencial, em sua vivência empírica, para compreendermos, vivenciarmos e desdobrarmos o paradigma rogeriano em psicologia e psicoterapia. Em, particular, no que concerne a sua característica fenomenológico existencial poiética. Característica que aparece plenamente no último período da obra de Rogers, em especial na concepção, vivência e metodologia do trabalho com grupos. Na verdade, aparece em toda a concepção e metodologia da abordagem rogeriana, na medida em que o modelo de trabalho com grupos exerce uma influência qualitativamente decisiva nas reformulações concepção e metodologia do trabalho ao nível das relações diádicas, a ponto de John Wood observar que só existia trabalho com grupos na abordagem rogeriana, sendo, especificamente,.o trabalho diádico um "grupo de duas pessoas".

Coerentemente, Carl Rogers adentrou, fenomenológico, existencial experimentalmente, a esfera do *poiético*, como modo privilegiado de vivência e como logos metódico de sua abordagem.

A característica *poiética* do modo fenomenológico existencial de sermos caracteriza-o como um modo natural e particular de sermos no qual, como vivência fenomenal, se dá a *possibilidade*, e o seu desdobramento, a sua atualização.

Peculiarmente, dentre outras características, o modo fenomenológico existencial *poiético* de sermos, que permite a vivência do possível e de sua atualização, dá-se na esfera da *ação espontânea*; e não na esfera da ação voluntária, deliberada, intencional, que caracteriza o prático.

Ou seja, a ação, ao nível do poiético, da vivência da tensão projetativa do possível, e da sua possibilitação, de sua ato-ação, é, especificamente, espontânea, desproposital.

Por outro lado, apesar de ser, assim, o domínio por excelência da vivência do possível, e de sua atualização, a própria vivência *poiética* não é da ordem dos úteis e da utilidade. De modo que, ainda que todos os úteis e suas utilidades sejam produzidos poiéticamente, na vivência poiética, em si, não vigora a utilidade e a utilização, e o valor delas; que são, caracteristicamente da ordem da *prática.*

Esta distinção entre *teórico, prático e poiético* já está presente em Aristóteles, em sua distinção das três áreas de ciência.

O termo *poiese* consagrou-se na Fisiologia e na Medicina, e na Ontologia, quando falamos, por exemplo, em Fisiologia, da *hematopoiese*, designando o processo através do qual, nas células da medula dos ossos largos do corpo, as células do sangue são geradas, criadas, produzidas. *Poiese* tem, assim, este sentido, de geração, de engendramento, de produção.

Em Ontologia podemos falar de *ontopoiese*. Como o processo no qual, através do desdobramento vivencial do possível, engendramos o próprio ser-no-mundo. O *poiético* refere-se assim a este modo vivencial de sermos no qual o possível é possível, e se atualiza, no engendramento de nosso ser-no-mundo, que é criação e recriação, e resolução existenciais.

Carl Rogers concentrou-se, progressivamente, na definição, e na criação, das condições para a vivência fenomenológico existencial poiética, no encontro diádico e no encontro grupal.

No desenvolvimento experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, estas características vão sendo progressivamente radicalizadas, até a constituição, em seu paradigma metodológico, de um privilégio soberano da vivência inter humana fenomenológico existencial espontânea e -- fenomenológico existencial -- experimental, poiética, como elemento central. Ao mesmo tempo em que ele experimenta e busca definir as condições metodológicas de propiciamento

desta vivência no âmbito do processo grupal.

Como Vera Cury apontou, as aprendizagens com a experimentação no desenvolvimento do paradigma de trabalho grupal vai ter uma marcante influência na reelaboração do modelo de trabalho inter individual.

É importante observar que estas características do paradigma rogeriano não negam a existência e a importância da própria da esfera da prática e do prático, em sua dimensão própria. A importância do modo prático de ser. Apenas não generalizam nem supervalorizam o valor do prático na condição do humano. Não o elegem a condição de critério. Entendem o modo fenomenológico existencial humano como nosso modo especificamente ontológico de sermos, o modo especificamente existencial, no qual se dão a existência e o processo de sua resolução; o possível, a possibilidade, e a sua atualização.

Mais que isto, o paradigma fenomenológico existencial assume a perspectiva de que, ainda que não sendo da ordem da prática, é ao nível de sua vivência fenomenológico existencial poiética, dialógica, que constituímos a nós mesmos, e ao mundo que nos diz respeito, aos úteis e a suas utilidades, como atualização de possibilidades, como resolução existencial. Ou seja a esfera da prática, de sua vitalização e revitalização, de sua criação e recriação, depende fundamentalmente da criatividade vivencial do fenomenológico existencial poiético.

De modo que podemos pensar numa eficácia criativa, numa *pragmática*, deste modo não pragmático e fenomenológico existencial poiético de sermos.

**B. Do Pradigma Teorético**

*Era eu o poeta estimulado pela filosofia,*
*não o filósofo interessado pela poesia.*
**F. Pessoa.**

É muito importante atentar para o fato de que não se trata, no paradigma dialógico, fenomenológico existencial poiético, empiricamente fenomenal, de um desapreço pela teoria, pela teorização, e pelo modo teorizante e teorético de ser.

Empirista, significa que o modo de ser privilegiado pelo paradigma fenomenológico existencial será sempre não teorizante em sua vivência.

Mas, ainda que o momento de sua vivência seja, especificamente, assim, não teorizante, e privilegiativo do modo de sermos da vivência pré reflexiva, pré-teorizante, pré-conceitual, a perspectiva fenomenológico existencial não desqualifica a importância do teórico e da teorização, em seu momento próprio.

Apenas busca colocar as coisas em seus devidos lugares: a vivência fenomenal é ontologicamente prioritária, na medida em que especificamente onto***lógica***. Ou seja, o nosso modo próprio de ser em que se constitui o *logos*, o sentido, a emergência fenomenal do sentido, que caracteriza o humano, como vivência do possível e vivência de sua atualização. Modo poiético sermos de geração de nosso ser-no-mundo.

O *teórico* tem a sua diferença e importância próprias, na perspectiva do paradigma fenomenológico -- ainda que este seja especificamente empirista, não teorizante, em sua vivência. Mas o momento da teoria e da teorização, anteriormente ou posteriormente ao momento da vivência fenomenal, tem uma importância própria, e valorizada em suas características e poderes próprios. O fenomenologista valoriza a boa teoria e a boa teorização, e está motivado para estudar toda a teoria efetivamente interessante sobre seus objetos de interesse. Ciente sempre de que o momento hierarquicamente superior é o momento não teorizante, empírico, da vivência fenomenal, dialógica e poiética.

Assim é que o *empirismo* fenomenológico convive de um modo produtivo, sinérgico, com a teoria e com a teorização interessantes.

Isto é diferente da postura anti-teórica, e anti-teorizante,

do empirismo *objetivista*, radicalmente avesso à teoria e a teorização.

Cabe, portanto, uma atenção cuidadosa na distinção, neste sentido, e no sentido de suas peculiaridades e diferenças, entre o ***empirismo fenomenológico*** (que se situa e privilegia um modo de vivência que está fora do modo de ser da relação sujeito objeto; e, muito mais, fora de um modo de ser que, no âmbito da relação sujeito objeto, privilegia o pólo objeto desta relação), e o ***empirismo objetivista.*** Empirismo objetivista que não só privilegia o modo de sermos da relação sujeito-objeto, como privilegia o pólo objeto desta relação, e a sua descrição, supostamente objetiva. Ao tempo em que rejeita e afasta-se. de qualquer forma de teoria ou de teorização.

O que não podemos prescindir, é de que, fenomenológico existencial empirista, ainda que conviva com o interesse da teoria e da teorização, fora de seus momentos específicos, o momento da vivência fenomenológico existencial não é teorizante. Sua característica é a de privilegiar no momento de sua vivência o modo de sermos da "consciência" não teorizante, não reflexiva, não conceitual, pré-conceitual, pré-reflexiva, pré-teorizante.

O modo *teorético* de sermos caracteriza-se pela representação, ou seja a *re-apresentação*, de algo que se *apresenta* enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e especificamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial *teoria* significa *visão de um espetáculo6[1].*

Desta forma, a teoria e a teorização constituem-se, especificamente, como afastamento do modo de ser da vivência, e articula relações explicativas de natureza objetiva.

Alguns elementos, assim, caracterizam o modo teorético

6[1] LALANDE, André **Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

de sermos. Dentre eles:

1. O fato de que, especificamente, o modo teorizante de sermos se configura como um afastamento para com o modo de ser *encarnado* do vivido fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

   O modo teorético de sermos é um modo de ser abstrativo, contemplativo. No qual o vivido, o corpo e os sentidos, ou seja, o especificamente fenomenológico e existencial – e, vale dizer, o especificamente poiético --, estão especificamente abstraídos, em privilégio do *abstrato* do conceito, e do teórico.

   Desnecessário mencionar que o modo de ser fenomenológico existencial é especificamente *encarnado*, pontual e momentaneamente vivido, na vivência imediata de corpo e sentidos. Intuitivo, no sentido fenomenológico existencial, não comporta, na pontualidade de sua vivência, própria a abstração, a mediação conceitual.

2. Uma distinção essencial e definidora é a de que o modo teorético de sermos funda-se na ***explicação***.

   O vivido fenomenológico existencial configura-se como, e especificamente é, ***compreensão***.

   O vivido fenomenológico existencial constitui-se, em especial, como vivência compreensiva, e desdobramento de possibilidade. Desdobramento este que se constitui como a *interpretação*, *interpretação* num sentido especificamente fenomenológico existencial. O que o constitui como um modo *poiético* de sermos.

3. O modo teorético de sermos vigora como articulação de *relações explicativas de causa e efeito*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial, além de dar-se, primária e originariamente, como vivência *compreensiva*, dá-se como vivência pré-compreensiva de possibilidade, como desdobramento, compreensão e consumação de possibilidade. Processo do qual se exclui não só o modo de ser da explicação, como a articulação explicativa de causas e

efeitos.

4. O modo de ser teorético se constitui na experienciação da dicotomização *sujeito-objeto*. Enquanto que o modo de ser fenomenológico existencial dialógico e poiético, ser-no-mundo, não comporta esta dicotomização sujeito-objeto, ainda que se constitua, na sua momentaneidade, na tensão do âmbito dialógico da relação eu-tu. (BUBER,)

## C. O prático e o pragmático;

A partir desta constatação de que o modelo fenomenológico existencial rogeriano não é da ordem da prática, da mesma forma que não é da ordem do teorético, é interessante observar e compreender algumas características que constituem o paradigma da prática, o prático. Compreender as características fundamentais do paradigma teorético. E as características, e diferenciais, com relação a estes dois, do paradigma fenomenológico existencial, dialógico e poiético.

Algumas características sobressaem no paradigma prático:

1. O valor prioritário do útil e da utilidade;

2. O valor da utilidade, segundo o princípio de sobrevivência;

3. O *prático,* a prática, tem com referência o valor da utilidade em termos de adaptação e do princípio de sobrevivência;

4. A prática caracteriza-se pela ação voluntária deliberada.

5. A prática se dá no âmbito do modo de sermos da

relação sujeito-objeto.

6. A prática se dá no âmbito do modo de sermos das relações de causa e efeito.

A *prática* exige o *caráter voluntário* e *deliberado* da "ação". E o critério de sua avaliação é o da utilidade. Em particular, da utilidade para a adaptação e para a sobrevivência. Uma característica fundamental do paradigma fenomenológico existencial rogeriano é a da entrega à espontaneidade, a entrega à *ação espontânea* do vivido; ou seja, a entrega à espontaneidade generativa (poiética) do vivido, com sua característica espontaneidade despropositAl de vivência do desdobramento da força do possível, e da performação de sua atualização. De modo que no modo privilegiado por sua vivência, o que vigora é o modo de ser da ação espontânea, e não o modo de ser da ação voluntária e intencional.

Na vivência existencial, não vigoram a utilidade e a utilização, características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consuma-se na *superação*, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

As características do vivencial fenomenológico existencial, privilegiado pelo paradigma rogeriano, não se enquadram portanto no âmbito do *prático,* e da *prática.* Mas, especificamente, no âmbito do *poiético.*

O *prático7[2]* tem sempre o sentido de *uma atividade voluntária que modifica o ambiente*, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo *prático* de ser vigoram os *úteis* e as *utilidades;* e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

7[2] op. cit.

## D. O fenomenológico existencial poiético.

Sumariando características do nosso modo fenomenológico existencial poiético e dialógico de sermos, cabe dizer, em primeiro lugar, que é ***este*** o nosso modo onto-lógico de sermos, para uma perspectiva fenomenológico existencial.

Em essência (que é existência), somos *sentido* (logos), e ação. Ontologicamente somos *logos* (sentido); ontologicamente somos onto-*lógicos*. Sentido e ação, como atualização sentida, que se dá na vivência do possível, que é própria ao modo fenomenológico existencial dialógico e poiético de sermos.

O sentido, o logos, que continuamente nos constitui, se nos dá como pré-compreensão da força de possibilidade, como compreensão, e desdobramento desta força (interpretação fenomenológico existencial) em criação; ação propriamente dita.

Este modo de sermos é um modo que, ainda que comporte a dualização eu-tu, não comporta a dicotomização sujeito- objeto, própria de nosso modo acontecido, realizado, ôntico, de sermos (Buber,).

Neste modo de sermos, a causalidade não vigora. Ele é imediatamente vivido e vivência. Presença que se desdobra, diria Buber.

Imediato, não comporta a mediação dos meios e dos fins. Seja dos meios e dos fins teóricos, seja a dos meios e dos fins práticos. Ao mesmo tempo, que nada tem do automatismo comportamental.

O modo fenomenológico existencial, enquanto modo de incontornável atualização de possibilidade, é especificamente o modo de dar-se da ação. Mas em seu âmbito, a ação como atualização de força de possibilidade, em sua incerteza, tentatividade, e riscos próprios (experimentação), não é, especificamente, a ação voluntária, deliberada e intencional, característica da prática. A ação, no âmbito da vivência fenomenológico existencial, é, especifica e propriamente, a ação *espontânea* e *experimental* (no sentido fenomenológico existencial). Ou seja a ação propriamente despropositada, tendencialmente desmotivada, ainda que intensamente estésica e estética, .atualizante de possibilidades, criativa.

A ação assim vivida é eminentemente *inconveniente*. Ou

seja, no sentido de que não tem "convênio", não tem contrato, com o real, com a realidade e com acontecido. Ela não serve à adaptação, à conservação, à sobrevivência, uma vez que, em sua *inconveniência*, ela é a própria força da superação e de reordenamento.

Assim, enquanto a prática, por exemplo, está fortemente fundada na utilidade, pautada pelo valor desta para a adaptação e sobrevivência, o fenomenológico existencial poiético atualiza sempre a superação daquilo que a prática busca conservar.

## E. Conclusão.

Caracteristicamente, pois, o paradigma rogeriano não se define na esfera teórica, nem na esfera da prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; de um empreendimento em que o teórico e a teorização sejam relevantes. Da mesma forma, não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano em sua vivência não guarda o caráter de valorização do modo de sermos que permite útil e da utilidade, ou o caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência.

O modo de vivência fenomenal que lhe é próprio, não se dá no eixo da relação de causa e efeito, nem no âmbito da realidade da dicotomia sujeito-objeto.

O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de sermos da vivência do possível, e de sua possibilitação, como superação. Que não é da esfera do modo de sermos que é caracteristicamente da ordem da prática.

A vivência fenomenológico existencial não é da ordem das relações sujeito-objeto, ou da ordem das relações de causa e efeito; não é da ordem do útil e da utilidade, e, ainda que de âmbito eminentemente ativo, a ação em seu âmbito é da ordem da ação espontânea, caracteristicamente despropositada.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, assim, não na *contemplação* do espetáculo do possível acontecido, objetificado na abstração da vivência física de sua atualização. Nem num esforço e desempenho práticos.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica (dicotomia sujeito-objeto) e integrada; vivência que não se situa no âmbito da causalidade das causas e dos efeitos, dos fins e dos meios (Buber); vivência que se centra na performação, do possível e de sua possibilitação, em per-feito; de sua atualização -- como atualização meramente *compreensiva*, ou como atualização *objetivativa*.

É a vivência *empática, (em)patética,* da *ação* -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático. Especificamente vivencial, e poiética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos, não obstante, que este paradigma não tem uma eficácia específica. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica, mais radical, e abrangente, do que a eficácia do teórico, do que a eficácia do prático, e do que a eficácia do comportamental, ao nível do existencial. Ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramentos *poiéticos*, como vividas atualizações despropositativas de possibilidades. Diferente-mente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da "ação" voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

O âmbito do vivencial é, especificamente, o âmbito propriamente da *ação*. Ação que engendra o possível, o novo, e cria. Diferentemente da teorização, da prática, ou do comportamental.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial -– em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e em termos de uma concepção pobremente fenomenológica de c*ompreensão* -–, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido de uma metodologia empírica e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia.

E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls,

ninguém foi fenomenológico existencial experimentalmente tão longe, quantitativa e qualitativamente, quanto Rogers, neste sentido.

---

## 5.
## A particularidade da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial

Acredito que para entendermos e adequadamente avaliarmos o caráter e a contribuição fenomenológico existencial do paradigma de Carl Rogers, precisamos de um esboço, mesmo que tentativo, naturalmente, de características definidoras de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia.

É interessante observar que, nem Husserl, nem Heidegger, nem a fenomenologia da Psicologia da Gestalt (ainda que esta tenha uma contribuição importante, através das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein), é em **Franz Brentano** que vamos encontrar as raízes seminais da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, tais como elas aparecem em Rogers (e em Perls). O Brentano em cujas concepções e métodos, inclusive, vamos encontrar raízes seminais das concepções das fenomenologias de Husserl, de Heidegger, da fenomenologia da Psicologia da Gestalt, das idéias de Max Wertheimer, e de Kurt Goldstein.

Em particular, e muito especialmente, no seu *empirismo especificamente fenomenológico*, e no seu *método aporético*, na sua *apor-ética*, (derivados estes de Aristóteles).

Naturalmente, não podemos esquecer, igualmente, as importantes raízes da *PPFE* (*psicologia e psicoterapias fenomenológico existencial*) na *tradição hermenêutica compreensiva* da *filosofia da vida* de Dilthey. E, daí, o seu prolongamento na

*hermenêutica existencial* de Heidegger; que, ainda que não tenha sido uma influência direta sobre Rogers ou Perls (indireta, sim, via Medard Boss e Ludwig Binswanger), ajuda substancialmente a esclarecer o caráter *interpretativo -- hermenêutico*, no sentido *compreensivo*, fenomenológico existencial, e *poiético* -- da concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Não podemos esquecer, naturalmente, a influência de F. Nietzsche como uma raiz seminal. A influência monumental de sua obra sobre o pensamento ocidental, e, em particular, sobre a intelectualidade e o meio artístico e intelectual alemão e europeu, desde os anos do Século XX anteriores à segunda guerra mundial, e que é o caldo de cultura no qual vicejam o a fenomenologia, o existencialismo, e a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Em especial, a sua influência na constituição do movimento artístico e cultural do *Expressionismo*, que tanto determinou e influenciou o desenvolvimento da concepção e método da *PPFE* (psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais).

Nietzsche também chega, de um modo seminal, a estas abordagens, dentre outras influências, através das idéias psicoterapêuticas de Otto Rank, e das concepções filosóficas fenomenológico existenciais (...) de Martin Buber. Nietzsche exerceu marcante influência no desenvolvimento das idéias de ambos.

Nietzsche contribui, decisivamente, com o seu explícito e enfático apartamento do *pessimismo* que marca a filosofia de Schopenhauer (pessimismo que marcará seminalmente a concepção da Psicanálise). E, através de sua compreensão de que a ***alegria trágica*** é a força maior da existência.

Especialmente, Nietzsche contribuirá com a sua radical postura de afirmação da vida. Com a sua reafirmação do *sentido do trágico* (*a vida merece ser radicalmente afirmada, mesmo quando ela é finitude, e mesmo quando ela é sofrimento...*), condição de potencialização do *retorno da vida*, condição da alegria, *sentido do trágico* recuperado aos gregos pré-socráticos.

Igualmente, Nietzsche contribuirá com o *perspectivismo experimental* de sua concepção do mundo, da verdade, da

existência. Com a sua particular concepção de *experimentação* (radicalmente diferente da concepção científica de *experimentação*), num sentido especificamente fenomenológico existencial, e que caracteriza a sua *Gaya Scienza*, e que decisivamente marcará as concepções rogerianas (e de Perls).

As idéias, concepções e posturas de Buber, elas próprias, tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da concepção e método das *PPFE.* Tiveram uma grande influência sobre as concepções e método de Rogers, e de Perls. Em particular o esclarecimento de Buber acerca da dimensão ontológica do eu-tu, e de sua relevância para a geração e regeneração da existência humana; na reversão do decurso das coisas, do decurso do mundo e da vida coisificados, da fatalidade, e processo substrato da criatividade.

Podemos, assim, sumariar, tentativa e sucintamente (comentamos em seguida), alguns traços distintivos, e fundamentais, das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais, extensi-vamente experimentados por Carl Rogers (e por Perls), na vivência e elaboração de suas concepções e métodos.

Comentamos a seguir alguns desses aspectos, em termos de:

1. Ontologia;
2. Epistemologia;
3. Concepção da existência;
4. Concepção da abordagem;
5. Metodologia

**a. Ontologia**

Não pretendo aqui discorrer filosoficamente sobre Ontologias, ou ser exaustivo acerca da questão ontológica das *PPFE* (ainda que esta seja muito importante). Mesmo porque

isto estaria fora de minhas condições. O que quero, antes, é apontar distinções fundamentais, e direções.

O que sobressai, num primeiro momento, é, seguindo a Nietzsche e a Brentano, uma ruptura e diferenciação radicais com relação à perspectiva platônica de cisão do mundo em um "mundo das essências" e um "mundo sensível". O mundo das essências privativo dos desuses e das essências; o mundo sensível, simulacro do mundo das essências em todos os seus aspectos, repetição piorada, pertinente à sensibilidade humana.

---

Para Nietzsche e para Brentano, a cisão não faz sentido. O mundo se dá exclusivamente na sensibilidade, como fenômeno, como vivência.

Esta perspectiva é uma base radical da Fenomenologia da tradição de Brentano, de Nietzsche, e das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Dada esta perspectiva ontológica da realidade, constituída sempre e exclusivamente como fenômeno -- perspectiva própria à Fenomenologia da tradição de Brentano, e à *filosofia da vida* de Nietzsche --, não podemos nos enganar com o existência dos termos "fenômeno", e "fenomenologia" na terminologia das filosofias de Kant, de Hegel e de Schopenhauer.

Parafraseando Deleuze, não existe compromisso possível entre, de um lado, a Fenomenologia da tradição de Brentano e a filosofia da vida de Nietzsche, e, do outro, as filosofias de Kant, Hegel e Schopenhauer.

Pelo menos no que concerne à perspectiva ontológica básica do mundo como cindido em duas dimensões. Um "mundo fenomenal", da ordem da consciência e do sensível, e um "mundo essencial". Este designado por Kant como "numeno", "mundo em si", "coisa em si"; designado por Hegel de "espírito universal"; ou de "vontade" por Schopenhauer. Em contraposição sempre a uma dimensão fenomenal, consciente, e

inacessível ao mundo essencial.

A Fenomenologia, tal como a designamos modernamente, e tal como ela se constitui como raiz das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia, é a Fenomenologia da tradição de Brentano. Que rompendo com a perspectiva desta cisão do mundo em duas dimensões, dá origem às fenomenologias de Husserl, de Heidegger, de Sartre, de M. Ponty, a fenomenologia da psicologia da Gestalt, e as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Esta precisão é muito importante. Na medida em que as filosofias de Schopenhauer, de Kant e de Hegel têm uma influência básica na constituição de um outro paradigma de psicologia e de psicoterapia, o paradigma psicanalítico, radicalmente diverso, neste sentido, do paradigma fenomenológico existencial.

## b. Epistemologia

Ao nível de sua vivência, o paradigma fenomenológico existencial não é um paradigma epistemológico, ou seja, um paradigma que privilegie o conhecimento, no sentido da epistemologia formal.

Não que despreze o conhecimento epistemológico, mas a sua vivência característica é mais de natureza de um *desconhecimento*, de uma embriagues; do que da ordem do conhecimento formal, da ordem da lucidez. Como dizia uma colega de Teresina, mais da ordem de uma tomada de inconsciência, do que da ordem da tomada de consciência.

No vivido fenomenológico existencial toleramos, e cúmplice e amigavelmente acolhemos, o confusional organísmico, no qual a consciência lúcida se dissolve. Relativizamos o conhecimento e a consciência lúcidos. Em privilégio da originalidade da vivência fenomenal, pré-

conceitual, dionisíaca, em suas intensidades corpoativas.

Naturalmente que a predominância de cada um dos modos de ser é tendencial. Hora predominando a consciência lúcida, ora a consciência embriagada da vivência corpoativa. Em proporções diversas de mistura a cada momento.

O importante é que, tendencialmente, não predomina, na vivência, o conhecimento lúcido, o conhecimento abstrato, conceitual, teórico, teor-ético e teorizante. De modo que a vivência não se interessa pelo conhecimento, mas mais por este desconhecimento corpoativo, que, ainda que conhecimento, é índice de sua reversão em direção ao organísmico, ao desconhecer mental e mentalizante.

Uma outra questão é a de que o existencial, o fenomenológico existencial, não se dá na dimensão das relações sujeito-objeto. Perspectiva fundamental ao empreendimento epistemológico, como ato de conhecer de um sujeito.

Como se constitui, então, a epistemologia, a filosofia do conhecimento, deste modo de desconhecer, deste modo de ser que é *um drible de corpo* na consciência, e na vontade de saber, é uma questão. Que interessa sobretudo aos científicos.

É importante precatarmo-nos de que, na vivência fenomenal, não estamos na ordem da ciência, mas na ordem da hermenêutica. Base sobre a qual uma ciência pode se assentar, e que, como tal, subordina o empreendimento científico.

A vivência das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não é científica. As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia não são científicas, não são da ordem da ciência.

E, se não o são, não é por serem menos – nem mais. Mas apenas em função do fato de que a existência, o existencial e sua resolução, não são da ordem do científico e do epistemológico. *A existência só se resolve existencialmente* (M. Heidegger). E a psicologia e a psicoterapia laboram, em essência, ao nível do existencial. Que não é acessível ao científico, nem ao tecnológico.

Uma ciência humana de uma humanidade não científica?

É um desafio para quem se interessa.

Uma arte da ato-ação no âmbito do inter humano? É possível, e interessante. Por isso uma abordagem fenomenológico existencial vincula-se mais à perspectiva da arte do que à epistemologia da vontade de saber da ciência.

Apesar de não teórica a vivência, a teoria sobre ela é sempre possível, e sempre decorrente. Em particular, como teoria hermenêutica, e não exatamente como teoria científica, e epistemológica.

## c. Expressionismo

O *Expressionismo* foi profundamente influenciado pela *filosofia da vida* de Nietzsche, e desenvolve-se no rico "caldo" de cultura que dá origem à Fenomenologia e ao Existencialismo, e às *PPFE*.

O *Humanismo*, de filósofos do Século XIX, como Kierkegaard, Nietzsche, Brentano, que, para além de Hegel, buscavam resgatar a perspectiva da experiência humana como referência – resgatando as perspectivas de filosofias do Renascimento, e de filósofos gregos --, teve, igualmente uma influência fundamental.

Subjaz ao *Expressionismo* a consciência de que o humano não é da restrição à ordem do real. Como Heidegger viria a colocar, posteriormente, em sua fenomenologia existencial: *a possibilidade é mais importante do que a realidade.*

Os expressionistas, nas difíceis condições que determinaram a emergência de seu estilo, intuíam isto, de um modo forte. E entendiam que não é no modo da apolínea consciência lúcida, não é o modo da consciência teórica, da consciência reflexiva e conceitual, que nos permitimos a experiência fenomenal do vivido, a experiência da potência do possível, da possibilidade, e de seu desdobramento expressivo,

ontologicamente definidor do humano.

O potente, possível e o seu desdobramento e atualização, ato-ação, ação, vivencia-se, apenas, experiencialmente, fenomenológico existencial-mente, vivencialmente.

E a primeira condição para permitirmo-nos a sua vivência, e a vivência fenomenal de seus desdobramentos, é o destronamento da hegemonia da realidade.

A realidade, como objetividade, o acontecido, a possibilidade realizada, e, por isso, despossibilitada, despossuída, coisificada.

A potência do possível, da possibilidade, impregna a vivência fenomenológico existencial.

A potente possibilidade não é da ordem do real. Meramente porque o *possível* não é *real*, não tem o estatuto da realidade, realizada. Condição maravilhosamente colocada na frase de uma mulher, personagem de prosa de Fernando Pessoa, sobre o momento de um encontro com duas amigas: *Estávamos* ***cheias de sermos nós****. E isso porque* ***sabíamos, com toda a carne de nossa carne, que não éramos uma realidade****.*

Isto os *Expressionistas sabiam de um modo claro.*

De modo que se propuseram em seu estilo a uma vigorosa relativização do princípio de realidade, do positivismo, e da própria realidade.

Desenvolveram, assim, um estilo *performático fenomenológico existencial*, dramático, de produção artística. No qual o artista concentrava-se na vivência fenomenal intuitiva de sua inspiração, buscando concentrá-la. Como uma mola contraída, prestes a soltar-se em distensão. Ou, como a musculatura contraída de uma pantera, prestes ao bote. Configurando-se *performance* expressiva -- na atividade da produção artística -- como ex-pressão corpoativa imediata desta concentração. Toda ela vivenciada fenomenológico existencialmente, ação, atualização de possibilidade. Insubmissa ao real e à realidade. Ao princípio de realidade, e ao positivismo

do real.

A postura expressionista permitiu a expressividade cultural e artística, em particular em, tempos de terríveis opressões, e exerceu uma poderosa influência não só na arte, como na cultura de um modo geral.

Em especial, exerceu uma poderosa influência nas concepções e metodologias das *PPFE*.

Fritz Perls sofreu uma influência direta, na medida em que vivenciou, desde a adolescência, os experimentos de teatro expressionista de Max Reinhardt, na Alemanha.

A influência das concepções. metodologia e estilo do *Expressionismo* espalhou-se por todo o meio artístico e cultural da Europa e dos EUA, nos vários campos das artes. Aparecendo integrado nas concepções e metodologias das *PPFE* a partir dos anos 50. Na medida que, em particular, a questão destas era a da expressividade, a da vivência do vivido fenomenal, como fonte ontológica do humano, como fonte ontológica de geração e de regeneração, de potencialização, de atualização de possibilidades, e de criatividade existencial.

### d. Existencialismo

Tomamos o termo *Existencialismo* aqui no seu sentido mais genérico, que envolve a filosofia da *existenz*, oriunda nas filosofias de S. Kierkegaard, e de F. Nietzsche, e que originam o existencialismo moderno, enquanto movimento filosófico, artístico e cultural; e a literatura *existencialista*, que aparece em particular em obras como a de Albert Camus, e de J-P Sartre.

É interessante observar que, mesmo ao nível do existencialismo, precisamos distinguir entre as várias raízes, e as particularidades que elas determinam.

Assim, é interessante observar que a perspectiva de raiz do existencialismo nas *PPFE*, tais como elas se apresentam, em seu caráter de hermenêuticas fenomenológico existenciais, nas

abordagens de Rogers, e de Perls, provém de um modo importante da *filosofia da vida* de F. Nietzsche.

Ainda que tenham uma contribuição importante das idéias e posturas de S. Kierkegaard, é a particularidade da *filosofia da vida* de F. Nietzsche que constitui aspectos definidores da especificidade de sua concepção e metodologia.

Interessante, ainda, é notar que, na juventude Nietzsche aproximou-se da filosofia de Schopenhauer. Atraía-o sobretudo a possibilidade de que a filosofia de Schopenhauer resgatasse o *sentido do trágico* dos gregos pré-socráticos.

Nietzsche constatou que, de fato, a filosofia de Schopenhauer nada tinha de trágico, e apenas encharcava-se na perspectiva de uma soturna orgia de pessimismo.

Desde então, Nietzsche afasta-se da filosofia de Schopenhauer, no sentido de constituir a sua filosofia como um resgate da perspectiva trágica dos gregos pré-socráticos. Filosofia radicalmente afirmativa da vida, ainda que com o reconhecimento de que vida, finitude e sofrimento, necessariamente se imbricam. E de que a finitude e o sofrimento não são motivos para difamar e negar a vida.

A afirmação da vida, reconhecendo o caráter intrínseco da finitude e do sofrimento, é o que caracteriza o *sentido do trágico nietzscheano.* A *afirmação trágica da vida*, mesmo quando da finitude e do sofrimento, é condição de criação, e de potencialização da vida. De potencialização das forças de seu retorno – retorno que lhe é característico e intrínseco --, condição de promoção de uma super abundâncias de forças de vida, da criatividade e da alegria.

Em Nietzsche, portanto, *o trágico é alegre; é condição da alegria, e da criatividade...*

De modo que não há como confundir, o existencialismo matizado pelo pessimismo schopenhaueriano, com o existencialismo alegre, trágico e potente radicado na filosofia de Nietzsche. Se não podemos dizer que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia otimista – *pessimismo e otimismo, uma questão de néscios*, dizia ele –, podemos dizer que a postura de afirmação da

vida a ela característica, afirmação da vida mesmo quando do *mais negro sofrimento*, é condição da alegria. De promoção de uma superabundância de forças de vida, da potência do retorno da vida, da criatividade, e da alegria.

De modo que não podemos pressupor uma perspectiva pessimista, de viés schopenhaeriano, no existencialismo -- na verdade de raiz nietzscheana -- que dá origem às *PPFE*. Nem Nietzsche, nem o existencialismo de raiz nietzscheana, nem as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais devem a Shopenhauer neste sentido. Como a Psicanálise, por exemplo.

*Humanistas,* Kierkegaard e Nietzsche compartilham a aversão ao universalismo e ao idealismo da filosofia de Hegel. E, em particular, compartilham a aversão à desqualificação da subjetividade e do indivíduo, que é própria ao hegelianismo. Nietzsche acrescentará a sua aversão à valorização das paixões tristes. Rejeitam, assim o hegelianismo, e buscam constituir as suas filosofias como perspectivas, *humanistas,* que têm como referência a experiência humana, a existência e o existencial.

Kierkegaard postou-se, não obstante, numa perspectiva visceralmente religiosa, constituindo um existencialismo religioso. Podemos dizer que se ele rejeita e livra-se de Hegel, não livrar-se-á de Sócrates e de Platão. Alvos maiores, também, da crítica Nietzscheana. Junto com Hegel, e com o cristianismo. As três mortes do sentido do trágico, segundo ele.

De modo que, sem negar a importância e a contribuição da filosofia de Kierkegaard, parece interessante entender que ela é limitada em termos da constituição do sentido das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Histórica e filosoficamente elas devem, em essência, à filosofia de Nietzsche a inspiração de suas peculiaridades fundamentais. Em especial aos poderes de geração e regeneração da existência, de criação e libertação, de sua perspectiva radical de afirmação da vida. O *sim dionisíaco.*

Neste sentido, da inspiração da concepção e do logos metódico das *PPFE*, é interessante constatar a observação nietzscheana de que *A existência não tem 'dentro'. Todo padrão de*

*interiorização é doença* (oriunda esta da repressão da potência, do possível, possibilidade ex-pressiva, intrínseca ao existencial).

A existência é (como devir) a partir de onde e quando ela assim é como tal. (*Caminho por onde há espaço, meu tempo é quando...* – Vinícius). Sua ventura (de vento) é a vivida ventura soprada perenemente pela potência do possível, dada no vivencial, no fenomenal.

De modo que existencialismo, assim entendido, é a afirmação desta ventura. *Vida à ventura*, aventura. Como ousadia, audácia, de afirmação da potência do possível, dado na vivencia *eksistencial*. É a vida da ousadia e da audácia da aventura. Da experimentação, neste sentido, do *estilo experimental de afirmação de uma vida que experimenta* (Nietzsche).

As psicologia e psicoterapias fenomenológico existenciais partem de uma constatação e reconhecimento desta perspectiva existencial. E buscam compreender, definir e constituir, em suas concepções e metodologia, em seus estilos, condições para este modo de vivência, no contexto do trabalho psicológico e psicoterapêutico. Vivência aventuresca, audaciosa, do estilo experimental de uma vida que experimenta, e cria, e potencializa-se, na interpretação de seus possíveis.

Ação, atualização, condições para a atualização de possibilidades inerentes à vivência. Seja atualização ao nível *meramente compreensivo* da vivência do cliente, seja ao nível *compreensivo-objetivativo* de sua experiência, na dialógica inter-humana da relação com o terapeuta ou psicólogo, e na habitualidade de sua vida. O resgate da habitualidade de um estilo ousado e audacioso, aventuresco, com relação ao vivido, à vivência da potência do possível, e à atualização do possível no vivido existencial entranhado.

Fundamental observar que, não raro, este possível é sofrimento, é finitude. Não há compromisso entre o possível e o agradável, entre o vivido e o sucesso. No meio da noite, Nietzsche, em seu *amor fati*, é o farol: *Eu abençôo todo sofrimento... Nada do que é necessário me ofende... O que não mata, fortalece...*"".

O que Nietzsche indica é que a afirmação integral da vida -- *mesmo a afirmação do mais negro sofrimento* -- se não abole a possibilidade do sofrimento, e da finitude – afinal, eles são intrínseco à existência, *podemos sofrer de uma super abundância de forças de vida, ou de uma falta de forças de vida...* – se a afirmação integral da vida não abole o sofrimento e a finitude, potencializa o retorno das forças da vida, como uma super abundância de forças de vida, como criatividade, e alegria.

## e. Concepção da abordagem

Em linhas gerais, a concepção e o método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais assumem uma perspectiva existencialista, tal como estamos descrevendo. Em particular, elas se esmeram em criar condições para a oportunidade (*kairós)* de uma vivência existencial, no âmbito da sessão e do processo dito psicoterapêutico, do trabalho psicológico ou da vivência grupal.

Estas condições envolvem a situação do terapeuta, do psicólogo, numa mesma postura fenomenológico existencial experimental proposta para o cliente.

Trata-se de condições para que o cliente possa se entregar dialogicamente, e inter humanamente compartilhar, a sua entrega à concrescência de sua atualidade e atualização existenciais. De modo que ele possa vivenciar, na sua intensidade própria, os limites, as *aporias*, desta atualidade. O que envolve a vivência dos sofrimentos e finitudes dela decorrentes, mais ou menos agudos, mais ou menos cronificados, mais ou menos intensos. De modo a que possa secretar vivencialmente, fenomenológico existencialmente, os possíveis inerentes à potência da existência, e à superação, na atualização destes possíveis.

Fenomenológico existencial inter humano, no sentido dialógico que Buber descreve, o desempenho do terapeuta esmera-se, e apura-se, em abrir-se para o encontro, e para o

desdobramento do encontro dialógico, com o cliente. Como co-laborativo, na laboração da vivência e das superações deste. Para isso, o terapeuta busca garantir certas condições de possibilidade deste encontro, e de sua performance fenomenológico existencial dialógica.

## f. Metodologia

Rogers foi um dos principais propositores de uma metodologia para o provimento do estilo de uma vivência experimental para o cliente no processo da terapia.

Desde o ataque guerrilheiro na desconstrução do moralismo em psicologia e psicoterapia, com a sua noção, e a valorização da noção, de *não diretividade*; passando pelas condições de criação de um clima terapêutico para o cliente: a *consideração positiva incondicional,* a *compreensão empática,* e a *genuinidade do terapeuta*. Até o estilo fenomenológico existencial empírico e experimental de facilitação de grupos. Neste ínterim a proposição de uma pedagogia fenomenológico existencial empírica e experimental.

Perls, fortemente bafejado pelo Expressionismo -- em especial pela experimentação teatral expressionista do audacioso e ousado teatro expressionista de Max Reinhardt --, desenvolveu o forte sentido de uma dramática expressionista, experimental e inter humanamente dialógica, como metodologia na relação com o cliente. Co-laboração experimental, no processo da laboração existencial experimental da vivência do cliente de sua atualidade e atualização existenciais. Dos limites, das *aporias,* e dos possíveis vivenciados nesta atualidade e atualização. Co-laboração no processo da laboração do cliente na atualização destes possíveis, na superação de seus limites, dos limites de suas finitudes, de seus sofrimentos. Na potencialização de seu processo ativo, de sua criatividade fenomenológico existencial.

A *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial (v.), é uma condição hermenêutica fundamental da metodologia das *PPFE*.

A concepção de *experimentação*, num sentido fenomenológico existencial, constitui-se na filosofia de F. Nietzsche, em particular no sentido de sua *gaya scienza.*

Enraíza-se consistentemente em toda a perspectiva nietzscheana da realidade e da verdade, como eminentemente *perspectivas*. A necessidade das perspectivas, da sua vivência, e da sua limitação por outras perspectivas.

Brentano, em sua linguagem, fala do caráter especulativo do ser. Que ele aborda através de seu empirismo aporético.

*Poria* origina-se de *poro* (grego), que significa *passagem. A-poria* significa limite, falta de passagem. Tanto para Nietzsche como para Brentano a existência se caracteriza por *aporias*. A evolução até o limite, a *falta de passagem.* Ambos entendem que, no limite da aporia está a possibilidade, e a possibilidade da poiese. Ambos assumem uma ética deliciosamente apor-ética. São *aporiófilos*; *aporiófilos é* o que são.

A *ética* é um modo de proceder.

E a apor-ética deles define-se por privilegiar o fenomenal, o vivido, a perspectiva. Afirmá-los, em suas características, intensidades e intensificações próprias; até o seu limite, a sua aporia.

Este é o ponto próprio onde se detona o possível, como *poiese* (atualização de possíveis). Onde se detonam novas perspectivas, em suas intensidades próprias. Novas perspectivas que limitam as precedentes.

O gozo da intensidade e do fluxo da perspectiva, o gozo do limite de sua aporia, e o gozo da superação, na potência ativa de novas perspectivas. Este o sentido da experimentação existencial.

Sem dúvida que a experimentação é sinônimo de tentativa, de risco. O risco de tentar o possível, sempre latente. A experimentação, não obstante, não é facultativa, é intrínseca à condição existencial humana. Ao gozo e à resolução existencial.

Nietzsche8[1] observaria:

> *Porque o* medo *é a vossa excepção. Mas a coragem e a aventura e o gosto do que é incerto, do que ainda não foi tentado... a coragem parece-me ser toda a história primitiva do homem.*
> *Invejou e roubou todas as suas virtudes aos animais mais corajosos e mais selvagens: foi só assim que ele se tornou... homem.*

Pessoa colocaria a experimentação fenomenológico existencial, aporética, diríamos, de forma que só Pessoa:

> *Tudo o que me acontece*
> *O que se passa*
> *Ou finda*
> *É como um terraço*
> *Sobre outra coisa ainda*
> *Esta coisa é que é linda.*

Pois bem, os psicólogos e psicoterapeutas são eminentemente *aporéticos*, *aporiófilos*. *Perspectivativos,* e *aporéticos*, *aporiófilos.* Assumem a radicalidade da afirmação do vivido, da afirmação da perspectiva vivida. E estão sempre interessados no limite, na aporia. Empiristas, assumem a vivência do curso, das intensidades e fluxos vividos da perspectiva; assumem e propõem a vivência da aporia, e a sua superação em novas possibilidades.

Como ponto de partida, é como se estivessem sempre perguntando ao cliente, *onde é que está o limite? como é que está o limite? como é que está o sofrimento da finitude vivida? ou não vivida? ou por viver?* E, como Nietzsche, implicitamente dirão sempre: *... Pois muito bem! Vamos lá, experimenta-te. Mas não quero voltar a ouvir falar de nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha 'veracidade.*

---

8[1] NIETZSCHE, F. ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Mira-Sintra, Europa América, 1978. p.203.

As raízes das concepções e metodologias das *PPFE* vão encontrar uma fonte fecunda, e das mais fundamentais, na filosofia do diálogo e do dialógico, de Martin Buber.

Buber contribui, em particular, pela compreensão do caráter ontológico do vivido fenomenológico existencial experimental, como relação, eu-tu, tal como ele designou.

Para Buber a vivência eu-tu resgata-nos da coisidade e da coisificação do modo eu-isso de sermos da cotidianidade. Existencial, o dialógico fenomenológico, eu-tu, demanda a entrega à concretude da atualidade existencial, em seus limites, finitudes, aporias, potências e sofrimentos. A partir daí pode determinar-se opção e superação. Que nos resgatam do decurso ilimitado do mundo e da vida coisificados.

Estes esclarecimentos de Buber foram fundamentais para a constituição progressiva do estado da arte das concepções e do logos metódico das *PPFE*. Em particular, no sentido do primado da entrega radical à concreude da existência, como abertura para o modo dialógico, eu-tu, de sermos e como estratégia de potencialização e de superação.

Mas, mais que isto, as considerações de Buber sobre o dialógico, o eu-tu, entre as pessoas, *o inter humano*, e os *elementos do inter humano9[2]*, definem a análise de um conjunto de fatores que impedem o desenvolvimento da dialógica do inter humano; ao mesmo tempo em que permitem compreender e definir os elementos que o propiciam. Assim, propiciam o *inter humano*:

1. O privilegiamento do *ser*, ao invés do meramente *parecer.*
2. O privilegiamento do *inter humano*, que não é inerente ao meramente *social.*
3. O privilégio da *conversação genuína*. Ao invés do império do blá, blá, blá.
4. A *presentificação do outro.*
5. O privilégio da pedagógica *abertura*. Ao

9[2] BUBER, M. op. cit.

invés da *imposição* propagandística.

Todas estas, condições de possibilidade da dialógica do inter humano10[3]. Estas indicações de Buber serviram de preciosos guias para a definição do logos metódico do psicólogo e do psicoterapeuta fenomenológico existencial na sua relação com o cliente.

O *empirismo fenomenológico existencial* das *PPFE* é uma de suas características mais fundamentais. Devemo-lo originalmente a Aristóteles, tal como resgatado por Brentano.

Estas abordagens, como já observamos, privilegiam a imediaticidade vivida do desdobramento da dialógica pré-teórica, pré-reflexiva, pré-conceitual, fenomeno-lógica e existencial. Seja do encontro entre o terapeuta e o cliente, seja a dialógica da vivência, no encontro, de cada um "consigo mesmo". Toda esta dialógica é, eminentemente, *empírica*; *fenomenológico existencial empírica.*

Podemos, assim, entender o primado de um caráter de vivência eminentemente *empirista*, como logos metódico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Como primado de filosofia de vida, como primado de vivência para o cliente no âmbito do processo do trabalho psicológico e psicoterapêutico, como primado de vivência metodológica, no desempenho do psicólogo e do psicoterapeuta, ao longo do processo de seu trabalho.

Um caráter empirista, no sentido especificamente fenomenológico existencial, assim, como caráter metodológico fundamental.

---

10[3] v. em BUBER, Martin – *Elementos do Inter Humano* in BUBER, Martin – Do DIÁLOGO E DO DIALÓGICO. São Paulo, Perspectiva, 1985.

O *empirismo* em si é uma abordagem da realidade na própria vivência da realidade, sem a mediação do conceitual, do teórico11[4].

Aristóteles em seu tratado *De Anima* oferece uma alternativa fundamental, quando propõe -- ao largo do uso de seu método empírico nas ciências naturais -- que a consciência, igualmente, deve ser metodologicamente abordada *empiricamente*. Ou seja, a consciência deve ser metodologicamente abordada empiricamente, na própria vivência de consciência. E não a partir de princípios e pressupostos teóricos.

Ele define, assim, a perspectiva do método de um *empirismo da consciência.*

Brentano12[5] segue a indicação de Aristóteles, e passa a esposar uma metodologia empírica de concepção e abordagem da consciência. Ou seja, uma abordagem da consciência na própria vivência da consciência, sem a mediação do teórico, e do conceitual.

A concepção e o método da Psicologia, assim como o método da Filosofia, passam a ser entendidos, a partir de Brentano, e em sua tradição fenomenológica, como o mesmo método empirista das ciências naturais.

Uma particularidade definidora é a de que Brentano compreende a *intencionalidade da consciência*: a consciência constitui-se como um *campo* em que a correlação sujeito e objeto já pré-existe de um modo indissociável, modo este anterior a qualquer possibilidade de separação, sujeito e objeto são cooriginais em sua intrínseca correlação.

De modo que o empirismo *fenomenativo* da consciência em Brentano só poderia ser um *empirismo do campo da consciência*

---

11[4] LALANDE, A. op. cit.

12[5] ALBERTAZI, L., LIBARDI, M., POLI, R., (Editors) THE SCHOOL OF FRANZ BRENTANO. Dodrecht, Kluwe, 1996.

*intencional* – que se situa, assim, fora da dicotomização sujeito-objeto. E não, evidentemente, um *empirismo objetivista*, característico do empirismo da tradição anglo saxã. Empirismo objetivista este que fundamenta, inclusive, o empirismo do seu *Pragmatismo.*

Empirismo objetivista (não fenomenológico), assim -- e Pragmatismo, nele fundamentado --, que, fora de uma perspectiva da consciência como *campo intencional*, situa-se na perspectiva da dicotomização sujeito-objeto. E, não só: situa-se, enfaticamente, no privilegiamento do objeto no âmbito desta dicotomização.

Questão fundamental esta, uma vez que a Fenomenologia e o *seu empirismo* apontam para um modo de ser ontologicamente fundamental. Modo de ser este que não se dá no âmbito do que podemos entender como a dicotomização sujeito-objeto.

Silvia Pimenta13[6], comentando a perspectiva e o perspectivismo da filosofia de Nietzsche, observa:

> *Não se trata portanto da impossibilidade de atingir uma realidade exterior aos nossos afetos, mas da* ***impossibilidade de distinguir*** **duas ordens** ***de realidade: subjetiva e objetiva, ideal e material, numênica e fenomênica.*** *Trata-se da impossibilidade de transcendência:* ***o que quer que seja "o mundo", o homem é parte integrante dele, e não pode reivindicar a exterioridade que seria necessária para instituir a si mesmo como sujeito e ao mundo como objeto****. O percurso que conduz do homem ao mundo não é uma relação entre sujeito e objeto: sendo o homem uma* parte *do mundo e não uma instância a ele transcendente, a vontade de potência no homem constitui apenas um caso particular da vontade de potência em geral. Curiosamente, a filosofia de Nietzsche se aproxima aqui da concepção parmenidiana da identidade entre ser e pensar: entre o mundo e o ato de interpretar não há afinidade ou adequação, mas* identidade. (Velloso Rocha, 2003. p.65.).

---

13[6] VELLOSO ROCHA, Silvia P., ABISMOS DA SUSPEITA. RJ, Relume Dumará, 2003.

De modo que, especificamente, o empirismo *fenomenológico* não é um empirismo *do objeto*. Mas um empirismo da vivência de consciência.

Da mesma forma, não permite uma *intersubjetividade*. Na medida em que se dá fora da dimensão da dicotomia sujeito-objeto, não dispondo, em seu momento, do sujeito, da mesma forma em que não dispõe de objeto.

Ainda que não se dê no âmbito da dimensão própria à relação sujeito-objeto. A vivência fenomenológica empírica é sempre vivência de *relação*, e tensão de diferença, de alteridade. A dualidade de relação da vivência fenomenológico existencial empírica se dá como a dualização da relação eu-tu.

Quando ocorre a diferenciação sujeito e objeto já não se está mais no modo de ser dialógico da vivência.

Assim, o *empirismo da consciência fenomenal* da fenomenologia da tradição de Brentano é um *empirismo fenomenológico da vivência de consciência intencional*, um empirismo ativo, cujo solo e natureza é radicalmente diferente dos do empirismo objetivista.

Carl Rogers, F. Perls, F. Brentano, F. Nietzsche, Paulo Freire (vale dizer) eram, assim, empiristas. Mas empiristas neste sentido fenomenológico existencial dialógico. E, jamais, empiristas no sentido objetivista do termo.

Caracteristicamente, a crítica teórica encontra algo de vazio e inconsistente na obra desses empiristas. Isto se dá, exatamente, porque eles não são teoréticos. Eles são *empiristas poiéticos.* Que se definem pelo privilégio da vivência de consciência, e da vivência do ato, da ação: da atualização do possível, que só no âmbito do seu *pathos* (*empathia*) pode evidenciar-se, efetivar-se.

Isto não quer dizer que suas concepções não gerem uma teoria, não sustentem, e não se sustentem, em uma teoria. Ou que da vivência de seu método não se possa derivar uma teoria. Muito pelo contrário, a definição de seu método cristaliza-se teoricamente. E teorização pode emergir da vivência de seu método. A característica, não obstante, é a de que a vivência de seu método é a vivência momentânea de um modo não teórico, fenomenal, de sermos. Um modo no qual vivenciamos o possível, e a sua atualização. Ou seja, um modo de sermos no qual o possível é possível, e se desdobra.

Nada contra a teorização anteriormente aos momentos especificamente *empíricos*, e não teóricos. Ou posteriormente.

Carl Rogers, por exemplo, era, definitivamente, um empirista. Um empirista radical. Um empirista da vivência dialógica do inter humano.

Isto é preciso que se entenda, e se explicite.

Mas é necessário que, igualmente, se entenda, e se explicite, que, radicalmente empirista, Carl Rogers nada tinha do empirismo objetivista, do empirismo pragmatista, do empirismo positivista. Por mais que isto não tivesse ficado conceitualmente claro, muitas vezes. E por mais que o confundissem, explicitamente, ou não, muitos de seus seguidores.

Uma coisa é a "empatia" objetivista, com toda uma série de adornos da moda e peduricalhos possíveis. Outra coisa é a empatia na dialogicidade do inter humano, fenomenológico existencial dialógica, e empírica.

Carl Rogers prigilegiava radicalmente a vivência dialógica *empírica*, e *empática – patética*, *peripatética* --, do *encontro* com a pessoa, do encontro com o grupo. Nada de conceitos a intermediar este encontro. Nada de técnicas ou de outros recursos comportamentais. Nada de moralismo ou de pretensões científica, ou cientificistas. Nada de teoria, de teorização, de teorética. O que interessava fundamentalmente a Rogers era a

empiria dos momentos dialógicos de vivência do encontro; o que quer dizer, a *empiria* da vivência da *poiética* da dialógica do encontro. Da vivência *empáthica* da dialógica do possível, e de sua interpretação (desdobramento), atualização, inerentes à empiria da vivência de consciência fenomenal.

As abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia primam assim pelo privilegiamento do âmbito vivencial fenômeno-lógico existencial, pelo âmbito da *compreensão*, e do desdobramento do possível que lhe é inerente.

Em essência, a *explicação*, que se diferencia fundamentalmente da *compreensão* (em particular porque *não há explicação que possa levar à compreensão* – Takuan Soho), a *explicação*, é absolutamente secundária para as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Se *Freud explica*, primordialmente as abordagens fenomenológicas não estão interessadas na explicação.

Os psicólogos, os terapeutas fenomenológico existenciais, em essência, não *explicam*. Eles *implicam*.

No sentido de que eles não são exteriores e alheios à dialógica alteritativa do encontro inter humano com o cliente. É a esta dialógica que eles querem privilegiar, e a ela pertencer implicativa-mente, compreensivamente.

A arte que eles buscam cultivar é da performação como partícipes no próprio âmbito desta dialógica. Como forma de potencializar a situação do cliente no âmbito de sua própria vivência dialógica, na dialógica da vivência de sua relação com o terapeuta/psicólogo, na dialógica da relação em seu ser-no-mundo.

De modo que ele possa vivenciar compreensivamente, e no desdobramento de sua compreensão, vivência, a sua atualidade e atualização fenomenológico existenciais; suas perspectivas, limites, aporias, e superações.

Compreensão e desdobramento de compreensão; vivência e desdobramento de vivência, como atualização de possibilidades, que em hermenêutica fenomenológico existencial entende-se como *interpretação fenomenológico existencial*.

Classicamente, a *Hermenêutica* é entendida como *a arte da interpretação*. De modo que as psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais são, em essência, e propriamente, hermenêuticas fenomenológico existenciais.

Aparentadas da arte, porque a arte é irmã gêmea da existência... A arte é uma ética, est-ética, de afirmação estésica da existência. *Estética* de afirmação vivida da vivida afirmação que é já a potência da existência e da existenciação, em suas perspectivas espontâneas e gratuitas, em seus limites, sofrimentos, superações, alegrias...

Nem teorética, nem prática... poiética. Patética.

---

## 6.
## Algumas questões

Carl Rogers entendia a sua abordagem como sendo uma abordagem fenomenológico existencial14[7]. Entendia que a *tendência atualizante*, que ele preconizava como fonte básica da motivação humana, só operava fenomenologicamente. As condições que ele constituiu como

14[7] ROGERS, Carl, KINGET, M. PSICOTERAPIA E RELAÇÕES HUMANAS. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

condições de criação de um clima terapêutico – quase tão faladas quanto mal entendidas – são condições fenomenológicas. As características do *funcionamento ótimo da personalidade* são características eminentemente fenomenológico existenciais.

Rogers sofreu uma influência importante das psicologias fenomenológico existenciais de Abraham Maslow e de Rollo May, introdutores da psicologia fenomenológico existencial nos EUA, influenciados pelos psicoterapeutas fenomenológico existenciais europeus, em particular Medrard Boss e Ludwig Binswanger, que buscavam constituir uma psicoterapia fenomenológicas a partir da fenomenologia de Heidegger. O livro *Existence15[8]*, de Boss e Binwanger, dentre outros, publicado originalmente na Europa, teve sua publicação nos EUA patrocinada por Maslow e por May. Rogers fez a revisão da obra.

No entanto, Rogers, de um modo geral, não tematizava de um modo mais sistemático e explícito os fundamentos fenomenológico existenciais de sua abordagem, ainda que teorizasse de um modo bastante significativo. Progressivamente, os escritos de Rogers foram se tornando cada vez menos teorizantes, cada vez mais ensaísticos. Registros dos processos de sua experimentação em psicologia e psicoterapia, em particular no desenvolvimento e vivência de seu modelo de trabalho com grupos.

Certamente que a indisposição de Rogers para um maior aprofundamento teórico advinha de suas influências empiristas.

Mas o propugnador incansável da concepção de empatia no âmbito da psicologia e da psicoterapia não podia ser simplesmente um empirista objetivista. O Carl Rogers que acolheu as concepções fenomenológicas da psicologia organísmica de Kurt Goldstein, como *tendência atualizante, auto-atualização organísmica, avaliação organísmica da consciência,* não podia ser simplesmente um empirista objetivista Rogers não se filiava ao empirismo do

15[8] MAY, Rollo (org.) EXISTENCE.

Pragmatismo, nem ao empirismo anglo saxão, de um modo geral. Não se filiava ao comportamentalismo. Ainda que não estivesse bem desenvolvida a explicitação e o esclarecimento da vinculação de suas concepções à Fenomenologia e ao Existencialismo.

No seu modelo de trabalho com grupos, a partir de 1974, há uma depuração e radicalização das características fenomenológico existenciais de seu modelo. Há uma relativização das idéias de tendência atualizante, e mesmo de *condições terapêuticas* no contexto do grupo, para centrar-se no provimento de condições hermenêuticas para o desdobramento da dialógica do encontro grupal.

O fato, entretanto, é que Rogers pouco tematizou os fundamentos fenomenológicos de suas concepções, ainda que estas se caracterizem de um modo muito específico pela perspectiva fenomenológico existencial.

O fato, entretanto, também, é que a frágil explicitação e desdobramento dos fundamentos fenomenológico existenciais da abordagem rogeriana faz com que suas concepções, e o arcabouço teórico geral de sua abordagem se fragilizem. Gerando dificuldades para a reprodução de seu conhecimento, e formação de novos profissionais a ela aderentes.

Alguns conceitos estão, em função disto, pobremente elaborados. Alguns flagrantemente inconsistentes e superados.

O conceito de *tendência atualizante*, por exemplo. Sua concepção vincula-se a uma perspectiva biológica. Quando as questões pertinentes à terapia, ao trabalho psicológico, à facilitação de grupos, dizem respeito não a uma dimensão biológica, mas à dimensão fenomenológico existencial. A explicitação desta concepção segundo a perspectiva fenomenológico existencial permite a assimilação da tendência atualizante à dimensão do possível, da possibilidade compreensivamente vivida. E a concepção de seu desdobramento à noção de interpretação fenomenológico existencial. E à compreensão do modelo rogeriano como uma

hermenêutica fenomenológico existencial.

Por outro lado, a noção de *compreensão*, na concepção de *compreensão empática* – tão importante na concepção da abordagem rogeriana -- filia-se à concepção de *compreensão* da filosofia da vida de W. Dilthey – a reprodução em mim, um ser vivencial, da vivência de outro ser vivencial. Martin Heidegger foi influenciado por Dilthey, e desdobrou as suas concepções, concebendo a *compreensão* como a própria constituição do sentido, ao nível do ser-no-mundo. Diferentemente da perspectiva de Dilthey, a compreensão desta forma concebida deixa de ter uma concepção objetivista, ou subjetivista, já que a vivência de ser no mundo se dá fora da dicotomização sujeito-objeto. A *compreensão empática* pode assim ser compreendida de um modo mais próprio, em particular no sentido de seu caráter dialógico.

Assim, desvendar as raízes fenomenológico existencial das concepções de Rogers, da abordagem rogeriana, permite uma apuração de seu sentido, uma apuração do sentido das concepções de Rogers. A superação de processos degenerativos da abordagem, e uma continuação da sua produção e reprodução.

---

## 7.
## Concluindo.

O trabalho de Carl Rogers é qualitativamente muito significativo. Ainda que de certas óticas, este significado possa parecer ambíguo. Seu trabalho oferece a concepção e método de uma profícua abordagem de psicologia e de psicoterapia para o trabalho na chamada "clínica" psicológica, no trabalho com grupos, no trabalho no âmbito da psicologia comunitária, da psicologia hospitalar, na psicologia organizacional e do trabalho, na psicologia educacional... Rogers contribui fundamental e diferenciadamente, de um modo teórico e fenomenológico existencial experimental, com a constituição de um modelo fenomenológico existencial experimental de psicologia e de psicoterapia. É, sem dúvida, um gigante neste sentido.

Naturalmente que, nas condições em que ele viveu e

trabalhou, há ambigüidades, imprecisões, equívocos. Alguns, intrínsecos ao empreendimento pioneiro de constituição de um modelo fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia. Alguns, devidos a fatores e conflitos culturais. Outros, devidos às limitações das informações sobre a ontologia, concepção e metodologia fenomenológica, e sobre o existencialismo. Nada disso compromete a substância e importância de sua contribuição, quer seja em termos conceptuais ou em termos metodológicos.

Rogers transita, ao longo de sua vida, e de sua obra, desde âmbito moralista, puritano, religioso; na direção de uma abordagem genuinamente fenomenológico existencial experimental. Ao chegar, por exemplo, à culminância de sua obra, na concepção e experimentação da metodologia fenomenológico existencial experimental empírica do trabalho com grupos.

Teve um influência importante da psicologia acadêmica norte americana, dos livre pensadores norte americanos, como Emerson e Thoreau. Mas encontrou Kierkegaard e Buber já no seminário teológico, anteriormente a sua carreira de psicólogo. Como psicólogo, já, recebe as influências marcantes de Abrahan Maslow e de Rollo May. Estes mediam de um modo importante a chegada até Rogers da psicoterapia fenomenológico existencial européia, dos heidgerianos Boss e Binswanger. Os gestálticos (da Psicologia da Gestalt) chegam, de um modo substancial, através dos seminais trabalhos de Kurt Goldstein e Max Wertheimer, emigrados para os EUA, após uma já longa e profícua vida produtiva dentro da tradição fenomenológica da Psicologia da Gestalt, na Europa. E é fundamental, no desenvolvimento de suas concepções e metodologia, o intercâmbio com Otto Rank, emigrado da Europa, para a Universidade da Pensilvânia. Rank trazia, sobretudo, e mais uma vez, a influência de Nietzsche no desenvolvimento de sua abordagem de psicoterapia. E teve uma substancial influência sobre Rogers.

Se existem imprecisões, impropriedades, equívocos, nas formulações de Rogers, a partir da perspectiva da ontologia e metodologia fenomenológica e existencial, estes podem ser entendidos, como falamos, como conseqüências naturais do pioneirismo de Rogers, e de suas condições culturais, sociais e

históricas específicas.

Afinal, no seu ambiente cultural e acadêmico, fortemente empirista -- num sentido objetivista do termo --, e pragmatista, o que quer dizer igualmente empirista objetivista, Rogers desviou, configurando-se como um empirista substancialmente fenomenológico, e desenvolvendo uma obra, influenciada pelas perspectivas de um Kierkegaard, de um Buber, de um Binswanger, de um Brentano, de um Goldstein, de um Wertheimer, de um Otto Rank, em especial.

Certamente que não era fácil discriminar o caráter empirista da Fenomenologia e do Existencialismo naquele momento nos EUA. Ao mesmo tempo, cabia evitar uma concepção idealista da Fenomenologia, fortemente rejeitada, naturalmente, no âmbito de um empirismo objetivista. Por entre Brentano, Husserl, Heidegger, Sartre, Psicologia da Gestalt, tensões entre o modo americano e europeu de conhecer... não era fácil encontrar um caminho.

Coerentemente, Rogers foi pela via do empirismo, e o empirismo que só podia ser o empirismo fenomenológico. Por aí ele constitui uma metodologia genuinamente fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia.

No que pese, freqüentemente, a teorização de cunho às vezes demasiadamente metafísico, e que vai se superando sucessivamente. Afinal de contas, a teoria, e a teorização, não são o que existe de fundamental na experimentação de uma metodologia fenomenológico existencial, especificamente empírica; quer dizer: especificamente não teorética.

O fato é que o Rogers que encontramos no final de sua vida produz uma literatura ensaística, e está, metodologicamente, totalmente imerso na experimentação fenomenológico existencial empírica e dialógica da vivência e constituição de um modelo genuinamente fenomenológico existencial de concepção e facilitação de grupos e de psicoterapia.

Entender a abordagem rogeriana é, certamente, entender esta concepção e metodologia específicas, fenomenológico existencial empíricas, que já está muito longe, por exemplo, da mecânica da *focalização*, ou das meras *condições de criação de um clima*

*terapêutico* (ainda que elas sejam importantes).

Não foi pouco, em termos qualitativos, e mesmo quantitativos.

Não fazemos justiça a Rogers enquanto não compreendemos vivencialmente, empiricamente, as configurações do logos metódico fenomenológico existencial experimental de seu paradigma de trabalho com grupos, e de terapia individual, a partir de 1974.

Infelizmente a teoria produzida por Rogers sobre este modelo ainda se situa na emergência, e na perplexidade da emergência, deste modelo. Na perplexidade mesmo da condição da teorização acerca de uma metodologia não teorética, o que é paradoxo de toda abordagem fenomenológico existencial.

Na verdade, em particular nos EUA, a Fenomenologia e o Existencialismo estavam meramente chegando, e enfrentavam resistências de ordem cultural, de ordem religiosa, e outras. O ethos maciçamente empirista, num sentido objetivista, dificultava a apropriação então da Fenomenologia e do Existencialismo. Rogers, apesar de influências seminais, de um Buber, por exemplo, de um Maslow, de um Kierkegaard, não tinha conhecimento das particularidades das concepções de um Brentano, ou de Heidegger. A bem da verdade, a partir de suas influências originais, Rogers estava mais interessado na experimentação fenomenológico existencial empírica de seu modelo.

A teoria e a teorização são, entretanto, fundamentais. Mesmo em um modelo fenomenológico existencial empírico – o que quer dizer, não teorético, não teorizante, *em sua vivência*. Em particular, quando se trata do desdobramento do modelo, e da transmissão dele a novas gerações.

A situação assim da teoria, a sedução pela "facilidade" e poderes de uma posição empirista objetivista (freqüentemente adoçada por uma retórica "rogeriana"), o status que Rogers alcançou, supostamente propagado, a preguiça, fazem com que haja freqüentemente uma paralisia na compreensão teórica do modelo rogeriano, e no desdobramento de suas concepções e métodos.

Isto não faz jus, naturalmente, à importante e substancial contribuição de Rogers. Nem às demandas da sociedade, que cada vez mais respeita e demanda o trabalho do psicólogo, que cada vez mais requer modelos efetivos de concepção e método.

O modelo de Rogers contribui efetiva e substancialmente neste sentido.

Resta-nos o desafio de uma compreensão, experimentação e desdobramento deste modelo. O que envolve uma vivência efetiva de sua originalidade empírica e experimental, num sentido fenomenológico e existencial. A compreensão de suas raízes seminais, tanto em termos históricos, como em termos conceituais e metodológicos.